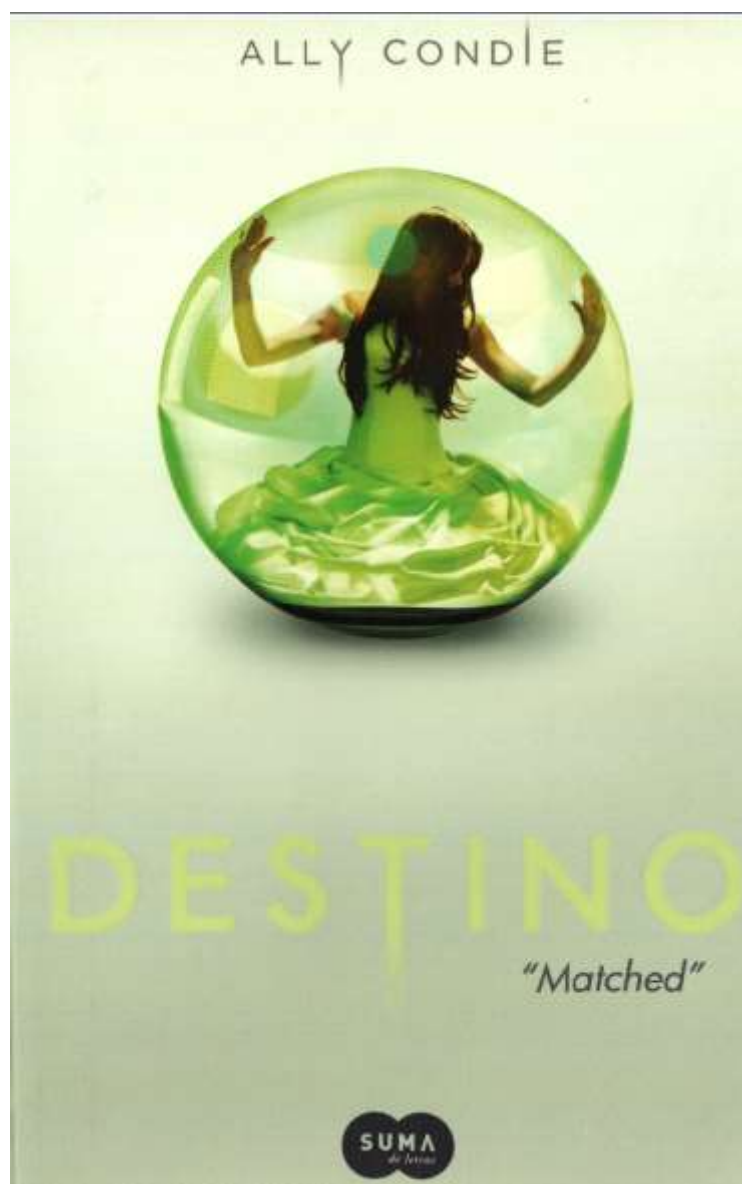




Apresenta:







NO FUTURO, A SOCIEDADE ESCOLHE:

ONDE VOCÊ MORA. O QUE VOCÊ COME. ONDE VOCÊ TRABALHA.
COMO VOCÊ SE DIVERTE. COM QUEM VOCÊ SE CASA.
QUANDO VOCÊ MORRE.

Cassia tem absoluta confiança nas escolhas da Sociedade. Ter o destino definido pelo sistema é um preço pequeno a se pagar por uma vida tranquila e saudável, um emprego seguro e a certeza da escolha do companheiro perfeito para se formar uma família.

Ela acaba de completar 17 anos e seu grande dia chegou: o Banquete Par, o jantar oficial no qual será anunciado o nome de seu companheiro. Quando surge numa tela o rosto de seu amigo mais querido, Xander – bonito, inteligente, atencioso, íntimo dela há tantos anos –, tudo parece bom demais para ser verdade.

Quando a tela se apaga, volta a se acender por um instante, revelando outro rosto, e se apaga de novo – o mundo de certezas absolutas que ela conhecia parece se desfazer debaixo de seus pés.

Agora, Cassia vê a Sociedade com novos olhos e é tomada por um inextinguível desejo de escolher. Escolher entre Xander e o sensível Ky, entre a segurança e o risco, entre a perfeição e a paixão. Entre a ordem estabelecida e a promessa de um novo mundo.





ALLY CONDIE

DESTINO

Tradução Livia de Almeida





Copyright © 2010 by Allyson Braithwaite Condie

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA OBJETIVA LTDA.

Rua Cosme Velho, 103

Rio de Janeiro - RJ - CEP: 22241-090

Tel.: (21) 2199-7824 - Fax: (21) 2199-7825

www.objetiva.com.br

Título original *Matched*

Capa

Pronto Design sobre arte original de Theresa M. Evangelista

Imagem de capa Samantha Aide

Revisão

Ana Kronemberger Lilia Zanetti Bruno Fiúza

Editoração eletrônica Abreus System Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C751d Condie, Allyson Braithwaite

Destino / Ally Condie; tradução Livia de Almeida. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

Tradução de: *Matched*

239p. ISBN 978-85-60281-81-0

1. Ficção americana. I. Almeida, Livia de. II. Título.

10-6571. CDD: 813

CDU: 821.111(73)3



*Para Scott,
que sempre acredita*



CAPÍTULO 1

Agora que descobri como voar, que direção devo seguir noite adentro? Minhas asas não são brancas nem emplumadas. São verdes, feitas de seda verde que estremece ao vento e se dobra quando me mexo — primeiro num círculo, depois numa linha, finalmente numa forma que eu mesma inventei. A escuridão atrás de mim não me preocupa, nem as estrelas à frente.

Rio de mim mesma, da minha imaginação boba. Pessoas não podem voar, embora, antes da Sociedade, existissem mitos sobre aquelas que podiam. Vi uma pintura delas, certa vez. Asas brancas, céu azul, círculos dourados sobre as cabeças, olhos voltados para o alto, surpresos, como se não conseguissem acreditar naquilo que o artista havia pintado, como se não conseguissem acreditar que seus pés não tocavam o chão.

Aquelas histórias não eram verdadeiras. Sei disso. Mas, esta noite, fica fácil esquecer. O trem aéreo desliza pela noite estrelada tão suavemente, meu coração bate tão rápido, que parece que eu poderia subir ao céu a qualquer momento.

— Tá sorrindo por causa de quê? — Xander me pergunta enquanto aliso e ajeito as dobras do meu vestido de seda verde.

— De tudo — digo a ele, e é verdade. Esperei tanto por isso: pelo meu Banquete do Par. Onde vou ver, pela primeira vez, o rosto do garoto que vai ser meu Par. Vai ser a primeira vez que vou ouvir o nome dele.

Mal posso esperar. Por mais rápido que o trem aéreo avance, ainda não é rápido o bastante. Ele silencia a noite, e seu som é um pano de fundo para os chuviscos das vozes de nossos pais e os relâmpagos das batidas do meu coração.

Talvez Xander também consiga ouvir meu coração batendo, porque me pergunta “Tá nervosa?”. No assento ao lado, o irmão mais velho de Xander começa a contar para minha mãe a história do seu Banquete do Par. Não vai demorar muito para que Xander e eu tenhamos nossas próprias histórias para contar.

— Não — digo. Mas Xander é meu melhor amigo. Ele me conhece bem demais.

— Mentira — provoca ele. — Você tá nervosa.

— E você, não?

— Eu não. Estou pronto — diz, sem hesitação, e eu acredito nele. Xander é o tipo de pessoa que tem certeza do que quer.

— Não importa se você está nervosa, Cassia — diz ele, agora com delicadeza. — Quase 93% dos que comparecem ao Banquete do Par mostram alguns sinais de nervosismo.

— Você decorou *todo* o material oficial do Par?

— Quase todo — diz Xander, sorrindo. Ele estende as mãos como se dissesse “O que você esperava?”.

O gesto me faz rir. Além do mais, eu também decorei o material. É fácil quando você lê aquilo tantas vezes, quando a decisão é tão importante.

— Então você está na minoria — digo. — Os 7% que não mostram nervosismo algum.

— É claro — concorda.

— Como é que você percebeu que *eu* tava nervosa?

— Porque você fica abrindo e fechando *isso*. — Xander aponta o objeto dourado em minhas mãos. — Não sabia que você tinha um artefato. — Poucos tesouros do passado circulam entre nós. Embora os cidadãos da Sociedade tenham permissão para possuir um artefato cada, eles não são fáceis de se achar. A menos que você tenha tido ancestrais que se deram ao trabalho de passar essas coisas adiante, ao longo dos anos.



— Eu não tinha, até algumas horas atrás — conto para ele. — Vovô me deu de aniversário. Pertenceu à mãe dele.

— Como se chama? — pergunta Xander.

— Estojo de pó compacto — digo. Gosto muito do nome. Compacto significa pequeno. Eu sou pequena. Também gosto do som quando você pronuncia: *com-pac-to*. Dizer a palavra faz um barulho parecido com o do próprio artefato ao se fechar.

— O que querem dizer as iniciais e os números?

— Não sei bem. — Passo o dedo sobre as letras *ACM* e os números *1940* gravados sobre a superfície dourada. — Mas olha só — digo a ele, abrindo o compacto para mostrar a parte de dentro: um espelhinho, feito de vidro de verdade, e um pequeno espaço vazio onde a antiga dona costumava guardar pó para passar no rosto, segundo o Vovô. Agora, eu uso para guardar os três comprimidos de emergência que todo mundo carrega — um verde, um azul, um vermelho.

— É conveniente — diz Xander. Ele estica os braços diante de si e reparo que ele também tem um artefato: um par de reluzentes abotoaduras de platina. — Meu pai me emprestou isso, mas não dá para guardar nada nelas. São completamente inúteis.

— Mas são bonitas. — Meu olhar viaja até o rosto de Xander, seus olhos azuis ofuscantes, o cabelo louro, o terno escuro e a camisa branca. Ele sempre foi bonito, mesmo quando éramos pequenos, mas eu nunca o tinha visto arrumado desse jeito. Meninos não têm tanta liberdade de opção para escolher as roupas quanto meninas. Ternos são todos meio parecidos. De qualquer forma, eles têm direito a escolher a cor das camisas e das gravatas, e a qualidade do tecido é bem superior a do material usado nas roupas comuns.

— Você tá bem. — A garota que descobrir que ele é Par dela vai se empolgar.

— Bem? — diz Xander, erguendo as sobrancelhas. — Só isso?

— Xander — diz a mãe dele, ao lado, bom humor e censura misturados na voz.

— Você tá linda — Xander me diz e eu fico meio envergonhada, apesar de conhecê-lo a vida inteira. Eu me sinto bonita neste vestido verde, esvoaçante, comprido. A suavidade pouco habitual da seda contra a minha pele me faz sentir ágil e graciosa.

Ao meu lado, minha mãe e meu pai respiram fundo quando a Prefeitura aparece, iluminada de azul e branco, cintilando com as luzes especiais que indicam uma celebração acontecendo. Ainda não consigo ver a escadaria de mármore diante do prédio, mas sei que vai estar polida e reluzente. Toda a vida, esperei pela hora de subir aqueles degraus limpos de mármore e cruzar os portões da Prefeitura, um prédio que já havia visto a distância, mas onde nunca entrei.

Quero abrir o compacto e me olhar no espelho para ter certeza de que está tudo perfeito. Mas não quero parecer fútil, por isso dou uma olhada no reflexo do meu rosto na superfície.

A tampa arredondada do compacto distorce meus traços um pouco, mas ainda sou eu. Meus olhos verdes. Meu cabelo castanho-cobre, que parece mais dourado no compacto do que na vida real. Meu narizinho reto. Meu queixo com vestígios de uma covinha como a do meu avô. Todas as características exteriores que fazem de mim Cassia Maria Reyes, exatos 17 anos.

Viro o compacto nas mãos, vendo como as duas partes se encaixam perfeitamente. Meu Par vem ao meu encontro com a mesma harmonia, a começar por eu estar aqui esta noite. Como meu aniversário cai dia 15, mesmo dia em que o Banquete acontece todos os meses, sempre *sonhei* encontrar meu Par na data do meu aniversário — mas eu sabia que isso podia não acontecer. Você pode ser convocado para o Banquete a qualquer momento no ano seguinte ao seu aniversário de 17 anos. Quando a notificação apareceu no terminal, duas semanas atrás, avisando que eu, de fato, saberia quem era o meu Par no dia do meu aniversário, eu quase ouvi um estalo combinando as peças, exatamente como eu sonhava havia tanto tempo.

Porque, apesar de não ter esperado nem um dia inteiro pelo meu Par, de certa forma eu esperei por ele a vida inteira.



— Cassia — diz minha mãe, sorrindo para mim. Pisco e levanto os olhos, assustada. Meus pais se levantam, prontos para desembarcar. Xander também se levanta, endireita as mangas. Eu o escuto respirar fundo e sorrio para mim mesma. Talvez ele esteja um pouquinho nervoso, então.

— Lá vamos nós — ele me diz. Seu sorriso é tão gentil e bom. Estou feliz por termos sido convocados no mesmo mês. Dividimos tanta coisa na infância. Me parece justo que também possamos dividir o fim dela.

Sorrio de volta para ele e ofereço a melhor saudação que temos na Sociedade.

— Te desejo os melhores resultados — digo a Xander.

— Para você também, Cassia — responde.

Ao sairmos do trem aéreo e caminharmos em direção à Prefeitura, meus pais unem os braços aos meus. Como sempre, estou cercada pelo amor deles.

Somos só nós três, esta noite. Meu irmão, Bram, não pôde vir ao Banquete do Par porque tem menos de 17 anos, jovem demais para comparecer. O primeiro Banquete ao qual você vai é sempre o seu. Eu, porém, vou poder comparecer ao banquete de Bram porque sou a irmã mais velha. Sorrio sozinha, pensando em como vai ser o Par de Bram. Dentro de sete anos eu vou descobrir.

Mas hoje é a minha noite.

É fácil identificar aqueles de nós que vão conhecer seus Pares. Não é só porque somos mais jovens do que os outros, mas também porque circulamos em vestidos lindos e ternos bem cortados, enquanto nossos pais e irmãos mais velhos estão de roupas comuns, um pano de fundo que nos permite desabrochar. Os Funcionários da Cidade sorriem para nós com orgulho, e sinto uma onda de emoção no coração quando entramos na Rotunda.

Além de Xander, que se despede de mim com um aceno ao cruzar o salão até a área onde deve ficar sentado, vejo outra menina que eu conheço, chamada Lea. Ela escolheu um vestido vermelho vivo. É uma boa opção para ela, porque é bonita o bastante para que chamar a atenção funcione a seu favor. Mas parece preocupada, e não para de mexer no artefato dela, uma pulseira de pedras vermelhas. Fico um pouco surpresa em encontrar Lea aqui. Eu apostaria que ela fosse ser um dos Solteiros.

— Olha essa porcelana — diz meu pai, quando chegamos ao nosso lugar nas mesas do Banquete. — Isso me lembra as peças Wedgwood que achamos ano passado...

Minha mãe olha para mim e revira os olhos, achando graça. Nem no Banquete do Par meu pai consegue deixar de reparar nessas coisas. Meu pai passa meses trabalhando em áreas antigas que estão sendo restauradas e transformadas em Bairros para uso público. Ele revira as relíquias de uma sociedade que não está tão distante no passado quanto parece. Atualmente, por exemplo, está trabalhando em um projeto de Restauração particularmente interessante: uma antiga biblioteca. Ele separa as coisas que a Sociedade determinou que são valiosas das outras que não são.

Mas eu acabo tendo que rir porque minha mãe não consegue deixar de falar das flores, já que estão na área de conhecimento *dela*, como trabalhadora do Arboreto.

— Ah, Cassia! Olha os arranjos de mesa. Lírios. — Ela aperta a minha mão.

— Por favor, sentem-se — avisa-nos um Oficial do pódio. — O jantar vai ser servido.

É quase cômica a rapidez com que nos sentamos. Porque podemos admirar a porcelana e as flores, podemos estar aqui para conhecer nossos Pares, mas também mal podemos esperar para experimentar a comida.

— Dizem que os candidatos a pares nunca aproveitam o jantar — diz um homem de aspecto jovial, sentado na nossa frente, sorrindo. — Ficam tão nervosos que não conseguem comer. — E é verdade. Uma das garotas sentada do outro lado da mesa, de vestido cor-de-rosa, olha fixamente para o prato sem tocar em nada.

Eu, no entanto, não tenho esse tipo de problema. Embora não me empanturre, consigo comer um pouco de tudo — os legumes assados, a carne bem temperada, as verduras crocantes e o queijo cremoso. O pão leve e quente. A refeição parece uma dança, como se estivéssemos não só num baile, mas também num banquete. Os garçons deslizam os pratos diante de nós com mãos graciosas. A comida, vestida com ervas e ornamentos, está tão enfeitada quanto nós. Erguemos os guardanapos brancos, os garfos de prata, as taças reluzentes de cristal como se seguissemos o ritmo



da música.

Meu pai sorri feliz quando o serviçal coloca, diante dele, uma fatia de bolo de chocolate com creme fresco, no final da refeição.

— Maravilhoso — ele cochicha, tão baixo que só eu e minha mãe escutamos.

Minha mãe ri um pouco, zombando dele, que busca a mão dela.

Eu compreendo o entusiasmo quando dou uma mordida no bolo, de sabor intenso, mas não em excesso, profundo, escuro e delicioso. É a melhor coisa que comi desde o tradicional jantar da Festa de Inverno, meses atrás. Queria que Bram pudesse comer um pouco de bolo e, por um minuto, penso em guardar um pouco para ele. Mas não tenho como levar. Não caberia no estojo. Seria feio esconder na bolsa da minha mãe, mesmo se ela concordasse, e ela não concordaria. Minha mãe nunca desrespeita as regras.

Não posso guardá-lo para depois. É agora ou nunca.

Acabei de colocar a última garfada na boca quando o apresentador diz:

— Estamos prontos para anunciar os Pares.

Engulo com surpresa e, por um segundo, sinto uma inesperada onda de raiva: não saboreei devidamente o último pedaço de bolo.

— Lea Abbey.

Lea revira a pulseira furiosamente, ao se levantar, esperando o rosto aparecer na tela. Porém, ela tem o cuidado de manter as mãos baixas, para que o garoto que vai vê-la em outra Prefeitura enxergue apenas a loura bonita e não suas mãos preocupadas, mexendo naquela pulseira.

É estranho como nos agarramos a pedaços do passado enquanto aguardamos por nossos futuros.

Há uma organização, naturalmente, em relação aos Pares. Em Prefeituras por todo o país, todas cheias de gente, os Pares são anunciados em ordem alfabética, de acordo com o sobrenome das meninas. Sinto um pouco de pena dos meninos, que não têm a mínima ideia de quando seus nomes serão chamados, momento em que devem ficar de pé para serem recebidos como Pares por meninas de outras Prefeituras. Como meu sobrenome é Reyes, vou estar em algum lugar do meio para o final. O começo do fim.

A tela mostra o rosto de um garoto, louro e bonito. Ele sorri ao ver o rosto de Lea na tela diante dele, e ela também sorri.

— Joseph Peterson — disse o apresentador. — Lea Abbey, seu par é Joseph Peterson.

A anfitriã do Banquete leva uma caixinha de prata para Lea. A mesma coisa acontece com Joseph Peterson, na tela. Quando Lea se senta, ela olha a caixinha de prata com ansiedade. Não a culpo. Lá dentro está um micro cartão com todas as informações sobre seu Par. Nós todos as recebemos. Mais tarde, as caixas vão servir para guardar os anéis para o Contrato Matrimonial.

A tela volta à imagem padrão: um menino e uma menina sorrindo um para o outro, com luzes cintilantes e um Funcionário de casaco branco ao fundo. Embora a Sociedade programe o anúncio dos Pares da forma mais eficiente possível, ainda há momentos em que a tela volta a esta imagem, o que significa que nós esperamos enquanto algo acontece noutro lugar. É tão complicado — os Pares —, e me lembro mais uma vez dos complicados passos de dança que se faziam muito tempo atrás. Esta dança, porém, é feita de uma forma que só a Sociedade pode coreografar.

A imagem desaparece.

O apresentador chama outro nome. Outra garota se levanta. Logo, mais e mais pessoas do Banquete estão com as suas caixinhas de prata. Algumas as deixaram sobre as toalhas de mesa brancas diante delas, mas a maioria as segura cuidadosamente, sem querer deixar o futuro fora do alcance das mãos assim tão depressa.

Não vejo outras garotas de vestido verde. Não me importo. Gosto de pensar que, por uma noite, eu não me pareço com mais ninguém.

Espero, segurando o estojo numa mão e a mão da minha mãe na outra. Sua palma parece úmida. Pela primeira vez, percebo que ela e meu pai também estão nervosos.



— Cassia Maria Reyes.

É a minha vez.

Levanto, soltando a mão da minha mãe, e me volto para a tela. Sinto o coração bater forte e a tentação de mexer nas mãos como Lea, mas fico completamente parada, com o queixo erguido e os olhos na tela. Observo e espero, determinada a fazer com que a garota que meu Par vai ver na tela, em sua Prefeitura em algum lugar da Sociedade, seja equilibrada, calma e bela, a melhor imagem de Cassia Maria Reyes que posso apresentar.

Mas nada acontece.

Continuo de pé olhando a tela e, enquanto passam os segundos, tudo o que posso fazer é permanecer imóvel, tudo o que posso fazer é continuar a sorrir. Começo a ouvir cochichos. Com o canto dos olhos, vejo minha mãe mexer com as mãos como se fosse novamente pegar a minha, mas então ela recua.

Uma garota de vestido verde aguarda, de pé, o coração batendo. Eu.

A tela está escura e permanece escura.

Isso só pode querer dizer uma coisa.



CAPÍTULO 2

Os cochichos se elevam suavemente à minha volta, como se fossem pássaros batendo as asas sob a cúpula da Prefeitura.

— Seu Par se encontra aqui, esta noite — diz a anfitriã, sorridente. As pessoas ao meu redor também sorriem, e os murmúrios aumentam de intensidade. Nossa Sociedade é tão vasta, as Cidades são tantas, que as chances de o seu Par perfeito estar na sua própria Cidade são minúsculas. Há muitos anos não acontece algo assim por aqui.

Os pensamentos se precipitam na minha cabeça e eu fecho os olhos rapidamente, ao perceber o que isso significa, não em teoria, mas para mim, a garota de vestido verde. *Eu talvez conheça meu Par*. Ele pode ser alguém que frequenta a mesma Segunda Escola que eu, alguém que eu vejo todos os dias, alguém...

— Xander Thomas Carrow.

Na sua mesa, Xander se levanta. Um mar de rostos atentos e toalhas de mesa brancas, taças de cristal cintilantes e reluzentes caixas de prata se estende entre nós.

Não dá para acreditar.

É um sonho. As pessoas voltam os olhos para mim e para o garoto bonito, de terno escuro e gravata azul. Não parece ser verdade até que Xander sorri para mim. Penso, *Eu conheço aquele sorriso*, e subitamente eu também estou sorrindo, e a onda de aplausos e o perfume dos lírios me convence totalmente de que aquilo está mesmo acontecendo. Sonhos não têm cheiros nem ruídos tão intensos quanto esse. Quebro o protocolo um pouquinho ao acenar discretamente para Xander, e o sorriso dele aumenta.

A anfitriã diz.

— Podem voltar aos seus lugares. — Ela parece contente por estarmos tão felizes. Naturalmente, deveríamos estar. Nós *somos* o melhor Par um para o outro, afinal de contas.

Quando ela me traz a caixa de prata, eu a seguro com cuidado. Mas já sei muito do que há ali dentro. Xander e eu não só frequentamos a mesma escola, como moramos na mesma rua. Somos melhores amigos desde que me entendo por gente. Não preciso de um micro cartão para me mostrar imagens de Xander na infância, porque tenho muitas na minha cabeça. Não preciso baixar uma lista de favoritos para decorar, porque já sei quais são. Cor favorita: verde. Atividade de lazer favorita: natação. Recreação favorita: jogos.

— *Meus parabéns, Cassia* — cochicha meu pai, com expressão de alívio. Minha mãe não diz nada, mas está radiante de alegria e me abraça forte. Atrás dela, outra garota se levanta, com os olhos na tela.

O homem sentado ao lado do meu pai sussurra:

— Que sorte para a sua família. Você não precisa confiar o futuro dela a alguém sobre quem não sabe nada.

Fico surpresa com a ponta de infelicidade no seu tom de voz, como o comentário parece beirar a insubordinação. A filha, a menina nervosa de vestido rosa, também escuta aquilo. Parece pouco à vontade e muda de posição na cadeira. Eu não a reconheço. Ela deve frequentar outra das Segundas Escolas da nossa Cidade.

Dou uma olhada sorrateira para Xander, mas tem gente demais no caminho e não consigo vê-lo. Outras meninas se revezam, se levantando. A tela se ilumina para cada uma. Não fica escura para mais ninguém. Eu sou a única.

Antes de irmos embora, a anfitriã do Banquete dos Pares pede a Xander, a mim e às nossas famílias para irmos falar com ela.

— É uma situação rara — diz ela, mas se corrige imediatamente. — Rara não. Perdão. É meramente incomum.



— Ela sorri para nós dois. — Como vocês já se conhecem, o procedimento vai ser diferente para vocês. Grande parte das informações iniciais sobre o outro vocês já saberão. — Ela aponta para nossas caixinhas. — Algumas novas orientações para o namoro foram incluídas nos seus micro cartões, por isso vocês devem se familiarizar com elas quando tiverem a oportunidade.

— Vamos lê-las hoje à noite — Xander promete com sinceridade.

Tento não dar sinal de que estou achando graça, porque ele soa exatamente como quando recebe uma nova tarefa de aprendizado de um professor. Ele vai ler as novas orientações e memorizá-las, como leu e memorizou o material oficial sobre os Pares. E então volto a corar, ao me lembrar subitamente de um parágrafo daquele texto:

Se você escolher ter um Par, seu Contrato Matrimonial acontecerá ao completar 21 anos. Estudos demonstram que a fertilidade dos homens e das mulheres chega ao auge aos 24 anos. O Sistema de Pares foi planejado para permitir aos Pares que tenham filhos por volta desta idade — com maiores possibilidades de gerar crianças saudáveis.

Xander e eu vamos fazer um Contrato Matrimonial. *Vamos ter filhos juntos.*

Não tenho que passar os próximos anos aprendendo tudo sobre ele porque eu já o conheço, quase tão bem quanto a mim mesma.

Sou pega de surpresa pelo pequeno sentimento de perda no meu coração. Minhas colegas vão passar os próximos dias se desmanchando diante dos retratos de seus Pares, se gabando deles na hora da refeição na escola, esperando que mais e mais informações sejam reveladas. Cheias de expectativa pelo primeiro encontro, o segundo encontro e assim por diante. O mistério não existe para Xander e eu. Não vou ficar imaginando como ele é ou sonhando acordada com nosso primeiro encontro.

É quando Xander me olha e pergunta:

— No que você está pensando?

E eu respondo:

— Que nós temos muita sorte — e é sério. Ainda há muito por descobrir. Até agora, eu só conhecia Xander como amigo. Agora ele é o meu Par.

A anfitriã me corrige com delicadeza.

— Não é sorte, Cassia. Não existe sorte na Sociedade.

Concordo com um aceno. *Claro.* Eu não devia usar um termo tão arcaico e pouco preciso. Hoje só há a probabilidade. O quão esperado, ou inesperado, que algo ocorra.

A anfitriã volta a falar.

— Foi uma noite cheia e está ficando tarde. Vocês podem ler as orientações de namoro mais tarde, outro dia. Há muito tempo.

Ela tem razão. É o que a Sociedade nos deu: tempo. Vivemos mais e melhor do que quaisquer outros cidadãos na história do mundo. E é em grande parte graças ao Sistema de Pares, que produz crianças saudáveis do ponto de vista físico e emocional.

E eu sou parte de tudo isso.

Meus pais e os Carrow não param de exclamar como tudo isso é maravilhoso, e, enquanto descemos juntos os degraus da Prefeitura, Xander se aproxima de mim e diz:

— Dá impressão que foram eles que combinaram tudo isso.

— É inacreditável — digo, me sentindo ao mesmo tempo opulenta e um pouco tonta. Não posso acreditar que sou eu, com um belo vestido verde, segurando ouro em uma mão e prata na outra, caminhando ao lado do meu melhor amigo. Meu Par.

— Não acho — diz Xander, me provocando. — Na realidade, eu sabia o tempo todo. Foi por isso que *eu* não fiquei nervoso.

Provoco-o de volta.

— Eu também sabia. Por isso é que eu *fiquei*.



Estamos rindo tanto que, quando o trem aéreo se aproxima, nenhum dos dois toma conhecimento de imediato, e *há* um breve momento de estranheza quando Xander me dá a mão para me ajudar a embarcar.

— Aqui — diz ele, com a voz séria. Por um momento, não sei o que fazer. Há algo de diferente em tocar o outro agora, e minhas mãos estão ocupadas.

Xander então envolve minha mão com a dele e me puxa para o trem com ele.

— Obrigada — digo, enquanto as portas se fecham atrás de nós.

— Imagina — diz ele, sem soltar minha mão. A caixinha de prata que eu seguro cria uma barreira entre nós mesmo que outra esteja sendo derrubada. Não damos as mãos desse jeito desde que éramos crianças. Ao fazê-lo, naquela noite, atravessamos a fronteira invisível que separa a amizade de algo mais. Sinto um formigamento no braço. Ser tocada pelo meu Par é um luxo que os outros Pares dos Banquetes desta noite não têm.

O trem aéreo nos leva para longe das luzes brancas glaciais, resplandecentes, da Prefeitura, em direção às luzes amarelas, mais suaves, das sacadas e dos postes dos Bairros. Enquanto as ruas passam voando pela janela durante a viagem para casa, até o Bairro de Mapletree, olho para Xander. As luzes douradas lá fora parecem ter a cor do cabelo dele; o rosto dele é bonito, seguro e bom. E, no geral, familiar. Se você sempre soube como olhar para alguém, é estranho quando há uma nova orientação. Xander sempre foi alguém que eu não podia ter e eu era o mesmo para ele.

Agora tudo é diferente.

Bram, meu irmão de 10 anos, espera por nós na varanda na frente de casa. Quando contamos a ele sobre o Banquete, ele não consegue acreditar nas notícias.

— O seu Par é o *Xander*? Eu já conheço a pessoa com quem você vai casar? Isso é tão esquisito.

— Você é que é esquisito — provoco, e ele se esquivava quando finjo tentar agarrá-lo. — Quem sabe? Talvez o seu Par more aqui na rua também. Talvez seja...

Bram tapa os ouvidos.

— Não fala. Não fala...

— A Serena — digo, e ele se afasta, fingindo que não me ouviu. Serena mora ao lado. Ela e Bram se atormentam incessantemente.

— Cassia — minha mãe diz em tom de desaprovação, olhando em volta para ter certeza de que ninguém ouviu. Não se deve depreciar os outros moradores da nossa rua e da nossa comunidade. O Bairro Mapletree é conhecido pela união, por ser exemplar nesse aspecto. *Não é graças ao Bram*, penso comigo mesma.

— Estou brincando, Mãe. — Sei que ela não consegue ficar zangada comigo. Não na noite do meu Banquete do Par, quando foi lembrada do quão rápido eu estou crescendo.

— Entrem — disse meu pai. — Está quase na hora do toque de recolher. Podemos conversar sobre tudo amanhã.

— Tinha bolo? — Bram pergunta quando meu pai abre a porta. Eles todos me olham, aguardando.

Não me mexo. Não quero entrar ainda.

Se entrar, significa que a noite está chegando ao fim, e eu não quero isso. Não quero tirar o vestido e voltar às roupas comuns. Não quero voltar aos dias de sempre, que são bons, mas não tão especiais quanto este.

— Vou entrar logo. Mais uns minutinhos.

— Não demora — diz meu pai com delicadeza. Ele não quer que eu desrespeite o horário. É o horário de recolher da Cidade, não dele, e eu compreendo.

— Não vou — prometo.

Sento nos degraus da casa, com cuidado, claro, por causa do vestido emprestado. Observo as dobras do belo tecido. Não pertence a mim, mas esta noite pertence, esta ocasião que é escura e iluminada e ao mesmo tempo repleta do inesperado e do familiar. Contemplo a noite de primavera e volto o rosto para as estrelas.

Não demoro do lado de fora porque amanhã, sábado, é um dia cheio. Preciso me apresentar para o meu posto de trabalho experimental no centro de classificação, de manhã cedo. Depois disso, terei minhas horas de recreação livre



de sábado à noite, uma das poucas ocasiões em que posso ficar com meus amigos fora da Segunda Escola.

E Xander vai estar lá.

De volta ao meu quarto, tiro os comprimidos do compartimento vazio na base do compacto. Então conto — Um, dois, três. Azul, verde, vermelho — enquanto os devolvo ao cilindro metálico de sempre.

Sei para que servem os comprimidos azuis e os verdes. Não sei se alguém sabe ao certo o que fazem os vermelhos. Existem boatos há anos.

Vou para a cama e paro de pensar no comprimido vermelho. Pela primeira vez na vida, me é permitido sonhar com Xander.



CAPÍTULO 3

Sempre me perguntei como meus sonhos parecem quando colocados no papel, em números. Alguém por aí sabe, mas não sou eu. Puxo os sensores de sono da pele, tomando cuidado de não usar força demais no que fica atrás da orelha. A pele é frágil ali e puxar o disco sempre dói, especialmente quando um ou dois fios de cabelo se prendem no adesivo embaixo. Feliz por minha vez ter passado, ponho o equipamento de volta na caixa. Hoje à noite é a vez de Bram ser monitorado.

Não sonhei com Xander. Não sei por quê.

Mas dormi tarde e vou me atrasar para o trabalho se não me apressar. Ao entrar na cozinha, segurando o vestido da véspera, vejo que minha mãe já pôs na mesa a remessa de comida para o café da manhã. Aveia, marrom-acinzentada e esperada. Nós comemos em função da saúde e do desempenho, não do gosto. Feriados e festas são as exceções. Como nossas calorias são moderadas a semana inteira, ontem, no Banquete, pudemos comer tudo o que estava à nossa frente sem um impacto significativo.

Bram sorri para mim maliciosamente, ainda com a roupa de dormir.

— E aí — diz ele, pondo a última colherada de aveia na boca —, dormiu demais porque tava sonhando com o Xander?

Não quero que ele saiba como está próximo da verdade. Que apesar de não ter sonhado com Xander, era isso que eu queria que tivesse acontecido.

— Não — digo —, e você não devia se preocupar em chegar na escola na hora?

Bram ainda é novo o bastante para ter escola aos sábados em vez de trabalho, e se não correr, vai se atrasar. De novo. Espero que ele não receba uma anotação.

— Bram — diz minha mãe —, vai botar sua roupa comum, por favor. — Ela vai dar um grande suspiro de alívio quando ele for para a Segunda Escola, cujas aulas começam meia hora mais tarde.

Enquanto Bram sai desengonçadamente, minha mãe estende a mão para o vestido e o segura. — Você estava tão bonita na noite passada. Detesto ter que devolver.

Nós duas olhamos o vestido por um momento. Admiro a forma com que o tecido absorve a luz e a reflete, quase como se a luz e o pano fossem coisas vivas.

Suspiramos juntas, exatamente ao mesmo tempo, e minha mãe solta uma risada. Ela me dá um beijo na bochecha.

— Vão mandar um pedacinho do tecido para você, lembra? — ela diz e eu confirmo. Cada vestido é criado com um forro interior que pode ser recortado, um para cada garota que se veste com ele. O retalho, assim como a caixa de prata que guardou meu micro cartão, serão as lembranças do meu Banquete do Par.

Ainda assim. Nunca mais vou ver *este* vestido, o meu vestido verde.

Eu soube no momento em que o vi que era o que eu queria. Quando fiz a seleção, a mulher no centro de distribuição de vestimentas sorriu depois de bater o número — 73 — no computador.

— Este era o que você tinha a maior probabilidade de escolher — disse ela. — Seus dados pessoais indicavam isto, assim como a psicologia geral. Você já escolheu coisas que não são da preferência da maioria antes, e garotas gostam de vestidos que ajudem a destacar os olhos.

Sorri e acompanhei quando ela mandou o assistente ir até os fundos pegar o vestido. Ao experimentá-lo, vi que ela tinha razão. Era o vestido para mim. A bainha caía perfeitamente, a cintura se delineava exatamente na medida. Me



virei diante do espelho, me admirando.

A mulher me falou:

— Até agora, você é a única garota a usar este vestido no Banquete do Par deste mês. O mais popular é um dos cor-de-rosa, número 22.

— Bom — respondi. Não me importo de me destacar *um pouquinho*.

Bram reaparece na entrada, as roupas comuns amarrotadas, o cabelo despenteado. Dá quase para ver o pensamento se formando na cabeça da minha mãe: é melhor pentear o cabelo dele e atrasá-lo ou deixá-lo sair do jeito que está?

Bram toma a decisão para ela.

— Até de noite — diz ele, correndo porta afora.

— Ele não vai chegar a tempo. — Mamãe olha pela janela, na direção do ponto do trem aéreo, onde os trilhos se iluminam para indicar a aproximação de um trem.

— Talvez chegue — digo, ao ver Bram romper outra regra, aquela sobre não correr em público. Chego quase a ouvir seus passos ressoando na calçada enquanto ele desce a rua correndo, a cabeça abaixada, a mochila da escola batendo nas costas magrelas.

Assim que ele chega ao ponto, diminui o ritmo. Ajeita o cabelo e sobe os degraus casualmente, rumo ao trem. Com sorte, ninguém o terá visto correr. Um momento depois, o trem aéreo se afasta com Bram lá dentro, em segurança.

— Esse menino vai acabar comigo. — Mamãe suspira. — Eu devia ter acordado ele mais cedo. Nós todos dormimos demais. A noite passada foi muito especial.

— Foi — concordo.

— Preciso pegar o próximo trem aéreo para a Cidade. — Mamãe joga a sacola sobre o ombro. — O que você vai fazer nas horas de recreação livre, hoje à noite?

— Aposto que o Xander e os outros vão querer jogar no centro juvenil — digo. — A gente já assistiu a todas as exhibições, e a música... — Dou de ombros.

Minha mãe ri, completando a frase.

— É para gente velha como eu.

— E eu vou usar a última hora para visitar o Vovô. — Os oficiais geralmente não permitem que se fuja às opções habituais da recreação livre, mas na véspera do Banquete Final de alguém, as visitas são encorajadas e permitidas.

O olhar da minha mãe se suaviza.

— Ele vai adorar.

— O Papai falou para o Vovô sobre o meu Par?

Mamãe sorri.

— Ele estava planejando dar uma parada por lá, no caminho para o trabalho.

— Bom — digo, porque quero que o Vovô saiba o mais rápido possível. Sei que ele andou pensando tanto em mim e no meu Banquete quanto eu ando pensando nele e no dele.

Depois de terminar apressadamente o café da manhã, chego ao trem com segundos de folga e relaxo. Talvez não tenha sonhado com Xander enquanto dormia, mas posso sonhar acordada com ele agora. Olhando pela janela e pensando em como ele ficou bem de terno, vejo os Bairros passarem enquanto sigo para a Cidade. O verde ainda não deu lugar à pedra e ao concreto quando reparo em flocos brancos caindo do céu.

Todo mundo repara também.

— *Neve? Em junho?* — espanta-se a mulher do meu lado.

— Não pode ser — resmunga um homem do outro lado do corredor.

— Mas olha só — diz ela.

— Não pode ser — diz de novo o homem. As pessoas se contorcem, se viram para as janelas, com aparência agitada. Algo errado pode ser verdade?



Com toda certeza, pequenas rajadas brancas esvoaçam a caminho do chão. Há alguma coisa estranha nesta neve, mas não tenho certeza do que é. Pegue-me contendo um sorriso ao olhar todos os rostos preocupados ao meu redor. Será que eu também deveria me preocupar? Talvez. Mas é tão bonito, tão inesperado, e tão inexplicável neste momento.

O trem aéreo para. As portas se abrem e alguns flocos entram. Pegue um deles com a mão, mas ele não derrete. O mistério, sim, derrete, quando vejo a sementinha marrom no meio da neve.

— É uma semente de choupo — digo a todos, cheia de confiança. — Não é neve.

— É claro — diz o homem, parecendo feliz por haver uma explicação. Neve em junho seria atípica. Sementes de choupo, não.

— Mas por que tantas? — pergunta outra mulher, ainda preocupada.

Um momento depois, temos a resposta. Um dos passageiros recém chegados, ao sentar-se, sacode as sementes do cabelo e das roupas comuns.

— Estamos derrubando a plantação de choupo na margem do rio — explica. — A Sociedade quer plantar árvores melhores ali.

As outras pessoas aceitam a palavra dele. Não sabem nada de árvores. Resmungam que estão felizes por não ser sinal de outro Aquecimento; felizmente, a Sociedade tem tudo sob controle, como sempre. Mas graças a minha mãe, que não consegue parar de falar sobre seu trabalho de cuidadora no Arboreto, eu sei que a explicação *faz* sentido. Não dá para se usar choupos para obter frutos ou combustível. E as sementes são uma chateação. Voam longe, pegam em qualquer coisa, tentam crescer em toda parte. Árvores-mato, diz minha mãe. Ainda assim, ela sente uma afinidade especial por elas por causa das sementes, que pequenas, marrons, mas envoltas em beleza, naqueles esguios fios de algodão branco. Pequenos paraquedas nebulosos que atrasam-lhes a queda, ajudam-nas a voar, a aproveitar o vento e chegar a algum lugar onde podem germinar.

Olho a semente na palma da minha mão. Ainda há mistério nela, afinal de contas, naquele núcleo marrom. Não sei bem o que fazer com ela, por isso guardo-a no bolso, junto com o recipiente onde guardo os comprimidos.

A quase neve me lembra o verso de um poema que estudamos este ano em Linguagem e Leitura. “Pausa no Bosque em uma Noite de Neve”. É um dos meus favoritos entre os Cem Poemas, aqueles que a Sociedade escolheu guardar, quando decidiram que nossa cultura estava entulhada demais. Criaram comissões para escolher os cem melhores de tudo: Cem Canções, Cem Pinturas, Cem Histórias, Cem Poemas. O resto foi eliminado. Para sempre. Para melhor, disse a Sociedade, e todos acreditaram porque fazia sentido. Como podemos apreciar qualquer coisa por completo quando somos sobrecarregados por coisas demais?

A minha própria bisavó fez parte do grupo de historiadores da cultura que ajudou a selecionar os Cem Poemas, há quase setenta anos. Vovô me contou a história milhares de vezes. Como sua mãe ajudou a escolher quais poemas deveriam ser guardados, e quais perdidos para sempre. Ela costumava cantar para ele partes dos poemas como cantigas de ninar. Ela sussurrava, cantava, disse ele, e eu tentei me lembrar deles depois que ela se foi.

Depois que ela se foi. Amanhã, meu avô também se vai.

Ao deixarmos as últimas sementes de choupo para trás, penso naquele poema e em por que gosto tanto dele. Gosto das palavras sono e profundo, da forma com que se encadeiam e se repetem. Acho que o poema seria uma boa cantiga de ninar se você prestasse atenção ao ritmo e não às palavras. Porque se prestasse atenção às palavras, não se sentiria descansado: Quilômetros pela frente antes de dormir.

— Hoje nós vamos ter uma classificação de números — diz Norah, minha supervisora.

Suspiro um pouco, mas Norah não reage. Ela faz a leitura do meu cartão e me devolve. Não pergunta sobre o Banquete do Par, embora obviamente saiba, pela atualização dos meus dados, que foi na noite passada. Mas isso não é novidade. Norah mal interage comigo porque eu sou uma das melhores classificadoras. De fato, já se passaram quase três meses desde o meu último erro, que foi a última ocasião em que conversamos de verdade.

— Espere — diz Norah, enquanto me dirijo a meu posto. — A leitura do cartão indica que já está quase na hora



para o seu teste formal de classificação.

Assinto. Ando pensando nisso há meses. Não tanto quanto pensei no Banquete do Par, mas com frequência. Apesar de essas classificações numéricas serem chatas, a atividade de separação pode conduzir a postos de trabalho bem mais interessantes. Talvez eu possa vir a ser supervisora de Restauração, como o meu pai. Quando ele tinha a minha idade, seu trabalho também era classificação de informação. O mesmo aconteceu com o meu avô e, naturalmente, com a minha bisavó, aquela que participou de uma das maiores classificações de todos os tempos, quando fez parte do Comitê dos Cem.

Os que supervisionam a formação dos Pares também começam pela classificação, mas eu não tenho interesse nisso. Prefiro um certo distanciamento desse campo. Não quero ser encarregada de classificar gente de verdade.

— Verifique se você está pronta — diz Norah, mas eu e ela sabemos que estou.

Luz amarelada entra pelas janelas perto dos nossos postos no centro de classificação. Faço sombra sobre o posto de outros trabalhadores ao passar. Ninguém olha para cima.

Entro no meu minúsculo posto, onde só cabe uma mesa, uma cadeira e uma tela de classificação. As finas paredes cinzentas se erguem do meu lado e não consigo ver mais ninguém. Nós somos como os micro cartões na biblioteca de pesquisa, na Segunda Escola — cada um bem encaixado numa fenda. O governo tem computadores que podem fazer o trabalho de classificação mais rápido do que nós, é claro, mas nós ainda somos importantes. Ninguém sabe quando a tecnologia pode talhar.

Foi o que aconteceu com a sociedade antes da nossa. Todo mundo tinha tecnologia, tecnologia demais, e as consequências foram desastrosas. Agora nós temos a tecnologia básica de que precisamos — terminais, leitores, escrevíveis — e nosso consumo de informação é bem mais específico. Especialistas em nutrição não precisam saber como programar trens aéreos, por exemplo, e programadores, por sua vez, não têm que saber preparar alimentos. Tal especialização impede que as pessoas se sobrecarreguem. Não precisamos compreender *tudo*. E, como nos lembra a Sociedade, existe uma diferença entre conhecimento e tecnologia. O conhecimento não nos falha.

Passo meu cartão de leitura e a classificação começa. Apesar de preferir associar palavras, imagens ou frases, também sou boa com números. A tela me informa que padrões devo encontrar e os números começam a aparecer na tela como soldadinhos brancos em um campo negro, esperando que eu os derrube. Toco cada um e começo a classificá-los, colocando-os em caixas diferentes. O bater dos meus dedos faz um som baixo, suave, quase tão silencioso quanto a neve ao cair.

E eu crio uma tempestade. Os números voam para suas posições como flocos levados pelo vento.

No meio do processo, o padrão que procuramos se altera. O sistema registra a rapidez com que reparamos na mudança e a velocidade com que adaptamos nossas classificações. Nunca se sabe quando uma mudança vai acontecer. Dois minutos depois, o padrão se altera mais uma vez, e novamente eu percebo na primeira linha de números. Não sei como, mas sempre prevejo a mudança antes que ela aconteça.

Quando classifico, só tenho tempo de pensar no que vejo diante de mim. Por isso ali, no meu pequeno espaço cinzento, não penso em Xander. Não desejo sentir o vestido verde contra a minha pele, nem o gosto de bolo de chocolate na minha língua. Não penso que meu avô vai comer sua última refeição amanhã à noite, no Banquete Final. Não penso em neve em junho, nem em outras coisas que não podem ser reais, mas de alguma forma são. Não vejo o sol me atordoando, nem a lua me refrescando, nem o bordo no quintal a se transformar em dourado, verde, vermelho. Vou pensar em todas aquelas coisas e em outras tantas mais tarde, mas não enquanto classifico.

Classifico, classifico e classifico até que não haja mais dados para mim. A minha tela está vazia. Sou eu quem a faz ficar assim.

Quando pego o trem aéreo de volta para o Bairro de Mapletree, as sementes de choupo desapareceram. Quero falar delas para minha mãe, mas quando chego em casa, ela, meu pai e Bram já saíram para as horas de lazer. Um recado para mim pisca no terminal. *Lamentamos não tê-la encontrado, Cassia*, brilham as letras. *Tenha uma boa noite*.

Um bipe soa na cozinha. Minha refeição chegou. A embalagem de alumínio desliza pela fenda de entrega de ali-



mentos. Eu a pego rapidamente, a tempo de ouvir o som do veículo de nutrição batendo em seu trilho, por trás das casas do Bairro.

Meu jantar solta vapor quando eu o abro. Deve haver um novo diretor da equipe de nutrição. Antes a comida sempre estava morna ao chegar. Agora chega pegando fogo. Como com pressa, queimando um pouco a boca, porque sei o que quero fazer com este raro tempo sem obrigações nesta casa quase deserta. Nunca estou sozinha de fato. O terminal zumba ao fundo, acompanhando, vigiando. Mas está tudo bem. Vou precisar dele para o que vou fazer. Quero ver o micro cartão sem que meus pais ou Bram fiquem olhando por cima do meu ombro. Quero ler mais sobre Xander antes de vê-lo esta noite.

Ao inserir o micro cartão, o zumbido assume um tom mais determinado. A tela do terminal se ilumina e meu coração bate mais rápido com a expectativa, apesar de conhecer Xander tão bem. O que a Sociedade decidiu que eu deveria saber sobre ele, a pessoa com quem vou passar a maior parte da minha vida?

Será que sei tudo sobre ele, como eu acho que sei, ou existe algo que não percebi?

— Cassia Reyes, a Sociedade tem o prazer de lhe apresentar seu Par.

Sorrio ao ver o rosto de Xander aparecer na tela do terminal, imediatamente após a mensagem gravada. É um bom retrato dele. Como sempre, o sorriso parece vivo e real, os olhos azuis, bondosos. Examino o rosto atentamente, fingindo que nunca vi este retrato antes. Que só o vislumbrei uma vez, na noite passada, no banquete. Examino a superfície do rosto, a aparência dos lábios. Ele é bonitão. Nunca ousei pensar que ele poderia ser meu Par, naturalmente, mas agora que isto aconteceu, estou interessada. Intrigada. Um pouco assustada sobre como nossa amizade deverá se transformar, mas acima de tudo, feliz.

Estendo a mão para tocar nas palavras *Orientações de Namoro*, mas antes disso o rosto de Xander escurece e depois desaparece. A tela do terminal solta um bipe e a voz diz mais uma vez:

— Cassia Reyes, a Sociedade tem o prazer de lhe apresentar seu Par.

Meu coração para, não acredito no que vejo. Um rosto reaparece no terminal, diante de mim.

Não é o rosto de Xander.



CAPÍTULO 4

— **O** quê? — Completamente atônita, toco na tela e o rosto se dissolve sob a ponta dos meus dedos, se desfazendo em pontos que parecem poeira. Palavras aparecem, mas antes que eu possa lê-las, a tela fica completamente vazia. *De novo.*

— O que tá acontecendo? — digo em voz alta.

A tela permanece vazia, e eu também me sinto vazia. Isso é milhares de vezes pior do que a tela apagada da noite passada. Eu sabia o que aquilo queria dizer. Não faço ideia do que isso queira dizer. Nunca ouvi falar que *isso* pudesse acontecer.

Não compreendo. A Sociedade não comete erros.

Mas o que mais poderia ser? Ninguém tem dois Pares.

— Cassia? — Xander me chama do outro lado da porta.

— Estou indo — respondo, arrancando o micro cartão do terminal e guardando-o no bolso. Respiro fundo e abro a porta.

— Seu micro cartão me ensinou que você gosta de ciclismo — diz Xander, todo formal, quando fecho a porta, me fazendo rir um pouco apesar do que acabou de ocorrer. Ciclismo é a atividade que eu mais odeio entre as opções de exercício, e ele sabe. A gente discute isso o tempo todo. Eu acho uma estupidez andar em algo que não sai do lugar, só fazendo as rodas girarem sem parar. Ele argumenta que eu gosto de correr no rastreador, que é quase a mesma coisa. “É diferente”, digo para ele, mas não sei explicar por quê.

— Você passou o dia inteiro admirando o meu rosto no terminal? — ele pergunta. Ainda está brincando, mas subitamente, eu não consigo recuperar o fôlego. Ele também viu o micro cartão *dele*. Será que o rosto que ele viu era o *meu*? Parece estranho esconder alguma coisa, especialmente de Xander.

— Claro que não — digo, tentando responder com uma provocação.

— É sábado, lembra? Eu precisei trabalhar.

— Eu também, mas isso não me impediu. Li todas as suas estatísticas e examinei todas as orientações de namoro.

Sem saber, ele me joga um salva-vidas com aquelas palavras. Já não estou mais me afogando em preocupações. Ainda estou em águas profundas, envolvida por ondas frias, mas já consigo respirar. Xander ainda acha que nós somos um Par. Nada de estranho aconteceu quando viu o micro cartão dele. Já é alguma coisa.

— Você leu todas as orientações?

— Claro. Você não?

— Ainda não. — Me sinto estúpida ao admitir, mas Xander ri de novo.

— Não são muito interessantes — diz ele. — A não ser uma delas. — Ele pisca, cheio de segundas intenções.

— E? — digo, distraída. Vejo outros jovens da nossa idade se encontrando e se juntando na rua, caminhando para o centro de recreação, como nós. Estão acenando, nos chamando, usando as mesmas roupas que nós usamos. Mas há uma grande diferença esta noite. Uns observam. Outros são observados: eu e Xander.

Os olhares dos outros nos contemplam, se prendem a nós, se afastam e voltam.

Não estou acostumada. Xander e eu somos cidadãos normais e saudáveis, fazemos parte do grupo. Não somos intrusos.



Mas me sinto separada agora, como se uma parede fina e clara se erguesse nitidamente entre mim e os que me encaram. Podemos nos ver, mas não atravessá-la.

— Você tá bem? — pergunta Xander.

Tarde demais, percebo que devia ter dito alguma coisa com relação ao comentário de Xander e perguntado que regra ele achou interessante. Se não conseguir me recompor logo, ele vai saber que algo está errado. Nos conhecemos bem demais.

Xander alcança meu cotovelo quando viramos a esquina e saímos do bairro de Mapletree. Depois de darmos mais alguns passos, ele desliza a mão pelo meu braço e entrelaça os dedos aos meus. Se aproxima da minha orelha.

— Uma das regras dizia que nós temos permissão de expressar afeto fisicamente. Se nós quisermos.

E eu quero. Mesmo com toda a tensão que sinto, o toque da mão dele na minha, sem nada nos separando, ainda é bem-vindo e novo. Fico surpresa por Xander reagir com tanta naturalidade. Enquanto caminhamos, reconheço a emoção que vejo em alguns dos rostos das meninas que nos encaram. E inveja, pura e simples. Relaxo um pouco porque consigo entender a razão. Nenhuma de nós achou que poderia ficar com Xander, louro, carismático, inteligente. Sempre pensamos que ele viria a ser o Par de outra garota em outra Cidade, em outra Província.

Mas ele não é. Ele é o meu Par.

Mantenho os dedos presos aos dele enquanto andamos até o centro de recreação. Talvez, se eu não soltar, isso prove que nosso destino era ser mesmo um Par. Que aquele outro rosto na tela não significa nada: que foi só um defeito temporário do micro cartão.

Só que. O rosto que eu vi, o rosto que não era de Xander: eu conheço ele também.



CAPÍTULO 5

— **T**em um lugar aqui — diz Xander, parando na mesa de jogos, no meio da sala. Aparentemente, os outros jovens do Bairro pensaram a mesma coisa que nós em relação às opções de recreação para este sábado, porque o centro está cheio de gente, incluindo a maior parte dos nossos amigos. — Quer entrar, Cassia?

— Não, obrigada — digo. — Vou só assistir essa rodada.

— E você? — ele pergunta para Em, minha melhor amiga.

— Pode ir — ela responde, e nós rimos quando ele abre o sorriso e vira para entregar o cartão de leitura para o Funcionário que toma conta do jogo. Xander sempre foi assim com os jogos — completamente ligado, cheio de energia e expectativa. Me lembro de brincar com ele quando éramos pequenos, de como levávamos tudo a sério e não deixávamos que o outro ganhasse.

Me pergunto quando deixei de gostar dos jogos. É difícil de lembrar.

Xander se acomoda na mesa, diz alguma coisa que faz com que todos riam. Sorrio por dentro. É mesmo muito mais divertido vê-lo jogar do que jogar. E este jogo, Verificação, é um dos favoritos dele. É um jogo de habilidade, do tipo que ele mais gosta.

— Então — diz Em, baixinho, com o som dos risos e da conversa escondendo as suas palavras das outras pessoas. — Como é a sensação? Conhecer o seu Par?

Sabia que ela perguntaria isso. Sei que é o que todo mundo gostaria de saber. E respondo da única forma que posso. Digo a verdade.

— É Xander. É maravilhoso.

Em assente, compreensiva.

— Todo esse tempo ninguém imaginou que podia acabar com um de nós mesmos — diz ela. — E aí acontece.

— Eu sei — digo.

— E Xander. Ele é o melhor de nós. — Alguém a chama e Em vai até outra mesa.

Eu observo Xander pegar as pedras cinzentas e colocá-las nos quadrados cinza e negros do tabuleiro. A maior parte das cores no centro de recreação é sem graça: paredes cinzentas, roupas comuns marrons para os estudantes, roupas comuns em azul-escuro para aqueles de nós que já tiveram acesso a postos de trabalho permanentes. E a luz da sala vem de nós: dos tons dos nossos cabelos, do nosso riso. Quando Xander arruma a última peça, ele me olha, de trás do tabuleiro e diz bem na frente dos seus oponentes.

— Vou ganhar essa partida para o meu *Par*.

Todos se viram para me encarar e ele sorri maliciosamente.

Reviro os olhos para ele, mas ainda estou vermelha momentos depois, quando alguém bate no meu ombro. Me viro.

Uma Funcionária aguarda atrás de mim.

— Cassia Reyes? — pergunta.

— Sim — respondo, olhando para Xander. Ele está concentrado na jogada e não vê o que acontece.

— Você poderia sair um momento? Não vai demorar e não há motivo para ficar preocupada. É só rotina.

Será que ela sabe o que aconteceu quando eu tentei visualizar o micro cartão?

— Claro — respondo, pois não há outra resposta possível quando um Funcionário te pede alguma coisa. Olho



para os meus amigos. Os olhos estão colados no jogo diante deles e nos jogadores que movem as peças. Ninguém repara quando eu saio. Nem Xander. A multidão me engole e sigo o uniforme branco da Funcionária até o lado de fora.

— Deixe eu tranquilizar você e dizer que não há motivos para se preocupar — diz a Funcionária, sorridente. A voz parece bondosa. Ela me leva a uma pequena área verde do lado de fora do centro. Ainda que estar com uma Funcionária me deixe mais nervosa, o ar livre cai bem depois de ter estado no meio da multidão lá dentro.

Caminhamos pela grama bem aparada até um banco metálico que fica exatamente debaixo de um poste. Não se vê nenhuma outra pessoa.

— Você nem precisa me contar o que aconteceu — diz a Funcionária.

— Eu sei. O rosto no micro cartão não era o certo, não é?

Ela é gentil: não me obrigou a dizer as palavras. Assinto.

— Você deve estar muito preocupada. Contou para mais alguém o que aconteceu?

— Não — respondo. Ela sinaliza para que eu me sente no banco, e é o que faço.

— Excelente. Deixe eu tranquilizar você. — Ela me olha bem nos olhos.

— Cassia, absolutamente nada mudou. Você continua a ser o Par de Xander Carrow.

— Obrigada — digo, e me sinto tão grata que não me basta dizer aquilo uma vez. — Obrigada. — A confusão me abandona e finalmente, finalmente, finalmente, eu relaxo. Suspiro e ela ri.

— E posso felicitá-la pelo seu Par? Causou um burburinho. As pessoas estão falando no assunto em toda a Província. Talvez até em toda a Sociedade. Não acontece há muitos anos. — Ela fez uma breve pausa e depois prosseguiu:

— Imagino que você não tenha trazido o micro cartão com você.

— Para falar a verdade, trouxe. — Tiro de dentro do bolso. — Fiquei preocupada... não queria que mais ninguém visse...

Ela estende a mão e deixo o cartão cair na palma aberta.

— Perfeito. Eu cuido disso. — Ela o põe dentro da pequena maleta de Funcionário. Vislumbro o recipiente de seus comprimidos e percebo que é maior do que o padrão. Ela percebe o meu olhar. — Funcionários de nível mais elevado carregam mais — diz ela. — Em caso de emergência. — Assinto e ela prossegue: — Mas você não precisa se preocupar com isso. Agora, isto *aqui* e para você. — Ela pega outro micro cartão de um bolso lateral no interior da maleta. — Eu mesma o verifiquei. Está tudo em ordem.

— Obrigada.

Depois que guardo o novo micro cartão no bolso, nenhuma de nós diz nada, por alguns instantes. A princípio, olho para a grama, os bancos de metal e o pequeno chafariz de concreto no meio da área verde, que despeja jatos prateados de água com intervalos de poucos segundos. Olho para a mulher ao meu lado, tentando vislumbrar a insígnia no bolso da sua blusa. Sei que é uma Funcionária porque usa roupas brancas, mas não sei bem qual é o Departamento da Sociedade que ela representa.

— Eu faço parte do Departamento de Pares, autorizada para lidar com falhas de informação — diz a Funcionária, percebendo meu olhar. — Por sorte, nós não temos muito trabalho. Como a formação dos Pares é muito importante para a Sociedade, ela é muito bem regulada.

As palavras me lembram um parágrafo que consta do material oficial sobre Pares. O objetivo da Formação de Pares é duplo: garantir à nossa Sociedade futuros cidadãos os mais saudáveis possíveis e oferecer as melhores oportunidades para cidadãos interessados em experimentar uma Vida Familiar bem-sucedida. E da maior importância para a sociedade que os Pares sejam os mais perfeitos possíveis.

— Nunca ouvi falar de um erro como esse.

— Temo que aconteça de vez em quando. Não com muita frequência. — Ela fica em silêncio por um momento e depois faz a pergunta que eu não queria ouvir. — Você reconheceu a pessoa cujo rosto você viu?

De repente, de uma forma irracional, fico tentada a mentir. Quero dizer que não faço a mínima ideia de quem se-



ja, que nunca vi aquele rosto antes. Olho de novo para o chafariz, vejo a água subir e descer e sei que a pausa me trai. Por isso, respondo.

— Sim.

— Pode me dizer o nome dele?

Ela já sabe de tudo isso, naturalmente, portanto não há nada a fazer além de dizer a verdade.

— Sim. Ky Markham. É isso o que foi mais estranho em toda a história. As possibilidades de um erro acontecer, e do erro acontecer com alguém que eu conheço...

— São praticamente inexistentes — ela concorda. — É verdade. O que nos leva a pensar se o erro foi intencional, se foi uma espécie de piada. Se descobrirmos a pessoa, vamos puni-la com rigor. Foi uma crueldade. Não só por ser perturbador e deixar você confusa, mas também por causa de Ky.

— Ele sabe disso?

— Não. Não tem a mínima ideia. A razão que me faz dizer que foi cruel usá-lo como parte dessa brincadeira é o fato de ele ser o que ele é.

— O que ele é? — Ky Markham mudou-se para nosso bairro quando tínhamos 10 anos. Ele é bonitinho e quieto. Está sempre na dele. Não é um encenqueiro. Não o encontro tanto quanto costumava. No ano passado, ele recebeu um posto de trabalho e não frequenta mais a Segunda Escola junto com o resto dos jovens do Bairro.

A Funcionária assente e se aproxima um pouco mais, embora ninguém esteja por perto para nos ouvir. A luz do poste brilha sobre nós, quente, e fico um pouco agitada.

— É uma informação confidencial, mas Ky Markham nunca poderia ser seu Par. Ele nunca vai ser Par de ninguém.

— Ele escolheu ser um Solteiro, então. — Não sei bem por que esta informação é confidencial. Muita gente de nossa escola escolheu ser solteira. Existe até um parágrafo sobre o assunto no material oficial sobre os Pares: Por favor, pense cuidadosamente se você é um bom candidato para ter um Par. Lembre-se: os Solteiros são uma parte igualmente importante da Sociedade. Como você sabe, o atual Líder da Sociedade é um Solteiro. Tanto os cidadãos com Pares quanto os Solteiros experimentam vidas plenas e satisfatórias. No entanto, só se permite o nascimento de filhos daqueles que escolheram ter um Par.

Ela se aproxima ainda mais de mim.

— Não. Ele não é um solteiro. Ky Markham é uma Aberração.

Ky Markham é uma Aberração?

As Aberrações vivem entre nós. Não são perigosas como as Anomalias, que têm de ser separadas da Sociedade. Embora as Aberrações geralmente adquiram esta condição devido a uma Infração, elas são protegidas. Suas identidades não costumam ser de conhecimento geral. Só Funcionários do Departamento de Classificação Social e de outras áreas relacionadas têm acesso a tais informações.

Não faço a pergunta em voz alta, mas ela sabe o que estou pensando.

— Lamento dizer que é verdade. Embora não seja culpa dele. Mas o pai dele cometeu uma Infração. A Sociedade não podia ignorar algo assim, apesar de permitir que os Markham adotassem Ky. Ele teve que continuar a ser classificado como uma Aberração, e, por isso, não podia ser candidato a um Par. — Ela suspira. — Os micro cartões são feitos poucas horas antes do Banquete. É provável que seja aí que o erro ocorreu. Já estamos verificando quem teve acesso ao seu micro cartão, quem poderia ter acrescentado o retrato de Ky antes do Banquete.

— Espero que descubram quem foi — digo. — Você está certa. E cruel.

— Vamos descobrir — diz ela, sorrindo para mim. — Eu prometo. — Depois baixa os olhos e dá uma olhada no relógio. — Preciso ir embora agora. Espero ter conseguido acabar com as suas preocupações.

— Conseguiu, muito obrigada. — Tento afastar meus pensamentos do garoto que é uma Aberração. Deveria estar pensando em como é maravilhoso que tudo esteja de volta ao normal. Mas em vez disso, penso em Ky, em como lamento por ele, em como gostaria de não saber disso e como preferia continuar achando que ele tinha escolhido ser



Solteiro.

— Não preciso dizer para manter em segredo a informação sobre Ky Markham, não é? — ela pergunta suavemente, mas percebo o ferro em sua voz. — Só contei para você para que soubesse sem a menor sombra de dúvida que ele nunca poderia ter sido escolhido como seu Par.

— Claro. Não vou dizer nada a ninguém.

— Muito bem. É melhor manter tudo isso em segredo. Naturalmente, podemos marcar uma reunião, se você quiser, explicar aos seus pais, a Xander e aos pais dele o que aconteceu...

— Não! — digo, resoluta. — Não. Não quero que ninguém saiba, a não ser...

— A não ser quem?

Não respondo e subitamente a mão dela está no meu braço. Ela não me segura de forma violenta, mas percebo que ela espera uma resposta à sua curta pergunta.

— Quem?

— Meu avô — admito. — Ele tem quase 80 anos.

Ela solta meu braço.

— Quando é o aniversário dele?

— Amanhã.

Ela pensa por um momento, depois assente.

— Se você acha que precisa conversar com alguém sobre o que ocorreu, ele seria a opção perfeita. Ainda assim. É a única pessoa?

— Sim — digo. — Não quero que mais ninguém saiba. Não me importo que o Vovô saiba porque... — deixo a frase inacabada.

Ela sabe a razão. Pelo menos uma das razões.

— Fico feliz que você pense assim — diz a Funcionária, concordando. — Devo admitir que facilita as coisas para mim. Obviamente, quando conversar com seu avô, você vai avisar que ele ganhará uma anotação se mencionar isso para outra pessoa. E, com toda certeza, não é uma coisa que ele deseje neste momento. Ele poderia perder os privilégios de preservação.

— Eu entendo.

A Funcionária sorri e se levanta.

— Posso ajudar com mais alguma coisa?

Fico feliz com o fim da conversa. Agora que tudo voltou ao lugar no meu mundo, quero voltar para aquela sala cheia de gente. Subitamente, aqui fora parece muito solitário.

— Não, obrigada.

Ela faz um gesto apontando para o caminho que leva ao centro.

— Tudo de bom para você, Cassia. Fico feliz em poder ajudá-la.

Agradeço mais uma vez e saio. Ela fica para trás e me observa. Apesar de saber que é uma bobagem, sinto como se ela me observasse até chegar à porta, até atravessar os corredores, voltar para a sala e ir até a mesa em que Xander continua a jogar. Ele ergue a cabeça e me olha nos olhos. Ele reparou que eu tinha saído. *Está tudo bem?*, seus olhos me perguntam e eu faço que sim. Agora está.

Tudo voltou ao normal. Melhor do que o normal — posso apreciar novamente o fato de ter Xander como meu Par. Ao mesmo tempo, preferia que ela não tivesse me falado de Ky. Não vou ser capaz de olhá-lo de novo do mesmo jeito agora que sei coisas demais sobre ele.

Há tantos de nós dentro do centro de recreação. A sala está quente e úmida, me lembra a simulação do oceano tropical que fizemos, certa vez, na aula de ciências, uma simulação sobre os recifes de corais que tinham peixes em abundância, antes que o Aquecimento matasse todos. Sinto gosto de suor e respiro água.

Alguém esbarra em mim quando um Funcionário faz um pronunciamento no alto-falante principal. A multidão



faz silêncio e escuta:

— *Alguém deixou cair o recipiente de comprimidos. Por favor, fiquem imóveis e não falem nada até que possamos localizá-lo.*

Todos param imediatamente. Ouço o rumor dos dados e uma suave pancada quando alguém, talvez Xander, poussa uma das peças do jogo. Então tudo fica em silêncio. Ninguém se move. Recipiente perdido é coisa séria. Olho para uma garota que está perto de mim e ela me devolve o olhar, de boca aberta, paralisada. Penso de novo na simulação do oceano, em como o instrutor fez uma pausa no meio para explicar alguma coisa e os peixes projetados pela sala ficaram nos olhando, sem piscar, até ele ligar de novo o simulador.

Todos nós esperamos que alguém aperte o botão, que o instrutor nos diga o que vem a seguir. Minha mente começa a vagar, a escapar deste lugar onde ficamos paralisados. Será que existem outras Aberrações desconhecidas ali na sala, nadando nessa água? *Água*. Tenho outra lembrança da água, uma verdadeira, desta vez, de um dia quando eu e Xander tínhamos 10 anos.

Naquela época, tínhamos mais tempo de recreação livre, e nos verões, geralmente o aproveitávamos na piscina. Xander gostava de nadar na água azul, clorada. Eu gostava de me sentar na superfície cimentada da beirada e balançar os pés para frente e para trás antes de entrar. Era o que estava fazendo quando Xander surgiu ao meu lado, com ar preocupado.

— Perdi o recipiente dos comprimidos — ele me falou em voz baixa.

Olhei para baixo para ter certeza de que o meu continuava preso à roupa de banho. Continuava, o grampo de metal estava bem preso à alça do meu ombro esquerdo. Tínhamos recebido os recipientes de comprimidos havia algumas semanas e, àquela altura, continham apenas um. O primeiro. O azul. Aquele que pode nos salvar. Aquele que contém nutrientes em quantidade suficiente para nos manter por vários dias, se também tivermos água.

Havia muita água na piscina. Este era o problema. Como Xander ia encontrar o recipiente?

— Deve estar debaixo d'água — respondi. — Vamos pedir para o salva-vidas esvaziar a piscina.

— Não — disse Xander, de queixo erguido. — Não diz para eles. Vão me dar uma anotação por ter perdido. Não diz nada. Eu vou achar.

Portar os próprios comprimidos é um passo importante para a independência. Perdê-los é como admitir que não se está pronto para responsabilidades. Nossos pais portam nossos comprimidos até que tenhamos idade o bastante para cuidar deles, um por um. Primeiro, o azul, com 10 anos. Depois, quando completamos 13, o verde. E o que nos acalma, quando precisamos nos acalmar.

E quando completamos 16 anos, o vermelho, aquele que nós só podemos tomar quando um Funcionário de alto nível manda.

A princípio, tentei ajudar Xander, mas o cloro sempre fere meus olhos. Mergulhei, mergulhei e então, quando meus olhos ardiam tanto que eu mal conseguia ver, voltei para o cimento ao lado da piscina e tentei olhar sob a superfície da água, iluminada pelo sol.

Nenhum de nós usa relógio quando somos pequenos. O tempo nos é informado. Mas ainda assim, eu soube. Soube que ele já estava debaixo d'água mais do que deveria. Havia medido o tempo com as batidas do coração e com as pancadas das ondas contra as bordas da piscina à medida que uma pessoa, e outra e mais outra, mergulhavam.

Ele se afogou? Por um momento, fiquei ofuscada pelo sol que se refletia na água, pálido, e paralisada pelo medo, que também me pareceu pálido. Mas me levantei, respirei fundo para berrar para o mundo inteiro: *Xander tá debaixo d'água, alguém salva ele!* Antes de o grito sair, uma voz que eu não conhecia me perguntou:

— Ele está se afogando?

— Não sei — respondi, arrancando os olhos da água. Um garoto estava ao meu lado. Pele bronzeada, cabelo escuro. Um garoto novo. Foi tudo que tive tempo de perceber antes que ele desaparecesse, deslizando sob a superfície em um movimento rápido.

Uma pausa, mais algumas batidas das ondas contra o cimento e a cabeça de Xander despontou sobre a água. Ele abriu um sorriso triunfante para mim, segurando o estojo impermeável.



— Achei — disse ele.
— Xander — falei, aliviada. — Você tá bem?
— Claro — disse ele, com o brilho confiante de volta ao olhar. — Por que eu não estaria?
— Você ficou lá embaixo tanto tempo que eu achei que você estava se afogando — admiti. — E aquele garoto também... — De repente, entrei em pânico. *Cadê o outro garoto?* Ele não tinha saído da água para respirar.
— Que garoto? — perguntou Xander, confuso.
— Ele foi te procurar. — E então eu o vi, sob o azul, uma sombra debaixo da água. — Está bem ali. Será que *ele* está se afogando?

Bem naquele momento, o garoto rompeu a superfície da água tossindo, o cabelo reluzente. Um arranhão vermelho, quase curado, mas ainda visível, cortava sua bochecha. Fiz o melhor que pude para não encará-lo. Não apenas porque ferimentos são incomuns em um lugar onde somos tão saudáveis e vivemos em tanta segurança, mas porque eu não o conhecia. Um desconhecido.

O menino levou alguns momentos para recuperar o fôlego. Quando conseguiu, me olhou, mas se dirigiu a Xander, dizendo:

— Você não se afogou.
— Não — concordou Xander. — Mas *voce* quase se afogou.
— Eu sei — disse o garoto. — Queria te salvar. — Ele se corrigiu. — Quer dizer, te ajudar.
— Você não sabe nadar? — perguntei.
— *Achei* que sabia — disse ele, o que fez com que eu e Xander ríssemos. O garoto olhou nos meus olhos e sorriu. O sorriso pareceu surpreendê-lo: pois surpreendeu também a mim, o seu calor.

O garoto voltou a olhar para Xander.

— Ela pareceu preocupada, quando você não voltou à superfície.
— Não estou mais preocupada — disse, aliviada por todos estarem seguros. — Você está visitando alguém? — perguntei para o menino, torcendo para que tivesse vindo fazer uma longa visita. Eu já gostava dele, porque ele quis ajudar Xander.

— Não — respondeu ele, e embora ainda sorrisse, a voz parecia baixa e parada como a água à nossa volta. Ele me olhou bem nos olhos. — Meu lugar é aqui.

Agora, com os olhos fixos na multidão diante de mim, sinto a mesma sensação de alívio e despreocupação ao ver um rosto familiar, alguém com quem, até então, eu estava tremendamente preocupada. Alguém que eu achei que tinha se afogado, ou escorregado, ou sido derrubado e que eu talvez nunca mais visse.

Ky Markham está aqui e ele olha bem para mim.

Sem pensar, dou um passo na sua direção. É quando sinto alguma coisa arrebentar debaixo do meu pé. O recipiente perdido se abriu e tudo o que devia guardar foi despejado no chão e esmagado pelo meu pé. Azul verde vermelho.

Paro na mesma hora, mas o movimento foi percebido. Os Funcionários me cercam e as pessoas perto de mim respiram e exclamam.

— Aqui! Está quebrado.

Preciso me virar quando um Funcionário segura meu cotovelo e me pergunta o que aconteceu. Quando olho de volta para o lugar onde Ky estava, ele sumiu. Como aconteceu naquele dia, na piscina. Como aconteceu com seu rosto no terminal, na minha casa.



CAPÍTULO 6

— **T**inha um garoto novo hoje na piscina — contei para os meus pais naquela noite distante, após o incidente ocorrido enquanto eu e Xander nadávamos. Tive o cuidado de não mencionar que Xander tinha perdido o recipiente de comprimidos dele. Não queria que ele tivesse problemas. A omissão fazia parecer que o próprio comprimido estava preso na minha garganta. Cada vez que eu engolia, sentia sua presença, ameaçando me sufocar.

Mesmo assim, não disse nada.

Meus pais trocaram olhares.

— Um garoto *novo*? Tem certeza? — perguntou meu pai.

— Tenho — respondi. — Se chama Ky Markham. Xander e eu nadamos com ele.

— Então ele está visitando os Markham — disse meu pai.

— Ele foi adotado por eles — contei. — Ele chama Aida de mãe e Patrick de pai. Eu ouvi.

Meus pais se entreolharam. Adoções eram e ainda são praticamente inexistentes na nossa Província de Oria.

Ouvimos uma batida na porta.

— Fica aqui, Cassia — disse meu pai. — Vamos ver quem é.

Eu esperei na cozinha, mas ouvi o sr. Carrow, pai de Xander, na porta, a voz grave e alta retumbando no saguão. Não temos permissão para entrar nas residências dos outros, mas eu imaginava que ele estivesse ali, nos degraus, parecendo uma versão mais velha de Xander. O mesmo cabelo louro. Os mesmos olhos azuis risonhos.

— Falei com Patrick e Aida Markham — disse ele. — Achei que vocês iriam querer saber. O garoto é órfão. É das Províncias Exteriores.

— É? — a voz da minha mãe deixava transparecer uma ponta de preocupação. As Províncias Exteriores ficam na periferia geográfica da Sociedade, onde a vida é mais difícil e mais selvagem. As vezes, as pessoas se referem a elas como Províncias Inferiores, ou Províncias Atrasadas, porque há tão pouca ordem e conhecimento nelas. A concentração de Aberrações é maior ali do que na população em geral. E até mesmo a de Anomalias, dizem. Embora ninguém saiba ao certo onde ficam as Anomalias. Elas costumavam ser mantidas em abrigos, mas muitos deles estão vazios hoje em dia.

— Ele está aqui com toda a aprovação da Sociedade — disse o sr. Carrow.

— O próprio Patrick me mostrou a documentação e disse para contar para qualquer pessoa que pudesse se ocupar. Eu sabia que você ficaria preocupada, Molly, e você também, Abran.

— Bem — disse minha mãe —, tudo parece estar certo.

Me esgueirei pelo canto da parede para olhar a sala e ver meus pais com as costas para mim e o pai de Xander nos degraus, com a noite atrás dele.

O pai de Xander então baixou a voz e eu precisei ouvir com muita atenção para entender o que ele dizia sob o zumbido baixo do terminal, no saguão.

— Molly, você devia ter visto a Aida. E o Patrick. Eles parecem ter voltado à vida. O garoto é sobrinho de Aida. Filho da irmã dela.

Minha mãe levou a mão ao cabelo, gesto que sempre fazia quando se sentia pouco à vontade. Porque todos nós nos lembrávamos muito bem do que havia acontecido com os Markham.

Foi um caso raro de falha do governo. Uma Anomalia de Primeira Classe nunca poderia ter deixado de ser identi-



ficada e muito menos ter permissão para andar pelas ruas e entrar às escondidas nos escritórios do governo onde Patrick trabalhava e que seu filho estava visitando naquele dia. Ninguém falou nada, mas todo mundo sabia. Porque o filho dos Markham tinha desaparecido, tinha sido assassinado enquanto esperava o pai sair de uma reunião em outra parte do prédio. Porque o próprio Patrick Markham precisou passar um tempo sob cuidados, já que a Anomalia tinha esperado em silêncio, dentro do escritório, e atacado Patrick também.

— Sobrinho dela — disse a minha mãe, a voz cheia de empatia. — Claro que Aida ia querer criá-lo.

— E o governo talvez sinta que Patrick mereça que se abra uma exceção

— disse o meu pai.

— Abran — falou minha mãe, em tom de recriminação.

Mas o pai de Xander concordou.

— É uma coisa lógica. Uma exceção como recompensa pelo acidente. Um filho para substituir aquele que eles não deviam ter perdido. E como os Funcionários pensam.

Mais tarde, minha mãe foi até o meu quarto. Com uma voz tão suave quanto os cobertores, ela se acomodou perto de mim e perguntou:

— Você ouviu nossa conversa?

— Ouvi — respondi.

— O sobrinho... filho dos Markham vai para a escola amanhã, pela primeira vez.

— Ky — disse eu. — É o nome dele.

— É.

Ela se abaixou, o cabelo louro e comprido caindo pelos ombros, as sardas parecendo estrelas salpicadas sobre a pele. Sorriu para mim.

— Você vai ser boazinha com ele, não vai? — perguntou. — Vai ajudá-lo a se enturmar? Pode ser difícil ser novo onde todo mundo já tem o seu lugar.

— Vou ser sim — prometi.

Acabou que o pedido foi desnecessário. No dia seguinte, na Segunda Escola, Ky cumprimentou todo mundo e se apresentou. Quieto e veloz, cruzou os corredores. Contou para todos quem era, para que ninguém precisasse perguntar. Quando a campainha tocou, desapareceu nos grupos de alunos. Era inacreditável o quão rápido ele sumia de vista. Ele chegou um dia — afastado, diferente, novo — e de repente se tornou parte da turma, como se tivesse feito aquilo a vida inteira. Como se nunca tivesse morado em outro lugar.

E foi sempre assim com Ky, percebo agora, me lembrando do passado. Sempre o vimos nadando na superfície. Só naquele primeiro dia o vimos mergulhar fundo.

— Tenho uma coisa para contar — digo ao Vovô enquanto puxo uma cadeira para me sentar perto dele. Os Funcionários não me prenderam por muito tempo no centro de recreação, depois que pisei nos comprimidos. Ainda tinha tempo o bastante para fazer uma visita a ele. Fico grata, porque seria a minha penúltima. O pensamento me faz sentir vazia.

— Ah — diz o Vovô. — Algo de bom? — Ele está sentado perto da janela, como costuma fazer à noite. Ele olha o sol deixar o mundo e a chegada das estrelas e, às vezes, me pergunto se também vê o sol voltar. E difícil dormir quando você sabe que está quase no fim? Será que você deseja não perder nenhum momento, mesmo aqueles que poderiam parecer sem graça e insignificantes?

À noite, as cores desaparecem. Cinza e preto tomam conta de tudo. De vez em quando, um pontinho brilhante de luz se acende, à medida que os postes se iluminam. Os trilhos do trem aéreo, foscos à luz do dia, parecem belos caminhos reluzentes sobre o chão, agora que as luzes noturnas foram ligadas. Enquanto olho, um trem aéreo passa velozmente carregando pessoas dentro do seu espaço branco e iluminado.

— Algo de estranho — digo, e o Vovô baixa o garfo. Ele está comendo um pedaço de uma coisa chamada torta, que eu nunca experimentei, mas que parece deliciosa. Gostaria que não houvesse regras que o proibissem de dividir



seus alimentos comigo.

— Tá tudo bem. Xander continua a ser meu Par — digo. A Sociedade me ensinou que é assim que se dá notícias; tranquiliza-se primeiro, depois se diz o resto. — Mas houve um erro com o meu micro cartão. Quando eu fui visualizar, o rosto de Xander desapareceu. E eu vi outra pessoa.

— Você viu outra *pessoa*?

Confirmo, tentando não olhar demais para a comida no prato dele. A textura crocante da crosta açucarada, que me lembra os cristais na beira da neve. Os frutinhas vermelhos espalhados no prato, maduros e saborosos, com certeza. As palavras que eu disse se prendem na minha mente como o doce no pesado garfo de prata. *Eu vi outra pessoa.*

— O que você sentiu quando viu o rosto do outro garoto aparecer na tela? — o Vovô pergunta com delicadeza, segurando minha mão. — Ficou preocupada?

— Um pouquinho — digo. — Fiquei confusa. Porque eu conheço o segundo garoto também.

As sobrancelhas do Vovô se ergueram com a surpresa.

— Conhece?

— É o Ky Markham — digo. — Filho de Patrick e Aida. Ele mora no Bairro Mapletree, na mesma rua que eu.

— Como o Funcionário explicou o erro?

— Não foi um erro da Sociedade — digo. — A Sociedade não comete erros.

— Claro que não — diz Vovô, com o tom de voz comedido e firme. — Mas as pessoas cometem.

— É o que a Funcionária acha que deve ter acontecido. Ela acredita que alguém deve ter adulterado o meu micro cartão e colocado o rosto de Ky nele.

— Por quê? — se espanta ele.

— Ela acha que foi uma brincadeira cruel. Por causa... — Falo mais baixo ainda. —... da condição de Ky. Ele é uma Aberração.

Vovô afasta a cadeira, derrubando a bandeja no chão. Fico surpresa ao ver como ele ficou magro, mas ele continua ereto como uma árvore.

— Havia o retrato de uma Aberração como sendo o *seu* Par?

— Só por um momento — digo, tentando reconfortá-lo. — Mas foi um erro. Xander é o meu Par. O outro garoto nem fazia parte da seleção.

Vovô não se senta, ainda que eu continue na minha cadeira esperando que isso o acalme, o faça ver que está tudo bem.

— Disseram por que ele recebeu essa classificação?

— O pai dele fez alguma coisa — digo. — Não é culpa de Ky. — E não é. Eu sei e o Vovô sabe. Os Funcionários nunca teriam permitido a adoção se o próprio Ky fosse uma ameaça.

Vovô olha para o prato caído no chão, perto da bandeja. Vou pegá-lo, mas ele me impede.

— Não — diz, a voz penetrante, e depois se abaixa com dificuldade. Como se fosse feito de madeira velha, de uma árvore velha, juntas rígidas. Põe os últimos pedaços de comida de volta no prato e depois me olha, com seus olhos claros. Não há nada de rígido neles, estão vivos, cheios de movimento. — Não gostei disso. Por que alguém ia querer mexer no seu micro cartão?

— Vovô — digo. — Por favor, se senta. Foi uma brincadeira de mau gosto e vão descobrir quem fez e cuidar de tudo. Uma Funcionária do Departamento de Pares me garantiu. — Queria não ter contado nada. Por que eu achei que seria reconfortante contar?

E eis que vem.

— Aquele pobre garoto — diz o Vovô, com a voz triste. — Foi marcado, apesar de não ter feito nada de errado. Você conhece bem ele?

— Somos amigos, mas não próximos. Vejo ele às vezes nas horas de recreação livre, aos sábados — explico. — Ele recebeu o posto de trabalho permanente há um ano, por isso não vejo mais ele tanto assim.



— E qual é esse posto de trabalho?

Hesito em contar para o Vovô, porque é dos mais deploráveis. Ficamos surpresos quando Ky recebeu uma função tão inferior, pois Patrick e Aida são respeitados.

— Ele trabalha no centro de descarte de nutrição.

Vovô faz uma careta.

— K um trabalho difícil, desagradável.

— Eu sei — digo. Reparei que, apesar das luvas que os trabalhadores usam, as mãos de Ky ficam permanentemente vermelhas por causa do calor da água, das máquinas. Mas ele não reclama.

— E a Funcionária permitiu que você me contasse? — pergunta o Vovô.

— Sim — digo. — Perguntei se podia contar para uma pessoa. Você.

Os olhos do Vovô reluzem maliciosamente.

— Porque os mortos não podem falar?

— Não — digo. Adoro as piadas do Vovô, mas não posso responder com outra, não sobre esse assunto. Está chegando rápido demais. Vou sentir muita falta dele. — Eu queria contar para você porque eu sabia que você compreenderia.

— Ah — ele ergue as sobrancelhas com ar brincalhão. — E então, eu compreendi?

Agora *eu* estou rindo um pouquinho.

— Não tão bem quanto eu esperava. Você agiu como meus pais agiriam se eu contasse para eles.

— Claro que sim — diz ele. — Quero proteger você.

Nem sempre, penso eu, erguendo as sobrancelhas para olhá-lo. Vovô foi quem finalmente me fez parar de ficar sentada na beira da piscina.

Ele foi nos encontrar num dia de verão e perguntou:

— O que ela está fazendo?

— O que ela sempre faz — disse Xander.

— Ela não sabe nadar? — perguntou o Vovô, e olhei para ele enfurecida porque podia falar por mim mesma.

Ele sabia disso.

— Sabe — disse Xander. — E que ela não gosta.

— Não gosto da parte de pular — informei.

— Entendo — disse ele. — E o trampolim?

— Não gosto dele, principalmente.

— Tudo bem — ele sentou-se ao meu lado na beirada. Mesmo naquele tempo, quando era mais jovem e forte, eu me lembro de como parecia velho se comparado aos avós dos meus amigos. Meus avós foram um dos últimos casais que escolheram se juntar mais tarde. Tinham 35 anos quando se tornaram um Par. Meu pai, filho único, só nasceu quatro anos depois. Hoje em dia, ninguém tem permissão para ter filhos depois dos 31 anos.

A luz do sol atravessava seu cabelo prateado e me fazia ver cada fio, mesmo que eu não procurasse encontrar tantos detalhes. Aquilo me deixou triste, apesar de estar zangada.

— Isso é *muito* empolgante — disse ele, batendo os pés dentro d'água. — Posso entender por que você não quer fazer outra coisa além de ficar sentada. — Ouvi o tom de provocação na voz dele e me virei.

Então ele se levantou e caminhou até o trampolim.

— Senhor — exclamou a guarda-vidas encarregada da piscina. — Senhor?

— Tenho um passe de recreação — disse o Vovô, sem parar. — Estou com uma saúde excelente.

Depois, subiu a escada até o trampolim parecendo cada vez mais forte à medida que subia mais alto.

Ele não me olhou antes de pular. Foi direto, e antes que reaparecesse na superfície da água, eu estava de pé, caminhando pelo cimento quente e molhado até a escada para o trampolim, com as solas dos pés e o orgulho em chamas.

E eu pulei.



— Você está lembrando da piscina, não é? — ele me pergunta agora.

— Estou — digo, rindo um pouco. — Ali você não me protegeu. Praticamente me desafiou a pular para a morte — e me encolho porque não queria dizer aquela palavra. Não sei por que tenho medo dela. Vovô não tem. A Sociedade não tem. Eu não deveria ter.

Vovô não parece reparar.

— Você estava pronta para pular — diz ele. — Só não tinha certeza disso ainda.

Nós dois ficamos em silêncio, lembrando. Tento não olhar o relógio na parede. Preciso sair logo, para chegar em casa na hora, mas não quero que o Vovô pense que estou contando os minutos. Contando os minutos para o fim da nossa visita. Contando os minutos para o fim da vida dele. Apesar de também estar marcando o tempo da minha própria vida, se você pensar no assunto. A cada minuto que você passa com alguém, você entrega a outra pessoa uma parte da sua vida e toma um pouco da dela.

Vovô percebe minha distração e pergunta no que eu estou pensando. Eu digo, já que não vou ter muitas outras oportunidades de fazê-lo, e ele estende o braço e me segura a mão.

— Fico feliz em te dar uma parte da minha vida — diz ele, e isso é tão gentil de se dizer, e ele diz com tanta bondade que eu repito. Apesar de ter quase 80 anos, apesar do seu corpo ter me parecido frágil mais cedo, ele me segura com força e mais uma vez, fico triste.

— Tem outra coisa que eu queria dizer — digo. — Escolhi fazer caminhadas como minha atividade de lazer do verão.

Ele parece feliz.

— Voltaram a oferecer? — Vovô costumava caminhar nas horas de lazer dele, muitos anos atrás, e sempre falou no assunto.

— É uma novidade desse verão. Nunca tinham oferecido antes.

— Fico imaginando quem deve ser o instrutor — diz ele, pensativo. Depois, olha pela janela. — Fico imaginando por onde vão te levar para caminhar. — Sigo mais uma vez o seu olhar. Não há muitas florestas por aí, embora haja muitas áreas verdes: parques e campos de recreação.

— Talvez nos levem para uma das áreas de recreação maiores — digo.

— Talvez para a Colina — diz ele, o brilho voltando a seus olhos.

A Colina é o último lugar da Cidade que ainda é coberto de bosques e selvagem. Eu a visualizo agora, suas costas verdes saindo do Arboreto onde minha mãe trabalha. Costumava ser usada principalmente para treinamento do Exército, mas como a maior parte do Exército foi transferida para as Províncias Exteriores, não é mais tão necessária.

— Você acha? — pergunto animada. — Nunca fui lá antes. Quer dizer, estive no Arboreto muitas vezes, claro, mas nunca tive permissão de ir até a Colina.

— Você vai adorar se te deixarem caminhar pela Colina — diz o Vovô, com o rosto animado. — E uma coisa incrível subir até o ponto mais alto que os olhos podem ver, sem ninguém abrindo o caminho para você, sem um simulador. Tudo é real...

— Você acha mesmo que vão permitir que a gente caminhe por ali? — pergunto. O entusiasmo dele é contagiante.

— Espero que sim. — Vovô contempla a janela, na direção do Arboreto, e me pergunto se a razão que o leva a passar tanto tempo olhando para fora, ultimamente, é porque ele gosta de lembrar do que carrega consigo.

E como se ele pudesse ler a minha mente.

— Não sou nada mais que um velho sentado aqui com as lembranças dele, não é?

Eu sorrio.

— Não tem nada errado nisso. — Na verdade, ao final da vida, é até encorajado.

— Não é exatamente o que eu estou fazendo — diz o Vovô.

— É?



— Estou *pensando*. — Mais uma vez, ele sabe o que eu penso. — Não é a mesma coisa que se lembrar. Lembrar faz parte do pensamento, mas não é tudo.

— No que você está pensando?

— Em muitas coisas. Um poema. Uma ideia. Sua avó.

Minha avó morreu cedo, de um dos últimos tipos de câncer, quando estava com 62 anos. Não a conheci. O compacto era dela antes de ser meu — um presente da sogra, a mãe do Vovô.

— O que você acha que ela diria sobre o meu Par? — pergunto a ele. — Sobre o que aconteceu hoje?

Ele fica em silêncio e eu espero.

— Acho — diz, finalmente — que ela perguntaria se você pensou bem.

Quero perguntar o que ele quer dizer com isso, mas escuto um sino que anuncia que o último trem para os Bairros vai passar logo. Preciso ir.

— Cassia? — diz Vovô, quando me levanto. — Você ainda tem o compacto que eu te dei, não é?

—Tenho — digo, surpresa com a pergunta. E a coisa mais valiosa que eu possuo. A coisa mais valiosa que jamais vou possuir.

— Você pode trazer para o meu Banquete Final amanhã? — pede.

Lágrimas me vêm aos olhos. Ele precisa vê-lo mais uma vez para se lembrar da minha avó, da mãe dele.

— Claro que sim, Vovô.

— Obrigado.

Minhas lágrimas ameaçam se derramar no rosto dele, quando me abaixo para beijá-lo. Eu me contenho. Não choro. Me pergunto quando vou poder. Não vai ser amanhã à noite, no Banquete Final. Vai ter gente olhando. Para ver como o Vovô lida com a partida e para ver como nós suportamos perdê-lo.

Enquanto percorro o corredor, ouço outros moradores conversarem entre si ou com visitantes, por trás de portas fechadas, e o som dos terminais é muito alto, já que muitos dos idosos não ouvem bem. Alguns quartos estão em silêncio. Talvez alguns, como Vovô, estejam sentados diante das janelas abertas e pensem em pessoas que não estão mais aqui.

Ela perguntaria se você pensou bem.

Entro no elevador e aperto o botão, me sentindo triste, estranha e confusa. O que ele quis dizer?

Eu *sei* que, para o Vovô, o tempo está se esgotando. Já sei disso há muito tempo. Mas por que, quando as portas do elevador se fecham, eu sinto subitamente que o meu tempo também está se esgotando?

Minha avó ia querer saber se eu pensei que aquilo podia não ser um erro, afinal de contas. Que Ky talvez estivesse destinado a ser o meu Par.

Por um momento, eu pensei. Quando vi o rosto de Ky piscar na minha frente tão rapidamente que não deu nem para ver a cor dos olhos dele, só a escuridão deles ao me contemplarem, eu me perguntei: *será que é você?*



CAPÍTULO 7

Hoje é domingo. Meu avô faz 80 anos, e por isso vai morrer esta noite.

As pessoas costumavam acordar e se perguntar “Será que hoje é o fim? ou se deitavam para dormir sem saber se retornariam da escuridão. Agora, sabemos em que dia a luz vai se acabar e qual noite será a longa última noite. O Banquete Final é um luxo. Um triunfo do planejamento, da Sociedade, da vida humana e da sua qualidade.

Todos os estudos mostram que a melhor idade para se morrer é 80 anos. É tempo o bastante para que possamos ter uma experiência completa da vida, mas não tanto assim que nos faça sentir inúteis. Essa é uma das piores sensações que os idosos podem experimentar. Em sociedades anteriores à nossa, eles podiam contrair doenças terríveis, como a depressão, por não se sentirem mais necessários. E também há um limite para o que a Sociedade pode fazer. Depois dos 80 anos, não dá para evitar a indignidade do envelhecimento por muito mais tempo. Há um limite para o que a formação de Pares com genes saudáveis pode fazer.

As coisas nem sempre foram tão justas. Antigamente, nem todo mundo morria com a mesma idade e havia todos os tipos de problemas e incertezas. Você podia morrer em qualquer lugar — na rua, em um centro médico, como a minha avó, até no trem aéreo. Você podia morrer sozinho.

Ninguém devia morrer sozinho.

É bem cedo numa manhã azul clara e rosa pálida quando chegamos ao trem aéreo quase vazio e percorremos o caminho de cimento até a porta do prédio do Vovô. Quero sair da trilha, tirar os sapatos e andar descalça pela grama fresca e pontuda, mas hoje não é dia para se desviar do planejado. Não vamos trabalhar nem ter horas de lazer. Hoje o dia é todo dedicado ao Vovô. Amanhã, as coisas voltam ao normal e nós seguimos em frente, e ele terá partido.

É o esperado. É o justo. Fico me lembrando disso quando entramos no elevador para ir até o apartamento dele.

— Pode apertar o botão — digo para Bram, tentando brincar com ele. Bram e eu costumávamos brigar para ver quem ia apertar os botões quando vínhamos fazer visitas. Bram sorri e aperta o 10. *Pela última vez*, penso com meus botões. Depois de hoje, não vai mais haver o Vovô para ser visitado. Não vamos ter razão para voltar.

Muita gente não conhece os seus avós tão bem assim. O tipo de relacionamento que eu tenho com meus outros avós, nos Campos, é muito mais comum. Nos comunicamos através do terminal com intervalos de alguns meses e os visitamos com intervalos de alguns anos. Muitos netos assistem ao Banquete Final nas telas dos terminais, um pouco distantes do que está acontecendo. Nunca invejei aquelas crianças. Eu sentia pena delas. Até mesmo hoje, eu me sinto do mesmo jeito.

— Quanto tempo nós temos antes do Comitê aparecer? — Bram pergunta a papai.

— Mais ou menos meia hora. Todo mundo está com os prementes?

Confirmamos. Cada um de nós trouxe algo para dar ao Vovô. Não sei bem o que meus pais escolheram para ele, mas sei que Bram foi ao Arboreto pegar uma pedra do lugar mais próximo possível da Colina.

Bram me pega olhando para ele, e abre a palma da mão para me mostrar a pedra de novo. É redonda e marrom, e ainda está meio suja. Parece um pouco com um ovo, e quando ele apareceu com ela ontem, me disse que a achara debaixo de uma árvore, numa pilha de folhas de pinheiro parecida com um ninho.

— Ele vai adorar — digo a Bram.

— Ele também vai adorar o seu. — Bram volta a fechar a mão em torno da pedra. As portas se abrem e entramos no corredor.



Meu presente para o Vovô é uma carta. Acordei bem cedo esta manhã e passei muito tempo cortando, colando e copiando pensamentos no programa de composição de cartas do terminal. Antes de imprimi-la, encontrei um poema da década em que ele nasceu e também o incluí. Não é muita gente que continua a gostar de poesia depois de concluir os estudos, mas o Vovô nunca deixou de gostar. Ele leu todos os Cem Poemas muitas vezes.

Uma das portas no corredor se abre e uma velha põe a cabeça para fora.

— Vocês vão para o Banquete do sr. Reyes? — pergunta, e nem espera a nossa resposta. — É particular, não é?

— É sim — diz meu pai, parando educadamente para falar com ela, apesar de estar ansioso em ver o pai dele. Ele não consegue deixar de olhar para a porta fechada do apartamento do Vovô, no fim do corredor.

A mulher resmunga um pouco.

— Queria que fosse público. Eu gostaria de ir para ter ideias. O meu é em menos de dois meses. Pode apostar que vai ser público. — Ela ri um pouco, um som curto e áspero, e pergunta: — Vocês podem vir me contar como foi, depois?

Minha mãe vem acudir meu pai, como eles sempre costumam fazer um pelo outro.

— Talvez — diz Mamãe, sorridente. Ela pega a mão do meu pai e vira as costas para a mulher.

Ouvimos um suspiro de decepção e um som seco atrás de nós, quando a mulher fecha a porta. Uma placa diz que é a sra. Nash e eu me lembro de ter ouvido o Vovô falar sobre ela. Intrmetida, ele tinha dito.

— Ela não pode esperar a hora dela, em vez de falar do assunto no dia do Vovô? — resmunga Bram, abrindo a porta da residência do Vovô.

Já parece um lugar diferente. Mais quieto. Um pouco mais solitário. Acho que é porque o Vovô não está mais sentado à janela. Hoje ele descansa numa cama na sala de estar, à medida que seu corpo para de funcionar. Bem na hora.

— Podem me levar para perto da janela? — pede, depois de nos cumprimentar.

— Claro. — Meu pai alcança a beirada da cama e a empurra suavemente até a luz do princípio da manhã. — Lembra quando você fez isso para mim? Quando eu era pequeno e tomei todas aquelas vacinas?

Vovô sorri.

— Aquela era uma outra casa.

— E uma outra vista — meu pai concorda. — Tudo que eu via daquela janela era o quintal do vizinho e o trilho do trem aéreo, quando eu olhava bem para o alto.

— Mas acima disso tudo, estava o céu — diz o Vovô suavemente. — Você quase sempre consegue ver o céu. E o que vem depois disso, eu me pergunto? E depois?

Bram e eu nos entreolhamos. Vovô deve estar um pouco desorientado, o que é esperado. No dia em que os idosos completam 80 anos, o declínio sempre se acelera. Nem todo mundo morre exatamente na mesma hora, mas é sempre antes da meia-noite.

— Convidei meus amigos para aparecerem imediatamente após a visita do Comitê — diz Vovô. — E depois que saírem, eu queria passar um tempo sozinho com cada um de vocês. Começando por você, Abran.

Meu pai assente:

— Claro.

O Comitê não demora. Eles chegam, três homens e três mulheres em longos jalecos brancos, e também trazem coisas consigo. As roupas que o Vovô vai usar no Banquete. Equipamento para a preservação de tecidos. Um micro cartão com a história da vida dele, que ele pode assistir do terminal.

À exceção talvez do micro cartão, acho que Vovô vai preferir nossos presentes.

Depois de alguns momentos, o Vovô reaparece com as roupas do Banquete. São basicamente roupas comuns, calças simples, uma camisa, meias, mas tudo feito com tecido de boa qualidade e ele pôde escolher a cor.

Sinto um nó na garganta quando vejo que a cor que ele escolheu para as roupas é um verde-claro. Somos tão parecidos. E me pergunto se ele percebeu, quando nasci, que os dias dos nossos Banquetes seriam tão próximos, pois os nossos aniversários acontecem com poucos dias de diferença.



Sentamo-nos educadamente, Vovô na cama e o resto de nós em cadeiras, enquanto o Comitê conclui sua parte na comemoração.

— Sr. Reyes, estamos entregando o micro cartão com imagens e registros da sua vida — dizem eles. — O material foi reunido por um de nossos melhores historiadores, em sua honra.

— Obrigado — diz o Vovô, estendendo a mão.

A caixa que contém o micro cartão é como a caixa prateada que ganhamos quando conhecemos nosso Par, a não ser pela cor: dourada. O micro cartão tem imagens do Vovô na infância, na adolescência, na vida adulta. Ele não via essas imagens há anos e acredito que esteja empolgado em vê-las hoje. O micro cartão também inclui um resumo da vida dele em palavras, lido por um dos historiadores. Vovô vira a caixa dourada em suas mãos, como fiz com a minha de prata há pouco tempo, no Banquete do Par. Sua vida cabe nas palmas das mãos, assim como a minha. Uma das mulheres fala em seguida. Parece mais delicada do que os outros, mas talvez seja por ser menor e mais jovem do que o resto.

— Sr. Reyes, já escolheu a pessoa que vai ficar com o seu micro cartão quando o dia terminar?

— Meu filho, Abran — diz o Vovô.

Ela oferece o instrumento para coleta de tecidos, que a Sociedade permite que aconteça em particular, junto com a família, como última cortesia para com os idosos.

— E ficamos felizes em anunciar formalmente que seus dados indicam que o senhor se qualificou para a preservação. Nem todo mundo se qualifica, como o senhor sabe, e é outra honra que o senhor pode acrescentar a sua já longa lista de conquistas.

Vovô tira o instrumento dela e lhe agradece mais uma vez. Antes que ela possa lhe perguntar quem poderia receber a amostra, ele responde.

— Meu filho Abran também pode cuidar disso.

Ela assente.

— Basta esfregar na bochecha e guardar a amostra aqui — diz ela, de-monstrando. — E então selar. É preciso levar a amostra ao Departamento de Preservação Biológica em até 24 horas após a coleta. Caso contrário, não podemos garantir que a preservação será possível.

Fico feliz pelo Vovô ter se qualificado para ter uma amostra de tecido congelada. Agora, para ele, a morte não vai ser necessariamente o fim. Algum dia, a Sociedade talvez ache uma forma de nos trazer de volta. Não prometem nada, mas acho que todos sabemos que isso vai acabar acontecendo. Quando foi que a Sociedade deixou de atingir uma meta?

O homem ao lado da mulher fala:

— A comida para os seus convidados e a sua última refeição devem chegar em menos de uma hora. — Ele se debruça para entregar ao Vovô um menu impresso em um cartão. — Há alguma mudança de última hora que o senhor deseje fazer?

Vovô olha para o cartão e sacode a cabeça.

— Tudo parece em ordem.

— Aproveite então seu Banquete Final — disse o homem, guardando o cartão no bolso.

— Obrigado. — A boca do Vovô assume uma expressão irônica, ao dizer aquilo, como se ele soubesse algo que os outros não sabem. Na saída, os membros do Comitê apertam a mão dele e dizem “Parabéns”. E posso jurar que sou capaz de ler os pensamentos do Vovô, quando ele os encara com seus olhos sagazes. *Estão me felicitando pela minha vida ou pela minha morte?*

— Vamos acabar com isso — diz o Vovô com brilho nos olhos, encarando o instrumento de coleta de tecidos, e todos nós rimos do seu tom de voz. Vovô esfrega a bochecha, coloca a amostra em um tubo de ensaio transparente e o sela. Um pouco daquela solenidade toda foi embora depois que o Comitê partiu.

— Está tudo indo bem — diz o Vovô, entregando o tubo de ensaio para meu pai. — Até aqui, estou tendo uma



morte perfeita.

Meu pai se encolhe, uma expressão de dor passando pelo rosto. Eu sei que ele, como eu, preferia que o Vovô não usasse aquela palavra, mas nenhum de nós pensa em corrigi-lo hoje. A dor no rosto do meu pai faz com que ele pareça mais jovem, quase uma criança, por um momento. Talvez ele se lembre da morte da mãe — tão rara, tão difícil se comparada a um Banquete Final como esse.

Depois de hoje, ele não será mais o filho de ninguém.

Mesmo sem querer, penso no filho assassinado dos Markham. Comemoração nenhuma. Nada de preparação de tecidos, nem despedidas. *Isso quase não acontece mais*, me lembro. *As chances de algo assim acontecer são quase de uma em um milhão.*

— Temos presentes para você — diz Bram para o Vovô. — Podemos entregar agora?

— *Bram* — meu pai diz em tom de recriminação. — Talvez ele queira preparar o micro cartão para a visualização. Os convidados dele estão para chegar.

— Eu quero mesmo fazer isso — diz o Vovô. — Estou ansioso para ver a minha vida passar diante dos meus olhos. E estou ansioso pela comida.

— O que você escolheu? — pergunta Bram, afoito. As seleções feitas para o Vovô e os convidados são as mesmas, mas a lei diz que a gente deve comer direto das bandejas e ele, do prato *dele*. Não temos permissão para compartilhar.

— Todas as sobremesas — diz o Vovô, com um sorriso. — Bolo. Pudim. Biscoitos. E mais alguma coisa. Mas deixa eu ver o seu presente antes, Bram.

Bram abre um sorriso.

— Fecha os olhos.

Vovô obedece e estende a mão. Bram coloca a pedra delicadamente na palma do Vovô. Algumas partículas de terra caem sobre o cobertor que envolve o Vovô e minha mãe se aproxima para afastá-las. Mas no último segundo, ela recolhe a mão e sorri. Vovô não vai se importar com a terra.

— Uma pedra — diz o Vovô, abrindo os olhos e contemplando. Ele sorri para Bram. — Estou com a sensação de que sei onde foi que você encontrou isso.

Bram sorri e abaixa a cabeça. Meu avô segura a pedra com força.

— Quem é o próximo? — pergunta ele, quase alegremente.

— Queria dar o meu presente mais tarde, durante as despedidas — diz meu pai em voz baixa.

— Assim eu não vou ter muito tempo para desfrutá-lo — provoca o Vovô.

De repente, fico constrangida com a carta — não quero que ele a leia na frente de todo mundo.

— Eu também quero fazer isso — digo.

Há uma batida na porta: alguns dos amigos do Vovô. Minutos depois de abrirmos a porta, outros chegam. E outros. E depois, a equipe de nutrição com todas as sobremesas do Vovô — sua última refeição — e bandejas separadas para os convidados.

Vovô tira a cobertura do seu prato e um perfume maravilhoso, de frutas mornas, enche o ambiente.

— Achei que vocês gostariam da torta — diz o Vovô, olhando para mim. Quer dizer que ele reparou, no outro dia, e eu sorrio para ele. Depois de um sinal dele, tiro as tampas das bandejas dos convidados e nos reunimos para comer. Sirvo todo mundo primeiro e depois pego minha fatia de torta, crocante, morna, recheada de frutas. Ergo o garfo para levar o doce à boca.

Eu me pergunto se a morte sempre tem um gosto tão bom.

Depois de todos os convidados baixarem os garfos e suspirarem satisfeitos, eles conversam com o Vovô, que se encosta em uma pilha de travessheiros brancos e espessos. Bram continua a comer, se fartando com pedaços de tudo. Vovô sorri para ele do outro lado do aposento, divertindo-se.

— E tão *bom* — diz Bram, enquanto mastiga um pedaço de torta, e Vovô solta uma gargalhada, um som tão cá-



lido e familiar que também sorrio e baixo a mão. Estava a ponto de tocar no braço de Bram para pedir que parasse de se fartar. Mas se o Vovô não se incomoda, por que eu deveria?

Meu pai não come nada. Põe um pedaço de tona em um prato branco e redondo e o segura nas mãos, a calda escorrendo da porcelana sem que ele perceba. Uma gotinha cai no chão quando ele se levanta para se despedir dos convidados do Vovô após a visualização do micro cartão.

— Obrigado por terem vindo — diz Papai, e minha mãe se abaixa para secar a gota com seu guardanapo. Outra pessoa vai morar ali depois que o Vovô partir e eles não vão querer ver vestígios do Banquete de alguém. Mas não é por isso que minha mãe age daquela forma, percebo. Ela queria poupar meu pai de qualquer preocupação, mesmo a mais minúscula delas. Ela pega o prato do meu pai quando a porta se fecha depois da saída do último convidado.

— Hora de ficar em família — diz ela, e meu avô assente.

— Ainda bem — diz ele. — Tenho coisas para dizer a cada um de vocês.

Até então, a não ser pelo momento em que falou sobre o que viria a seguir, o Vovô estava se comportando como sempre. Ouvi que alguns dos idosos surpreendem a todos no fim, ao escolherem uma morte sem dignidade. Choram, se transtornam, enlouquecem. Isso só deixa as famílias mais tristes. Não há nada que possam fazer a respeito. E assim que as coisas são.

Numa espécie de acordo silencioso, minha mãe, Bram e eu vamos para a cozinha, deixando que meu pai seja o primeiro a conversar com o Vovô. Bram, sonolento e entupido de comida, encosta a cabeça na mesa e adormece, roncando baixinho. Minha mãe acaricia seu cabelo castanho e encaracolado com a mão, e eu imagino que Bram esteja sonhando com mais sobremesas, um prato cheio delas. Meus olhos também estão pesados, mas não quero perder nenhum momento do último dia do Vovô.

Depois do meu pai, é a vez de Bram, e em seguida, minha mãe entra para falar com o Vovô. Seu presente é uma folha da árvore preferida dele no Arboreto. Ela a colheu ontem, e por isso as beiradas ficaram enroladas e castanhas, mas o meio permanece verde. Ela me disse, enquanto esperávamos e Bram dormia, que o Vovô tinha pedido para fazer sua última comemoração no Arboreto, ao ar livre. Naturalmente, o pedido foi negado.

Finalmente, a minha vez. Enquanto entro no quarto, reparo que as janelas estão abertas. A tarde não está fresca e a brisa parece premente e quente ao soprar no apartamento. Mas logo vai anoitecer e refrescar.

— Quis sentir a corrente de ar — diz meu avô, quando eu me sento na cadeira ao lado da cama.

Entrego o presente. Ele me agradece e lê.

— São belas palavras — diz o Vovô. — Lindos pensamentos. — Eu devia ficar feliz, mas sei que algo ainda está por vir. — Mas não são suas palavras, Cassia. — Vovô fala com delicadeza.

Meus olhos ardem com as lágrimas quando olho para minhas mãos. Minhas mãos que, como as de quase todo mundo em nossa Sociedade, não podem escrever, que só sabem como usar as palavras de outras pessoas. Palavras que decepcionaram meu avô. Queria ter trazido uma pedra, como Bram. Ou não ter trazido nada. Até chegar aqui de mãos vazias teria sido melhor do que decepcionar o Vovô.

— Você tem as suas próprias palavras, Cassia — diz o Vovô. — Já ouvi algumas delas e são lindas. E você já me deu um presente, ao me visitar com tanta frequência. Eu continuo a amar essa carta porque vem de você. Não quero ferir seus sentimentos. Quero que você confie nas suas palavras. Você entende?

Levanto os olhos e encontro os dele. Faço que sim, porque sei que é o que ele quer que eu faça e posso dar a ele tal presente mesmo que minha carta seja um fracasso. Depois, penso em outra coisa. Desde aquele dia no trem aéreo, guardei a semente de choupo dentro do bolso da minha roupa comum. Tiro e entrego para ele.

— Ah — diz ele, erguendo-a para examiná-la com mais atenção. — Muito obrigado, querida. Veja. Está trilhando nuvens de glória.

Começo a achar que o Vovô talvez *já* esteja indo embora. Não sei o que ele quer dizer. Olho para a porta pensando em chamar um dos meus pais.

— Eu sou um velho hipócrita também — diz ele, com os olhos novamente cheios de malícia. — Disse para vo-



cê usar suas palavras e agora vou pedir para ver as de outra pessoa. Deixa eu ver o seu compacto.

Surpresa, eu o entrego. Ele o segura, bate com força na palma da mão, torce alguma coisa. A base do compacto se abre e solto uma exclamação de surpresa ao ver um papel sair lá de dentro. Percebo imediatamente que é velho — pesado, espesso, amarelado, nada parecido com as ondas lisas e brancas de papel que saem dos terminais ou dos escrevinhadores.

Vovô abre o papel com cuidado, delicadamente. Tento não olhar demais, caso ele não queira que eu o veja, mas basta uma olhada para ver que as palavras também são antigas. Não se usa mais aquele tipo. As letras são pequenas, negras e amontoadas.

Os dedos dele tremem. Não sei se é porque o fim da vida se aproxima ou por causa daquilo que ele segura. Quero ajudar, mas sei que é algo que ele precisa fazer sozinho.

Ele não demora muito para ler o que está no papel e quando acaba, fecha os olhos. Uma emoção passa pelo rosto dele e eu não consigo reconhecê-la. Algo profundo.

E então ele abre os seus belos olhos brilhantes e me encara diretamente enquanto redobra o papel.

— Cassia. Isto é para você. E ainda mais precioso do que o compacto.

— Mas é tão... — Paro antes de dizer a palavra *perigoso*.

Não dá tempo. Escuto as vozes do meu pai, da minha mãe e do meu irmão lá fora.

Vovô me olha com amor nos olhos e me entrega o papel. Um desafio, uma oferenda, um presente. Depois de um momento, eu o seguro. Meus dedos se fecham em volta do papel e ele o solta.

Ele me devolve o compacto também. O papel cabe direitinho lá dentro. Quando fecho o artefato, o Vovô se inclina na minha direção.

— Cassia — sussurra. — Eu estou te dando algo que você ainda não é capaz de compreender. Mas acho que vai compreender um dia. Você, mais do que ninguém. E lembre-se: você tem o direito de questionar.

Ele aguenta por muito tempo. Falta uma hora para a meia-noite, numa noite escura, quando o Vovô nos olha e diz as melhores palavras para se encerrar uma vida.

— Eu amo você. Eu amo você. Eu amo você. Eu amo você.

Todos nós repetimos as palavras para ele. Somos sinceros e ele sorri. Recosta-se nos travesseiros e fecha os olhos. Tudo dentro dele funcionou perfeitamente. Ele teve uma vida boa. Ela termina como deveria, exatamente na hora certa. Estou segurando sua mão quando ele morre.



CAPÍTULO 8

— Não tem nada de novo — queixa-se nossa amiga Sera. — São as mesmas exposições dos últimos dois meses. — De novo, sábado à noite, e a conversa é a mesma da semana anterior.

— É melhor do que as outras duas opções — diz Em. — Não é? — Ela olha para mim, esperando minha opinião. Faço um sinal positivo com a cabeça. As opções são as de sempre: centro de recreação, exposição, música. Passou menos de uma semana desde a morte do Vovô, e me sinto estranha. Ele se foi, e eu agora sei que há palavras roubadas dentro do compacto. Parece estranho saber de alguma coisa que os outros não sabem e ter algo que eu não devia ter.

— Então o voto da Cassia vai para a exposição — diz Em, de olho na votação. Ela prende um cacho de cabelo preto em volta do dedo e olha para Xander. — E você?

Tenho certeza que Xander quer voltar ao centro de recreação, mas eu não quero. Nossa última ida para lá acabou não sendo muito boa, comigo pisando nos comprimidos e tendo que conversar com uma Funcionária.

Xander sabe o que passa pela minha cabeça.

— Não foi culpa sua — diz ele. — Não foi você que deixou cair. Não é como se você tivesse recebido uma anotação ou coisa parecida.

— Eu sei. Ainda assim.

Não chegamos a pensar na música. A maioria dos jovens não fica morrendo de vontade de ficar sentada com outras pessoas no salão, ouvindo as Cem Canções serem transmitidas de outro lugar — ou quem sabe, até mesmo de outro tempo. Não me lembro de ter ouvido falar em postos de trabalho relacionados com música. Talvez isso faça sentido. Talvez as canções só precisem ser cantadas uma vez, gravadas e passadas adiante.

— Não, vamos na exposição — diz Xander. — Sabem, aquela sobre a Sociedade? Com todas as vistas aéreas?

— Ainda não vi essa — diz Ky Markham, atrás de mim.

Ky. Eu me viro em sua direção, nossos olhares se encontrando pela primeira vez desde a noite em que pisei nos comprimidos. Não o via desde então. Não o via *em pessoa*, melhor dizendo. A semana inteira, seu rosto apareceu na minha mente do jeito que apareceu na tela, me surpreendendo com sua clareza e desaparecendo de súbito. Me fazendo pensar no que aquilo significava. E por que continuo a pensar nele em vez de esquecer o assunto.

Talvez seja por causa do que o Vovô me disse, no final. Ao me dizer que eu podia questionar. De alguma forma, porém, não acho que ele estivesse se referindo a Ky. Acho que estava se referindo a algo maior. Talvez algo que tivesse a ver com a poesia.

— Então pronto. Vamos ver aquela — diz Sera.

— Como você conseguiu deixar de ver uma exposição assim? — A pergunta de Piper é boa. Nunca perdemos exposições novas. Esta já está em cartaz há vários meses, o que significa que Ky teve muitas oportunidades para ver. — Você não foi assistir com a gente?

— Não — diz Ky. — Trabalhei até tarde naquela noite, eu acho. — O tom é suave, mas como sempre, há algo de mais profundo e sonoro na voz dele. Tem um timbre ligeiramente diferente da maioria. É o tipo de coisa que você esquece até ouvi-la de novo e se lembrar *E isso. Há música na voz dele.*

Ficamos em silêncio, como sempre fazemos quando Ky fala sobre o trabalho dele. Não sabemos o que dizer quando ele o menciona. Agora eu sei que ele provavelmente não se surpreendeu ao ser designado para o centro de



descarte de nutrição. Ele sempre soube que era uma Aberração. Anda por aí com segredos há muito mais tempo do que eu.

Mas a Sociedade *quer* que ele guarde os segredos dele. Não sei o que fariam se descobrissem o meu.

Ky tira os olhos de Piper e volta a me olhar, e me ocorre que sempre me enganei sobre os olhos dele. Achava que eram castanhos, mas agora vejo que são de um tom azul-escuro, acentuado pela cor das suas roupas comuns. Azul é a cor de olhos mais comum na província de Oria, mas há algo de diferente nos dele e não sei bem o que é. Mais profundidade? Me pergunto o que ele vê quando me olha. Se, para mim, ele aparenta profundidade, será que pareço rasa e transparente para ele?

Queria ter um micro cartão sobre Ky, penso. Talvez, como eu não preciso mesmo daquele sobre Xander, eu pudesse pedir outro. A ideia me faz sorrir.

Ky continua a me olhar e penso, por um momento, se ele vai me perguntar no que eu estou pensando. Naturalmente, ele não faz isso. Ele não aprende fazendo perguntas. É uma Aberração das Províncias Exteriores, mas mesmo assim conseguiu se ambientar aqui. Ele aprende por observação.

Então aproveito sua deixa. Não faço perguntas e guardo os meus segredos.

Quando nos sentamos no cinema, Piper vai primeiro. Depois Sera, Em, Xander, eu e, por último, Ky. A tela grande ainda não se abriu e as luzes permanecem acesas, portanto temos alguns minutos para conversar.

— Você tá bem? — pergunta Xander, em voz baixa, em palavras sussurradas perto do meu ouvido. — Não é a história dos comprimidos, é? Ou é por causa do seu Avô?

Ele me conhece tão bem.

— E — digo, e ele segura minha mão e a aperta. Para mim, é estranho como nossos antigos gestos de crianças retornam, aqueles que paramos de fazer à medida que continuávamos amigos, mas crescíamos. Segurar a mão dele ainda parece um gesto de amizade, como algo que eu conheço há anos... mas também é diferente, porque agora significa mais do que isso. Agora significa que somos um Par.

Xander aguarda para ver se eu tenho mais a dizer, mas não tenho. *Não posso contar a Xander sobre Ky porque Ky está sentado bem do meu lado, penso, e não posso contar a Xander sobre o papel porque o lugar está cheio demais.* Esses são os motivos que encontro para não fazer confidências a Xander, como de costume.

Eles não me parecem tão verdadeiros quanto deveriam.

Em diz algo para Xander e ele se vira para responder. Olho para a frente por um momento, pensando em como é estranho que eu tenha começado a esconder segredos de Xander assim que formamos um Par.

— Já faz algumas semanas desde a última vez em que pude passar uma noite de sábado com todos vocês — diz Ky. Olho em sua direção enquanto as luzes começam a baixar, escondendo seu rosto e, de certa forma, diminuindo o espaço entre nós. As palavras seguintes guardam vestígios de amargura, só vestígios, mas mais do que eu já ouvi dele. — Fico ocupado com a minha vocação. Fico feliz por vocês não se importarem.

— Não é problema — digo. — Nós somos seus amigos. — Mas mesmo ao dizê-lo, me pergunto se isso é verdade. Não conheço ele do jeito que conheço os outros.

— Amigos. — Ky diz a palavra com suavidade e me pergunto se ele está pensando nos amigos que devia ter nas Províncias Exteriores.

O cinema escurece. Mesmo sem olhar, sei que Ky não está mais virado para mim e que Xander está. Olho para a frente, direto para a escuridão.

Sempre gostei daqueles poucos segundos na sala antes da exibição, quando tudo fica escuro e eu estou esperando. Sinto sempre um aperto no estômago — imaginando se, quando as luzes da exibição se acenderem, talvez eu me encontre completamente sozinha. Ou imaginando se as luzes vão realmente se acender. Sinto que não posso ter certeza, não naquele primeiro momento. Não sei por que gosto disso.

Mas naturalmente as luzes surgem na tela, a exibição começa e eu não estou sozinha. Xander está sentado de um lado, Ky, do outro, e diante de mim a tela apresenta o começo da Sociedade.



A fotografia é excelente, voando baixo sobre o oceano azul, a costa verdejante, os picos nevados das montanhas e a cor dourada dos Campos, até chegar à cúpula branca da nossa Prefeitura (a plateia vibra quando ela aparece). Passa então por mais campos verdes e dourados até chegar a outra Cidade, e a outra, e outra. Em cada Província da Sociedade, as pessoas provavelmente vibram ao verem a sua Cidade — mesmo se já viram esta exibição antes. Quando você vê nossa Sociedade dessa forma, é difícil não sentir orgulho. O que é, naturalmente, o objetivo.

Ky respira fundo e olho para ele. O que vejo me surpreende. Os olhos dele estão arregalados e ele esqueceu de manter o rosto imóvel e calmo. Em vez disso, está iluminado pelo espanto. Parece pensar que está mesmo voando. Nem percebe que eu estou olhando.

Depois daquele começo grandioso, contudo, a exibição é básica. Vemos como as coisas eram antes de a Sociedade existir, e antes de tudo funcionar de acordo com estatísticas e previsões. O rosto de Ky volta a assumir a expressão impassível de sempre. De quando em quando, olho de esguelha para ver se ele voltou a reagir. Mas não volta.

Quando chegam na parte sobre a implementação do Sistema de Pares, Xander se vira para mim. Sob a luz pálida da tela, vejo seu sorriso e retribuo. A mão de Xander aperta a minha e me esqueço de Ky.

Até o final.

No final, a exibição nos leva de volta à situação dos tempos de antes da Sociedade. Como seriam as coisas novamente, se a Sociedade se desmantelasse. Não sei que tipo de cenário eles usaram para fazer esta cena, mas é quase risível. Exageraram no terreno árido e vermelho; nas casinhas deploráveis; nos poucos atores de aparência triste e embrutecida que caminham por ruas perigosas, quase vazias. Então, do nada, surge no céu uma aeronave negra e sinistra, e as pessoas começam a fugir gritando. O Hino da Sociedade toca ao fundo, notas mais agudas e elaboradas se fazem ouvir sobre um baixo bem marcado e forte que transborda de emoção.

A cena é exagerada. Ridícula, especialmente depois da serenidade que testemunhei na casa do Vovô, no domingo. A morte não é assim. Um dos atores cai no chão, de forma dramática. Manchas vermelhas e espalhafatosas de sangue cobrem sua roupa. Ouço Xander soltar uma gargalhada ao meu lado e sei que ele sente o mesmo que eu. Me sinto mal por ter ignorado Ky por tanto tempo e me viro para dividir a piada com ele.

Ele está chorando. Sem fazer barulho.

Uma lágrima desce pelo seu rosto e ele a afasta com tanta rapidez que quase não tenho certeza se ela estava ali, mas estava. Estava sim. E agora outra lágrima, que some tão rápido quanto a primeira. Seus olhos estão tão cheios que me espanto por ele conseguir ver. Mas ele não tira os olhos da tela.

Não estou acostumada a ver alguém sofrer. Me viro. Quando o filme termina, com a reprise das cenas panorâmicas do princípio, Ky respira fundo. Percebo que é com dor. Não olho para ele de novo até as luzes se acenderem na sala. Quando se acendem, ele está calmo e controlado, voltou a ser o Ky que eu conheço. Ou que eu achei que conhecia.

Ninguém mais percebeu. Ky não sabe que eu o vi.

Não digo nada. Não faço perguntas. Me afasto. É assim que eu sou. *Mas não é isso o que o Vovô achou que você poderia ser.* O pensamento vem à minha cabeça como uma olhada casual, como um piscar de luzes ao meu lado. Ky. Será que ele está me olhando? Esperando que nossos olhares se encontrem?

Demoro demais para me virar. Quando me viro, Ky já não está mais me olhando. Se é que em algum momento esteve.



CAPÍTULO 9

Dois dias depois, estou com um grupo de alunos diante do prédio principal do Arboreto. A névoa da manhã começa a se levantar; formas de gente e de árvores parecem sair do nada.

— Você já fez isso? — pergunta a garota do meu lado. Eu não a conheço. Deve ser de outro Bairro, de outra Segunda Escola.

— Para falar a verdade, não — digo, distraída pelo fato de que uma das figuras que saem da neblina tem a forma de Ky Markham. Seus movimentos são silenciosos e seguros. Cuidadosos. Quando me vê, ergue a mão para acenar. Aparentemente, ele se inscreveu para as caminhadas como atividade de lazer de verão. Depois de uma pausa de um segundo, na qual sorrio e aceno para Ky, prossigo. — Não. Já caminhei, mas nunca fiz trilhas.

— *Ninguém* fez isso antes — diz Lon, um garoto chato que eu conheço da minha Segunda Escola. — Não oferecem essa atividade há anos.

— Meu avô sabia fazer — digo.

Lon não cala a boca.

— *Sabia?* Tipo, verbo no passado? Ele morreu?

Antes que eu possa responder, um Oficial em uniforme verde do Exército pigarreia ao se apresentar à nossa frente. Ele é mais velho, com cabelo curto e bem aparado, pele morena. Seu tom de pele e atitude me faz lembrar do Vovô.

— Sejam bem-vindos — diz o Oficial, em frases tão curtas quanto seu cabelo. Ele faz parecer que ninguém é bem-vindo e percebo que as semelhanças com o Vovô não vão longe. Preciso parar de procurar pelo Vovô. Ele não vai se materializar das árvores, por mais que eu deseje que isso aconteça. — Sou seu instrutor. Vocês vão se dirigir a mim como Senhor.

Lon não consegue se conter.

— A gente vai para a Colina?

O Oficial o encara e Lon se encolhe.

— Ninguém — diz o Oficial — fala sem ter a minha permissão. Compreendido?

Todos nós assentimos.

— Não vamos perder tempo. Vamos começar.

Ele aponta atrás de si e indica uma das colinas do Arboreto, coberta por espessa vegetação. Não é a Colina, a grande, mas uma das subidas menores que costumam ser proibidas a não ser quando você trabalha no Arboreto. Essas pequenas colinas não são tão altas, mas minha mãe me diz que ainda são um bom passeio pelo matagal.

— Vão até o topo — diz ele, girando sobre os calcanhares. — Espero vocês lá.

Ele está falando sério? Nenhuma dica? Nenhum treinamento antes de começar?

O Oficial desaparece no mato.

Aparentemente, ele *está* falando sério. Sinto um sorrisinho erguer os cantos da minha boca e sacudo a cabeça para me livrar dele. Sou a primeira a seguir o Oficial bosque adentro. As árvores estão cheias do verde de verão e, no que abro caminho em meio a elas, parecem ter o cheiro do Vovô. Talvez ele esteja nas árvores, afinal de contas. E eu penso, *Se eu ousasse abrir aquele papel este seria o lugar ideal.*

Escuto outras pessoas se movimentarem entre as árvores à minha volta e atrás de mim. Uma floresta, mesmo este



tipo de floresta semicultivada, é lugar barulhento, ainda mais com todos nós a marchar. Arbustos estalam, gravetos são esmagados e alguém solta um palavrão nas imediações. Provavelmente Lon. Movimento-me mais rápido. Preciso lutar com alguns arbustos, mas consigo avançar bem.

Minha mente classificadora deseja identificar o canto dos pássaros à minha volta e dar nomes às plantas e às flores que vejo. Minha mãe provavelmente conhece a maioria, mas jamais terei este tipo de conhecimento especializado, a menos que o trabalho no Arboreto se torne minha vocação.

A subida fica mais difícil e íngreme, mas não é impossível. A pequena colina ainda é parte do terreno do Arboreto, e por isso não é realmente selvagem. Meus sapatos se sujam, as solas cobertas por agulhas de pinheiro e folhas. Paro por um momento e procuro um lugar para tirar uma parte da lama, para poder avançar com mais velocidade. Mas aqui no Arboreto, as árvores caídas e os galhos são removidos imediatamente depois de caírem. Preciso me conformar em esfregar um pé de cada vez no caule nodoso de uma árvore. Meus pés parecem mais leves quando volto a caminhar e ganho velocidade. Vejo uma pedra redonda e lisa, parecida com um ovo polido, que lembra o presente que Bram deu ao Vovô. Deixo-a ali, pequena e marrom sobre a grama, e ando ainda mais rápido, afastando os ramos do caminho e ignorando os arranhões nas mãos. Não paro nem quando o galho de um pinheiro bate em mim e sinto a pancada das agulhas e do galho robusto no meu rosto.

Vou ser a primeira a chegar ao alto desta colina e estou feliz. Há uma leveza nas árvores diante de mim e sei que é porque há céu e sol atrás delas, em vez de mais floresta. Estou quase, á. *Olha para mim, Vovô*, eu penso, mas naturalmente, ele não pode me ouvir.

Olha para mim.

Desvio-me subitamente e mergulho nos arbustos. Avanço com dificuldade até me agachar, sozinha no meio de um tufo cercado por folhas espessas e intrincadas, num lugar onde espero ficar bem escondida. Roupas comuns em marrom escuro ajudam a fazer uma boa camuflagem.

Minhas mãos tremem quando tiro o papel. Era isso o que eu tinha planejado fazer o tempo todo, ao colocar o compacto dentro do bolso das minhas roupas comuns, hoje de manhã? Eu sabia que, de alguma maneira, encontraria o momento certo aqui, no bosque?

Não sei em que outro lugar poderia ler. Se lesse em casa, alguém podia me pegar. O mesmo valeria para o trem aéreo, a escola e o trabalho. Não faz silêncio na floresta, entulhada de vegetação, e o ar úmido e pegajoso da manhã envolve a minha pele. Insetos zumbem, pássaros cantam. Meu braço esbarra em uma folha e uma gota de orvalho pinga no papel fazendo um som de fruto maduro que cai no chão.

O que foi que o Vovô me deu?

Seguro o peso deste segredo na palma da mão e então o abro.

Eu tinha razão. As palavras *são* velhas. Apesar de não reconhecer o tipo de letra, reconheço o formato.

Vovô me deu poesia.

Claro. Minha bisavó. Os Cem Poemas. Eu sei, sem precisar verificar nos terminais escolares, que este poema não é um deles. Ela se arriscou muito escondendo este papel, e meu avô e avó se arriscaram ao guardá-lo. Que poemas valeriam o risco de se perder tudo?

O primeiro verso me deixa paralisada e traz lágrimas aos meus olhos, e não sei a razão, a não ser o fato de que mexe comigo de uma forma que nunca aconteceu antes.

Não entre docemente naquela boa noite

Continuo a ler, decifrando palavras que não conheço e outras que conheço.

Eu sei por que emocionava o Vovô.

Não entre docemente naquela boa noite,

A velhice deve arder e delirar ao fim do seu dia;

Revolte-se, revolte-se contra o apagar da luz;

E enquanto leio, sei por que me emociona:



*Embora os sábios, ao morrer, saibam que a escuridão é o certo
Porque suas palavras não provocaram centelhas, eles
Não entram docemente naquela boa noite.*

Minhas palavras não causaram centelhas. O próprio Vovô me disse isso, antes de morrer, quando dei a ele aquela carta que, na verdade, não escrevera. Nada do que escrevi ou fiz havia feito diferença no mundo e, subitamente, eu sei o que quer dizer revolta e ânsia.

Leio o poema inteiro, devoro, engulo. Leio sobre meteoros e uma baía verde e lágrimas ferozes, e apesar de não compreender tudo — a linguagem é antiga demais — eu compreendo o suficiente. Eu compreendo por que meu Avô amava este poema, porque eu também o amo. Todo ele. A fúria e a luz.

A linha sob o título do poema diz *Dylan Thomas, 1914-1953*.

Há um outro poema do outro lado do papel.

É chamado “Cruzar a Margem” e foi escrito por alguém que viveu num passado ainda mais distante do que Dylan Thomas — *Lord Alfred Tennyson. 1809-1892*.

Há tanto tempo, penso. Há tanto tempo eles viveram e morreram.

E, como Vovô, eles nunca vão voltar.

Faminta, leio o segundo poema também. Leio as palavras dos dois poemas várias vezes, até ouvir um graveto se quebrar estrepitosamente perto de mim. Rapidamente, dobro o papel e o guardo. Demorei demais. Preciso ir, compensar o tempo que perdi.

Preciso correr.

Não me contenho. Isto não é o rastreador, de forma que eu posso forçar o ritmo, através dos galhos e subindo a colina. As palavras do poema de Thomas são tão selvagens e belas que continuo a repeti-las silenciosamente enquanto corro. Penso sem parar, *não entre docemente, não entre docemente, não entre docemente*. Só quando estou quase no topo da colina é que a ficha cai: há uma razão para não terem guardado este poema.

Este poema diz que é preciso lutar.

Mais um galho belisca o meu rosto quando me projeto para a clareira, mas eu não paro — eu avanço até o espaço aberto. Procuro o Oficial. Ele não está ali, mas outra pessoa já chegou ao topo. Ky Markham.

Para minha surpresa, estamos sozinhos no alto da colina. Nada do Oficial. Nem dos outros caminhantes.

Ky está mais relaxado do que jamais o vi, apoiado nos cotovelos com o rosto virado para o sol e os olhos fechados. Parece diferente e desarmado. Ao olhá-lo, percebo que é nos seus olhos que mais percebo a distância que ele mantém. Porque, quando ele me escuta, os abre e me olha, e quase acontece. Eu quase vislumbro algo de real antes de voltar a ver o que ele quer que eu veja.

O Oficial sai das árvores, do meu lado. Ele se movimenta silenciosamente, e me pergunto o que ele teria observado na mata. Será que me viu? Ele baixa os olhos para o terminal portátil na sua mão e depois me olha.

— Cassia Reyes? — pergunta ele. Aparentemente, foi previsto que eu seria a segunda a chegar. Minha parada não deve ter sido tão longa quanto pensei.

— Sim.

— Sente-se ali e aguarde — diz o Oficial, apontando para a clareira coberta de grama no alto da colina. — Aproveite a vista. De acordo com os dados, ainda vai demorar alguns minutos para o resto chegar até aqui. — Ele faz um gesto para o aparelho e depois desaparece atrás das árvores.

Faço uma pequena pausa antes de caminhar para junto de Ky, tentando me acalmar. Meu coração bate veloz, por causa da correria. E por causa do som nas árvores.

— Olá — diz Ky, quando me aproximo.

— Olá. — Sento na grama ao lado dele. — Não sabia que você também estava praticando caminhada.

— Minha mãe achou que seria uma boa opção. — Reparo na facilidade com que ele emprega a palavra “mãe” para descrever sua tia Aida. Penso em como ele se encaixou na vida daqui, em como ele se tornou o que todos espe-



ravam no Bairro Mapletree. Apesar de ser novo e diferente, ele não chamou atenção por muito tempo.

Na verdade, eu nunca o tinha visto terminar nada em primeiro lugar e falo antes de pensar.

— Você venceu todos nós hoje — digo, como se o fato não fosse óbvio.

— É — diz ele, me olhando. — Exatamente como previsto. Fui criado nas Províncias Exteriores, e tive mais experiência em atividades assim. — Ele fala de maneira formal, como se estivesse recitando dados, mas reparo no brilho do suor no seu rosto. E o jeito com que ele alonga as pernas diante de si parece familiar. Ky também veio correndo e ele deve ser bem rápido. Será que existem rastreadores nas Províncias Exteriores? Se não existiam, para onde ele corria? Haveria coisas das quais ele *tinha* que correr?

Não consigo evitar e pergunto a Ky uma coisa que eu não devia:

— O que aconteceu com a sua mãe?

Os olhos reluzem para mim, surpresos. Ele sabe que não me refiro a Aida e eu sei que ninguém jamais fez esta pergunta a ele. Também não sei o que a provocou. Talvez a morte do Vovô e aquilo que li no bosque tenham me deixado sensível e vulnerável. Talvez eu não queira ficar pensando em quem me observou nas árvores.

Eu devia pedir desculpas. Mas não peço e não é porque esteja com vontade de ser cruel. E porque acho que ele talvez quisesse me contar.

Mas eu estou errada.

— Você não devia perguntar isso — diz ele. Não me olha, de forma que só vejo um lado dele. O perfil, o cabelo escuro úmido com a névoa e a água que caiu das árvores quando ele passou por elas. Ele cheira a floresta, e ergo as mãos para cheirá-las... para sentir se também estou com esse cheiro. Pode ser minha imaginação, mas me parece que meus dedos cheiram a tinta e papel.

Ky tem razão. Eu sei muito bem que não devia fazer uma pergunta dessas. Mas depois ele me pergunta algo que *ele* não devia ter perguntado.

— Quem foi que *voce* perdeu?

— O que você quer dizer?

— Dá para ver — diz ele, na maior simplicidade. Agora ele está me olhando. Os olhos continuam azuis.

O sol bate forte na minha nuca e no alto da minha cabeça. Fecho os olhos do jeito que Ky fez antes e jogo a cabeça para trás para sentir o calor sobre as pálpebras e o nariz.

Nenhum de nós diz nada. Não fico com os olhos fechados por muito tempo, mas quando os abro, a luz do sol me ofusca por um instante. Naquele instante, sei que quero contar para Ky.

— Meu avô morreu na semana passada.

— Foi inesperado?

— Não — digo, mas na realidade foi, de certo modo. Não esperava que o Vovô dissesse as coisas que disse. Mas esperava sua morte. — Não — repito. — Foi o octogésimo aniversário dele.

— Correto — diz Ky, de forma pensativa, quase para si mesmo. — As pessoas aqui morrem quando completam 80 anos.

— É. Não é assim no lugar de onde você veio? — Fico surpresa pelas palavras escaparem da minha boca... menos de dois segundos antes ele me lembrara que era melhor não fazer perguntas sobre o seu passado. Desta vez, porém, ele me responde.

— Oitenta é... uma idade mais difícil de se chegar — diz ele.

Espero que a surpresa não transpareça no meu rosto. Existem diferentes idades para se morrer em lugares diferentes?

As pessoas soltam exclamações e os pés se batem contra a beirada da floresta. O Oficial volta a sair do mato e pergunta os nomes à medida que chegam à clareira. Mudo de posição para me levantar e juro que escuto o compacto no meu bolso bater contra o recipiente dos comprimidos. Ky se vira para me olhar e prendo a respiração. Me pergunto se ele pode saber que existem palavras na minha cabeça, palavras que luto para me lembrar e memorizar. Porque



sei que não poderei voltar a abrir aquele papel. Preciso me livrar dele. Sentada ali, ao lado de Ky, sorvendo o sol com minha pele, minha mente fica clara... e me permito perceber o que era aquele som no mato, mais cedo. O som agudo, de gravetos se partindo.

Alguém me viu.

Ky respira e se aproxima.

— Eu vi você — diz ele, com a voz suave e profunda como a água caindo lá longe. Ele é cauteloso com as palavras, pronunciando-as de forma que não possam ser captadas pelos outros. — No mato.

Então. Pela primeira vez que eu possa me lembrar, ele me toca. A mão no meu braço, rápida e quente, e afastada dali sem que eu mal me dê conta.

— Você precisa ter cuidado. Uma coisa dessas...

— Eu sei. — Quero tocá-lo também, pôr minha mão no braço dele, mas não o faço. — Vou destruir.

Seu rosto continua sereno, mas o tom da voz trai o nervosismo.

— Você consegue fazer isso sem ser pega?

— Acho que sim.

— Eu podia ajudar. — Ele olha casualmente para o Oficial ao dizer aquilo e eu me dou conta de algo que nunca reparara até agora porque ele esconde tão bem. Ky sempre age como se alguém o estivesse observando. E aparentemente, ele também observa.

— Como é que você conseguiu chegar no alto antes de mim? — pergunto de repente. — Se você me viu no mato?

Ky parece surpreso com a pergunta.

— Eu corri.

— Eu também corri —digo.

— Devo ser mais rápido — diz ele, e por um momento vejo um ar de deboche, quase um sorriso. Depois desaparece e ele volta a ficar sério, premente. — Você quer que eu te ajude?

— Não. Não, eu posso cuidar disso. — Então, por não querer que ele pense que eu sou uma idiota, alguém que se arrisca apenas pelo prazer de se arriscar, acabo dizendo mais do que devia. — Meu avô me deu. Eu não devia ter guardado por tanto tempo. Mas... as palavras são tão lindas.

— Você consegue se lembrar delas sem ver?

— Por enquanto. — Tenho a mente de uma classificadora, afinal de contas. — Mas sei que não vou ser capaz de guardar para sempre.

— E você quer isso?

Ele acha que sou estúpida.

— São tão lindas — repito, sem graça.

O Oficial grita. Mais pessoas saem das árvores. Alguém chama por Ky, alguém chama por mim. Separamo-nos, despedimo-nos, caminhamos para lugares diferentes no alto da pequena colina.

Todo mundo contempla alguma coisa a distância. Ky e seus amigos encaram a cúpula da Prefeitura, conversando sobre alguma coisa. O Oficial contempla a Colina. O grupo com quem estou olha para o refeitório do Arboreto e tagarela sobre o almoço, sobre voltar para a Segunda Escola e se os trens aéreos vão estar circulando na hora ou com atraso. Alguém ri, porque os trens aéreos nunca se atrasam.

Um verso do poema vem à minha cabeça: *ali naquela triste altura*.

Torno a jogar a cabeça para trás e olho o sol através das pálpebras fechadas. E mais forte do que eu. Queima vermelho na escuridão.

As perguntas na minha mente fazem um zumbido parecido com aquele dos insetos no mato, mais cedo. O que aconteceu com você nas Províncias Exteriores? Que Infração seu pai cometeu que foi capaz de te tornar uma Aberração? Você acha que eu sou maluca por querer guardar poemas? O que tem na sua voz que me faz querer te ouvir falar?



E você que devia ser o meu Par?

Depois, percebo que a única pergunta que não me passou pela cabeça era a mais premente de todas. *Você vai guardar meu segredo?*



CAPÍTULO 10

O padrão no meu bairro mudou esta noite. Alguma coisa está errada. As pessoas esperam no ponto do trem aéreo de caras fechadas, sem conversar umas com as outras. Entram no vagão sem os cumprimentos habituais aos que saltam. Um pequeno carro aéreo branco, um veículo oficial, permanece parado ao lado de uma casa com janela azuis na nossa rua. A minha casa.

Desço com pressa as escadas metálicas do ponto do trem aéreo e procuro mais alterações no padrão à medida que caminho. As calçadas não me dizem nada. Estão limpas e brancas como sempre. As casas próximas à minha, trancadas, dizem um pouco mais — se se trata de uma tempestade, ela será aguardada atrás de portas fechadas.

O equipamento de aterrissagem do carro aéreo está delicadamente aberto, pousado na grama. Atrás das cortinas brancas da janela, vejo vultos se mexerem. Subo os degraus correndo e hesito diante da porta. Será que eu devo bater?

Digo a mim mesma para manter a calma, para manter a clareza. Por alguma razão, lembro do azul nos olhos de Ky e consigo pensar melhor, percebendo que ler corretamente a situação é meio caminho andado para superá-la. *Pode ser qualquer coisa. Podem estar examinando o sistema de distribuição de alimentos casa a casa. Isso aconteceu uma vez, num Bairro aqui perto. Eu ouvi falar.*

Pode não ter nada a ver comigo.

Será que estão contando aos meus pais sobre o rosto de Ky no micro cartão? Será que sabem que o Vovô me deu alguma coisa? Ainda não tive a oportunidade de destruir os poemas. O papel continua no meu bolso. Será que alguém além de Ky me viu lendo no mato? Será que foi o sapato do Oficial que partiu aquele graveto?

Pode ser que tenha tudo a ver comigo.

Não sei o que acontece quando as pessoas infringem as regras, porque as pessoas aqui do Bairro não fazem isso. Tem umas anotações insignificantes de vez em quando, como acontece quando Bram se atrasa. Mas são coisas pequenas, erros pequenos. Não são grandes erros, ou erros cometidos de propósito.

Infrações.

Não vou bater. E minha casa. Respiro fundo, giro a maçaneta e abro a porta.

Alguém espera por mim lá dentro.

— Você voltou — diz Bram, com alívio na voz.

Meus dedos apertam o pedaço de papel no meu bolso e olho na direção da cozinha. Talvez eu possa chegar até o tubo de incineração e enfiar os poemas no fogo lá embaixo. O tubo vai registrar uma substância desconhecida. Papel espesso é totalmente diferente dos produtos de papel — guardanapo, impressões do terminal, envelopes de entrega — que nós temos permissão de descartar nas nossas casas. Mas talvez seja mais seguro que guardá-lo. Não podem reconstruir as palavras depois que eu as tiver queimado.

Vejo de relance um Funcionário Biomédico de jaleco branco comprido, cruzando o corredor e entrando na cozinha. Solto os poemas, tiro a mão do bolso. Vazia.

— O que houve? — pergunto a Bram. — Cadê Papai e Mamãe?

— Estão aqui — diz Bram, a voz trêmula. — No quarto deles. Os Funcionários estão revistando o Papai.

— Por quê? — Meu pai não está com os poemas. Nunca nem ouviu falar deles. Mas será que isso importa? A classificação de Ky aconteceu por causa da infração do pai dele. Será que o meu erro pode mudar toda a minha família?



Talvez o compacto seja o lugar mais seguro para os poemas, afinal de contas. Meus avós o mantiveram escondido ali durante anos.

— Eu já volto — digo a Bram e entro no quarto, tiro o compacto do armário. *Giro*. Abro a base e coloco o papel lá dentro.

— Alguém entrou? — um Funcionário no corredor pergunta para Bram.

— Minha irmã — diz Bram, parecendo aterrorizado.

— Para onde ela foi?

Giro, de novo. O compacto não fecha direito. Um pedaço do papel fica de fora.

— No quarto, mudando de roupa. Ela se sujou na caminhada — a voz de Bram parece mais firme agora. Ele está me protegendo, embora não saiba a razão. E está fazendo um bom trabalho.

Ouçoo passos no corredor, volto a abrir o compacto e esconder todo o papel dentro.

Giro, um estalo abafado acontece. *Finalmente*. Com uma das mãos, abro o zíper da minha roupa. Viro a cabeça quando a porta se abre, com surpresa e ultraje no rosto.

— Estou me trocando! — exclamo.

O Funcionário sacode a cabeça, vendo a sujeira na minha roupa.

— Por favor, venha até a entrada quando estiver pronta — diz ele. — Depressa.

Minhas mãos suam um pouco enquanto tiro as roupas que cheiram a floresta e as coloco no depósito da lavanderia. Depois, em outras roupas comuns, sem nada que possa parecer ou cheirar a poesia, deixo o quarto.

— Papai não entregou a amostra de tecido do Vovô — Bram diz num sussurro assim que volto ao hall. — Ele perdeu. É por isso que estão aqui. — Por um momento a curiosidade dele supera o pânico. — Por que você precisava mudar de roupa com tanta pressa? Você não tava *tão* suja assim.

— Eu *tava* suja — respondo em voz baixa. — Pssss. Escuta. — Ouçoo murmúrios no quarto dos meus pais e depois a voz da minha mãe, mais alta. E não posso acreditar no que Bram me disse. Meu pai *perdeu* a amostra do Vovô?

A tristeza corta o medo dentro de mim. É ruim, muito ruim que meu pai tenha cometido um erro tão enorme. Não só porque significa encrenca para ele e para nós. Porque significa que o Vovô partiu de verdade. Não podem trazer ele de volta sem a amostra.

De repente, me vejo torcendo para que os Funcionários achem algo na nossa casa.

— Espera aqui — digo a Bram, e entro na cozinha. Um Funcionário Biomédico está de pé perto do receptáculo de lixo sacudindo um aparelho para cima e para baixo, para frente e para trás, sem parar. Ele dá um passo e recomeça a fazer os movimentos em um outro lugar da cozinha. Vejo as palavras escritas na lateral do objeto. *Instrumento de Detecção Biológica*.

Relaxo um pouquinho. É claro. Eles têm um negócio para detectar o código de barras gravado no tubo usado pelo Vovô. Eles não precisam virar a casa de cabeça para baixo. Talvez acabem nem achando o papel. E talvez *achem* a amostra.

Como Papai pôde perder algo tão importante? Como pôde perder o próprio pai?

Apesar das minhas instruções, Bram me segue até a cozinha. Toca no meu braço e voltamos para o corredor.

— Mamãe ainda está discutindo lá dentro — diz ele, fazendo um gesto para o quarto dos nossos pais. Pego a mão de Bram e a seguro com força. Os

Funcionários não *precisam* revistar meu pai. Eles têm os Instrumentos de Detecção que dizem a eles onde procurar. Mas imagino que queiram deixar uma coisa clara: meu pai devia ter sido mais cuidadoso com algo tão importante.

— Também estão revistando a Mamãe? — pergunto a Bram. Vamos to-dos ter que compartilhar da humilhação do nosso pai?

— Acho que não — diz Bram. — Ela só queria ficar junto com o Papai.

A porta do quarto se abre e Bram e eu saímos da frente dos Funcionários.

Os jalecos brancos fazem com que pareçam altos e puros. Um deles percebe o quanto estamos assustados e nos



dá um pequeno sorriso para nos reconfortar. Não funciona. Ele não pode devolver a amostra perdida, nem a dignidade do meu pai. O dano já foi feito.

Meu pai caminha atrás dos Funcionários, pálido e infeliz. Em comparação, minha mãe parece corada e zangada. Ela segue meu pai e os Funcionários até a sala da frente e Bram e eu ficamos na entrada para ver o que vai acontecer.

Não encontraram a amostra. Sinto um aperto no coração. Meu pai, no meio da sala, é repreendido pela Equipe Biomédica.

— Como você faz uma coisa dessas?

Ele sacode a cabeça.

— Não sei. E imperdoável. — As palavras parecem inexpressivas, como se ele as tivesse repetido tantas vezes que já abandonara qualquer esperança de que os Funcionários acreditassem nele. Ele permanece ereto, como sempre faz, mas o rosto parece cansado e envelhecido.

— Você compreende que não há como trazê-lo de volta agora — dizem.

Meu pai assente, o rosto cheio de dor. Apesar de estar zangada com ele por ter perdido a amostra, percebo que se sente péssimo. Claro que sim. *E o Vovô*. Apesar da raiva, queria segurar a mão do Papai, mas ele está cercado por Funcionários demais.

E sou um poço de hipocrisia. Também fiz algo que contrariava as regras hoje e o que eu fiz foi intencional.

— Isto pode resultar em algumas sanções a você no trabalho — diz uma Funcionária para o meu pai, num tom tão cruel que me pergunto se ela mesma não vai receber uma anotação. Ninguém deve falar assim. Mesmo quando erros acontecem, não se deve levar a coisa para o pessoal.

— Como pode-se esperar que você trabalhe na restauração e descarte de artefatos quando não consegue saber onde deixou *uma* amostra de tecido? Especialmente quando sabia o quanto era importante?

Um dos outros Funcionários fala baixo.

— Você arruinou a amostra que pertencia a seu próprio *pai*. E não relatou a perda.

Meu pai passa a mão sobre os olhos.

— Fiquei com medo — diz. Ele sabe da seriedade da situação. Não precisa que lhe expliquem. A cremação ocorre horas depois da morte. Não há forma de se obter outra amostra. Acabou. Ele se foi. O Vovô realmente se foi.

Minha mãe aperta os lábios com força e seus olhos reluzem, mas a raiva dela não é dirigida ao Papai. Ela está zangada com os Funcionários por fazerem ele se sentir pior do que já se sentia.

Apesar de não haver nada a dizer, os Funcionários não vão embora. Alguns momentos de frio silêncio se passam em que ninguém diz nada e nós pensamos em como nada pode salvar o Vovô nesse momento.

Uma campainha toca na cozinha. O jantar chegou. Minha mãe sai da sala. Escuto ela pegar a entrega de alimentos e a colocar sobre a mesa. Quando volta, os sapatos batem com força no assoalho. Ela fala sério.

— Está na hora da refeição — diz ela, olhando para os Funcionários. — Temo que não tenham nos enviado porções extras.

Os Funcionários se irritam um pouco. Ela está tentando dispensá-los? Difícil dizer. O rosto parece convidativo, o tom pesaroso, mas firme. E ela é tão bonita, cabelos louros despencando nas costas, bochechas coradas. Nada disso deveria importar. Mas, de alguma forma, importa.

E além disso: nem Funcionários ousam incomodar demais a hora das refeições.

— Vamos relatar isto — disse o mais alto. — Tenho certeza de que será emitida uma anotação do mais alto grau, e que o próximo erro resultará numa infração completa.

Meu pai assente. Minha mãe volta a olhar para a cozinha para lembrá-los de que a comida está lá, esfriando, e possivelmente perdendo nutrientes. Os Funcionários acenam brevemente com a cabeça, um por um, e saem, cruzando o hall, passando pelo terminal e pela única porta da casa.

Quando saem, a família inteira suspira de alívio. Meu pai vira para nós.

— Sinto muito — diz ele. — Sinto muito. — Ele olha para a minha mãe e aguarda que ela fale.



— Não se preocupe — diz ela corajosamente. Ela sabe que meu pai agora cometeu um erro que vai estar documentado de forma permanente no banco de dados. Sabe que isso significa que o Vovô partiu para sempre. Mas ela ama o Papai. Ama demais, penso às vezes. Penso agora. Porque se *ela* não está zangada com ele, como *eu* posso estar?

Quando nos sentamos para jantar, minha mãe abraça ele e pousa a cabeça no seu ombro por um momento, antes de lhe entregar a embalagem de alumínio. Ele estende a mão para tocar no seu cabelo, no seu rosto. Ao observá-los, penso que algum dia algo parecido pode acontecer a mim e a Xander. Nossas vidas estarão tão entrelaçadas que o que um de nós fizer vai afetar o outro da forma mais profunda, como a árvore que minha mãe transplantou certa vez, no Arboreto. Ela me mostrou quando fui visitá-la. Era uma coisinha de nada, uma árvore bebê, mas ainda se prendia a coisas e exigia cuidado para ser mexida. E quando ela finalmente a puxou, as raízes ainda seguravam a terra da sua antiga casa.

Será que Ky fez isso ao vir para cá? Trouxe alguma coisa consigo? Teria sido difícil. Ele deve ter sido revistado cuidadosamente e precisava se adaptar bem depressa. Ao mesmo tempo, não consigo entender como não traria *alguma coisa*. Secreta, talvez, interior, intangível. Algo para nutrir. Algo para fazê-lo se lembrar de casa.

Pés batendo, punhos cerrados, começo a correr no rastreador.

Queria poder correr lá fora, longe da tristeza e da vergonha da minha casa. O suor escorre pela minha roupa de exercício, pelo meu cabelo, pelo meu rosto. Passo a mão no rosto e olho para a tela do aparelho.

Há uma elevação no gráfico: a simulação de uma colina. *Ótimo*. Cheguei ao ápice do exercício, a parte mais difícil, a mais rápida. O rastreador gira sob os meus pés, uma máquina inspirada nas trilhas circulares onde as pessoas costumavam competir. O nome diz exatamente o que ela faz — rastreia informações sobre a pessoa que corre ali. Se você corre demais, pode ser um masoquista, uma anoréxica, ou coisa parecida e vai ter que visitar um Funcionário de Psicologia para receber um diagnóstico. Se fica determinado que você corre muito porque gosta mesmo disso, então pode ganhar um passe atlético. Eu tenho um.

Minhas pernas doem um pouco. Olho para frente e me esforço para ver o rosto do Vovô dentro da minha mente, para mantê-lo ali. Se não existe uma possibilidade de que ele volte, então sou eu quem precisa mantê-lo vivo.

A inclinação aumenta e mantenho o ritmo, desejando a sensação da subida da colina hoje cedo, quando estávamos caminhando. Ao ar livre. Galhos, arbustos, lama e sol no alto da colina com um garoto que sabe mais do que diz.

O rastreador solta um bipe. Cinco minutos para o fim do exercício, para que eu tenha corrido a distância e o tempo que devo para manter o melhor ritmo cardíaco possível e o melhor índice de massa corporal possível. Preciso ser saudável. É parte do que nos torna formidáveis, o que mantém nossa expectativa de vida longa.

Todas as coisas que antigos estudos mostraram serem boas para a longevidade — casamentos felizes, corpos saudáveis — estão ao nosso alcance. Temos vidas boas e longas. Morremos no dia do aniversário de 80 anos, cercados por nossas famílias, antes de sermos consumidos pela demência. Câncer, doença cardíaca e a maioria das doenças incapacitantes foram praticamente eliminados. Nenhuma sociedade chegou tão perto da perfeição.

Meus pais conversam lá em cima. Meu irmão faz o dever de casa e eu corro para lugar nenhum. Todos nesta casa fazem o que deveriam estar fazendo. Tudo vai ficar bem. Meus pés batem com força na superfície do rastreador e eu elimino minhas preocupações passo a passo. Passo a passo a passo a passo a passo.

Estou cansada, não sei se posso continuar, quando o rastreador apita e diminui a velocidade, diminui, diminui até parar. Tempo exato, programado pela Sociedade. Abaixo a cabeça, ofegante, tentando respirar. Não há nada para ver no alto da colina.

Bram está sentado na beirada da minha cama, esperando por mim. Segura algo. A princípio, acho que é o compacto e dou um passo para a frente, preocupada — *Será que ele achou a poesia?* —, então percebo que é o relógio do Vovô. O artefato de Bram.

— Enviei uma mensagem pelo terminal para os Funcionários, faz alguns minutos — diz Bram. Seus olhos redondos me observam, cansados e tristes.

— Por que você fez isso? — pergunto chocada. Por que ele ia querer ver ou falar com um Funcionário depois



do que aconteceu hoje?

Bram segura o relógio.

— Achei que talvez desse para tirar tecido disso aqui. Porque o Vovô tocou nele muitas vezes.

A esperança atravessa minhas veias como adrenalina. Tiro uma toalha de um gancho no armário e seco o rosto.

— O que eles disseram? Responderam alguma coisa?

— Mandaram uma mensagem dizendo que não era o bastante. Não ia funcionar. — Ele esfrega a superfície reluzente do relógio com a manga, para limpar as manchas dos dedos. Ele olha para o mostrador do relógio como se ele pudesse dizer alguma coisa.

Mas não pode. Bram ainda não sabe como ver as horas. Além do mais, o relógio do Vovô não funciona há décadas. Não é nada além de um belo artefato. Pesado, feito de prata e vidro. Nada parecido com as faixas de plástico fino que nós usamos hoje em dia.

— Eu pareço com o Vovô? — pergunta Bram, esperançosamente. Ele escorrega o relógio no braço. Fica frouxo em volta do seu pulso fino. Magrela, de olhos castanhos, bem ereto, pequeno — ele *realmente* se parece um pouco com o Vovô naquele momento.

— Sim. — Me pergunto se existe alguma coisa do Vovô para ser vista em mim. Gostei da trilha de hoje. Gosto de ler os Cem Poemas. Aquelas coisas que eram parte dele também são parte de mim. Penso nos outros avós que tenho nos Campos, em Ky Markham e nas Províncias Exteriores, e em todas as coisas que não sei e nos lugares que nunca verei.

Bram sorri com a minha resposta e olha orgulhosamente para o relógio.

— Bram, não pode levar isso para a escola, você sabe. Vai arranjar encrenca.

— Eu sei.

— Você viu o que aconteceu com Papai quando os Funcionários vieram atrás dele. Você não quer que eles fiquem furiosos com você por infringir a regra sobre artefatos.

— Não vou fazer isso — diz ele. — Sei muito bem. Não quero perder. — Ele pega a caixa de prata do meu Banquete do Par. — Posso guardar aqui? Parece um bom lugar. Tipo, especial. — Ele dá de ombros, constrangido.

— Tudo bem — digo com algum nervosismo. Vejo ele abrir a caixa de prata e guardar o artefato cuidadosamente lá dentro, junto com o microcartão. Ele nem olha para o compacto, na prateleira, e eu me sinto grata por isso.

Mais tarde naquela noite, quando está escuro e Bram já foi para a cama, abro o compacto e tiro o papel. Não olho para ele. Em vez disso, eu o coloco no bolso das minhas roupas comuns para o dia seguinte. Amanhã, vou achar um incinerador de lixo longe de casa onde possa jogá-lo. Não quero que ninguém me pegue fazendo isso aqui. Agora é perigoso demais.

Me deito e olho o teto, tentando de novo pensar no rosto do Vovô. Não consigo lembrá-lo. Impaciente, rolo na cama e alguma coisa dura me aperta, de lado. O recipiente dos comprimidos. Devo ter deixado cair quando troquei de roupas comuns mais cedo. Não costumo ser assim tão descuidada. Sento. A luz dos postes atravessa as janelas, amortecida. É o suficiente para que eu veja os comprimidos ao abrir a tampa e espalhá-los na cama. Por um momento, enquanto meus olhos se acostumam, todos parecem ter a mesma cor. Depois, consigo perceber as diferenças. O misterioso comprimido vermelho. O azul que nos ajudará a sobreviver em caso de emergência, porque nem mesmo a Sociedade controla a natureza o tempo inteiro.

E o verde.

A maioria das pessoas que eu conheço tomam o verde de vez em quando. Antes de uma prova difícil. Na noite do Banquete do Par. Em qualquer ocasião em que precisem se acalmar. Você pode tomá-lo uma vez por semana sem chamar a atenção dos Funcionários.

Mas eu nunca tomei o comprimido verde.

Por causa do Vovô.

Fiquei tão orgulhosa em mostrar para ele quando comecei a carregá-lo.



— Olha — disse a ele, desatarrachando a tampa do recipiente prateado. — Eu agora tenho o azul e o verde. Só preciso do vermelho e já vou ser adulta.

— Ah — exclamou o Vovô, parecendo estar adequadamente impressionado. — Você está crescendo, com toda certeza. — Ele fez uma pausa. Nós estávamos andando ao ar livre, na área verde perto do apartamento dele. — Você já tomou o verde?

— Ainda não — disse. — Mas preciso fazer uma apresentação sobre uma das Cem Pinturas na minha aula de Cultura, semana que vem. Talvez eu tome. Não gosto de falar na frente de ninguém.

— Qual é a pintura? — perguntou ele.

— Número 19 — digo e ele parece pensativo, tentando lembrar qual é. Ele não conhece... não conhecia... as Cem Pinturas tão bem quanto os Cem Poemas. Ainda assim, ele soube qual era depois de pensar um pouco. — A do Thomas Moran — arrisca, e eu faço que sim com a cabeça. — Gosto das cores nessa — diz ele.

— Eu gosto do céu — respondi. — E tão dramático. Todas as nuvens lá no alto e no cânion. — A pintura parecia um pouco perigosa, volumosas nuvens cinzentas, pedras vermelhas e pontudas, e eu também gostava disso.

— É — disse ele. — É uma bela pintura.

— Como isso aqui — disse eu, apesar da área verde ser bonita de forma totalmente diferente. Flores desabrochavam em toda parte em cores que não podíamos usar nas roupas: rosas, amarelos, vermelhos, quase atordoantes na sua intensidade. Capturavam o olhar, perfumavam o ar.

— Área verde, comprimido verde — disse o Vovô, e então olhou para mim e sorriu. — Olhos verdes numa menina verde.

— Parece poesia — exclamei e ele riu.

— Obrigado. — Ele parou por um momento. — Eu não tomaria esse comprimido, Cassia. Não por causa de um trabalho da escola. Talvez nunca tomasse. Você é forte o bastante para não precisar tomá-lo.

Agora, deito de lado e aperto o comprimido verde com minha mão. Acho que não vou tomá-lo, nem mesmo hoje. *Vovô acha que sou forte o bastante para não precisar tomá-lo.* Fecho os olhos e penso na poesia do Vovô.

Comprimido verde. Área verde. Olhos verdes. Menina verde.

Quando adormeço, sonho que o Vovô me deu um buquê de rosas.

— Tome isso em vez do comprimido — ele me fala. E é o que faço, tiro as pétalas de cada rosa. Para minha surpresa, há uma palavra escrita em cada pétala, uma palavra de um dos poemas. Não estão na ordem correta, e isso me confunde, mas ponho-as na boca e provo. Têm gosto amargo, do jeito que imagino ser o sabor do comprimido verde. Mas sei que o Vovô está certo. Preciso guardar as palavras por dentro, se quiser mantê-las comigo.

Quando acordo de manhã, o comprimido verde continua na minha mão e as palavras continuam na minha boca.



CAPÍTULO 11

Os sons do café da manhã na cozinha cruzam o corredor e chegam ao meu quarto. A campainha, anunciando a chegada da entrega de comida que desliza pela fenda. Uma pancada, Bram derrubando alguma coisa. As cadeiras rangem, vozes murmuram enquanto minha mãe e meu pai conversam com Bram. Logo o cheiro da comida entra pela porta, ou talvez até atravesse as paredes finas da casa, infiltrando-se em tudo. O cheiro é familiar, cheiro de vitaminas e alguma coisa metálica, talvez o papel-alumínio.

— Cassia? — chama Mamã, por trás da porta. — Você está atrasada para o café.

Eu sei. Eu quero me atrasar para o café. Não quero ver meu pai hoje. Não quero conversar sobre o que aconteceu ontem, mas também não quero não falar sobre isso, me sentar na mesa com nossas porções de comida e fingir que o Vovô não partiu para sempre.

— Já vou — digo e saio da cama. No corredor, escuto um anúncio pelo terminal e acho que pesco a palavra *trilha*.

Quando entro na cozinha, meu pai já foi para o trabalho. Bram veste capa de chuva, sorrindo alegremente. Como ele conseguiu esquecer tão rápido da noite passada?

— Deve chover hoje — ele me informa. — Não vai ter trilha para você. Disseram isso pelo terminal.

Minha mãe dá o chapéu para Bram e ele o enfia na cabeça.

— Tchaul! — diz ele, e se dirige para o trem aéreo, dessa vez adiantado, porque ele gosta da chuva.

— Então — diz minha mãe. — Parece que você vai ter algum tempo livre. O que você pensa em fazer?

Sei a resposta no ato. A maioria dos outros caminhantes vai passar o tempo na área de uso comum, no interior da escola, ou terminando deveres na biblioteca escolar. Eu tenho algo diferente na cabeça, uma visita a uma biblioteca diferente.

— Acho que talvez eu vá fazer uma visita para o Papai.

Os olhos da minha mãe amolecem. Ela sorri.

— Tenho certeza que ele vai gostar, porque você não encontrou com ele hoje. Mas ele não vai poder parar de trabalhar por muito tempo.

— Eu sei. Só quero dar um oi. — E destruir algo perigoso, algo que eu não devia ter. Algo mais provável de se achar numa velha biblioteca do que em qualquer outro lugar, se eles realmente registram a composição de tudo o que é queimado no tubo de incineração.

Pego um dos triângulos secos de torrada que estão enfiados no papel-alumínio, pensando em como os dois poemas ficavam sobre o papel. Lembro de muitas das palavras, mas não de todas, e *quero* todas elas. Cada uma. Será que tem um jeito de eu dar mais uma olhada antes de destruir o papel? Existe algum jeito de fazer com que as palavras durem?

Se nós ainda soubéssemos escrever, em vez de só digitar nos escrevinhadores. Aí eu poderia escrevê-las de novo um dia. Talvez pudesse tê-las comigo quando envelhecesse.

Olho pela janela e vejo Bram no ponto do trem aéreo. Ainda não começou a chover, mas ele pula para cima e para baixo nos degraus de metal até a plataforma. Sorrio sozinha e espero que ninguém o mande parar, porque sei exatamente o que ele está fazendo. Na falta do trovão de verdade, ele está fazendo seu próprio trovão.

Ky é a única pessoa caminhando em direção à plataforma do trem aéreo quando eu saio de casa. O trem para a Segunda Escola já partiu, e o próximo vai para a cidade. Ele provavelmente precisa aparecer no trabalho quando as atividades de lazer são canceladas. Não tem direito a uma ou duas horas livres. Ao ver Ky caminhar, com os ombros



erectos, a cabeça erguida, me ocorre como ele deve ser solitário. Passou tanto tempo se misturando à multidão e agora foi novamente separado.

Ky me ouviu chegar por trás dele e se virou.

— Cassia — diz ele, parecendo surpreso. — Você perdeu o trem?

— Não. — Paro a alguns metros de distância, para lhe dar espaço, se ele quiser. — Vou pegar esse aí. Vou visitar meu pai. Você sabe, já que a trilha foi cancelada.

Ky mora no nosso Bairro e, naturalmente, sabe que os Funcionários nos visitaram na noite passada. Mas ele não vai dizer nada — ninguém vai dizer nada. Não é da conta de ninguém, a menos que a Sociedade diga o contrário.

Dou mais um passo na direção do ponto do trem aéreo, na direção de Ky.

Fico à espera de que ele se mova, suba os degraus até a plataforma, mas ele não o faz. Ele dá um passo na minha direção. A Colina coberta de árvores do Arboreto se ergue ao longe, atrás dele, e me pergunto se algum dia andaremos por lá. A tempestade, ainda a quilômetros de distância, ruga e retumba, cinzenta e pesada no céu. Ky ergue os olhos.

— Chuva — diz ele, bem baixinho e olha para mim. — Você vai para o escritório dele, na Cidade?

— Não. Mais longe. Ele hoje está num sítio lá na ponta do Bairro de Brookway.

— Você vai conseguir chegar até lá e voltar a tempo de ir para a escola?

— Acho que sim. Já fiz isso antes, quando ele estava trabalhando por lá.

Com as nuvens ao fundo, os olhos de Ky parecem mais claros, refletindo o cinza ao seu redor, e tenho um pensamento inquietante: talvez seus olhos *não* tenham cor. Refletem o que ele usa, a pessoa que os Funcionários querem que ele seja. Quando ele se vestia de marrom, os olhos pareciam castanhos. Agora que ele usa azul, parecem azuis.

— No que você está pensando? — me pergunta.

Digo a verdade.

— Na cor dos seus olhos.

Minha resposta pega Ky desprevenido. Mas após um instante, ele sorri. Adoro seu sorriso. Nele, vejo um pouquinho do garoto que era naquele dia, na piscina. Os olhos dele eram azuis na época? Não consigo me lembrar. Queria ter olhado com mais atenção.

— No que *voce* está pensando? — pergunto. Espero as janelas se fecharem como sempre fazem: Ky vai me dar alguma resposta esperada tipo “estava pensando no que eu tenho que fazer hoje no trabalho” ou “nas atividades das horas de recreação livre no sábado à noite”. Mas ele não faz isso.

— Na minha casa — diz ele, simplesmente, ainda me olhando.

Nós dois nos olhamos por um longo momento, sem qualquer constrangimento, e eu sinto que Ky sabe. Não tenho certeza do *que* ele sabe — não sei se me conhece, ou se só sabe algo sobre mim.

Ky não diz mais nada. Ele me olha com aqueles olhos mutantes, aqueles olhos que achei que eram da cor da terra mas que são da cor do céu, e eu devolvo o olhar. Acho que nos vimos mais nos últimos dois dias do que em todos os anos em que nos conhecemos.

A voz da locutora atravessa o silêncio:

— Trem aéreo se aproximando.

Nenhum de nós fala nada enquanto subimos rápido os degraus de metal até a plataforma, deixando as nuvens na distância. Por enquanto, vencemos, chegando ao alto no momento em que o trem aéreo desliza e para diante de nós. Juntos, entramos, nos reunindo a grupos de outras pessoas em roupas azuis e alguns Funcionários aqui e ali.

Não há dois lugares lado a lado. Acho um lugar primeiro e Ky se senta na minha frente. Ele se inclina, repousando os cotovelos nos joelhos. Alguém, outro trabalhador, o cumprimenta, e Ky retribui. O trem está lotado e as pessoas passam entre nós, mas posso observá-lo de vez em quando, nos vãos que elas deixam. E me ocorre que esta talvez seja uma parte da razão que me leva a visitar meu pai hoje. Não é só para destruir o papel, mas para andar neste trem com Ky.



Chegamos primeiro ao ponto dele. Ele salta sem olhar para trás.

Do alto da plataforma do trem aéreo, as ruínas da antiga biblioteca parecem cobertas por enormes aranhas negras. Os imensos incineradores negros estendem tubos compridos como pernas ao longo da parede de tijolos e por sobre as beiradas até o interior do porão da biblioteca. O resto do prédio já foi todo demolido.

Desço a escada e caminho até a biblioteca. Estou deslocada neste local. Mas não é proibido que esteja aqui. De qualquer maneira, seria melhor que ninguém me visse ainda. Me esgueiro o bastante para enxergar dentro do buraco. Os trabalhadores, a maior parte em roupas comuns azuis, puxam pilhas de papéis com tubos de incineração. Meu pai nos disse que bem no momento em que achavam que já tinham examinado tudo, encontraram caixas de aço com livros, enterradas no porão. Quase como se alguém tivesse tentado esconder e proteger os livros contra o futuro. Papai e outros especialistas em Restauração examinaram as caixas e não acharam nada de especial, por isso vão incinerar tudo.

Um vulto veste branco. Um Funcionário. Meu pai. Todos os trabalhadores usam capacetes de proteção, por isso não posso ver o rosto dele, mas a confiança está de volta ao seu andar. Se desloca de forma decidida, à vontade, dando ordens e apontando para onde quer que os tubos sejam colocados a seguir.

As vezes, me esqueço que meu pai é um Funcionário. Raramente o vejo em ação, de uniforme, que ele troca no trabalho. Vê-lo de uniforme ao mesmo tempo me reconforta — ele não foi rebaixado depois da noite passada, pelo menos ainda não — e me deixa agitada. É estranho ver as pessoas de formas diferentes.

Outro pensamento me passa pela cabeça: antes de fazer 70 anos e ser obrigado a deixar de trabalhar, Vovô era um Funcionário. *Mas é diferente com Papai e Vovô*, digo a mim mesma. Nenhum dos dois é, ou foi, Funcionário de alto escalão em lugares como o Departamento de Pares ou o Departamento de Segurança. Esses são os que geralmente fazem coisas típicas de Funcionários, como implementar regras. Somos pensadores, não fiscais. Aprendizes, não executores.

Geralmente. Minha bisavó, que foi também Funcionária, roubou aquele poema.

Meu pai olha uma vez para o céu, consciente da aproximação da tempestade. A velocidade é importante, mas eles precisam ser metódicos.

— Não dá para simplesmente botar fogo nas coisas — ele me disse uma vez. — Os tubos são como os aparelhos de incineração na nossa casa. Registram a quantidade e o tipo de material destruído. — Sobraram algumas pilhas de livros e, enquanto observo, os trabalhadores vão de uma a outra, seguindo as ordens dele. É mais rápido incinerar páginas que livros, por isso cortam os volumes, retirando os miolos, preparando-os para os tubos.

Meu pai volta a olhar para o céu e faz gestos que indicam pressa para os outros trabalhadores. Preciso voltar para a escola, mas continuo olhando.

Não sou a única. Quando ergo os olhos, sobre o abismo de aranhas e livros, vejo outra figura de branco. Um Funcionário. Também observando. Fiscalizando meu pai.

Os trabalhadores arrastam o tubo de incineração até uma das pilhas novas. As espinhas dos livros foram quebradas, seus ossos, finos e delicados, se esfrelam. Os trabalhadores os enfiam no tubo de incineração. Pisam neles. Os ossos estalam sob as botas como folhas. Lembra o outono, quando a Cidade manda o equipamento de incineração para nossos bairros e jogamos as folhas de bordo que caíram das árvores para dentro dos tubos. Minha mãe sempre lamenta o desperdício, pois as folhas apodrecidas podem produzir bom adubo, da mesma forma que meu pai, quando precisa incinerar uma biblioteca, lamenta o desperdício do papel que podia ser reciclado. Mas Funcionários mais importantes dizem que não vale a pena salvar certas coisas. Às vezes é mais rápido e eficiente destruir.

Uma folha escapa. Capturada por um golpe de vento da tempestade que se aproxima, ela se ergue, quase atingindo meus pés, enquanto fico na beira desta pequena cratera que já foi uma biblioteca. Paira ali, tão próxima que quase consigo ver as palavras que estão escritas nela, e então o vento diminui por um momento e ela volta a cair.

Levanto os olhos. Nenhum dos Funcionários me vê. Nem meu pai, nem o outro. Meu pai está concentrado nos livros que ele está destruindo. O outro está concentrado no meu pai. Está na hora. Ponho a mão no bolso e tiro o papel que o Vovô me deu. E o solto.



Ele dança no ar por um momento antes de também cair. Uma nova rajada de vento quase o salva, mas um trabalhador o vê e ergue um tubo para aspirar o papel do ar, para aspirar as palavras do céu.

Sinto muito, Vovó.

Fico ali e observo até que todos os ossos sejam enfiados nos tubos de incineração, até que todas as palavras sejam transformadas em cinzas e nada mais.

Fiquei tempo demais no posto de trabalho da biblioteca e estou quase atrasada para a aula. Xander me aguarda perto dos portões principais da Segunda Escola.

Ele segura um deles, suportando o peso com o ombro.

— Está tudo bem? — ele me pergunta em voz baixa, quando paro na entrada.

— Oi Xander — alguém o chama. Ele faz um movimento de cabeça na direção da voz, mas não desvia o olhar.

Por um momento, acho que devo contar tudo para Xander. Não só o que aconteceu na noite passada, com os Funcionários, que é o que preocupa a ele, mas *tudo*. Devo contar sobre o rosto de Ky na tela. Devo contar sobre Ky no mato, como ele viu o poema. Devo contar para Xander sobre o próprio poema e como me senti ao soltá-lo. Em vez disso, sacudo a cabeça. Não quero falar nesse momento.

Xander muda de assunto, os olhos se iluminando.

— Quase me esqueci. Tenho uma coisa para te contar. Vai ter uma nova atividade no sábado.

— Ah, é? — pergunto, grata pela compreensão, por não ter insistido. — É uma nova exibição?

— Melhor. Vamos replantar os canteiros de flores em frente à Primeira Escola e jantar ao ar livre. Como num — qual é a palavra? — piquenique. Depois, vai ter sorvete.

O entusiasmo na voz de Xander me faz sorrir um pouquinho.

— Xander, isso não passa de trabalho disfarçado. Querem mão de obra gratuita e vão nos subornar com sorvete.

Ele sorri.

— Eu sei, mas é bom ter uma mudança. Me deixa novo em folha para os jogos da próxima vez. Então, você também vai querer plantar, né? Sei que as vagas são preenchidas rápido, então já inscrevi você, caso quisesse participar.

Um leve toque de irritação por ele ter feito isso sem falar comigo antes me invade, mas desaparece quase no mesmo instante, quando reparo que seu sorriso parece um pouco sem graça. Ele sabe que passou dos limites — nunca teria feito tal coisa se não fôssemos um Par — e o fato de ele se preocupar com isso faz com que tudo fique bem. Além do mais, apesar de *ser* trabalho disfarçado, eu teria me inscrito num piscar de olhos. Xander sabe disso. Ele me conhece e cuida de mim.

— Está ótimo — digo para Xander. — Obrigada. — Ele solta a porta e entramos juntos pelo corredor. Me pego pensando no que Ky vai fazer naquela noite. Ninguém é informado sobre opções de recreação livre no trabalho. Quando ele voltar para casa e descobrir, todas as vagas estarão tomadas por causa da novidade e por causa do sorvete. Mas a gente podia inscrevê-lo. Eu podia ir até um dos terminais da escola e...

O tempo acabou. A campainha soa nos alto-falantes do corredor.

Xander e eu entramos rápido pela porta da sala de aula, sentamos nas cadeiras e pegamos os leitores e escrevinhadores. Piper geralmente senta do nosso lado em Ciências Aplicadas, mas eu não a vejo.

— Cadê a Piper?

— Eu ia te dizer. Hoje ela ganhou o posto final de trabalho dela.

— Foi? Qual é?

Mas a campainha toca de novo e preciso olhar para frente e esperar até o fim da aula. Piper já tem a sua vocação! Algumas pessoas as ganham cedo, como Ky, mas o resto de nós a recebe em algum momento no ano seguinte ao décimo sétimo aniversário. Um por um, somos selecionados até que todos se vão e não sobra ninguém do nosso ano na escola.

Espero que Xander e Em demorem bastante para serem chamados. Não vai ser a mesma coisa sem eles, especi-



almente Xander. Olho para ele. Ele observa a instrutora como se isso fosse tudo o que ele quisesse fazer no mundo. Os dedos batem no escrevinhador, ele mexe com um pé cheio de impaciência, sempre pronto a aprender mais. Difícil acompanhar o ritmo dele — é tão inteligente, aprende tão rápido. E se ele for levado logo para a vocação dele e me deixar para trás?

Tudo está acontecendo tão rápido. Chegar até o meu décimo sétimo aniversário foi como dar passos lentos por uma trilha onde eu via cada pedregulho, reparava em cada folha, me sentia, ao mesmo tempo, agradavelmente entediada e cheia de expectativa. Agora parece que eu estou correndo pela trilha a toda velocidade, ofegante. Parece que a data do meu Contrato vai chegar voando. Será que algum dia o ritmo volta a diminuir?

Desvio o olhar de Xander. *Mesmo se Xander receber a vocação dele antes, ainda somos um Par*, lembro a mim mesma. Ele não vai me deixar para trás. Ele não sabe que eu vi o rosto de Ky naquele dia, na tela.

Se eu contasse para Xander, será que ele compreenderia? Acho que sim. Não acho que ameaçaria a nós como Par, nem como amigos. Ao mesmo tempo, são duas coisas que eu não quero arriscar perder.

Volto a olhar para a instrutora. A janela está escura, o céu cheio de nuvens baixas e pesadas. Me pergunto como elas pareceriam vistas do alto da grande Colina. Será que é possível escalar numa altura suficiente para chegar acima das nuvens, contemplar a chuva de algum lugar ao sol?

Sem querer, visualizo Ky na colina, com o rosto voltado para o calor. Fecho os olhos por um momento, imaginando que eu também estou ali.

A tempestade chega, afinal, no meio da aula. Imagino a chuva na área verde onde conversei com a Funcionária, fazendo a fonte *transbordar*, batendo no banco onde sentei. Imagino ouvir as pancadas das gotas ao bater no metal, seus suspiros ao alcançar a grama e a terra. Está escuro como a noite lá fora. A água bate no telhado e corre pelas calhas. Uma das janelas da sala de aula está envolta e obscurecida pela chuva e não dá para ver nada por trás da torrente lá fora.

Um verso daquele outro poema, o poema de Tennyson, vem à minha mente subitamente: *A torrente pode me levar para longe*.

Se eu tivesse guardado os poemas do Vovô, estaria sendo levada por uma torrente que eu não poderia deter. Fiz o que precisava fazer. Fiz a coisa certa. Mas é como se a chuva que cai lá fora despencasse em mim, corroendo o alívio e deixando apenas o arrependimento: os poemas se foram e eu jamais vou poder recuperá-los.



CAPÍTULO 12

Naquela noite, no trabalho, temos uma classificação interessante, para variar. Até Norah fica animada ao descrevê-la para mim em sua mesa.

— Estamos examinando diferentes características físicas para uma seleção de Pares — diz ela. — Cor de olhos. Cor de cabelo. Altura e peso.

— O Departamento de Pares vai usar nossas classificações? — pergunto.

Ela ri.

— Claro que não. E apenas como prática. E para ver se vocês encontram, nas informações dos candidatos, padrões que os Funcionários já discriminaram.

Naturalmente.

— Tem mais uma coisa — acrescenta Nora. Ela baixa a voz, não porque se trata de um segredo, mas porque não deseja que os outros se distraiam durante o trabalho. — Os Funcionários me disseram que vão, pessoalmente, ministrar o seu próximo teste.

É um bom sinal. Significa que querem ver por si próprios se sou capaz de trabalhar sob pressão. Significa que podem estar me considerando para alguma das vocações mais interessantes ligadas à classificação.

— Você sabe quando?

Ela sabe, dá para perceber, mas não pode me contar.

— Logo, logo — diz de novo, vagamente, e me dá um de seus raros sorrisos. Ela se volta para a tela e eu sigo para a minha posição, para começar.

Isso é bom, penso. Posso obter uma colocação perfeita se conseguir impressionar suficientemente os Funcionários. Tudo está indo bem de novo. Não vou pensar no Vovô e na amostra perdida, nem no meu pai e nos Funcionários que o revistaram. Ou no fato de que Ky nunca vai ter um Par, nem vai trabalhar em outro lugar além do centro de descarte de nutrição. Não vou pensar em nada disso. É hora de esvaziar a mente e classificar.

É espantoso classificar cor de olhos, na verdade; as possibilidades são limitadas: um número tão pequeno e finito de opções. Azul, castanho-escuro, castanho-claro, verde, cinza — essas são todas as opções para cor de olhos, apesar da variedade de grupos étnicos presentes na população. Há muito tempo, havia mutações genéticas, como os albinos, mas elas não existem mais. A cor de cabelo é igualmente limitada: preto, castanho, loiro, ruivo.

Tão poucas opções e mesmo assim um número infinito de variações. Por exemplo, muitos dos garotos neste banco de dados têm olhos azuis e cabelos escuros como Ky, mas tenho certeza de que nenhum se parece com ele. E mesmo se alguém se parecesse, se um daqueles garotos fosse a cara dele, ou se ele tivesse um irmão gêmeo, ninguém poderia ter a combinação de movimento e contenção, de honestidade e reserva de Ky. O rosto dele fica aparecendo na minha mente, mas sei que não é mais um erro da Sociedade. É meu. Sou eu que não paro de pensar nele quando devia estar pensando em Xander.

A minúscula impressora ao meu lado solta um bipe, e eu pulo.

Cometi um erro e não reparei nele num espaço de tempo aceitável. Um pequeno pedaço de papel sai na mesa ao meu lado e eu o pego. “ERRO NA LINHA 3568”. Quase nunca cometo erros, de forma que isso vai despertar interesse. Volto à linha onde cometi o erro e a corrijo. Se isso acontecer semana que vem, quando os Funcionários estiverem me olhando...



Não vai acontecer. Não vou deixar que aconteça. Mas antes de me perder mais uma vez na classificação, permito a mim mesma pensar por um breve momento nos olhos de Ky, na sua mão no meu braço.

— Alguém me disse que uma menina da sua idade apareceu hoje na área de trabalho — disse meu pai. Ele veio se encontrar comigo no ponto do trem aéreo, algo que ele faz de vez em quando com Bram e comigo para que a gente possa ter algum tempo a sós, antes de chegar em casa. — Foi você?

Fiz que sim.

— Cancelaram a trilha por causa da chuva, por isso pensei em ir te ver antes de ir para escola. Porque não te vi de manhã. Mas você tava ocupado e eu não tinha muito tempo. Desculpa, mas não pude ficar lá.

— Você devia voltar, se quiser — disse ele. — Eu vou estar no escritório toda a semana que vem. E um caminho bem mais curto.

— Eu sei. Talvez eu vá. — Minhas respostas soam um pouco distantes, e espero que ele não perceba que ainda estou ligeiramente zangada por ele ter perdido a amostra. Sei que isso não é razoável e que ele se sente péssimo, mas ainda estou perturbada. Sinto falta do meu avô. Me prendi àquele tubo, à esperança de que ele talvez pudesse voltar.

Meu pai para e olha para mim.

— Cassia. Tem alguma coisa que você queira me perguntar? Ou me contar? Foi por isso que você foi até o trabalho?

O rosto bondoso, tão parecido com o do Vovô, parece preocupado. Preciso contar.

— Vovô me deu um papel — eu digo e meu pai empalidece na mesma hora. — Estava dentro do meu compacto. Tinha palavras antigas nele...

— *Pssss* — diz meu pai. — Espera.

Um casal caminha na nossa direção. Sorrimos e nos afastamos para dar passagem a eles na calçada. Quando os dois se afastaram o bastante, meu pai para. Estamos na frente da casa agora, mas percebo que ele não quer continuar a conversa lá dentro. Entendo. Tem algo que eu quero perguntar e eu quero a resposta antes de nós entrarmos onde o terminal zumba e nos aguarda, no hall. Estou preocupada de não termos uma chance de voltar a falar sobre isto.

— O que você fez? — pergunta ele.

— Eu destruí. Hoje, na sua área de trabalho. Parecia ser o lugar mais seguro.

Penso ver uma sombra de decepção no rosto do meu pai, mas então ele assente.

— Bom, melhor assim. Especialmente nesse momento.

Sei que ele se refere à visita dos Funcionários e sem poder me conter, pergunto:

— Como você pôde perder a amostra?

Meu pai cobre o rosto com as mãos, um gesto tão repentino e angustiado que dou um passo para trás.

— Eu não perdi. — Ele respira fundo, eu não quero que ele conclua o pensamento, mas não encontro as palavras para impedi-lo. — Eu destruí. No mesmo dia. Ele me fez prometer que eu faria isso. Ele queria morrer nos seus próprios termos.

A palavra “morrer” faz com que eu me encolha, mas meu pai não acabou.

— Ele não queria que fossem capazes de trazê-lo de volta. Ele queria escolher o que iria acontecer a ele.

— Mas você também tinha uma escolha — sussurro, zangada. — Você não precisava obedecer. E agora ele se *foi*.

Se foi. Como o poema de Thomas. Eu estava certa em destruir o poema. O que o Vovô pensou que eu poderia ou iria fazer com aquilo? Minha família não se rebela. *Ele* não se rebelou, a não ser pelo pequeno ato de rebeldia ao guardar o poema. E não *há* razão para se rebelar. Veja o que a Sociedade nos dá.

Boas vidas. A chance da imortalidade. A única forma de arruiná-la é arruinando a nós mesmos. Como meu pai fez, porque meu avô pediu.

Enquanto me afasto do meu pai e corro para dentro, os olhos ardendo com as lágrimas, parte de mim o entende e entende por que ele escolheu fazer o que o Vovô pediu. Não é isso o que eu estou fazendo também, todas as vezes



em que eu penso nas palavras do poema ou tento ser forte o bastante para não precisar do comprimido verde?

É difícil saber como ser forte. Teria sido fraqueza soltar o papel, vê-lo flutuar para a morte tão silencioso, branco e cheio de promessas como a semente de choupo? É fraqueza eu me sentir como me sinto quando penso em Ky Markham? Saber o ponto exato da minha pele em que ele tocou?

Seja lá o que for que eu sinto por Ky, tem que acabar. Agora. Xander é o meu Par. Não importa que Ky tenha estado em lugares em que eu nunca estive ou que tenha chorado durante a exibição, quando achou que ninguém estava vendo. Não importa que ele saiba sobre as lindas palavras que eu li no mato. Seguir as regras, ficar em segurança. É isso que importa. É a forma que eu tenho de ser forte.

Vou tentar esquecer que Ky disse “casa” quando olhou nos meus olhos.



CAPÍTULO 13

— Cassia Reyes — digo, segurando meu cartão de leitura. A trabalhadora registra no terminal de mão o número da embalagem em papel-alumínio e me entrega a refeição.

O terminal apita de novo quando Xander pega a comida dele e para ao meu lado.

— Você está vendo a Em por aí? Ou a Piper ou o Ky? — pergunta.

Cobertores formam uma colcha de retalhos que cobre o pátio ao lado da

Primeira Escola. É um piquenique de verdade — comida consumida ao ar livre sobre a grama. Trabalhadores correm pelo pátio, tentando entregar as refeições certas para as mãos certas. É um tanto trabalhoso e compreendo por que não fazem isso com muita frequência. É mais fácil enviar a comida para as casas das pessoas, para as escolas, os trabalhos.

— Acho que Piper e Ky não se inscreveram a tempo. Por causa do trabalho.

Alguém acena para nós de um cobertor no meio do pátio.

— Olha lá a Em — digo a Xander, apontando, e juntos ziguezagueamos entre os cobertores estendidos na grama para saudar nossos colegas e amigos. Todos estão de bom humor, tontos com a novidade. Olhando para baixo, tentando não pisar no cobertor e nem na comida de ninguém, esbarro em Xander, que parou. Ele se vira para trás e sorri.

— Você quase me fez derrubar o jantar — diz ele, e eu zombo, dando-lhe um empurrãozinho. Ele desaba no cobertor ao lado de Em e se debruça para olhar a embalagem de alumínio dela.

— O que eles nos mandaram?

— Caçarola de carne com legumes — diz Em, fazendo uma careta.

— Lembra do sorvete — digo.

Quase acabei de comer quando alguém chama Xander do outro lado do gramado.

— Já volto — ele avisa, antes de se levantar e abrir passagem pela multi-dão. Eu sigo seu avanço pela massa de gente. Eles se viram para vê-lo passar, chamam seu nome.

Em se inclina e diz para mim:

— Acho que alguma coisa está errada comigo. Eu tomei o comprimido verde hoje cedo. *Já tomei*. Queria deixar para o final da semana. Você sabe.

Quase pergunto a Em o que ela quer dizer com isso, e aí me sinto uma amiga terrível. Como pude esquecer? O Banquete do Par dela. Ela queria deixar o comprimido para aquela noite, porque está ficando nervosa.

— Ah, Em — digo, pondo o braço à sua volta, abraçando-a. Ela e eu temos nos afastado ultimamente, mas não por escolha nossa. Acontece quando você se concentra nas tarefas de trabalho e nas vocações. Mas sinto falta. Em noites como essa, especialmente. Noites de verão, quando lembro como era ser mais jovem e ter mais tempo. Quando Em e eu costumávamos passar tantas das nossas horas de recreação livre juntas. Tínhamos mais delas, naquela época.

— Vai ser uma noite maravilhosa — digo a ela. — Eu garanto. Tudo é tão lindo. É exatamente como eles nos prometem.

— Jura? — pergunta Em.

— Claro. Que vestido você escolheu? — Os modelos de vestido são renovados a cada três anos, por isso Em teve a mesma seleção que eu tive.



— Um dos amarelos. Número 14. Você lembra dele?

Tanta coisa já aconteceu desde que eu fui ao escritório de Pares escolher o vestido.

— Acho que não — digo, tentando me lembrar.

A voz de Em fica animada quando ela descreve o vestido.

— É um amarelo bem claro, com as mangas de borboleta...

Agora eu lembro.

— Ai, Em, adorei aquele vestido! Você vai ficar linda. — Vai mesmo. Amarelo é a cor perfeita para Em. Vai ficar lindo com a pele clara dela, com o cabelo negro e os olhos escuros. Vai fazer ela parecer um raio de sol de primavera.

— Estou tão nervosa.

— Eu sei. É difícil não ficar.

— Tudo mudou agora que apontaram o Xander como o seu Par — Em me conta. — Eu andei meio que... imaginando.

— Mas eu e o Xander sermos um Par não torna nem um pouco mais provável...

— Eu sei. Todo mundo sabe. Mas agora a gente não consegue mais parar de imaginar. — Em olha para a embalagem de alumínio, para o seu jantar quase intocado.

Uma campainha soa dos alto-falantes e começamos automaticamente a juntar nossas coisas. Hora de trabalhar. Em suspira e se levanta. Vestígios de preocupação ainda marcam seu rosto e eu me lembro de como foi esperar pelo meu Par.

— Em — digo impulsivamente. — Eu tenho um compacto que você pode pegar emprestado, se quiser, para o Banquete. É dourado. Vai ficar perfeito com o seu vestido. Vou trazer amanhã.

Em arregala os olhos.

— Você tem um artefato? E você me emprestaria?

— Claro. Você é uma das minhas melhores amigas.

Mudas de rosas novas, com botões vermelhos, foram postas em tubos de plástico preto, esperando que nós as plantemos no terreno diante da Primeira Escola. A Primeira Escola sempre parece tão alegre. Imagino o seu interior com paredes em amarelo vivo, piso de ladrilhos verdes e portas azuis nas salas de aula. É fácil se sentir segura ali. Sempre me senti quando era pequena. *Me sinto segura aqui agora, penso comigo. Não sobrou nenhum poema. Os problemas do Papai acabaram. Estou segura aqui e em toda parte.*

A não ser talvez na pequena colina onde, apesar da minha decisão de me manter em segurança, com frequência me pego olhando para Ky e pensando. Querendo que nós pudéssemos voltar a conversar, mas sem ousar correr o risco de dizer para ele nada além das coisas corriqueiras, as coisas que nós sempre dizemos.

Olho para trás, à procura de Ky, mas não o vejo.

— Que tipo de flores são essas? — Xander me pergunta enquanto cavamos. O solo é espesso e preto. Sai em torrões, quando o tiramos.

— Rosas novas — digo para Xander. — Você provavelmente tem algumas no seu quintal. Nós temos algumas no nosso.

Não menciono que não são as favoritas da minha mãe. Ela acha que as que temos na Cidade, em todos os jardins e áreas públicas, são híbridas demais, distantes demais da identidade original. As rosas velhas precisavam de muito mais cuidados para crescerem. Cada flor era um triunfo. Mas essas são resistentes, vistosas, criadas para serem duráveis.

— Não temos rosas novas nos Campos — diz minha mãe. — Temos outras flores, flores selvagens.

Quando eu era pequena, ela costumava me contar histórias sobre aquelas flores diferentes que cresciam nos Campos. As histórias não tinham enredo. Não eram histórias, propriamente, e sim descrições, mas eram lindas e me embalavam para dormir. “Renda da Rainha Anne”, dizia minha mãe numa voz suave e lenta. — Cenoura selvagem. Dá



para se comer a raiz, quando está bem verde. A flor é branca e rendilhada. Linda. Como as estrelas.

— Quem é a Rainha Anne? — eu perguntava, sonolenta.

— Não me lembro. Acho que ela está em algum lugar das Cem Lições de História. Mas psss... Não importa. O que importa é que você vê a renda diante de você, florezinhas demais para se contar, mas de qualquer maneira, você tenta.

Xander me entrega um arbusto de rosa nova e eu o tiro de dentro do tubo plástico e o coloco no chão. As raízes fortes e grudentas cresceram em círculos fora do vaso, por falta de mais espaço. Eu as espalho, quando ponho a planta no chão. Olhar para o solo me faz pensar na terra que suja os meus sapatos quando caminhamos. E pensar em caminhar me faz pensar em Ky. De novo.

Me pergunto onde será que ele está. Enquanto Xander e eu plantamos flores e conversamos, eu imagino Ky trabalhando enquanto o resto de nós se diverte ou ouvindo música transmitida para um auditório quase vazio. Imagino-o andando em meio à multidão no prédio de recreação e participando de um jogo que ele provavelmente vai perder. Vejo-o sentado no teatro assistindo a exibição com lágrimas nos olhos. *Não*. Tiro as imagens da minha cabeça. Não vou fazer isso de novo. A escolha está feita.

Para início de conversa, eu nunca tive escolha.

Xander sabe que eu não estou prestando tanta atenção quanto deveria no que ele está falando. Ele olha para ter certeza de que ninguém está nos ouvindo e diz baixinho.

— Cassia. Você ainda está preocupada com seu pai?

Meu pai.

— Não sei — digo. É verdade. Não sei como eu me sinto em relação a ele neste momento. A raiva já está cedendo, quase contra a minha vontade, e se transformando em mais compreensão e simpatia. Se o Vovô tivesse *me* olhado com seus olhos ardentes e me pedido para lhe fazer um último favor, teria *eu* sido capaz de negar?

A noite escorrega lentamente, escurecendo o céu aos poucos. Ainda há vestígios de luz quando a campainha soa de novo e nos levantamos para examinar nosso trabalho. Uma leve brisa sopra na área e os canteiros de flores ondu-lam avermelhados no entardecer.

— Eu queria que a gente pudesse fazer isso todos os sábados — digo. A sensação é de que nós criamos algo lindo. Minhas mãos estão manchadas do vermelho de algumas pétalas esmagadas. Elas cheiram a terra e a rosas novas, um cheiro intenso e floral de que eu gosto, apesar dos comentários da minha mãe sobre o perfume das rosas velhas ser mais sutil, mais delicado. O que há de errado em ser durável? O que há de errado em ser algo, ou alguém, que dura?

Porém, ali, ao olhar o meu trabalho, percebo que tudo o que a minha família tem feito é classificar. Nunca criar. Meu pai classifica antigos artefatos, como meu avô fazia. Minha bisavó classificava poemas. Meus avós dos Campos plantam sementes e cuidam das colheitas, mas tudo o que plantam foi designado pelos Funcionários. Assim como as coisas que a minha mãe planta no Arboreto.

Como nós fizemos aqui.

Então eu não criei nada, afinal de contas. Fiz o que me mandaram, segui as regras e algo lindo aconteceu. Exatamente como os Funcionários prometeram.

— Chegou o sorvete — diz Xander. Os trabalhadores empurram os carrinhos frigoríficos pela calçada próxima aos canteiros. Xander me pega por uma mão e Em pela outra e nos leva para a fila mais próxima.

Os trabalhadores levam bem menos tempo para nos entregar taças de alumínio com sorvete do que levaram para distribuir o jantar, porque o sorvete é igual para todo mundo. Nossas refeições têm vitaminas e complementos especiais e precisam ser entregues para pessoa certa. O sorvete é uma comida de nada.

Um pessoal chama Em e ela vai sentar com eles. Xander e eu encontramos um lugar um pouco separado do resto. Apoiamos as costas nas resistentes paredes de concreto da escola e esticamos as pernas. As de Xander são longas e os sapatos estão gastos. Ele deve ganhar novos em breve. Ele enfia a colher na bola branca de sorvete e suspira.



— Eu plantaria quilômetros de flores para ganhar isso.

Eu concordo. Frio, doce e maravilhoso, o sorvete desliza pela minha língua, desce pela garganta e chega ao meu estômago e posso jurar que sinto sua presença muito tempo depois de ter derretido. Meus dedos têm cheiro de terra, meus lábios têm gosto de açúcar e estou tão desperta agora que não sei se vou conseguir dormir esta noite. Xander estende para mim a última colher do sorvete dele.

— Não, é seu — digo, mas ele insiste. Está sorrindo, é generoso e não parece educado afastar sua mão, por isso aceito.

Pego a colher dele e ponho na boca o resto. É o tipo de coisa que você nunca poderia fazer com uma refeição de verdade — dividir comida — mas esta noite é aceitável. Os Funcionários que vagam por ali supervisionando não dão a menor atenção.

— Obrigada — digo, e é quando o gesto de delicadeza de Xander me faz sentir uma certa vontade inexplicável de chorar. Para disfarçar, eu brinco. — Nós dividimos uma colher. É praticamente como beijar.

Xander revira os olhos.

— Se você pensa assim, é porque nunca deu um beijo antes.

— Claro que dei. — Somos adolescentes, afinal de contas. Até a escolha do Par, nós todos temos as nossas paixões, paqueramos e beijamos de brincadeira. Mas é isso e nada além disso, uma brincadeira, porque sabemos que nos será designado um Par, algum dia. Ou vamos ficar Solteiros e a brincadeira nunca vai terminar.

— Tinha alguma orientação com relação a beijos? Alguma coisa de que eu devia me lembrar? — pergunto, provocando Xander.

Vejo um olhar malicioso nos olhos dele, quando se aproxima um pouco mais.

— Não tem regra nenhuma sobre beijos, Cassia. Nós somos um Par.

Já olhei para o rosto de Xander muitas vezes, mas nunca dessa maneira. Nunca na penumbra, nunca com uma sensação na barriga e no coração que é formada por duas partes de empolgação e uma de nervosismo. Olho em volta, mas ninguém presta atenção em nós, e mesmo se prestassem, tudo o que veriam seria dois vultos sentados um tanto próximos na escuridão da noite.

Também me aproximo.

Se eu precisasse de mais alguma confirmação de que a Sociedade sabe o que está fazendo, de que este é o meu Par, o gosto do beijo de Xander teria me convencido. Parece perfeito, mais doce do que eu esperava.

Uma campanha toca no pátio, quando eu e Xander nos separamos, olhando um para o outro.

— Ainda temos uma hora de recreação livre — diz Xander, olhando o relógio, o rosto aberto, sem constrangimento.

— Queria que a gente pudesse ficar — digo, e é verdade. O ar aquece o meu rosto aqui. É ar de verdade, nem refrescado nem aquecido para o meu conforto. E o beijo de Xander, meu primeiro beijo de verdade, me faz juntar os lábios, tentar prová-lo de novo.

— Não vão nos deixar — diz ele, e vejo que é verdade. Já estão juntando as taças, mandando que a gente vá terminar o tempo de recreação em outro lugar porque a luz já está se acabando aqui.

Em se separa dos amigos dela e vem caminhando, graciosa, na nossa direção.

— Eles vão ver o final da exibição — diz ela —, mas eu já cansei disso. O que vocês vão fazer? — No momento em que ela faz a pergunta, seus olhos se arregalam um pouco, lembrando. Que Xander e eu somos um Par. Ela havia esquecido, por um momento, e agora se preocupa se não vai ficar deslocada.

Mas a voz de Xander é carinhosa, tranqüila, amigável.

— Não temos tempo suficiente para jogar — diz ele. — Tem uma sala de música aqui perto, a uma parada de distância. Vamos lá?

Em parece aliviada e olha para mim para ter certeza de que está tudo bem. Sorrio para ela. Claro que está bem. Ela ainda é nossa amiga. Enquanto caminhamos para o ponto do trem aéreo, penso em como já fomos mais numero-



sos. Ky obteve o seu posto de trabalho e Piper também. Não sei onde Sera está hoje à noite. Em está aqui, mas vai chegar a hora em que ela também vai partir, quando ficaremos apenas Xander e eu.

Já faz muito tempo, meses até, que estive na sala de música. Para minha surpresa, essa aqui está cheia de gente de roupa azul. Trabalhadores, jovens e velhos, que terminaram seu turno tardio. Acho que isso acontece com frequência. Com pouco tempo de sobra, para onde mais eles poderiam ir? Devem parar por aqui, quando voltam da Cidade. Para minha surpresa, vejo que alguns dormem, as cabeças jogadas para trás, cansados. Ninguém parece se importar. Alguns conversam.

Ky está aqui.

Descubro-o quase que imediatamente no mar de azul, quase antes de me dar conta de que estava procurando. Ky também nos vê. Ele acena, mas não se levanta.

Sentamos nos assentos mais próximos, Em, Xander, eu. Em pergunta a Xander sobre a experiência *dele* no Banquete do Par, ainda em busca de segurança, e ele começa a contar uma história engraçada sobre não saber como colocar as abotoaduras naquela noite, nem como dar o nó da gravata. Tento não prestar atenção em Ky, mas de alguma forma vejo quando ele se levanta e abre caminho até nos encontrar. Sorrio um pouco quando ele pega o assento ao meu lado.

— Não sabia que você gostava tanto de música.

— Venho muito aqui — diz Ky. — A maior parte dos trabalhadores vem, como talvez você tenha percebido.

— Não fica chato? — A voz límpida da mulher que canta a canção se ergue sobre nós. — Já ouvimos as Cem Canções tantas vezes.

— Às vezes, elas são diferentes — diz Ky.

— Verdade?

— São diferentes quando você está diferente.

Não sei muito bem o que ele quer dizer, mas minha atenção se desvia subitamente quando Xander puxa o meu braço.

— Em — sussurra. Olho para Em. Ela está tremendo, respirando rápido. Xander se levanta e troca de lugar com ela, ajudando-a, protegendo-a com o corpo de forma que fique no meio do grupo, em vez de na beirada. Também me abaixo, instintivamente ajudando a escondê-la e logo Ky se aperta contra mim, também bloqueando-a. É a segunda vez em que nos tocamos e apesar de me preocupar com Em, não consigo deixar de notar, não consigo deixar de me inclinar para junto dele um pouco, apesar de ainda sentir o beijo de Xander em meus lábios.

Estamos todos em volta de Em agora, escondendo-a. Seja lá o que for que estiver acontecendo, quanto menos gente perceber, melhor. Pelo bem de Em. Pelo nosso bem. Levanto o olhar. O Funcionário encarregado da sala ainda não reparou na gente. Tanta gente aqui, a maioria trabalhadores, exigindo mais atenção do que estudantes. Temos algum tempo.

— Vamos pegar o seu comprimido verde — diz Xander delicadamente para Em. — É um ataque de ansiedade. Já vi pessoas que sofrem deles no centro médico. Tudo o que elas precisam fazer é tomar o comprimido verde, mas ficam tão assustadas que esquecem. — Apesar de a voz dele transmitir confiança, ele morde o lábio. Parece preocupado com Em e não deve falar demais sobre seu trabalho com aqueles que não têm a mesma vocação.

— Não dá — sussurro. — Ela tomou hoje, mais cedo. Não deu tempo de conseguir outro. — Não digo o resto. *E ela vai arranjar encrenca por tomar dois no mesmo dia.*

Xander e Ky se entreolham. Nunca vi Xander hesitar dessa forma — ele não pode fazer nada? Sei que pode. Uma vez, uma criança da nossa rua caiu e tinha sangue por toda parte. Xander soube o que fazer — nem pestanejou — até que os médicos chegaram e levaram o menino para o centro médico, para cuidar dele.

Ky também não se mexe. *Como você pode?*, penso, zangada. *Ajuda ela!*

Mas mesmo enquanto continua parado, seus olhos estão grudados nos de Xander. Os lábios de Ky se mexem.

— *O seu* — sussurra, olhando para Xander.



Por uma fração de segundo, Xander não compreende. Então, no mesmo momento em que ele entende, eu também entendo.

Mas há uma diferença entre nós. Xander não hesita, assim que ele percebe o que Ky quer dizer.

— Claro — cochicha e pega seu recipiente de comprimidos. Agora que sabe o que fazer, ele é rápido, é ágil, é Xander.

Ele põe o comprimido verde dele na boca de Em. Acho que ela não sabe o que está acontecendo. Está tremendo tanto, está com tanto medo. Engole por reflexo. Duvido que ela sinta o gosto de qualquer coisa.

Quase imediatamente, seu corpo relaxa.

— Obrigada — diz ela, fechando os olhos. — Desculpem. Tenho me preocupado demais com o Banquete. Desculpem.

— Está tudo bem — sussurro, olhando para Xander e depois para Ky. Juntos, eles conseguiram. Por um momento, me pergunto por que Ky não deu para Em o comprimido dele, mas então me lembro. Ele é uma Aberração. E Aberrações não têm permissão de carregar seus próprios comprimidos.

Será que Xander sabe? Será que o Ky se entregou?

Mas não creio que Xander tenha percebido. Por que pensaria naquilo? Faz muito mais sentido que ele dê o comprimido a Em, em vez de Ky. Bem mais. Xander conhece Em há mais tempo. Ele se acomoda no assento, olhando para Em enquanto sente seu pulso, a mão em volta do punho delicado dela. Olha para Ky, para mim e assente.

— Agora está tudo bem — diz ele. — Ela vai ficar bem.

Ponho o braço em volta de Em e também fecho os olhos, ouvindo a música. A canção que a mulher cantava terminou e agora é a vez do Hino da Sociedade, as notas do baixo trovejam, o coro entra para o último verso. As vozes parecem triunfantes. Cantam como se fossem uma só pessoa. Como nós. Envolvemos Em em um círculo para protegê-la dos olhos dos Funcionários e ninguém vai falar sobre o comprimido verde.

Fico feliz porque tudo está bem, feliz por ter prometido deixar que Em pegasse emprestado o compacto para o Banquete. Pois qual é a vantagem de se ter alguma coisa bonita se você não a compartilha com ninguém?

Seria como ter um poema, um poema belo e selvagem que mais ninguém tem, e queimá-lo.

Depois de um momento, abro os olhos e olho para Ky. Ele não retribui, mas eu sei que sabe que estou olhando para ele. A música é suave, lenta. Seu peito sobe e desce com a respiração. Os cílios são negros, incrivelmente longos, exatamente da cor do cabelo.

Ky tem razão. Nunca mais vou ouvir esta canção do mesmo jeito.



CAPÍTULO 14

No dia seguinte, no trabalho, reparamos imediatamente quando os Funcionários entram no ambiente. Como peças de dominó que caem na mesa de jogo, uma cabeça após a outra se vira em direção à porta do centro de classificação. Os Funcionários de uniforme branco estão aqui por minha causa. Todos sabem disso e eu sei disso, por isso não espero por eles. Puxo a cadeira para trás e me levanto, o olhar encontrando os deles sobre as divisórias que separam nossas baias.

Está na hora do meu teste. Eles fazem um sinal para que eu os siga.

Eu os sigo, o coração batendo forte, mas a cabeça erguida, e vou até uma salinha cinzenta com uma só cadeira e várias mesinhas. Quando me sento, Norah surge na entrada. Parece meio ansiosa, mas me dá um sorriso confortante antes de olhar para os Funcionários.

— Precisam de alguma coisa?

— Não, obrigado — diz um Funcionário de cabelo grisalho, que parece consideravelmente mais velho que os outros dois. — Trouxemos tudo de que vamos precisar.

Nenhum dos três Funcionários perde tempo com conversa enquanto preparam tudo. O Funcionário que falou primeiro parece comandar. As outras, duas mulheres, são rápidas e eficientes. Prendem um leitor de dados atrás da minha orelha e outro na minha gola. Não digo nada, nem quando o gel que usam arde na pele.

As duas mulheres recuam e o Funcionário mais velho empurra uma pequena tela para mim, sobre a mesa.

— Você está pronta?

— Estou — digo, esperando que minha voz pareça firme e clara. Endireito os ombros e me sento bem erguida. Se eu agir como se não estivesse assustada, talvez eles acreditem em mim. Embora os leitores de dados que prendem em mim possam contar uma história diferente, graças ao meu pulso agitado.

— Então já pode começar.

A primeira classificação é numérica, simples, um aquecimento. Eles são justos. Querem que eu esteja preparada antes de passarem para classificações mais complexas.

Enquanto separo os números na tela, criando ordem no caos e detectando padrões, meus batimentos cardíacos se regularizam. Paro de tentar me prender a tantas coisas — a lembrança do beijo de Xander, o que meu pai fez, a curiosidade sobre Ky, a preocupação com Em na sala de música, a confusão sobre mim mesma e como eu devo ser e quem eu devo amar. Me solto de tudo, como uma criança com um monte de balões no Primeiro Dia, na Primeira Escola. Eles se afastam de mim, coloridos, dançando na brisa, mas eu não olho para o alto nem tento voltar a segurá-los. Só quando não me prendo a nada eu consigo ser a melhor, só então posso ser o que esperam que eu seja.

— Excelente — diz o Funcionário mais velho ao registrar os resultados. — Verdadeiramente excelente. Obrigada, Cassia.

As Funcionárias retiram os leitores de dados. Olham para mim e sorriem porque agora já não podem ser acusadas de demonstrar preferência. O teste terminou. E parece que, no mínimo, eu consegui passar.

— Foi um prazer — diz o Funcionário de cabelos grisalhos, estendendo a mão sobre a mesinha. Eu me levanto e aperto sua mão e, em seguida, as mãos das outras duas Funcionárias. E me pergunto se conseguem sentir a corrente de energia que me atravessa: o sangue nas minhas veias é feito de adrenalina e alívio.

— Foi uma demonstração excepcional de habilidade classificatória.



— Muito obrigada, senhor.

Ao seguirem para a porta, ele se vira para mim pela última vez e diz.

— Estamos prestando atenção em você, mocinha.

Ele bate a porta de metal ao passar. Ela faz um ruído denso, sólido, um som de conclusão. Enquanto ouço o vazio que se segue, percebo subitamente por que Ky gosta de passar despercebido. É uma sensação estranha saber, com certeza, que os Funcionários me observam com mais atenção. É como se eu estivesse no caminho quando aquela porta bateu e agora percebo que estou presa pelo peso da observação deles, algo concreto, real, pesado.

Na noite do Banquete do Par de Em, eu vou para a cama cedo e adormeço rápido. É a minha vez de usar os sensores de sono e espero que a informação que eles registrem dos meus sonhos apresente os padrões de sono de uma garota de 17 anos absolutamente normal. Mas no meu sonho, estou novamente fazendo classificações para os Funcionários. O retrato de Em aparece na tela e eu estou encarregada de classificá-la numa seleção de Pares. Fico paralisada. Minhas mãos param. Meu cérebro trava.

— Algum problema? — pergunta o Funcionário de cabelos grisalhos.

— Não sei como eu devo classificar ela — digo.

Ele olha para o rosto de Em na tela e sorri.

— Ah. Isso não é problema. Ela está com o seu compacto, não é?

— Está.

— Ela vai levar os comprimidos para o Banquete dentro dele, como você. Só precisa dizer a ela para tomar o comprimido vermelho e tudo vai ficar bem.

De repente, eu estou no Banquete, passando por meninas de vestido e garotos de terno e pais de roupas comuns. Eu os viro, empurro, faço o que posso para ver seus rostos, porque todos usam amarelo e tudo se mistura. Não consigo classificar. Não consigo ver.

Viro outra garota.

Não é Em.

Acidentalmente, derrubo uma bandeja de bolo da mão de um garçom e tento alcançar uma garota de andar gracioso. A bandeja cai no chão, o bolo se desfaz, como a terra a se desprender de raízes.

Não é Em.

A multidão rareia e a garota de vestido amarelo está de pé, sozinha diante de uma tela vazia.

Em.

Ela está a ponto de chorar.

— Tá tudo bem! — exclamo, abrindo caminho em meio a mais gente. — Toma o comprimido e tudo vai ficar bem!

Os olhos de Em se iluminam. Ela abre meu compacto. Pega o comprimido verde e o põe na boca depressa.

— Não! — exclamo, tarde demais. — O...

Ela põe na boca, em seguida, o comprimido azul.

— ... o vermelho! — concluo, atravessando o último grupo de pessoas para ficar em frente a ela.

— Eu não tenho — diz ela, virando-se, agora com as costas diante da tela. Ela me mostra o compacto aberto, vazio. Seus olhos estão tristes. — Eu não tenho um comprimido vermelho.

— Você pode ficar com o meu — digo, ansiosa para compartilhá-lo com ela, ansiosa em ajudá-la desta vez. Não vou ficar parada. Pego meu recipiente, torço a tampa, coloco o comprimido vermelho bem na mão dela.

— Ah, obrigada, Cassia — diz ela. Coloca-o na boca. Eu a vejo engolir.

Todos no salão pararam de se mexer. Todos nos olham agora, prestando atenção em Em. Qual o efeito do comprimido vermelho? Nenhum de nós sabe, a não ser eu. Sorrio. Sei que vou salvá-la.

Atrás de Em, a tela se acende para mostrar o Par dela — bem a tempo para que ele a veja cair no chão, morta. Seu corpo faz um barulho surdo ao cair, que contrasta com a leveza da agitação dos seus olhos quando se fecham, da



agitação das pregas do vestido ao redor, da agitação das suas mãos abertas pa-recidas com as asas de alguma coisa pequena.

Acordo suando e com frio ao mesmo tempo, e preciso de um minuto para me acalmar. Apesar de os Funcionários rirem da idéia do comprimido vermelho ser mortífero, os beatos persistem. Isso explica por que sonhei com a morte de Em.

Só porque eu sonhei com aquilo, não significa que seja verdade.

Os sensores de sono parecem pegajosos sobre a minha pele e gostaria de não precisar usá-los hoje. Pelo menos, não se trata de um pesadelo recorrente e por isso não posso ser acusada de estar obcecada com alguma coisa. Além do mais, acho que eles não têm como dizer exatamente *o que* eu sonhei. Só conseguem dizer que eu sonhei. E uma adolescente com um pesadelo ocasional não seria algo raro. Ninguém vai chamar atenção para essa informação ao carregar o meu arquivo.

Mas o Funcionário grisalho disse que estavam de olho em mim.

Olho para o escuro com uma dor no peito que dificulta a respiração. Mas é difícil não pensar.

Desde o dia do Banquete Final do Vovô, no mês passado, alterno entre querer que ele nunca tivesse me dado aquele papel e ficar feliz por ele ter me dado. Porque pelo menos eu tenho palavras para descrever o que se passa dentro de mim: o fim da luz que fulgura.

Se não pudesse dar um nome para isso, como eu saberia o que é? Será que ao menos conseguiria sentir?

Pego o microcartão que o Funcionário me deu na área verde e vou até o terminal, na ponta dos pés. Preciso ver o rosto de Xander. Preciso garantir para mim mesma que está tudo em ordem.

Paro. Minha mãe está diante da tela do terminal, conversando com alguém. Quem entraria em contato com ela tão tarde, no meio da noite? Do quarto da frente, onde está sentado no divã esperando minha mãe terminar, meu pai me vê. Ele faz um gesto para que eu entre e sente ao seu lado. Quando obedeco, ele olha o microcartão na minha mão, sorri e brinca como faria qualquer pai.

— Ver Xander na escola não é o bastante? Quer dar mais uma olhada nele antes de dormir?

Ele põe os braços à minha volta e me abraça.

— Eu entendo. Eu fazia a mesma coisa com a sua mãe. Era nos tempos em que deixavam que a gente imprimisse imediatamente um retrato no terminal, em vez de fazer esperar até o primeiro encontro.

— O que os seus pais pensaram da Mamãe, por ela vir dos Campos?

Meu pai faz uma pausa.

— Bom, os dois ficaram um pouco preocupados, para falar a verdade. Nunca imaginaram que meu Par poderia ser alguém que não vivesse em uma Cidade. Mas não demorou para decidirem que estavam satisfeitos. — Ele fica com um sorriso no rosto, aquele sorriso que sempre aparece quando ele fala sobre se apaixonar. — Só foi preciso aquele primeiro encontro para que eles mudassem de idéia. Você precisava ter visto a sua mãe naquele tempo.

— Por que vocês se encontraram na Cidade, em vez de ir até os Campos? — pergunto. Geralmente, o primeiro encontro costuma acontecer perto da casa da garota. Há sempre um Funcionário do Departamento de Pares por perto, para garantir que tudo ocorra sem tropeços.

— Ela insistiu em vir para cá, apesar de ser uma longa viagem de trem. Ela queria ver a Cidade o mais rápido possível. Meus pais, o Funcionário e eu fomos juntos para a estação encontrá-la.

Ele faz uma pausa e eu sei que está revendo o encontro na sua mente, imaginando minha mãe saltando daquele trem aéreo.

— E aí? — Eu sei que pareço impaciente, mas preciso lembrá-lo de que ele não voltou ao passado. Está aqui no presente e eu preciso saber tudo o que posso sobre o Par que me criou.

— Quando ela saltou do trem, sua avó me disse: “Ela ainda tem o sol no rosto dela.” — Meu pai faz uma pausa e sorri. — Ela tinha mesmo. Nunca vi alguém que parecesse tão quente e cheia de vida. Meus pais nunca voltaram a manifestar qualquer preocupação. Acho que nos apaixonamos por ela naquele dia.



Nenhum de nós repara que minha mãe está parada na entrada, até ela pigarrear.

— E eu por todos vocês. — Ela parece um pouco triste e me pergunto se esta pensando no Vovô, na Vovó ou nos dois. Ela e meu pai são agora as duas últimas pessoas a ainda lembrar daquele dia, a não ser talvez pelo Funcionário que supervisionou o encontro.

— Quem te procurou tão tarde no terminal? — pergunto.

— É do trabalho — diz minha mãe. Com aparência cansada, ela senta ao lado do Papai e pousa a cabeça no seu ombro, enquanto ele a abraça. — Vou ter que viajar amanhã.

— Por quê?

Minha mãe boceja, os olhos azuis se arregalam. O rosto ainda é iluminado pelo sol, por causa do seu trabalho ao ar livre. Parece um pouco mais velha do que o normal e pela primeira vez reparo em fios grisalhos misturados a seu espesso cabelo louro, algumas sombras na luz do sol.

— Está tarde, Cassia. Você devia estar dormindo. *Eu* devia estar dormindo. Vou contar tudo para você e para o Bram de manhã.

Não protesto. Seguro o microcartão na mão e digo.

— Tudo bem. — Antes que eu volte para o meu quarto, minha mãe se abaixa para me dar um beijo de boa noite.

De volta ao quarto, escuto mais uma vez sons através das paredes. Alguma coisa no fato de a minha mãe precisar viajar de repente me alarma. Por que agora? Para onde ela vai? Quanto tempo vai ficar fora? Ela raramente viaja a trabalho.

— E aí? — diz meu pai, no outro cômodo. Ele está tentando manter a voz baixa. — Está tudo bem? Não me lembro de já termos recebido outra chamada tão tarde assim.

— Não sei. Alguma coisa parece estar acontecendo, mas eu não sei o que é. Estão reunindo alguns de nós, dos Arboretos, para dar uma olhada em uma safra no Arboreto da Província Grandia. — A voz tem aquele jeito cantado que ela assume quando fica muito tarde e está cansada. Lembro dele das noites em que ela me contava as histórias sobre as flores e me sinto reconfortada. Se ela não acha que algo está errado, então tudo deve estar bem. Minha mãe é uma das pessoas mais inteligentes que conheço.

— Quanto tempo você vai passar lá? — meu pai pergunta.

— No máximo uma semana. Você acha que Cassia e Bram vão ficar bem? E uma viagem bastante longa.

— Eles vão entender. — Há uma pausa. — Cassia ainda parece perturbada. Por causa da amostra.

— Eu sei. Fico preocupada com isso. — Minha mãe suspira, um som suave que consegue atravessar a parede de alguma forma. — Foi um erro honesto. Espero que ela perceba isso logo.

Erro? Não foi um erro, penso. E então percebo: Ela não sabe. Ele não contou para ela. Meu pai está escondendo um segredo da minha mãe.

E tenho um pensamento terrível.

Então eles não são um Par tão perfeito assim, afinal de contas.

No momento em que tenho o pensamento, tento desconsiderá-lo. Se o Par deles não é perfeito, quais são as chances de que o meu seja?

Na manhã seguinte, outra tempestade derruba as folhas dos bordos e a chuva despenca sobre as rosas novas. Estou tomando o café da manhã, aveia de novo, fumegante no prato de alumínio, quando escuto o anúncio no terminal: *Cassia Reyes, sua atividade de lazer, trilha, foi cancelada hoje por causa das condições climáticas. Por favor, apresente-se na Segunda Escola para substituí-la por horas adicionais de estudos.*

Nada de trilha. Ou seja, nada de Ky.

A caminhada até o trem aéreo é quente e úmida. A chuva aumenta a quantidade de água no ar, aprisionando a umidade. Meu cabelo cor de cobre começa a se embaraçar e enrolar, como às vezes acontece nesse tempo. Olho para o céu, mas só vejo a massa de nuvens, que não se abre em lugar nenhum.



Não há mais ninguém no meu trem aéreo, nem Em, nem Xander, nem Ky. Provavelmente pegaram outros trens ou estão ainda se aprontando, mas tenho a sensação de que eu perdi alguma coisa, alguma coisa está faltando. *Alguém* está faltando.

Talvez seja eu.

Na escola, subo as escadas para a biblioteca de pesquisa, onde há vários terminais. Quero descobrir sobre Dylan Thomas e Alfred Lord Tennyson, e se eles têm poemas que *façam* parte da seleção. Não acho que tenham, mais quero ter certeza.

Meus dedos pairam sobre a tela do terminal e eu hesito. A forma mais rápida de descobrir seria digitando seus nomes, mas aí haveria um registro de que alguém procurou por eles e a busca poderia chegar até mim. É mais seguro examinar a lista de poetas no banco de dados dos Cem Poemas. Se olhar poeta por poeta, vai parecer mais um trabalho escolar e menos uma busca por alguma coisa específica.

Leva muito tempo para se examinar cada nome, mas finalmente chego à letra T. Acho um poema de Tennyson e quero lê-lo, mas não há tempo. Não há nenhum Thomas. Há um Thoreau. Um poema dele, *A Lua*, foi salvo. Me pergunto se ele escreveu alguma outra coisa. Se escreveu, agora está perdido.

Por que o Vovô me deu aqueles poemas? Ele queria que eu achasse algum significado neles? Não queria que eu entrasse docemente? O que isso quer dizer, afinal de contas? Será que eu deveria combater as autoridades? Seria a mesma coisa que perguntar se ele queria que eu cometesse suicídio. Porque seria isso. Eu não chegaria a morrer, mas se tentasse infringir as regras, tirariam de mim tudo o que eu valorizo. Um Par. Uma família minha. Uma boa vocação. Eu não teria nada. Não acho que o Vovô quisesse isso para mim.

Não consigo entender. Pensei sobre isso sem parar, virei as palavras de cabeça para baixo na mente. Queria poder vê-las no papel de novo e achar a resposta da charada. Por algum motivo, acho que tudo seria diferente se eu as pudesse ver fora de mim, não só na minha mente.

Mas eu percebi uma coisa. Mesmo tendo feito a coisa certa — queimado as palavras e tentado esquecê-las —, não funciona. Aquelas palavras não me deixam.

Fico aliviada no minuto em que vejo Em sentada no refeitório. Ela praticamente brilha e quando me vê, ergue o braço para acenar. O Banquete foi bem, ao que parece. Ela não entrou em pânico. Ela conseguiu chegar até o fim. Não está morta.

Tento me desvencilhar rápido da fila e sento no lugar ao lado dela.

— Então — pergunto, como se já não soubesse a resposta. — Como foi o Banquete? — A luz dela ilumina todos no local. Todos sorriem na nossa mesa.

— *Foi perfeito.*

— Então não é o Lon? — digo, fazendo uma piadinha boba. Lon teve o Par dele anunciado alguns meses atrás.

Em ri.

— Não. O nome dele é Dalen. E da Província Acadia. — Acadia é uma das províncias mais arborizadas a leste, a quilômetros de distância das nossas colinas e vales aqui em Oria. Há pedras em Acadia, e mar. Coisas que não temos muito por aqui.

— *£...* — me inclino para frente assim como o resto dos nossos amigos reunidos na mesa, todos ansiosos pelos detalhes a respeito do garoto com quem Em vai casar.

— Quando ele se levantou, eu pensei: “Não pode ser para mim. “ Ele é alto e sorriu direto para mim, da tela. Não parecia nem um pouquinho nervoso.

— E era bonito?

— Claro. — Em sorri. — E também não pareceu ficar muito desapontado comigo, ainda bem.

— Como ele poderia ficar desapontado? — Hoje, Em reluz tão intensamente nas suas roupas comuns marrom sem graça, que imagino que devia ser impossível tirar os olhos dela na noite passada, quando estava usando o vestido amarelo. — Então ele é bonito. Mas como ele é? — Fico constrangida em ouvir um toque de inveja na minha voz em



alto e bom tom. Ninguém se juntou à minha volta para descobrir como Xander era. Não havia mistério, porque todos já sabiam. Em é bondosa o bastante para ignorar isso. — Para falar a verdade, ele lembra o Xander um pouquinho... — começa a falar, mas logo para.

Sigo seu olhar até o lugar onde Xander está, a alguns metros de nós, segurando as embalagens de alumínio numa bandeja, com aparência abatida. Será que ele ouviu a inveja na minha voz quando Em descreveu o Par dela?

O que está errado comigo?

Tento disfarçar.

— Nós estávamos falando sobre o Par da Em. Ele se parece com você.

Xander se recupera rapidamente.

— *Então ele é incrivelmente bonito.*

Ele se senta do meu lado, mas não olha para mim. Estou constrangida. Com toda certeza, ele me ouviu.

— Claro — ri Em. — Não sei por que fiquei tão preocupada! — Ela cora um pouco, provavelmente se lembrando da noite na sala de música, e olha para Xander. — Tudo deu certo. Do jeito que você disse.

— Eu queria que ainda deixassem a gente imprimir uma foto na mesma hora — digo. — Queria ver como ele é.

Em descreve seu Par e nos conta fatos sobre Dalen que descobriu no microcartão, mas estou distraída demais para ouvi-la. Fico preocupada em ter ferido Xander e quero que ele me olhe ou segure minha mão, mas ele não faz nada disso.

Em segura meu braço na saída do refeitório.

— Muito obrigada por ter me emprestado o compacto. Acho que ter alguma coisa para segurar ajudou, sabe?

Faço um sinal positivo com a cabeça.

— Ky te devolveu hoje de manhã, não foi?

— *Não.* — Meu coração pula. Cadê meu compacto? Por que Em não está com ele?

— Ele não devolveu? — o rosto de Em empalidece.

— Não — digo. — Por que estaria com ele?

— A gente se encontrou no trem aéreo, depois do Banquete do Par. Ele estava voltando tarde do trabalho. Eu queria que você recebesse o compacto de volta o mais rápido possível. — Em respira fundo. — Eu sabia que você ia ver o Ky durante a trilha, antes de me encontrar aqui, e eu não podia deixar direto na sua casa porque estava preocupada em não me atrasar para o toque de recolher.

— A trilha foi cancelada hoje cedo por causa do tempo.

— Foi? — A trilha é a única atividade de lazer de verão que não pode ser realizada de forma alguma em tempo ruim. Até natação pode ser praticada numa piscina interna. Em parece doente. — Eu devia ter pensado nisso. Mas por que ele não achou algum jeito de te devolver? Ele sabia como era importante. Eu fiz questão de dizer.

Boa pergunta. Mas não quero estragar o grande momento de Em. Não quero que se preocupe.

— Tenho certeza que ele entregou para Aida, para que ela cesse para minha mãe ou meu pai — digo, tentando parecer tranqüila. — Ou vai me entregar amanhã na trilha.

— Não se preocupe — diz Xander, agora olhando diretamente para mim. Suas palavras cruzam a pequena fenda que anda surgindo entre nós. — Ky é de confiança.



CAPÍTULO 15

Quando caminho para o ponto do trem aéreo na manhã seguinte, as coisas parecem mais nítidas, menos pesadas.

O frescor da noite teve sucesso naquilo em que a chuva de ontem havia fracassado: o ar está leve. Novo. O sol que surge timidamente em meio às últimas nuvens encoraja os pássaros a cantar, e eles cantam. Me encoraja a deixar que a luz penetre em mim, e eu deixo. Quem não se enfureceria com a morte de algo tão belo?

Não sou a única que se sente assim. Na trilha, Ky me encontra na frente do grupo, justo quando o Oficial começa a falar. Ky aperta o compacto na minha mão. Sinto o toque dos seus dedos e acho que ele os deixa ali um tiquinho a mais do que o necessário.

Ponho o compacto no bolso.

Por que aqui?. Me pergunto, ainda sentindo o formigamento. Porque não me entregar lá em casa?

Estou feliz por ter emprestado o compacto para Em, mas também estou feliz por tê-lo recuperado. É o único elo que tenho com meus avós e juro nunca mais deixar que se afaste das minhas mãos.

Acho que talvez Ky vá esperar por mim antes de entrar no bosque, mas não é o que ele faz. Quando o Oficial apita, Ky sai sem olhar para trás e, subitamente, meu novo sentimento de ânimo se dissolve um pouco.

Você recuperou o seu compacto, lembro a mim mesma. Uma coisa voltou.

Ky desaparece completamente nas árvores à frente.

Uma coisa se perdeu.

Três minutos depois, sozinha no mato, percebo que Ky não me devolveu o meu compacto. É outra coisa — dá para perceber no momento em que o retiro do bolso para ver se está tudo bem. O objeto é semelhante: dourado, um estojo que você pode abrir e fechar, mas com toda certeza não é o meu artefato.

Há letras — N, L, S, O — e uma flecha no interior. Gira e gira e fica apontando para mim.

Não achava que Aberrações tivessem acesso a artefatos, mas Ky obviamente tem. Será que ele me deu aquilo de propósito? Acidentalmente? Devo tentar devolver ou esperar até que ele me diga alguma coisa?

Tem segredos demais nessas matas, é o que concluo. Me pego sorrindo, mais uma vez reluzente, pronta para o sol.

— Senhor? Senhor? O Lon caiu. A gente acha que ele se machucou.

O Oficial fala um palavrão entre dentes e olha para mim e para Ky, os únicos que chegaram ao alto da colina além deste garoto.

— Vocês dois fiquem aqui e registrem quem chega e a que horas, ok?

O Oficial me entrega o terminal portátil e antes que eu possa dizer qualquer coisa, desaparece na floresta com o garoto.

Penso em dizer a Ky que precisamos trocar de artefatos, mas algo me impede de pronunciar as palavras. Por alguma razão, quero ficar com a misteriosa flecha giratória no estojo dourado. Só por um ou dois dias.

— O que você está fazendo? — é o que eu pergunto a ele. Sua mão se move, fazendo formas, curvas e linhas na grama que parecem familiares.

Os olhos azuis brilham para mim.

— Estou escrevendo.

Claro. É por isso que as marcas parecem familiares. Ele está escrevendo na antiga, sinuosa forma de escrita, como



as letras no meu compacto. Já vi amostras disso antes, mas não sei como fazer. Ninguém sabe. Tudo o que nós sabemos fazer é digitar. Poderíamos tentar imitar as figuras, mas como? Não temos nenhuma das antigas ferramentas.

Mas, ao observar Ky, eu percebo que é possível fazer as suas próprias ferramentas.

— Como você aprendeu a fazer isso? — Não ousou me sentar ao lado dele. Alguém pode sair das árvores a qualquer momento e precisar que eu registre seus dados no terminal de mão. Fico o mais próximo que me permito. Ele faz uma careta e percebo que estou bem no meio das suas palavras. Dou um passo para trás.

Ky sorri, mas não responde. Continua a escrever.

Esta é a diferença entre nós. Eu vivo para classificar. Ele sabe criar. Pode escrever palavras sempre que quiser. Pode rabiscá-las na grama, escrevê-las na areia, gravá-las numa árvore.

— Ninguém sabe que eu sei fazer isso — diz Ky. — Agora tenho um segredo seu e você tem um meu.

— Só um? — digo, pensando na flecha que gira dentro do estojo dourado.

Ky volta a sorrir.

Um pouco da chuva da noite passada ficou detida nas pétalas pesadas das flores selvagens daqui. Afundo o dedo na água e tento escrever na superfície lisa de uma das folhas largas. Parece difícil, desajeitado. Minhas mãos estão acostumadas a bater em uma tela e não a fazer movimentos controlados, sinuosos e amplos. Não seguro um pincel há anos, desde os tempos da Primeira Escola. Como a água é clara, não consigo ver as letras, mas sei que não estão na forma correta.

Ky afunda o dedo em outra gota e escreve um reluzente C em uma folha. Faz a curva uniformemente, com graça.

— Você vai me ensinar? — pergunto.

— Eu não devia fazer isso.

— Não devíamos estar fazendo nada disso — lembro a ele. Sons vêm do mato e do emaranhado de árvores abaixo de nós. Alguém está chegando. Sinto a ânsia de fazer com que ele prometa me ensinar antes que alguém chegue aqui e este momento desapareça.

— Não devíamos conhecer poemas, escrever ou... — interrompo minhas palavras. Pergunto de novo: — Você vai me ensinar?

Ky não responde.

Já não estamos mais sozinhos.

Várias pessoas chegaram ao topo e pelos gemidos que ouço através da floresta, o Oficial e o grupo de Lon não estão muito longe. Preciso colocar esses nomes no terminal, por isso me afasto de Ky. Volto a olhar para onde ele está, sentado, de braços cruzados, contemplando as colinas.

Lon, no fim das contas, vai sobreviver. Assim que o Oficial dá cabo do melodrama que envolve o ferimento, descobre que tudo que Lon tem é uma torção no tornozelo. Ainda assim, o Oficial nos recomenda ir devagar no caminho de volta até o pé da colina.

Quero descer com Ky, mas ele se mantém próximo do Oficial e o ajuda a descer a montanha com Lon. Me pergunto por que o Oficial se deu ao trabalho de levar Lon até o topo, até que escuto ele resmungando alguma coisa para Ky sobre “cumprir a cota, para que não venham me pegar”. Aquilo me surpreende, embora eu saiba que os Oficiais também prestam satisfação a outras pessoas.

Caminho com uma garota chamada Livy que está ficando cada vez melhor na trilha à medida que os dias passam, e que parece entusiasmada com tudo. Ela fala e fala e eu imagino a mão de Ky desenhando aquela curva arrebatadora do C para escrever meu nome, e meu coração bate mais rápido.

Nos atrasamos na volta. Preciso me apressar pra pegar o trem para o Bairro e Ky precisa se apressar para pegar o que vai levá-lo para Cidade, para o trabalho. Já desisti de falar com ele de novo hoje, quando sinto alguém esbarrar em mim. Ao mesmo tempo ouço uma palavra tão suave e tão baixa que chego a me perguntar se ele disse aquilo lá na colina e o vento acabou de trazê-la para mim, aqui embaixo.

A palavra é *sim*.



CAPÍTULO 16

Estou ficando boa nos Cs. Quando chego para a trilha, praticamente dou uma carreira até o alto da colina. Depois de passar pelo Oficial, me apresso em ocupar o lugar ao lado de Ky. Antes que ele possa me dizer qualquer coisa, pego um graveto e desenho um C bem ali, na lama, ao lado dele.

— O que vem depois? — pergunto e ele ri um pouco.

— Você sabe, você não precisa de mim. Você podia até aprender sozinha — diz ele. — Podia olhar as letras no seu escrevinhador ou no seu leitor.

— Não são a mesma coisa — digo. — Elas não se juntam como as suas. Já vi seu tipo de escrita antes, mas não sei como se chama.

— Cursiva — diz ele, suavemente. — É mais difícil de ler, mas é linda. É uma das antigas formas de escrever.

— É o que eu quero aprender. — Não quero copiar as letras maciças e achatadas que usamos hoje em dia. Gosto das curvas e dos movimentos daquelas que Ky sabe fazer.

Ky dá uma olhada no Oficial que encara as árvores ferozmente, como se desafiasse alguém a cair e a se machucar hoje. Não temos muito tempo antes de os outros chegarem.

— O que vem depois? — pergunto novamente.

— A — diz Ky, me mostrando como fazer um pequeno *a* envolvido por uma pequena volta no começo e no fim, para se juntar ao que vem antes e depois. — Porque é a próxima letra do seu nome. — Ele estica o braço e segura o graveto por cima da minha mão.

Para cima, em volta, para baixo.

A mão delicada que me guia segura na minha nos traços de descida e solta um pouco na subida. Mordo o lábio, concentrada. Ou talvez seja porque eu não ousou respirar até que o *a* esteja pronto, o que acontece rápido demais. A letra parece perfeita. Solto o ar, um tanto trêmula. Quero olhar para ele, mas em vez disso, baixo os olhos para ver nossas mãos, uma bem do lado da outra.

Nesta luz, a dele não parece tão avermelhada. Parecem bronzeadas, fortes. Decididas.

Livy desponta na clareira. Ela nunca foi a terceira a chegar e está quase fora de si com a empolgação. Enquanto tagarela com o Funcionário, eu e Ky nos levantamos e, casualmente, pisoteamos o que escrevemos até que desapareça.

— Por que é que eu estou aprendendo a escrever primeiro as letras do meu nome?

— Porque mesmo que você só aprenda a escrever isso, você já vai ter alguma coisa — diz ele, abaixando a cabeça para me olhar, se certificando de que eu o esteja entendendo e que saiba o que ele vai perguntar. — Você prefere aprender outra coisa?

Faço que sim com a cabeça, e seus olhos brilham com a compreensão.

— As palavras daquele papel — ele sussurra, com o olhar voltado para Livy e o Funcionário.

— Sim.

— Você ainda se lembra delas?

Faço mais uma vez um sim com a cabeça.

— Me conta um pouquinho todos os dias — diz ele — e eu vou lembrar delas para você. Então vão ser duas pessoas a saberem.



Embora o tempo seja curto antes de Livy, o Oficial ou outra pessoa virem na nossa direção, eu paro por um momento. Se disser aquelas palavras para Ky, entro em terreno mais perigoso do que antes. Vou pôr Ky em perigo. E vou precisar confiar nele.

Será que eu posso fazer isso? Contemplo a vista do alto da colina. O céu não tem uma resposta para mim. A cúpula da Prefeitura, a distância, certamente não tem. Lembro de ter pensado nos anjos das histórias no caminho do meu Banquete do Par. Não estou vendo anjo nenhum e eles não voam com suas asas macias como algodão para sussurrar nada no meu ouvido. Posso confiar nesse menino que escreve na terra?

Algum lugar dentro de mim — será o meu coração? Ou talvez minha alma. a parte mítica dos seres humanos que era cuidada pelos anjos? — me diz que posso.

Me aproximo de Ky. Não nos olhamos. Olhamos para a frente, para ter certeza de que ninguém vai suspeitar de nada, se nos virem. No momento em que sussurro as palavras para ele, meu coração está tão cheio que está quase a ponto de explodir porque eu as estou pronunciando, dizendo-as em voz alta para outra pessoa.

— *Não entre docemente naquela boa noite. Revolte-se, revolte-se contra o apagar da luz.*

Ky fecha os olhos.

Quando volta a abri-los, põe na minha mão algo áspero e parecido com papel.

— Olha isso para praticar — diz Ky. — Destrua quando tiver acabado.

Mal posso esperar pelo fim do dia de Segunda Escola e classificação, para que possa olhar o que Ky me entregou. Espero até estar em casa, na cozinha, jantando sozinha, porque trabalhei até tarde esta noite. Escuto meu pai e Bram jogando um jogo no terminal, no hall, e me sinto suficientemente segura para pôr a mão no bolso e tirar o presente de Ky.

Um guardanapo. Minha primeira reação é de decepção. O que é isso? É um guardanapo normal, do tipo que nós recebemos nos refeitórios da Segunda Escola ou do Arboreto ou de qualquer outro lugar. Marrom e grosso. Mancha-do e usado. Meu impulso é de incinerá-lo imediatamente.

Mas.

Quando eu o abro, há palavras lá dentro. Palavras deslumbrantes. Palavras em letra cursiva. Eram lindas lá no alto da colina verdejante, com o som do vento a bater nas árvores, e são lindas aqui, na cozinha cinza e azul, com o rumor do incinerador ao fundo. Palavras escuras, enrascadas, sinuosas, se curvam pelo papel pardo. Onde a umidade as tocou, estão ligeiramente manchadas.

E não são só palavras. Ele também desenhou coisas. A superfície está coberta de linhas e significado. Não é um desenho, nem um poema, nem uma letra de canção, embora minha mente classificadora perceba que o padrão é o mesmo de todas essas coisas. Mas não consigo classificar aquilo. Não é nada que eu tenha visto antes.

Percebo que nem sei o que se usaria para fazer marcas desse tipo. As palavras que eu pratico são todas escritas no ar, ou tracejadas na terra. Havia ferramentas para a escrita no passado, mas eu não sei como eram. Mesmo nossos pincéis, na escola, ficavam presos a telas, nossos desenhos apagados quase imediatamente depois de terminá-los. De alguma forma, Ky deve saber de um segredo mais antigo que o Vovô, a mãe dele, ou as pessoas que vieram antes. Como fazer. Como criar.

Duas vidas, escrevem.

Duas vidas, sussurro para mim. As palavras se calam e pairam no ambiente, baixo demais para que o terminal as escute em meio aos outros sons da casa.

Quase baixo demais para que eu as escute quando meu coração bate tão rápido. Mais rápido do que jamais bateu no mato ou no rastreador.

Eu devia ir para o meu quarto, para a relativa privacidade daquele lugarzinho com a minha cama, a minha janela. O armário onde as roupas comuns estão penduradas, morto e silencioso. Mas não consigo parar de olhar. É difícil para mim, a princípio, entender o que o desenho quer dizer, mas finalmente percebo que é ele. Ky. Desenhado duas vezes, uma em cada lado da dobra do guardanapo. A linha do queixo me faz identificá-lo, a forma dos olhos, a magre-



za e a força de seu corpo. Os espaços vazios. As mãos e o nada que elas seguram, apesar de estarem viradas para cima em ambos os desenhos.

É aí que acaba a semelhança entre os desenhos. Na primeira imagem, ele olha alguma coisa no céu, parece mais jovem, o rosto é aberto. A figura ali parece acreditar que as mãos ainda vão se encher. Na segunda, está mais velho, o rosto mais estreito e olha para o chão.

Embaixo, ele escreveu: Qual das duas é a verdadeira, eu não pergunto e eles não me dizem.

Duas vidas. Acho que entendo o que ele quer dizer — a vida que ele levava antes de vir para cá e a vida que passou a levar depois. Mas o que ele quis dizer com aquele verso de música ou de poesia, aquele pedido no final?

— Cassia? — meu pai me chama da entrada, logo atrás de mim. Ponho o guardanapo no alumínio do jantar e levo tudo para o incinerador e a lixeira de reciclagem.

— Sim?

Mesmo se ele vir, é um guardanapo, digo a mim mesma, olhando para o quadrado pardo na bandeja. Nós os incineramos depois de todas as refeições e é até mesmo o tipo correto de papel, não é como aquele que o Vovô me deu. O tubo de incineração não vai registrar a diferença. Ky está cuidando da sua segurança. Ergo os olhos para o meu pai.

— Tem uma mensagem para você, no terminal — diz meu pai. Ele não olha o que eu tenho comigo. Se concentra no meu rosto, para ver o que estou pensando. Talvez esteja aí o verdadeiro perigo. Sorrio e tento parecer despreocupada.

— E da Em? — jogo as peças de alumínio compartimento de reciclagem abaixo. Sobrou só o guardanapo.

— Não — diz meu pai. — Um Funcionário do Departamento de Pares.

— Ah. — Nesse momento, enfio o guardanapo no tubo de incineração. — Já vou — digo para o meu pai. Sinto um mínimo de calor do fogo lá embaixo, no que a história de Ky se queima e eu me pergunto se um dia terei força para guardar alguma coisa. Os poemas do Vovô. A história de Ky. Ou se vou sempre ser aquela que destrói.

Ky te disse para destruir, digo a mim mesma. O homem que escreveu o poema se foi, mas Ky não. Precisamos que continue assim. Mantê-lo em segurança.

Sigo meu pai até o hall. Bram me olha com raiva ao sair, porque a mensagem interrompeu o jogo. Esperando ocultar meu nervosismo, dou-lhe um esbarrão brincalhão enquanto caminho para o terminal.

O Funcionário na tela não é ninguém que eu já tenha visto antes. É um homem de aparência animada, robusta, nada parecido com os tipos cerebrais e ascéticos que imagino que fiquem sentados diante das telas de dados do Departamento de Pares.

— Olá, Cassia — diz ele. A gola do uniforme branco parece apertar o pescoço e ele tem rugas de riso sob os olhos.

— Olá. — Quero olhar para baixo e ver se minhas mãos ficaram manchadas com os desenhos e as palavras, mas mantenho os olhos no Funcionário.

— Já se passou um mês desde que foi designado o seu Par.

— Sim, senhor.

— Outros Pares estão combinando a primeira comunicação via terminal. Passei o dia organizando isto para os seus colegas. Naturalmente, seria bastante ridículo que você e Xander mantivessem uma comunicação formal via terminal. — O Funcionário ri, animado. — Não acha?

— Concordo, senhor.

— Os outros Funcionários do Comitê de Pares e eu decidimos que faz mais sentido, em vez disso, permitir que os dois saiam juntos. Naturalmente, sob a supervisão de um Funcionário, como acontece com as comunicações dos outros Pares.

— Naturalmente. — Com o canto do olho, vejo meu pai na porta do quarto dele, me observando. Cuidando de mim. Estou feliz por ele estar aqui. Apesar de a idéia de passar um tempo com Xander não ser nada nova e nem assustadora, a idéia de ter um Funcionário participando do encontro parece um pouco estranha.



Espero que não seja a Funcionária da área verde — penso subitamente.

— Excelente. Você vai comer fora de casa amanhã à noite. Xander e o Funcionário destacado para o seu processo de designação do Par vão pegá-la na hora habitual da sua refeição.

— Vou estar pronta.

O Funcionário desliga e o terminal solta um bipe, indicando que há outra chamada em espera.

— Estamos populares esta noite — digo para o meu pai, feliz por não termos que falar sobre a minha saída com Xander. Meu pai já parece esperançoso e se apressa para ficar ao meu lado. É minha mãe.

— Cassia, posso falar com seu pai sozinho por uns minutos? — ela me pergunta depois de nos cumprimentarmos. — Não tenho muito tempo para conversar esta noite. Tem coisas que eu preciso dizer para ele. — Ela parece cansada e ainda está usando o uniforme e a insígnia do trabalho.

— Claro — digo.

Há uma batida na porta e vou atender. É Xander.

— Ainda temos alguns minutos antes do toque de recolher — diz ele. — Você quer conversar comigo nos degraus?

— Claro. — Fecho a porta atrás de mim e saio. A luz da varanda brilha forte sobre nós e estamos visíveis para o mundo, ou pelo menos para o mundo do Bairro Mapletree, enquanto nos sentamos nos degraus de concreto, lado a lado. É bom estar com Xander, de uma forma diferente de como é bom estar com Ky.

Ainda assim. Estar com Ky, estar com Xander — as duas coisas se parecem com estar sob a luz. Diferentes tipos de luz, mas nenhuma das duas é sombria.

— Parece que nós dois vamos sair amanhã à noite — diz Xander.

— Nós três — digo, e quando ele parece confuso, eu prossigo. — Não esquece do Funcionário.

Xander grunhe.

— Claro. Como fui me esquecer?

— Eu queria que nós pudéssemos sair sozinhos.

— Eu também. — Não dizemos nada por um momento. O vento varre nossa rua, agitando as folhas dos bordos. Na luz noturna, as folhas parecem prateadas. As cores sumiram, engolidas momentaneamente pela noite. Lembro da noite em que estive com o Vovô e pensei na mesma coisa. Penso na antiga doença do daltonismo, eliminada há várias gerações, e de como o mundo deveria ser para aquelas pessoas.

— Você às vezes sonha de olhos abertos? — Xander me pergunta.

— O tempo todo.

— Você sonhava com o seu Par? Antes do Banquete, eu quero dizer.

— Às vezes — digo. paro de olhar a brincadeira do vento nas folhas do bordo e olho para Xander. Eu devia ter olhado para Xander antes de ter respondido. É tarde demais. Posso ver nos seus olhos que minha resposta não era o que ele esperava, que ao dizer aquilo eu fechei uma porta em vez de abri-la. Talvez Xander sonhasse comigo e queria saber se eu sonhava com ele. Talvez tenha momentos de insegurança, como eu, e precisa que eu diga que me sinto segura com o fato de sermos um Par.

Esse é o problema de sermos um Par incomum. Nos conhecemos bem demais. Sentimos as incertezas no nosso toque, as vemos no olhar um do outro. Não precisamos superá-las sozinhos, a quilômetros de distância um do outro, como acontece com outros Pares. Eles não se veem diariamente. Nós nos vemos.

E, apesar disso, nós *somos* um Par e uma profunda compreensão existe entre nós, mesmo em meio a um mal-entendido. Xander pega a minha mão e prendo meus dedos nos dele. Isso é conhecido. É bom. Quando penso em sentar na entrada da casa noutras noites desta vida que nos foi dada, é algo que posso imaginar com facilidade e felicidade.

Quero que Xander me beije de novo. É tarde da noite e há até o perfume de rosas novas no ar, do jeito que aconteceu no nosso primeiro beijo. Quero que ele me beije de novo para que eu saiba que o que sinto por ele é real, se é



mais ou menos real do que a mão de Ky esbarrando na minha no alto da pequena colina.

Rua abaixo, o último trem da Cidade para na estação com um suspiro. Momentos depois, vemos as figuras dos trabalhadores que chegam tarde, apressados pelas calçadas para estarem em casa na hora do toque de recolher.

Xander se levanta.

— Preciso voltar. Vejo você na escola, amanhã.

— Até amanhã — digo. Ele aperta minha mão e se junta aos outros na calçada, a caminho de casa. Não entro. Vejo as figuras e aceno para alguns. Eu sei por quem estou esperando. No momento em que já acho que não vou vê-lo, Ky para diante da minha casa. Praticamente antes de ele parar, desço os degraus para falar com ele.

— Eu andava querendo fazer isso há alguns dias — diz Ky. A princípio, acho que ele vai segurar minha mão e meu coração para, então vejo que está segurando alguma coisa. Um dos envelopes de papel pardo que as pessoas que trabalham em escritórios às vezes usam. Ele deve ter pego com o pai dele. Percebo imediatamente que o compacto talvez esteja lá dentro, por isso estico o braço para pegar o envelope. Nossas mãos não se tocam e me pego desejando que tivessem se tocado.

O que há de errado comigo?

— Eu estou com o seu... — Paro, porque não sei qual é o nome para o estojo que contém a agulha giratória.

— Eu sei — Ky sorri para mim. A lua, que paira baixa e pesada no céu, perto do horizonte, é uma fatia amarela, como o melão que comemos na Festa de Outono. A luz da lua ilumina o rosto de Ky um pouquinho, mas o sorriso ainda ilumina mais.

— Está lá dentro — faço um gesto na direção dos degraus e da varanda iluminada. — Se você quiser, posso entrar correndo e pegar.

— Está tudo bem — diz Ky. — Isso pode esperar. Você pode me devolver depois. — A voz é baixa, quase tímida. — Eu quero que você tenha a chance de dar uma olhada.

Pergunto-me qual é a cor dos olhos dele neste momento. Eles refletem o negro da noite ou a luz da lua? Me aproximo para tentar ver, mas quando o faço, o sino que indica que está quase na hora de toque de recolher soa pela rua e nós dois pulamos. — Vejo você amanhã — diz Ky ao ir embora.

— Até lá.

Tenho mais cinco minutos antes de precisar estar dentro de casa, por isso fico do lado de fora e não me mexo. Acompanho-o no seu caminho pela rua e depois olho para a lua no céu e fecho os olhos. Na minha cabeça, vejo as palavras que li mais cedo:

Duas vidas.

Desde o dia do erro com meu Par, não sei mais qual é minha verdadeira vida. Mesmo com as palavras de garantia da Funcionária naquele dia, na área verde, sei que uma parte de mim não está em paz. É como se eu tivesse visto pela primeira vez que a vida poderia tomar diferentes trilhas, assumir diferentes direções.

De volta para dentro da casa, tiro meu compacto do envelope e pego o artefato de Ky do seu esconderijo, no fundo do bolso, em um dos meus conjuntos extras de roupas comuns. Quando os coloco lado a lado, é fácil dizer a diferença entre os dois círculos dourados. A superfície do artefato de Ky é simples, arranhada. O compacto brilha mais e é gravado com letras que chamam minha atenção.

Por um capricho, pego meu artefato, giro a base e olho lá dentro. Sei que Ky me viu lendo poemas na floresta. Será que ele também viu como eu abria o compacto?

E se Ky deixou um recado para mim?

Nada.

Guardo o compacto na prateleira.

Decido guardar o envelope, pôr o artefato de Ky lá dentro antes de devolvê-lo ao bolso das minhas roupas, por segurança. Mas antes, abro o estojo e vejo a agulha giratória. Ela para em um momento, mas eu ainda giro, me perguntando que direção seguir.



CAPÍTULO 17

A subida é quase fácil demais.

Afasto os galhos do caminho, pulo sobre as pedras e me embrenho nos arbustos. Meus pés abriram uma trilha nesta colina, e eu sei por onde ir e como chegar. Queria um desafio maior, alguma coisa mais difícil de escalar. Queria a Colina, com suas árvores caídas e o mato fechado. Neste momento, penso eu, se me puserem na Colina, eu poderia correr até o topo. E quando chegasse lá em cima, haveria uma nova vista e talvez, se ele viesse comigo e ficassemos lá juntos, eu descobriria mais ainda sobre Ky.

Mal posso esperar para vê-lo e perguntar sobre a história dele. Será que vai ter mais para mim?

Saio das árvores e sorrio para o Oficial.

— Hoje teve concorrência pelo seu lugar — diz ele, ao registrar meu tempo de subida no terminal de mão.

O que ele quer dizer? Me viro e vejo Ky. Uma garota está sentada ao lado dele, os cabelos dourados caindo pelas costas. Livy.

Ky ri de alguma coisa que ela diz. Não faz qualquer movimento, nenhum gesto para indicar que deseje que eu me sente perto dele. Nem sequer me olha. Livy assumiu meu posto. Dou um passo para frente para recuperá-lo.

Livy segura um graveto para Ky. Ele nem hesita. Ele o segura bem acima da sua mão e vejo que ele a ajuda a fazer movimentos sinuosos na terra.

Ele está ensinando ela a escrever?

Meu passo à frente se transforma em muitos passos para trás, quando me viro e me afasto de tudo. Do brilho do sol no cabelo dela, das mãos que quase se tocam, escrevendo letras na terra, dos olhos de Ky que se desviam dos meus, do lugar ao sol com vento e palavras sussurradas que deveriam ser minhas.

Como posso falar com Ky quando ela está sentada bem ali? Como posso aprender a escrever? Como posso conseguir mais de suas palavras?

A resposta é simples: não posso.

De volta ao pé da colina, o Oficial faz um pronunciamento.

— Amanhã vai ser diferente — ele nos conta. — Fiquem no ponto do trem aéreo no Arboreto ao chegarem, e esperem por mim para que eu possa levar vocês para um lugar novo. Acabamos com esta colina.

— Finalmente — diz Ky, atrás de mim, em voz tão baixa que só eu escuto. — Estava começando a me sentir como Sísifo.

Não sei quem é Sísifo. Quero me virar e perguntar, mas não me mexo. Ele ensinou Livy a escrever. Será que também está contando a história dele para ela? Será que eu me enganei em achar que era especial para ele? Talvez muitas garotas saibam da história de Ky e tenham caído no truque de escrever-lhes os nomes.

Enquanto penso tais coisas, já percebo que estão erradas, mas não consigo tirar da cabeça a visão da mão dele guiando a dela.

O Oficial apita para nos dispersar. Caminho, ligeiramente afastada do resto. Só dei alguns passos quando escuto Ky atrás de mim.

— Você quer me dizer alguma coisa? — ele pergunta suavemente. Sei o que quer saber. Ele quer ouvir mais do poema. Sacudo a cabeça e me viro. Ele não tinha palavras para mim. Por que eu deveria dar as minhas para ele?

Queria que minha mãe não estivesse fora. A época da viagem é estranha — o verão é a estação mais movimentada



no Arboreto, com tantas plantas para cuidar — e também sinto a falta dela por motivos egoístas. Como devo me aprontar, sem ela, para minha primeira saída oficial com Xander?

Visto roupas comuns limpas, desejando ainda ter o vestido verde. Se tivesse, eu o usaria de novo para lembrar a Xander e a mim de como tudo era há menos de um mês.

Quando saio no hall, meu pai e meu irmão me esperam.

— Você está linda — diz meu pai.

— Você está direitinha — diz Bram.

— Obrigada — digo, revirando os olhos. Bram diz isso toda vez que eu saio. Até na noite do Banquete do Par foi assim. Mas gosto de pensar que ali foi mais sincero.

— Sua mãe vai tentar ligar mais tarde. Quer saber tudo sobre a noite — diz Papai.

— Espero que ela consiga. — A idéia de conversar com minha mãe é reconfortante.

A campainha do jantar soa na cozinha.

— Hora de comer — diz meu pai, pondo um braço a minha volta. — Você quer que a gente espere aqui com você ou que suma de vista?

Bram já está quase na cozinha. Sorrio para meu pai.

— Você devia comer com Bram. Eu vou ficar bem.

Meu pai me dá um beijo no rosto.

— Vou voltar assim que a campainha tocar. — Ele também está meio preocupado com o Funcionário. Imagino meu pai aparecendo na porta e dizendo educadamente: “Sinto muito, senhor. Cassia não vai poder sair esta noite. “ Imagino-o sorrindo para Xander, para que Xander saiba que ele não é o motivo das preocupações do meu pai. E então visualizo meu pai fechando a porta com delicadeza, mas com firmeza, e me mantendo em segurança: dentro de casa. Dentro dessas paredes que me mantiveram segura por tanto tempo.

Mas essa casa não é mais segura, lembro a mim mesma. Essa casa é onde eu vi o rosto de Ky pela primeira vez, no microcartão. Onde revistaram meu pai.

Existe um lugar seguro em alguma parte deste Bairro? Na Cidade, nesta Província, neste mundo?

Resisto à vontade de repetir as palavras da história de Ky para mim, enquanto espero. Ele já está demais na minha cabeça e não quero que nos acompanhe esta noite.

A campainha toca. Xander. E o Funcionário.

Não acho que esteja pronta para isto e não sei o motivo. Ou sei, mas não posso examiná-lo atentamente no momento, ou sei que tudo vai mudar. Tudo. Do outro lado da porta, Xander me espera. Percebo que isto simboliza o que está errado. Ninguém tem permissão para entrar e quando é hora de deixar que entrem, não sabemos como.

Respiro fundo e abro a porta.

— Para onde vamos? — pergunto no trem aéreo. Nós três nos sentamos lado a lado — eu, Xander e o Funcionário de ar entediado, que é jovem e veste o uniforme mais bem passado que já vi na vida.

O Funcionário responde.

— Suas refeições foram enviadas para um refeitório particular. Vamos jantar lá e depois vou acompanhar os dois até suas casas. — Ele raramente nos olha nos olhos, preferindo olhar para um ponto atrás de nós, nas janelas. Não sei se pretende nos deixar à vontade ou nos constranger. Por ora, segunda opção.

Um refeitório particular? Olho para Xander. Ele ergue as sobrancelhas e pronuncia “Para quê?” e faz um gesto para o Funcionário. Tento não rir. Xander tem razão. Por que se dar ao trabalho de comer em refeitório particular se esta saída é tudo menos particular?

Começo a sentir pena de todos os Pares recém-formados que precisam ter as primeiras conversas acompanhadas por Funcionários, nos terminais. Pelo menos Xander e eu já tivemos milhares de conversas antes.

A sala de jantar é em um pequeno prédio a uma parada de distância, um lugar onde Solteiros às vezes vão, onde nossos pais podem fazer refeições à noite de vez em quando, se sentem vontade de sair.



— Parece ótimo — digo, numa tentativa desajeitada de puxar conversa, quando nos aproximamos do salão. Uma pequena área verde cerca o prédio, um caixote de tijolos vermelhos. Nessa área, reparo na presença de um canteiro cheio das rosas novas, onipresentes, e também uma espécie etérea de flor selvagem.

E então tenho uma lembrança tão específica e nítida, que é difícil crer que eu não tenha pensado naquilo até aquele momento. Lembro de uma noite quando eu era bem mais jovem e meus pais voltavam de uma saída noturna. Vovô tinha vindo ficar com a gente e ouvi meus pais conversando com ele antes do meu pai ir para o quarto do Bram e minha mãe vir para o meu. Uma flor amarela e rosa caiu do cabelo dela quando se abaixou para ajeitar minhas cobertas. Ela a colocou rapidamente atrás da orelha e fora de vista, e eu estava sonolenta demais para perguntar como ela havia encontrado a flor. Na época, aquilo me confundiu enquanto eu pegava no sono: Como ela havia arranjado a flor, quando era proibido colhê-las? Esqueci a resposta no sonho e nunca fiz a pergunta ao acordar.

Agora sei a resposta. Meu pai às vezes dribla as regras pelas pessoas que ele ama. Pela minha mãe. Pelo Vovô. Meu pai é um pouco como Xander, na noite em que driblou as regras para ajudar Em.

Xander pega meu braço, me trazendo de volta ao presente. Quando ele faz isso, não consigo me conter; olho para o Funcionário. Ele não diz nada.

O interior do salão de refeições parece mais bonito do que um refeitório comum.

— Veja só — diz Xander. Luzes piscam no meio de cada mesa para simular um velho sistema romântico de iluminação, velas.

As pessoas nos olham, quando passamos pelas mesas. Somos nitidamente os freqüentadores mais jovens. A maioria tem a idade dos nossos pais ou são jovens casais muitos anos mais velhos do que nós, casais que acabaram de fazer o Contrato. Vejo algumas pessoas que provavelmente são Solteiros em encontros recreativos, mas não são muitos. Os Bairros desta área são primordialmente familiares, cheios de pais, casais que fizeram o Contrato e jovens com menos de 21 anos.

Xander repara nos olhares e retribui, o braço ainda preso ao meu. Baixinho, ele sussurra:

— Pelo menos, todo mundo na escola já se encheu de nós sermos um Par, a essa altura. Detesto os olhares.

— Eu também.

Felizmente, o Funcionário não fica olhando para a gente. Ele *nos* conduz por entre as mesas e encontra uma que está marcada com nossos nomes, quase no fundo. O garçom chega com a comida quase no momento em que nos sentamos.

A simulação de velas tremula na mesa redonda de metal diante de mim. Não há toalha de mesa e a comida é regulada — vamos comer a mesma coisa que comeríamos em casa. É por isso que é necessário fazer reservas, para que a equipe de nutrição possa levar a refeição ao lugar certo. É claro, jantar aqui não se compara de forma alguma ao Banquete do Par, na Prefeitura Municipal, mas é o segundo lugar mais bonito onde já comi na vida.

— A comida está boa e quente — diz Xander, enquanto o vapor escapa do recipiente de alumínio. Ele retira a tampa e olha dentro. — Olha a minha porção. Querem que eu ganhe corpo, e por isso me dão cada vez mais.

Olho para a porção de Xander, de espaguete com molho. É *mesmo* enorme.

— Você vai conseguir comer tudo isso?

— Tá brincando? Claro que sim — Xander parece ofendido.

Tiro a tampa e olho minha porção. Comparada à de Xander, parece minúscula. Talvez eu esteja imaginando coisas, mas minhas porções parecem estar diminuindo ultimamente. Não sei bem o motivo. As trilhas e as corridas no rastreador me mantêm em forma. Eu deveria até estar recebendo mais comida, e não menos.

Deve ser minha imaginação.

O Funcionário, parecendo menos interessado ainda do que antes, tira o macarrão do recipiente com um garfo e olha em volta do salão, para os outros freqüentadores. A comida é exatamente igual à nossa. Acho que não são verdadeiros os mitos que correm sobre os Funcionários de certos departamentos terem acesso a uma comida melhor do que a dos outros. Ao menos, não quando comem em público.



— Como vão as trilhas? — Xander me pergunta, pondo uma garfada de macarrão na boca.

— Eu gosto — respondo honestamente. *A não ser hoje.*

— Mais ainda do que de nadar? — Xander me provoca. — Não que você gostasse muito disso, suponho. Sentada ali na beirada.

— Eu nadava — respondo, também provocando. — Às vezes. De qualquer maneira, gosto mais do que de ficar na piscina.

— Não é possível — diz Xander. — Nadar é a melhor coisa. Ouvi que tudo o que você andou fazendo foi subir o mesmo morrinho várias vezes.

— Tudo o que você faz, quando nada, é ficar dando voltas na mesma piscininha.

— É diferente. A água está sempre se mexendo. Nunca é a mesma.

O comentário de Xander me faz lembrar aquilo que Ky disse na sala de música, sobre as canções.

— Pode ser. Mas a colina também está sempre em movimento. O vento mexe nas coisas, as plantas crescem, se modificam também... — Fico em silêncio. Nosso Funcionário de roupa bem passada inclina a cabeça, ouvindo o papo. E por isso que ele está aqui, não é?

Mexo na comida e o movimento me faz pensar em escrever com Ky. Um fio de macarrão está curvado como um C. *Para.* Preciso parar de pensar em Ky.

Uma parte da comida se recusa teimosamente a se enrolar no garfo. Giro-o de um lado para o outro e finalmente desisto e enfio uma porção do macarrão na boca, com as pontas para fora. Preciso sugá-las para dentro.

Constrangedor. Por alguma razão, meus olhos se enchem de lágrimas. Baixo o garfo e Xander estica o braço para endireitá-lo. Quando faz isso, olha direto nos meus olhos e eu consigo ver a pergunta que está ali como se a fizesse em voz alta: *O que está errado?*

Sacudo a cabeça ligeiramente e sorrio para ele. *Nada.*

Olho para o nosso Funcionário. Está momentaneamente distraído, ouvindo algo em seu fone de ouvido. Naturalmente. Ele ainda está a serviço.

— Xander, por que você não... sabe?... não me beijou na outra noite? — pergunto subitamente, pois o Funcionário não está ouvindo agora. Deveria estar constrangida, mas não estou. Quero saber.

— Tinha gente demais olhando — Xander parece surpreso. — Eu sei que os Funcionários não se importam, porque nós somos um Par, mas você sabe. — Ele inclina a cabeça ligeiramente na direção do Funcionário ao nosso lado. — Não é a mesma coisa quando estamos sendo vigiados.

— Como você sabia?

— Você não reparou em todos os Funcionários que andam pela nossa rua ultimamente?

— Vigiano a minha casa?

Xander ergue as sobrancelhas.

— Por que estariam vigiando a sua casa?

Porque eu leio coisas que não deveria e aprendo coisas que não querem que eu saiba e talvez esteja me apaixonando por outra pessoa. O que eu digo é:

— Meu pai... — não completo a frase.

Xander cora.

— Claro. Eu devia ter imaginado... Não é isso, pelo menos acho que não é. Esses são Funcionários de nível básico, policiais. Andam patrulhando bem mais ultimamente e não só no nosso Bairro. Em todos os Bairros.

Nossa rua estava cheia de Funcionários naquela noite e eu nem sabia. Ky devia saber. Talvez fosse por isso que ele não subiu nos degraus da varanda. Talvez seja por isso que ele nunca me toca. Tem medo de ser pego.

Ou talvez seja mais simples que isso. Talvez ele nunca *queira* me tocar. Talvez eu seja só uma amiga para Ky. Uma amiga que quer conhecer a história dele, nada mais.

E a princípio, eu era isso mesmo. Queria saber mais sobre o garoto que mora entre nós, mas que nunca realmente



fala. Saber mais sobre o que aconteceu antes. Queria saber mais sobre o engano relativo ao meu Par. Mas agora sinto que descobrir mais sobre ele é uma forma de descobrir mais sobre mim. Não esperava amar suas palavras. Não esperava me encontrar nelas.

Será que se apaixonar pela história de uma pessoa é a mesma coisa que se apaixonar pela própria pessoa?



CAPÍTULO 18

Outro carro aéreo está parado na nossa rua, desta vez diante da casa de

Em.

— O que está havendo? — pergunto a Xander, cujos olhos ficam arregalados de medo. O Funcionário nos olha com interesse, mas sem surpresa. Resisto à vontade de agarrar com força a camisa dele e amassá-la com as mãos. Fico me segurando para não rosnar: “Por que você fica observando a gente? O que você sabe?”

A porta para a casa de Em se abre e três Funcionários saem. Nosso Funcionário se vira para nós e diz, quase bruscamente:

— Espero que os dois tenham tido uma noite agradável. Vou fazer um relatório para o Comitê de Pares amanhã cedo.

— Obrigada — digo automaticamente no que ele se volta para o ponto do trem aéreo, embora não saiba por quê. Não me sinto grata.

Os Funcionários na casa de Em caminham pelo quintal e vão para a casa vizinha. Seguram um recipiente, algo oficial da Sociedade, e não estão sorridentes. Na verdade, se eu fosse tentar descrever como está a cara deles, diria que parecem *tristes*. Não gosto disso.

— Será que a gente devia ver se a Em está bem? — pergunto, e quando digo isso, ela abre a porta da frente e olha para fora. Ela nos vê e corre pelo quintal para nos encontrar.

— Cassia, é culpa minha. E culpa minha! — a voz de Em está trêmula, e lágrimas marcam seu rosto.

— O que é culpa sua, Em? O que houve? — Olho para a casa ao lado para ter certeza de que os Funcionários não estão nos vigiando, mas eles já entraram. Os vizinhos de Em abriram a porta antes que os Funcionários precisassem bater, como se já estivessem esperando.

— O que está acontecendo? — a voz de Xander soa áspera e eu olho sutilmente para ele, tentando dizer que tenho paciência.

O rosto de Em fica ainda mais pálido e ela segura o meu braço. A voz é um fiapo.

— Os Funcionários estão coletando todos os artefatos.

— *O quê?*

Os lábios de Em tremem.

— Disseram que eu fui vista com um artefato no Banquete do Par e vieram pegar ele. Eu disse que não era meu, que tinha pegado emprestado com você e devolvido. — Ela engole em seco e eu lembro da noite do comprimido verde. Ponho o braço em volta dela e olho para Xander. Em continua a falar, a voz vacilante. — Eu não devia ter dito para eles. Mas fiquei tão assustada! Agora vão tirar de você. Estão indo de casa em casa.

De casa em casa. Logo vão estar na minha. Quero reconfortar Em, mas preciso tentar salvar meu artefato, por mais fútil que seja este esforço. *Preciso ir para casa*. Dou um abraço em Em.

— Em, não é culpa sua. Mesmo se você não tivesse contado, eles sabiam que eu tinha um artefato. Está registrado e eu levei ao Banquete.

Então me lembro de uma coisa e o medo toma conta de mim. *O artefato de Ky*. Ainda está escondido no meu armário. Os Funcionários talvez saibam do meu artefato, mas não sabem sobre o de Ky. Isso poderia causar encrenca para nós dois.



Como é que eu posso esconder do?

— Preciso ir para casa — digo, desta vez em voz alta. Afasto o braço dos ombros de Em e me viro na direção da minha casa. Quanto tempo eu tenho antes de os Funcionários chegarem lá? Cinco minutos? Dez?

Em começa a chorar com mais intensidade, mas eu não tenho tempo para voltar a confortá-la. Caminho o mais rápido que posso sem chamar atenção. Alguns passos depois, Xander está ao meu lado, de braços dados, como se tivéssemos tido um passeio normal e estivéssemos voltando para casa.

— Cassia — diz ele. Não me viro na direção dele. Não consigo parar de pensar em tudo o que pode se perder dentro de poucos instantes. Ky já é uma Aberração. Se ficarem sabendo que ele tem um artefato, será que corre o risco de se tornar uma Anomalia?

Eu podia protegê-lo. Podia dizer que é meu e que o achei quando caminhávamos pelo mato. Será que acreditariam em mim?

— Cassia — Xander diz de novo. — Eu posso esconder para você. Diz que perdeu. Inventa uma história convincente.

— Não posso deixar você fazer isso por mim.

— Pode sim. Vou te esperar lá fora, enquanto você pega o compacto. É pequeno o bastante para caber na sua mão, não é? — Faço que sim. — Quando você sair, aja como se estivesse louca por mim, como se detestasse se despedir. Joga os braços em volta de mim. Joga dentro da minha camisa. Eu cuido de tudo depois.

Eu nunca tinha visto aquele lado de Xander antes, penso, mas imediatamente me dou conta de que já tinha visto, sim. Quando joga, ele é assim. Tranquilo, calmo, cheio de estratégia e ousadia. E nos jogos, pelo menos, os riscos sempre valem à pena.

— Xander, isso não é um jogo.

— Eu sei. — Seu rosto parece sombrio. — Vou tomar cuidado.

— Tem certeza? — Eu não devia deixar ele fazer isso. É covardia considerar essa possibilidade. Mas ainda assim: ele pode levar o compacto pra mim. Ele o salvaria pra mim. Ele se arriscaria por mim.

— Tenho.

Assim que fecho a porta da frente, corro pelo corredor até o meu quarto o mais rápido que posso. Ninguém da família me vê, e fico grata por isso. Com as mãos trêmulas, abro a porta do armário e empurro os cabides até encontrar o jogo de roupas comuns onde escondi o artefato de Ky num bolso. Abro o envelope de papel pardo e o inclino para que a agulha no estojo escorregue para fora. Enfio o envelope no bolso. Tiro o compacto da prateleira e olho os dois itens nas minhas mãos.

Dourados e belos. Contra minha consciência, me sinto tentada a dar meu compacto a Xander, em vez de entregar a agulha giratória de Ky, mas ponho o compacto na cama e seguro o artefato de Ky na mão. Salvar o compacto seria um ato de egoísmo. Salvaria só uma *coisa*. Mas salvar o artefato de Ky nos poupa de questionamentos e impede que ele se torne uma Anomalia. E como posso deixar que levem o último pedaço da sua antiga vida?

E também é mais seguro para Xander. Eles não sabem que o artefato de Ky existe. Possivelmente, não vão sentir falta. Meu compacto vai ser computado e tomado, como se espera, de forma que não vão procurá-lo nem imaginar se eu o teria entregue a alguém.

Volto correndo pelo corredor e abro a porta da frente.

— Xander, espera! — eu o chamo, tentando manter a leveza na voz. — Você não vai me dar um beijo de boa-noite?

Xander se vira, o rosto franco e natural. Não creio que outra pessoa possa perceber o brilho de astúcia no seu olhar, mas eu o conheço muito bem.

Salto os degraus e ele me abre os braços. Nos abraçamos, as mãos dele na minha cintura e meus braços no pescoço dele. Coloco a mão sob a gola das suas roupas comuns e abro os dedos. O artefato escorrega pelas costas, e a palma da minha mão sente a sua pele moia. Olhamos um para o outro bem nos olhos por um momento, depois eu me



aproximo da sua orelha.

— Não abre — sussurro para Xander. — Não guarda na sua casa. Enterra ou então esconde em algum lugar. Não é o que você tá pensando.

Xander assente.

— Obrigada — digo e então o beijo nos lábios e me entrego àquele beijo. Apesar de saber que estou me apaixonando por Ky, é impossível não amar Xander por tudo o que ele é e por tudo o que ele faz.

— Cassia! — Bram grita dos degraus da entrada.

Bram. Ele também vai perder alguma coisa hoje. Penso no relógio do Vovô e a raiva cresce dentro de mim. Eles precisam mesmo levar tudo?

Xander se afasta de mim. Precisa se apressar em esconder o artefato antes que cheguem à sua casa.

— Tchau — diz ele, com um sorriso.

— Tchau — respondo.

— Cassia! — Bram volta a me chamar, com medo na voz. Olho para a rua, mas não vejo Funcionários. Ainda devem estar em alguma casa entre a minha e a de Em.

— Oi, Bram — digo, tentando parecer casual. É melhor para nós se ele não suspeitar do que Xander e eu fizemos. — Cadê...

— Estão recolhendo os artefatos — diz Bram, com a voz trêmula. — Chamaram o Papai para ajudar na coleta.

Claro. Eu devia ter imaginado. Precisam de alguém como ele para ajudar a determinar se os artefatos são verdadeiros ou falsos. Outro medo me abala. Seria ele o encarregado de recolher os *nosso*s artefatos? Será que ele fingiu que o meu estava perdido? Será que ele mentiria por Bram e por mim? Quantos erros estúpidos ele está disposto a cometer por quem ele ama?

— Ah, não! — digo, tentando agir como se tudo fosse novidade para mim. Com sorte, Bram não vai descobrir que Em me falou disso antes.

— Ele levou os nossos com ele?

— Não — diz Bram. — Eles não deixam ninguém recolher da própria família.

— Ele sabia que isso ia acontecer?

— Não. Quando a chamada no terminal acabou, ele tava chocado. Mas precisou se apresentar na mesma hora. Disse para eu obedecer aos Funcionários e não me preocupar.

Quero pôr meu braço em volta de Bram e reconfortá-lo, porque ele vai perder uma coisa, uma coisa importante. É o que eu faço. Abraço meu irmão e, pela primeira vez em anos, ele me segura com força, do jeito que fazia quando era um menininho, e eu, a irmã mais velha que ele admirava mais do que qualquer outra pessoa no mundo. Queria poder ter salvo seu relógio, mas era da cor errada, prateado e não dourado. E os Funcionários sabem sobre ele. *Não havia nada que eu pudesse fazer*, digo a mim mesma, tentando acreditar.

Ficamos abraçados por alguns segundos e aí me afasto e olho nos olhos de Bram.

— Vai pegar — digo a ele. — Olha para a ele pelos últimos minutos, que é para você se lembrar. Lembra.

Bram agora já não finge esconder as lágrimas nos olhos.

— Bram — digo, e volto a abraçá-lo. — Bram. Alguma coisa ruim podia acontecer com o relógio mesmo sem isso. Você podia perder, quebrar... Mas desse jeito, você pode dar uma última olhada nele. Enquanto você lembrar, não vai estar perdido.

— Não posso tentar esconder? — pergunta Bram. Ele pisca e uma lágrima escapa. Ele a afasta com raiva. — Você me ajuda?

— Não, Bram — digo delicadamente. — Gostaria que a gente pudesse fazer isso, mas é perigoso demais. — Há um limite para os riscos que corro. Não vou arriscar Bram.

Quando os Funcionários chegam à nossa casa e vão até a porta, encontram Bram e eu sentados no divã, lado a lado. Bram segura prata. Eu seguro ouro. Nós dois erguemos o olhar. Mas então o olhar de Bram volta para superfície



de prata polida nas suas mãos, e eu olho para dourada, nas minhas.

Meu rosto me contempla, distorcido pela curva da superfície do compacto, do jeito que aconteceu no Banquete do Par. Na ocasião, eu me perguntava: *Eu estou bonita?*

Agora a pergunta que faço é: *Eu pareço forte?*

No que olho para os meus próprios olhos e para a posição do queixo, me parece que a resposta é *sim*.

Um Funcionário baixo, que está ficando careca, fala primeiro:

— O Governo decidiu que os artefatos promovem a desigualdade entre membros da Sociedade — diz ele. — Solicitamos que todos entreguem seus artefatos para serem catalogados e exibidos no Museu de cada Cidade.

— Nossos registros indicam que existem dois artefatos legais nesta residência — acrescenta um Funcionário alto. Ele enfatizou a palavra *legal* ou é minha imaginação? — Um relógio de prata e um compacto de ouro.

Não digo nada, e Bram também não.

— São esses os artefatos? — pergunta o Funcionário calvo, olhando para as coisas que nós seguramos. Ele parece cansado. Deve ser um trabalho horrível. Imagino meu pai tirando artefatos das pessoas — gente velha como o Vovô, crianças como Bram — e me sinto doente. Faço que sim com a cabeça.

— Vocês querem levar agora?

— Podem ficar com eles por mais alguns minutos. Nos pediram para fazer uma rápida busca na casa.

Bram e eu nos sentamos em silêncio enquanto revistam a casa. Não demora muito.

— Nada de valioso aqui — um deles diz para o outro, em voz baixa, no corredor.

Meu coração está em chamas e tenho que fazer força para manter a boca fechada, para não tentar queimar esses Funcionários com tal fogo. É o que você pensa, digo a mim mesma. Você acha que não tem nada aqui porque nós não tentamos resistir. Alas têm palavras nas nossas cabeças que ninguém mais conhece. E o meu avô morreu nos próprios termos dele, não nos seus. Nós temos coisas de valor, mas vocês nunca vão conseguir encontrar porque nem sabem como procurar.

Voltam ao aposento e eu me levanto. Bram também se levanta. Os Funcionários sacodem instrumentos de detecção à nossa volta para garantirem que não escondemos nada nos corpos. Não encontram nada, naturalmente.

A Funcionária avança e vejo uma marca pálida em volta do seu dedo, onde devia haver um anel. Ela também perdeu algo hoje. Seguro o compacto, pensando em como meu artefato viajou de uma época anterior à Sociedade, de um parente a outro, até chegar a mim. E agora eu preciso deixar que ele se vá.

A Funcionária pega meu compacto. Ela toma o relógio de Bram.

— Vocês podem vê-los no Museu. Sempre que quiserem.

— Não é a mesma coisa — diz ele e ergue os ombros. E nossa eu vejo o Vovô, vejo mesmo. Meu coração transborda com a idéia de que ele, afinal de contas, não partiu por completo. — Você pode levar — diz Bram —, mas ele sempre vai ser meu.

Bram vai para o quarto. O peso do seu passo e o jeito com que fecha a porta me dizem que ele quer ficar sozinho.

Sinto vontade de dar um soco em alguma coisa, mas em vez disso, enfio as mãos nos bolsos. Ali, acho o envelope de papel pardo: uma casca amassada que já guardou algo valioso e belo. E só um envelope, não um artefato. Nem foi registrado pelos instrumentos de detecção dos Funcionários. Tiro-o do bolso e rasgo ao meio, furiosamente. Quero rasgá-lo, picá-lo em mil pedaços. A linha irregular no envelope me agrada. Me sinto bem em destruir, me apronto para fazer outra ferida. Procuo outro lugar para rasgar.

Minha respiração fica presa na garganta quando vejo o que quase arruinei.

Outra parte da história de Ky. Há outra coisa que os Funcionários não viram.

Afogando, bebendo, dizem as palavras no alto, letras fortes e belas, como ele é. Penso na mão dele escrevendo-as, a pele esbarrando no guardanapo. Mordo o lábio e olho o desenho embaixo.

De novo dois Kys, o mais jovem e o de agora, os dois com as mãos para cima. O fundo do primeiro desenho é uma paisagem árida, nua, a silhueta das rochas se erguendo atrás de Ky. No segundo desenho, ele está aqui no Bairro. Vejo um bordo por trás dele. A chuva cai nos dois desenhos, mas no primeiro a boca está aberta, a cabeça inclinada



para trás, ele bebe do céu. No segundo, a cabeça está abaixada, os olhos em pânico, a chuva grossa o envolve, caindo sobre ele como uma cachoeira. Tem chuva demais aqui. Ele poderia se afogar. *Quando chove, eu me lembro* são as palavras escritas no pé da página.

Tiro os olhos das palavras e olho pela janela onde o sol se põe, flamejante, em um céu límpido. Não há vestígios de nuvens, mas prometo a mim mesma que quando chover, também vou me lembrar. Deste papel, destes desenhos e destas palavras. Deste pedaço dele.



CAPÍTULO 19

O trem aéreo que segue para a cidade na manhã seguinte está quase silencioso. Ninguém quer falar sobre o que houve no Bairro na noite passada. Aqueles que entregaram os artefatos estão calados pela dor. Aqueles que nunca os tiveram estão em silêncio, em sinal de respeito. Ou talvez por estarem satisfeitos, porque agora tudo ficou igual.

Antes de saltar no seu ponto para nadar, Xander se inclina, beija meu rosto e diz baixinho.

— Sob as rosas novas em frente à casa do Ky.

Ele salta do trem aéreo e desaparece junto com outros alunos enquanto eu sigo na direção do Arboreto. Perguntas encham minha cabeça. Como Xander escondeu o artefato no canteiro de flores dos Markham sem ser visto? Ele sabe que pertence a Ky ou é uma coincidência ele ter escolhido a casa dos Markham como esconderijo?

Ele sabe o que eu estou começando a sentir por Ky?

Seja lá o que for que Xander sabe ou supõe, uma coisa é certa: ele não poderia ter escolhido um esconderijo melhor. Somos todos encarregados de manter os nossos jardins bem cuidados e limpos. Se Ky cavar seu próprio jardim, ninguém vai suspeitar de nada. Só preciso dizer a ele onde deve procurar.

Como todo mundo, Ky olha pela janela enquanto seguimos rumo ao Arboreto. Será que ele viu o beijo de Xander? Será que se importou? Ele não olha nos meus olhos.

— Vamos fazer duplas para a próxima trilha — diz o Oficial assim que chega-mos ao pé da Colina. — Cada um recebeu como parceiro alguém com a capacidade determinada pela análise dos dados que recolhi das trilhas anteriores. Isto quer dizer que Ky está com Cassia. Livy está com Tay...

O rosto de Livy mostra decepção e tento manter o meu sem expressão. O Funcionário termina de ler a lista.

— Vocês têm um objetivo distinto na Colina. — diz ele. — Vocês não vão subir até o alto. A Sociedade nos pediu para usar o tempo de caminhada para sinalizar obstáculos na Colina. — Ele aponta alguns sacos empilhados ao seu lado. Eles guardam faixas de pano vermelho. — Cada dupla pega um saco. Amarrem os marcadores em ramos próximos de árvores caídas, diante de moitas particularmente densas etc. Mais tarde uma equipe de inspeção vai passar por aqui. Vão limpar o caminho e pavimentar uma trilha na Colina.

Vão pavimentar a Colina. Pelo menos o Vovô não precisou ver isto.

— E se os panos acabarem? — choraminga Lon. — Não limpam a Colina há anos. Vai ter obstáculos em toda parte! A gente podia bem marcar todas as árvores do caminho.

— Se os panos acabarem, usem rochas para fazer marcadores — diz o Oficial. Ele se vira para Ky. — Você sabe como fazer um marcador?

Há uma mínima hesitação antes que Ky responda.

— Sei.

— Mostre a eles.

Ky junta algumas pedras do chão à nossa volta e as amontoa, primeiro as maiores, formando uma pequena pilha. As mãos são rápidas e seguras, do jeito que são quando ele está me ensinando a escrever. A torre parece precária, mas não cai.

— Estão vendo? É simples — diz o Oficial. — Vou apitar mais tarde e isto quer dizer que vocês precisam começar a voltar. Vocês apitam se se perderem. — Ele entrega a cada um de nós um apito de metal, tamanho padrão. — Não deve ser difícil. Só precisam descer a montanha por onde vieram.



Eu costumava achar graça do desprezo mal disfarçado que o Oficial sente por nós. Hoje, eu o entendo. Sinto desprezo quando penso em como subimos nossas pequenas colinas quando os Oficiais mandam. Em como entregamos os nossos bens mais preciosos quando pedem. Em como jamais, jamais, protestamos.

Mal saímos de perto dos outros quando Ky se vira para mim e eu me viro para ele e, por um momento, acho que ele vai me tocar. Sinto, mais do que vejo, sua mão se mover ligeiramente e depois voltar a se abaixar. Sinto uma decepção mais profunda do que a que senti esta manhã, quando abri o armário e não vi mais o compacto lá dentro.

— Você tá bem? — pergunta ele. — Na noite passada, quando revistaram todas as casas... eu só soube quando cheguei em casa.

— Estou bem.

— Meu artefato...

Isso é tudo com que ele se importa? Sussurro ferozmente:

— *Está no canteiro de flores do seu jardim. Enterrado sob as rosas novas. É só cavar e você vai ter de volta.*

— Eu não me importo com o artefato — diz ele, e apesar de ainda não me tocar, sinto o calor do fogo nos seus olhos. — Não consegui dormir a noite inteira, achando que eu tinha te trazido problemas. Eu me importo com *você*.

Aquelas palavras são silenciosas aqui sob as árvores, mas cantam alto no meu coração, mais alto do que todas as Cem Canções desfiadas ao mesmo tempo. E seus olhos têm olheiras por pensar em mim. Quero me aproximar e tocar a pele sob os seus olhos, único lugar onde vi qualquer fraqueza nele, fazê-lo se sentir melhor. E depois eu poderia passar os dedos ali, no seu rosto, até os lábios, até o lugar onde o queixo se encontra com o pescoço, onde o pescoço encontra com os ombros. *Gosto dos lugares onde uma parte se encontra com a outra*, penso eu, *olhos e rosto, pulsos e mão*. Um tanto chocada pelos meus próprios pensamentos, dou um passo para trás.

— Como você...

— Alguém me ajudou.

— Xander — diz ele.

Como ele sabe?

— Xander — admito.

Nenhum de nós fala por um momento. Me afasto, olhando para ele inteiro. Depois ele se vira e começa a caminhar entre as árvores mais uma vez. Avançamos lentamente. O mato cresce tão emaranhado que é mais uma escalada do que uma trilha. Árvores que caíram e não foram retiradas jazem como ossos gigantes no chão da floresta.

— Ontem... — começo. Preciso perguntar, por mais irrelevante que a pergunta possa parecer agora. — Você estava ensinando Livy a escrever?

Ky para mais uma vez e me olha. Os olhos parecem quase verdes sob a cobertura das árvores.

— Claro que não — diz ele. — Ela queria saber o que nós estávamos fazendo. Ela nos viu escrevendo. Não fomos suficientemente cuidadosos.

Sinto-me estúpida e aliviada.

— Ah.

— Eu disse a ela que eu estava mostrando como desenhar árvores.

Ele pega um ramo do meu lado e começa a mexê-lo, fazendo movimentos que se parecem muito como folhas. Depois, baixa o ramo, que assume o papel de tronco da árvore. Continuo a olhar suas mãos depois que ele terminou, sem saber o que mais poderia fazer.

— Ninguém desenha depois de sair da Primeira Escola.

— Eu sei — diz ele. — Mas pelo menos não é expressamente proibido.

Procuro um trapo vermelho na sacola que carrego e o amarro junto a uma árvore caída, perto de Ky. Mantenho os olhos baixos, olhando para os meus dedos enquanto eles torcem o pano e fazem um nó.

— Sinto muito. Por ter agido como eu agi ontem.

Quando me levanto, Ky já saiu do lugar.



— Não sinta — diz Ky, afastando um emaranhado de trepadeiras de um arbusto, para que nós possamos atravessar. Ele joga as plantas sobre mim e eu as pego, surpresa. — E bom ver você com ciúmes, de vez em quando. — Ele sorri, como o sol no bosque.

Tento não devolver o sorriso.

— Quem disse que eu estava com ciúmes?

— Ninguém — diz ele. — Eu percebi. Observo as pessoas há muito tempo.

— Por que você me deixou ficar com ele, aliás? — pergunto. — O estojo com a agulha. É lindo. Mas eu não sei bem...

— Ninguém sabe que eu tenho aquilo, além dos meus pais — diz ele. — Quando a Em me deu o compacto para eu te devolver, reparei em como eram parecidos. Queria que você visse.

Sua voz parece solitária, de repente, e posso quase ouvir outra frase, uma que o instinto o impede de dizer: *Queria que você me visse*. Porque não é isso o que está por trás de tudo, do estojo dourado com a agulha, os pedacinhos de história aqui e ali? Ky quer que alguém o veja.

Ele quer ser visto por mim.

Minhas mãos anseiam por procurá-lo. Mas não consigo trair Xander desta forma depois de tudo o que ele fez. Depois de ter salvado nós dois — Ky e eu — na noite passada.

Mas há uma coisa que posso continuar a dar para Ky, e que é só minha, que não pertence a Xander. O poema.

Queria dizer só mais alguns versos para ele, mas assim que começo é difícil me segurar e digo tudo. As palavras saem juntas. Algumas coisas são criadas para ficarem juntas.

— As palavras não são tranqüilas — diz Ky.

— Eu sei.

— Então por que elas fazem eu me sentir calmo? — pergunta Ky, espantado. — Não compreendo.

Em silêncio avançamos pelo mato, o poema pesado nas nossas mentes.

Finalmente, eu sei o que quero dizer.

— Acho que é porque quando nós ouvimos elas, sabemos que não somos as únicas pessoas a se sentirem assim.

— Me fala de novo — pede Ky, suavemente. Ele prende a respiração, a voz está rouca.

Pelo resto do tempo, até ouvirmos o apito do Oficial, subimos a Colina repetindo o poema um para o outro, como uma canção. Uma canção que só nós dois sabemos.

Antes de sairmos da floresta, Ky termina de me ensinar a escrever meu nome na terra mole, sob uma das árvores caídas. Nos agachamos, panos vermelhos na mão, agindo como se os estivéssemos amarrando, caso alguém se aproxime e nos veja. Levo algum tempo para aprender o *x*, mas gosto do seu jeito — como algo que resiste ao vento. A linha límpida e o pingo do *i* são fáceis de aprender, e já sei como escrever o *a*.

Escrevo cada letra do meu nome e as junto, com a mão de Ky perto da minha a me guiar. Não chegamos a nos tocar, mas sinto o calor da sua mão, a extensão do seu corpo agachado atrás do meu enquanto escrevo. *Cassia*.

— Meu nome — digo, me afastando para trás e olhando as letras.

Elas são vacilantes, menos seguras do que as que Ky escreve. Alguém que passasse talvez não as percebesse sequer como letras. Mas *eu* sei o que querem dizer.

— E agora?

— Agora — diz Ky —, vamos voltar ao início. Você conhece o *a*. Ama-nhã, vamos fazer o *b*. Assim que você conhecer todas, vai poder escrever os seus próprios poemas.

— Mas quem leria isso? — pergunto, rindo.

— Eu leria — diz ele. Me entrega outro guardanapo dobrado. Ali, entre marcas engorduradas de dedos e restos de comida, há mais de Ky para eu ver.

Ponho o guardanapo no bolso e penso em Ky escrevendo sua história com as mãos vermelhas, queimadas pelo calor do seu trabalho. Penso nele arriscando tudo cada vez que coloca um guardanapo no bolso. Em todos esses anos,



ele foi tão cuidadoso, mas agora está disposto a se arriscar. Porque encontrou alguém que quer saber. Alguém para quem ele quer contar.

— Obrigada — digo. — Por me ensinar a escrever.

— Obrigado a *você* — responde ele. Há luz nos seus olhos e fui eu que a acendeu. — Por salvar meu artefato e pelo poema.

Há mais coisas a serem ditas, mas estamos aprendendo a falar. Saímos juntos das árvores. Sem nos tocar. Por enquanto.



CAPÍTULO 20

Caminho do ponto do trem aéreo para casa com Em, depois da escola e da classificação. Assim que os outros que vieram conosco seguem adiante ou ficam para trás, Em põe a mão no meu braço.

— Sinto muito — diz em voz baixa.

— Em, não se preocupa mais com isso. Eu não estou zangada. — Olho-a nos olhos para que saiba que falo a verdade, mas seus olhos continuam tristes. Tantas vezes na minha vida senti que olhar para Em era ver uma variação de mim mesma, mas não me sinto mais assim. Coisas demais mudaram recentemente. Mas Em ainda é minha melhor amiga. O afastamento não altera o fato de que, por muito tempo, crescemos lado a lado. Nossas raízes ficarão para sempre emaranhadas. Fico feliz por isso.

— Você não precisa ficar me pedindo desculpas — digo. — Estou feliz por ter te emprestado. Pelo menos, nós duas pudemos aproveitar antes que levassem ele embora.

— Eu ainda não entendi — diz Em, suavemente. — Eles têm muita coisa para exhibir no Museu. Não faz sentido.

Nunca ouvi nada tão próximo da insubordinação sair da boca de Em e sorrio para ela. Talvez não estejamos ficando tão diferentes assim, afinal de contas.

— O que é que a gente vai fazer hoje à noite? — pergunto, mudando de assunto.

Em parece aliviada com a mudança.

— Falei com Xander hoje e ele quer ir para o centro de jogos. O que você acha?

O que eu acho de verdade é que gostaria de voltar ao topo daquela pequena colina. A idéia de estar no centro abafado e cheio de gente, quando poderíamos estar conversando sob o céu límpido da noite, parece um pouco demais para mim. Mas eu posso ir. Eu posso fazer tudo o que for preciso fazer para manter as coisas dentro da normalidade. Tenho as palavras de Ky para ler. E talvez, se tiver sorte, verei ele próprio mais tarde. Espero que ele venha conosco.

Em interrompe meus pensamentos ao dizer:

— Olha, sua mãe está esperando por você.

Em tem razão. Minha mãe está sentada nos degraus da casa com o rosto voltado para nós. Quando me vê olhando para ela, se levanta, acena e começa a caminhar na nossa direção. Devolvo o aceno e Em e eu aumentamos o ritmo um pouquinho.

— Ela voltou — digo em voz alta, e ao ouvir o tom de surpresa na minha voz é que me dou conta de que parte de mim temia que ela fosse ficar longe para sempre.

— Ela tinha viajado? — pergunta Em, e percebo que a ausência da minha mãe é provavelmente uma daquelas coisas que nós não devemos mencionar para quem não é da família. Não que os Funcionários tenham dito isto explicitamente. E só o tipo de coisa que aprendemos a guardar para nós mesmos.

— Voltou cedo do trabalho — esclareço. Nem chega a ser mentira.

Em se despede e entra em casa. Seu bordo não vai sobreviver, eu penso, reparando que, mesmo no auge do verão, a árvore só deve ter umas dez folhas verdes e cansadas. Olho para minha casa onde a árvore está cheia, as flores são lindas e Mamãe vem falar comigo.

Isso me lembra de quando eu era pequena, na Primeira Escola, e as horas de trabalho da minha mãe terminavam antes que eu voltasse para casa. Ela e Bram às vezes caminhavam pela rua para encontrar o meu trem no caminho.



Nunca iam longe, porque Bram parava para olhar tudo o que via.

— Esse tipo de atenção aos detalhes talvez seja um sinal de que ele nasceu para ser um classificador — meu pai dizia, até que Bram cresceu um pouco mais e ficou aparente que ele perdera a capacidade de prestar atenção aos detalhes junto com os dentes de leite.

Quando alcanço minha mãe, ela me abraça bem ali na calçada.

— Ah, Cassia — diz ela. O rosto parece pálido e cansado. — Sinto muito. Perdi sua primeira saída oficial com Xander.

— Você perdeu outra coisa também, na noite passada — digo, o rosto apoiado no seu ombro. Ela é mais alta do que eu e não acredito que eu vá crescer mais. Sou esguia e baixa, como a família do Papai. Como o Vovô. Sinto na minha mãe os perfumes habituais de flores e de pano limpo e respiro profundamente. Estou feliz por ela estar de volta.

— Eu sei. — Minha mãe nunca diz nada contra o governo. O mais desafiadora que já a vi foi quando os Funcionários revistaram o meu pai. Não espero que ela resmungue e reclame da injustiça dos Funcionários levando os artefatos, e ela não diz nada mesmo. Me ocorre que, se fizesse aquilo, estaria resmungando e reclamando do seu próprio marido. Ele também é, afinal de contas, um Funcionário.

Embora não tenha sido ele quem estendeu a mão e nos pediu para entregar nossos bens queridos, ele fez isso com outras pessoas.

Quando meu pai voltou para casa na noite passada, ele deu um abraço demorado em Bram e em mim e depois foi direto para o quarto, sem dizer nada. Talvez porque não pudesse suportar a dor que encontrou nos nossos rostos e se lembrar de que havia causado a mesma dor a outras pessoas.

— Sinto muito, Cassia — diz minha mãe, enquanto caminhamos para casa. — Eu sei o quanto aquele compacto significava para você.

— Fiquei com pena do Bram.

— Eu sei. Eu também.

Quando entramos pela porta da frente, ouço a campainha que informa que nossa comida chegou. Mas quando entro na cozinha, só há duas porções na área de entrega.

— E Papai e Bram?

— Papai pediu jantar mais cedo para que ele e Bram pudessem dar uma caminhada antes das horas de recreação livre do Bram.

— Verdade? — pergunto. Não é comum se fazer esse tipo de solicitação.

— Verdade. Seu pai achou que Bram precisava de alguma coisa especial, depois de tudo o que aconteceu nos últimos tempos.

Estou feliz, principalmente por Bram, que os Funcionários de nutrição tenham acatado o pedido do Papai.

— Por que você não foi com eles?

— Eu queria ver você. — Ela sorri para mim e olha a cozinha. — Não comemos juntas há muito tempo. E, é claro, quero ouvir sobre a sua saída com Xander.

Sentamos na mesa, uma em frente da outra, e reparo em como ela parece cansada.

— Me conta da sua viagem — digo, antes que ela pergunte de novo sobre a noite passada. — O que você viu?

— Não tenho muita certeza — diz ela em voz baixa, quase que para si mesma. Então ela se endireita. — Fomos para outro Arboreto olhar algumas safras. Depois disso, precisamos ir para os Campos. Tudo isso levou algum tempo.

— Mas agora está tudo de volta ao normal, não é?

— Quase tudo. Preciso escrever um relatório formal e submeter aos Funcionários encarregados do outro Arboreto.

— Sobre o que é o relatório?

— Desculpa, é informação confidencial — diz minha mãe, pesarosa.



Nós duas ficamos em silêncio, mas é um bom silêncio, um silêncio de mãe e filha. Seus pensamentos estão distantes, talvez de volta ao Arboreto. Talvez ela esteja escrevendo o relatório na sua cabeça. Não tem problema. Relaxo e deixo meus pensamentos irem para onde querem, ou melhor, na direção de Ky.

— Pensando em Xander? — diz minha mãe, dando um sorriso sabido. — Sempre sonhei com seu pai.

Devolvo o sorriso. Não há motivo para eu contar que estou pensando no garoto errado. Não, não no garoto *errado*. Ky talvez seja uma Aberração, mas não há nada de errado nele. Nosso Governo e seus sistemas de classificação e todos os seus sistemas é que estão errados. Inclusive o Sistema de Pares.

Mas se o sistema é errado, falso e irreal, então como fica o amor entre os meus pais? Se esse amor nasceu por causa da Sociedade, ainda pode ser real, bom e correto? É a pergunta que não consigo tirar da cabeça. Quero que a resposta seja *sim*. Que o amor deles seja verdadeiro. Quero que tenha beleza e realidade, independente de qualquer coisa.

— É melhor eu me arrumar para ir para o centro de jogos — digo a ela, que bocejia. — *Você* devia dormir. A gente conversa mais amanhã.

— Bom, talvez eu vá descansar um pouco — diz ela. Nós duas nos levantamos. Pego a embalagem de alumínio dela e a levo para o recipiente de reciclagem e ela leva minha garrafa de água até o esterilizador.

— Vem se despedir antes de sair, tá bem?

— Claro.

Minha mãe entra no quarto e eu vou para o meu. Tenho alguns minutos antes de precisar me encontrar com todo mundo. Será que vou ter tempo para ler um pouco mais da história de Ky? Decido que sim. Tiro o guardanapo amassado do bolso.

Quero saber mais sobre Ky antes de vê-lo esta noite. Sinto como se nós dois fôssemos mais autênticos quando caminhamos pelas árvores nas colinas. Quando estamos com todo mundo nas noites de sábado, tudo fica difícil. Nós atravessamos uma floresta complicada e cheia de obstáculos, onde não há marcos de pedra para nos guiar além dos que nós mesmos construímos.

Sentada na cama para ler, olho de novo o lugar do armário onde eu guardava o compacto. Sinto a dor aguda da perda e volto para a história de Ky. Mas enquanto leio e as lágrimas descem pelo meu rosto, percebo que não sei nada sobre perda.

No meio da dobra, Ky desenhou uma aldeia, casinhas, pessoazinhas. Mas todas as pessoas estão deitadas de barriga para cima. Ninguém está de pé, a não ser os dois Kys. As mãos do mais jovem não estão mais vazias, seguram algo. Uma mão segura a palavra *Mamãe*, que escorrega pela beira da mão, na forma de um corpo. A parte de cima do segundo M despenca como se fossem braços abertos. A outra mão segura a palavra *Papai* e a palavra também está caída. E os ombros do jovem Ky se curvam com o peso dessas duas palavrinhas e seu rosto continua voltado para o céu, onde vejo que a chuva se transformou em algo sombrio, algo mortal e sólido. Munição, penso eu. Eu vi aquilo na exibição.

O Ky mais velho afastou o rosto da aldeia no meio, desviou-se do outro garoto. As mãos não estão mais abertas. Estão cerradas. Atrás, pessoas com uniformes de Funcionários o observam. Os lábios fazem um sorriso que nunca toca seus olhos. Ele usa roupas comuns, uma linha indica a dobra que demonstra que ele as passou com muito cuidado.

A princípio quando a chuva caiu Do céu tão grande e profunda Tinha cheiro de sálvia, meu cheiro preferido. Fui até o alto do morro para vê-la chegar Ver os presentes que ela sempre trazia Mas esta chuva mudou de azul para negro E não deixou Nada.

Há uma falta de Funcionários no centro de recreação, apesar de o lugar estar repleto de gente que joga, ganha, perde. Vejo três Funcionários tomando conta da maior mesa de jogo. Parecem atentos, inquietos, nos uniformes brancos, com rostos que apresentam mais tensão do que o habitual. É estranho. Normalmente, temos 12 ou mais Funcionários de baixa patente no centro, mantendo a ordem, registrando os resultados. Cadê o resto hoje?

Em algum lugar, as coisas não vão muito bem.

Mas aqui, até onde me interessa, pelo menos uma coisa está bem. Ky está conosco. No que abrimos caminho pela



massa de gente, seguindo Xander, eu me viro para ele uma vez, esperando que o olhar faça Ky compreender que eu li a história dele e que me importo. Ele está logo atrás de mim e quero me virar e pegar sua mão, mas há gente demais. A única coisa que posso fazer por Ky é ajudá-lo a permanecer em segurança, guardar o que desejo dizer até que seja um bom momento. E lembrar das palavras que escreveu, dos desenhos que fez, apesar de desejar que aquela parte da história nunca tivesse acontecido a ele.

Os pais morreram. Ele viu aquilo acontecer. A morte veio do céu, é o que ele se lembra. Toda vez que chove.

Xander para, e o resto de nós faz a mesma coisa. Para minha surpresa, ele aponta uma mesa onde os jogos são um a um. Jogos que Xander normalmente não joga. Ele gosta de estar num grupo, de ganhar quando os riscos são maiores e há mais jogadores participando. É um teste mais difícil para suas habilidades — mais desafiador, mais variáveis. Menos pessoal.

— Você quer jogar? — Xander pergunta.

Me viro para ver com quem ele está falando.

Ky.

— Tudo bem — diz Ky sem hesitar, sem revelar nada na voz. Ele mantém os olhos em Xander, esperando o próximo movimento.

— Que tipo de jogo você quer jogar? Habilidade ou sorte?

Haveria um traço de desafio na voz de Xander? O rosto permanece perfeitamente controlado, como o de Ky.

— Tanto faz — responde Ky.

— Que tal um jogo de sorte? — diz Xander, me surpreendendo de novo. Xander detesta jogos de sorte. Ele prefere aqueles que envolvem alguma habilidade.

Em, Piper e eu ficamos observando enquanto Xander e Ky se sentam e passam os cartões na máquina sobre a mesa. Xander distribui as cartas, vermelhas com marcas pretas no centro, depois de juntá-las com duas fortes batidas do baralho contra o metal.

— Quer começar? — Xander pergunta a Ky, que assente e vai pegar as cartas.

— Que jogo eles estão jogando? — alguém pergunta ao meu lado. Livy. Ela está aqui por causa de Ky, tenho certeza, olhando as mãos dele nas cartas com olhos de cobiça.

As mãos dele não são para você ficar olhando, penso e lembro que também não são minhas. Eu devia estar observando Xander. Devia estar torcendo por Xander.

— Dilema do prisioneiro — diz Em, ao meu lado. — Estão jogando dilema do prisioneiro.

— O que é isso? — pergunta Livy.

Ela não conhece o jogo? Viro para ela, surpresa. É um dos jogos mais simples, mais comuns. Em tenta explicar para Livy em voz baixa, para não incomodar os jogadores.

— Os dois baixam uma carta ao mesmo tempo. Se os dois tiverem uma carta par, ambos ganham dois pontos. Se tiverem ímpares, ganham um ponto.

Livy interrompe Em.

— E se um tiver uma carta par e o outro, uma ímpar?

— Se uma é par e a outra é ímpar, a pessoa que baixa a carta ímpar ganha três pontos. A que baixa a carta par ganha zero.

Os olhos de Livy se fixam no rosto de Ky. Ciumenta, penso que mesmo se ela enxergar a mesma quantidade de detalhes que eu encontro — coisa que duvido — ela não sabe nada sobre ele. Será que se interessaria por Ky se soubesse que ele é uma Aberração?

Penso numa coisa que me deixa gelada: será que *eu* ficaria tão interessada se *não* soubesse que ele é uma Aberração? Nunca prestei muita atenção em Ky antes de saber da sua classificação. *E antes de ver o rosto dele no microcartão, lembro a mim mesma. Aquilo naturalmente aumentou o seu interesse. Além do mais... você não devia se interessar por ninguém até conhecer seu Par.*



Me sinto meio mal de pensar que Livy talvez veja o verdadeiro valor de Ky de uma forma mais pura. Ela está interessada só *nele*. Não tem razões secretas. Nenhuma confusão. Nada escondido sob a básica atração que sente por ele.

Mas ao mesmo tempo, percebo, eu não tenho como saber. Ela poderia estar escondendo algo, como eu. Nós todos poderíamos estar escondendo algo.

Volto a atenção ao jogo e observo os rostos de Ky e Xander com cuidado. Nenhum dos dois pisca, para antes de uma jogada ou mostra suas cartas.

No final, não importa. Ky e Xander terminam a rodada com um número idêntico de pontos. Cada um deles ganhou e perdeu o mesmo número de vezes.

— Vamos dar uma volta — diz Xander, me procurando. Quero olhar para Ky antes de entrelaçar meus dedos com os de Xander, mas não faço isso. Também preciso jogar esse jogo. Com certeza, Ky vai compreender.

Mas será que Xander compreenderia? Se ele soubesse sobre Ky e eu, e sobre as palavras que trocamos na Colina?

Afasto o pensamento enquanto saio da mesa com Xander. Livy imediatamente ocupa o lugar e começa uma conversa com Ky.

Xander e eu saímos sozinhos para o corredor. Me pergunto se ele está a ponto de me beijar e o que vou fazer se isso acontecer, mas em vez disso ele me sussurra, palavras suaves e próximas.

— Ky entrega os jogos.

— O quê?

— Ele perde os jogos de propósito.

— Vocês empataram. Ele não perdeu — não sei aonde Xander quer chegar.

— Hoje não. Porque não era um jogo de habilidade. Esses são os jogos que ele costuma entregar. Ando observando há algum tempo. Ele é cuidadoso, mas eu tenho certeza de que ele faz isso.

Olho fixamente para Xander, sem saber muito bem o que dizer.

— É fácil entregar um jogo de habilidade, especialmente quando se está em um grupo grande. Ou um jogo como Marca, quando você pode colocar as suas peças no lugar errado e fazer com que pareça natural. Mas hoje, em um jogo de sorte, cara a cara, ele não perdeu. Ele não é bobo. Sabia que eu estava observando. — Xander sorri. Então seu rosto demonstra confusão. — O que eu não consigo entender é por quê.

— Por que o quê?

— Por que ele entrega tantos jogos? Ele sabe que os Funcionários nos observam. Ele sabe que estão procurando pessoas que sabem jogar bem. Ele sabe que os nossos jogos provavelmente influenciam as vocações que nos são designadas. Não faz sentido. Por que ele não quer que saibam como ele é inteligente? Porque ele *é* inteligente.

— Você não vai contar nada disso para ninguém, não é? — De repente, fico muito preocupada com Ky.

— Claro que não — diz Xander, pensativo. — Deve ter as razões dele, eu respeito.

Xander está certo. Ky tem suas razões e são boas. Eu as li no último guardanapo, aquele com as manchas que eu sei que devem ser de molho de tomate, mas que se parecem com sangue. Sangue seco.

— Vamos jogar de novo — diz Ky, quando voltamos, os olhos fixos em Xander. Eles reluzem uma vez e acho que ele viu minha mão na de Xander, mas não tenho certeza. O rosto não demonstra nada.

— Tudo bem — diz Xander. — Sorte ou habilidade?

— Habilidade — sugere Ky. E algo na expressão dele sugere que talvez não entregue o jogo desta vez. Talvez esteja entrando para ganhar.

Em revira os olhos para mim e gesticula para os meninos, como se qui-sesse dizer “Dá para acreditar como isso é primitivo?” Mas nós duas os seguimos para outra mesa. Livy vem junto.

Eu me sento entre Ky e Xander, à mesma distância dos dois. É como se eu fosse um pedaço de metal e os dois, ímãs, e sinto um puxão de cada lado. Ambos correram riscos por mim — Xander com o artefato, Ky com o poema e com a escrita.

Xander é meu Par e meu amigo mais antigo, uma das melhores pessoas que conheço. Quando eu o beijei, foi



bom. Me sinto atraída por ele, e presa a ele pelos cordões de milhares de lembranças diferentes.

Ky não é meu Par, mas talvez pudesse ter sido. Ele é aquele que me ensinou a escrever meu nome, a guardar poemas, a construir uma torre de rochas que parece que vai desabar mas não desaba. Nunca o beijei e não sei se um dia beijarei, mas acho que talvez fosse mais do que bom.

É quase desconfortável estar tão consciente da presença dele. Cada pausa, cada movimento quando ele coloca uma peça no tabuleiro preto e cinza. Quero estender a mão, segurar a dele, prendê-la bem no meu coração, bem no lugar onde dói mais. Não sei se me curaria ou se partiria completamente meu coração, mas pelo menos essa espera faminta e constante terminaria.

Xander joga com ousadia e inteligência; Ky, com um tipo de intuição profunda e calculada. Os dois são fortes. É uma partida bem equilibrada.

É a vez de Ky jogar. No momento de calma que antecede sua jogada, Xander o observa cuidadosamente. A mão de Ky paira sobre o tabuleiro. Por um momento, enquanto segura a peça no ar, vejo onde ele poderia colocá-la para ganhar e sei que ele percebe também, que planejou o jogo inteiro para aquela última jogada. Olha para Xander e Xander olha para ele, ambos presos em algum tipo de desafio que parece mais profundo e mais antigo do que o que se passa no tabuleiro.

Então Ky mexe a mão e baixa a peça num lugar onde Xander vai poder se sobrepor e ganhar. Ky não hesita ao colocar a peça. Ele a baixa de forma ruidosa e se encosta na cadeira, olhando para o teto. Acho que vejo uma mínima sombra de um sorriso nos seus lábios, mas não posso ter certeza. Desaparece mais rápido do que um floco de neve no trilho do trem aéreo.

A jogada de Ky talvez não seja aquela brilhante, aquela que eu sei que ele poderia ter feito, mas tampouco é estúpida. Ele fez a jogada de um jogador mediano. Quando baixa os olhos do teto, encontra meu olhar e o prende, assim como prendeu a peça do jogo antes de baixá-la. Naquela pausa silenciosa, me diz algo que não poderia me dizer em voz alta.

Ky pode jogar este jogo. Pode jogar todos os jogos deles, inclusive o que está na sua frente e que acaba de perder. Sabe exatamente como jogar, e por isso ele perde sempre.



CAPÍTULO 21

Tenho muita dificuldade de me concentrar na classificação, no dia seguinte. Os domingos são dias de trabalho. Não há atividades de lazer, por isso provavelmente não vou ver Ky até segunda. Não posso conversar com ele sobre a história até lá. Não posso dizer “lamento pelos seus pais”. Eu disse essas palavras antes, quando ele chegou para morar com os Markham e demos as boas-vindas e manifestamos nossas condolências.

Mas é diferente agora, quando eu realmente sei o que aconteceu. Antes, eu sabia que estavam mortos, mas não sabia do quê. Não sabia que ele havia visto a morte cair do céu enquanto assistia a tudo, impotente. Queimar o guardanapo com aquela parte da história foi uma das coisas mais difíceis que já fiz. Como os livros no local da Restauração, como o poema do Vovô, a história de Ky pouco a pouco vira cinzas e nada.

A não ser. Porque ele se lembra, e agora eu também.

Uma mensagem de Norah interrompe minha classificação. *Por favor, apresente-se ao posto do supervisor.* Ergo a cabeça sobre as baías de classificação na direção de Norah, e então me levanto, surpresa.

Os Funcionários voltaram para me procurar.

Eles me observam enquanto caminho por outras filas de trabalhadores e acho que vejo aprovação nos olhos deles. Fico aliviada.

— Parabéns — diz o Funcionário grisalho, quando eu os alcanço. — Você teve uma nota muito boa na sua prova.

— Obrigada — digo, como sempre faço com os Funcionários. Mas desta vez é sincero.

— O próximo passo é uma classificação de verdade — diz o Funcionário. — Em algum momento, no futuro próximo, nós viremos aqui para te acompanhar ao local do teste.

Mostro que entendi. Já ouvi falar disso também. Levam a gente para classificar algo real — dados verdadeiros como notícias, ou gente de verdade ou um pequeno grupo de uma turma de escola — para ver se você consegue aplicar os conhecimentos ao mundo real. Se você se sai bem, pode passar para o próximo passo, que provavelmente vai ser seu posto de trabalho definitivo.

Tudo está acontecendo rápido. Na verdade, nos últimos tempos tudo parece ter se apressado: a retirada súbita dos artefatos das residências particulares, a viagem súbita da minha mãe e agora isso, cada vez mais de nós deixando a escola mais cedo este ano.

Os Funcionários esperam minha resposta.

— Obrigada — digo.

De tarde, minha mãe recebe uma mensagem no trabalho: vá para casa e faça as malas. Ela precisa fazer outra viagem. Talvez mais longa do que a última. Percebo que meu pai não gosta disso, nem Bram. Nem eu, aliás. Sento na cama e olho enquanto ela arruma as coisas. Dobra o pijama, roupa de baixo, meias. Abre o recipiente de comprimidos e checa.

Está faltando um, o comprimido verde. Ela olha para mim e eu desvio o olhar.

Aquilo me faz pensar que talvez essas viagens sejam mais difíceis do que parecem e percebo que, ao ver que falta um comprimido, não vi um exemplo de fraqueza, mas de força. Ela está lidando com algo que é difícil a ponto de fazê-la tomar o comprimido verde, portanto também deve ser algo difícil de guardar, de não dividir conosco. Mas ela é forte, guarda segredos, porque aquilo nos protege.



— Cassia? Molly? — Meu pai entra no quarto, e eu levanto para sair. Vou rapidamente até minha mãe para abraçá-la. Quando recuo, nossos olhares se encontram e eu sorrio para ela. Quero que saiba que eu sei que não devia ter desviado o olhar antes. Não tenho vergonha dela. Sei como deve ser difícil guardar um segredo. Posso ser uma classificadora, como meu pai e meu avô antes de mim, mas também sou filha da minha mãe.

Segunda de manhã, Ky e eu caminhamos por entre as árvores até encontrar o lugar onde paramos da última vez. Recomeçamos a marcar o caminho com bandeiras vermelhas. Gostaria que fosse fácil assim retomar o que interrompemos noutros assuntos. A princípio hesito, sem querer perturbar a paz destas matas com o horror das Províncias Exteriores, mas ele sofreu sozinho por tanto tempo que não consigo fazer com que precise esperar nem mais um minuto.

— Ky. Sinto muito. Sinto muito que eles se foram.

Ele não diz nada, mas se abaixa para amarrar um pedaço de pano vermelho em torno de um arbusto particularmente espinhoso. As mãos tremem um pouco. Sei o que aquele breve momento de perda de controle significa para alguém como Ky, e quero reconfortá-lo. Ponho a mão nas suas costas, delicada e suavemente, só o bastante para que ele saiba que estou ali. Quando minha mão se encontra com o tecido da camisa, ele se vira, e eu recuo ao ver a dor nos seus olhos. Seu olhar me implora para não dizer mais nada. Já basta que eu saiba. Talvez seja demais.

— Quem é Sísifo? — pergunto, tentando pensar em algo que o distraia. — Você mencionou esse nome uma vez. Quando o Oficial disse que a gente ia passar a vir à Colina.

— Alguém que tem a sua história contada há muito tempo — Ky se levanta e começa a caminhar de novo. Percebo que ele precisa se movimentar hoje. — Era uma das histórias favoritas do meu pai. Acho que ele queria ser como Sísifo, porque Sísifo era astuto, sorrateiro e sempre dava problemas para a Sociedade e os Funcionários.

Ky nunca tinha falado do pai. Sua voz parece indiferente. Não percebo pelo tom o que ele sente pelo homem que morreu anos antes, o homem cujo nome Ky segurava na mão no desenho.

— Tem uma história sobre como Sísifo pediu uma vez para um Funcionário mostrar como uma arma funcionava e depois usou essa arma contra o Funcionário.

Devo parecer chocada, mas Ky parece ter antecipado minha surpresa. Seus olhos são gentis quando ele explica.

— História velha, da época em que Funcionários usavam armas. Não usam mais.

O que ele não diz, mas nós dois sabemos, é que *eles não precisam*. A ameaça de Reclassificação é suficiente para manter quase todo mundo na linha.

Ky se vira e avança. Eu vejo como ele se movimenta, os músculos das costas a centímetros de distância de mim. Sigo de perto, para poder passar pelos galhos que ele segura para mim. O cheiro da floresta parece, por um momento, ser só o cheiro dele. Me pergunto como deve ser o cheiro de sálvia, o cheiro que ele disse ser o favorito da sua vida antiga. Espero que o cheiro da floresta seja o seu favorito agora. Eu sei que é o meu.

— A Sociedade decidiu que precisava dar um castigo a Sísifo, um castigo especial, por ele ter ousado achar que podia ser tão esperto quanto eles não sendo um Funcionário e nem mesmo um cidadão. Não era nada. Uma Aberração das Províncias Exteriores.

— O que fizeram com ele?

— Deram a ele uma tarefa. Ele tinha que rolar uma pedra enorme até o alto da montanha.

— Não parece tão horrível. — Há alívio em minha voz. Se a história termina bem para Sísifo, talvez possa terminar bem para Ky.

— Não era tão fácil quanto parecia. Quando ele estava a ponto de chegar ao topo, a pedra escorregava até lá embaixo e ele precisava recomeçar. Acontecia todas as vezes. Ele nunca conseguiu levar a pedra até o alto. Ele ficou empurrando ela para sempre.

— Entendo — digo, percebendo por que nossas caminhadas pela pequena colina lembravam Sísifo para Ky. Dia após dia, fazíamos a mesma coisa: subíamos e descíamos. — Mas nós chegamos ao alto daquela pequena colina.

— Nunca tivemos permissão de ficar ali por muito tempo — assinala Ky.



— Ele era da *sua* província? — Paro por um momento, achando ter ouvido o apito do Funcionário, mas não passa do canto estridente de um pássaro sobre a copa das árvores.

— Não sei. Não sei se ele é de verdade — diz Ky. — Se chegou a existir.

— Então por que contar essa história? — Não compreendo e, por um segundo, me sinto traída. Por que Ky me falou dessa pessoa e me fez sentir simpatia por ele, quando não existem sequer provas de que tenha existido?

Ky faz uma pausa breve antes de responder, seus olhos grandes e fundos como os oceanos em outras histórias, ou como o céu na sua.

— Mesmo se *ele* nunca viveu essa história, muitos de nós viveram vidas exatamente assim. Então é verdade de uma forma ou de outra.

Penso no que Ky disse enquanto nos movimentamos de novo, rápido, amarrando áreas e ajudando um ao outro a atravessar as partes mais emaranha-das da floresta. Há um cheiro aqui que já senti antes: cheiro de decomposição, mas não parece podre. E um cheiro quase intenso, o cheiro de plantas voltando para a terra, de madeira que dá lugar ao pó.

Mas a Colina poderia estar escondendo algo. Lembro das palavras e dos desenhos de Ky e percebo que nenhum lugar é completamente bom. Nenhum lugar é completamente mau. Andei pensando em termos absolutos. Primeiro, acreditava que nossa Sociedade era perfeita. Na noite em que vieram buscar nossos artefatos, acreditei que era perversa. Agora simplesmente não sei o que dizer.

Ky borra as linhas para mim. também me ajuda a ver com clareza. E es-pero que eu faça o mesmo por ele.

— Por que você entrega os jogos? — pergunto quando paramos numa clareira.

Seu rosto fica tenso.

— Eu preciso.

— Todas as vezes? Você nem se permite pensar em vencer?

— *Sempre* penso em vencer — Ky me diz. Há fogo nos seus olhos novamente, e ele quebra um galho de uma árvore para permitir a nossa passagem. Ele joga o primeiro galho para o lado e segura um outro para trás, esperando que eu passe, mas fico bem ali, do lado dele. Ele baixa os olhos para mim, as sombras das folhas cobrindo seu rosto, assim como o sol. Está olhando para os meus lábios, o que torna difícil para mim falar, mesmo quando sei o que quero dizer.

— Xander sabe que você perde de propósito.

— Eu sei que ele sabe — diz Ky. Um sorriso repuxa os cantos da sua boca, como aquele que achei ter visto na noite passada. — Mais alguma pergunta?

— Só uma — digo. — Qual é a cor dos seus olhos? — Quero saber o que ele pensa, como se vê — *o verdadeiro Ky* — quando ele ousa olhar.

— Azul — diz ele, parecendo surpreso. — Sempre foram azuis.

— Não para mim.

— Como se parecem para você? — diz ele, confuso, com um ar divertido. Não olha mais para a minha boca, e sim para os *meus* olhos.

— De muitas cores — digo. — No início, achei que eram castanhos. Uma vez, achei que fossem verdes. Em outra ocasião, cinza. Mas *são* azuis a maior parte do tempo.

— Como são agora? — pergunta. Arregala os olhos um pouquinho, se aproxima um pouco, deixa que eu olhe pelo tempo que quiser, com a intensidade que quiser. E há tanto para se ver. São azuis e negros e também de outras cores, e sei de um pouco do que viram e do que espero que vejam agora. A mim. Cassia. O que eu sinto, quem eu sou.

— E aí? — pergunta Ky.

— Tudo — digo a ele. — Eles são tudo.

Nenhum de nós se move por um momento, presos nos olhos do outro e nos galhos desta Colina que talvez nunca terminemos de escalar. Sou a primeira a me mexer. Passo por ele e avanço entre algumas folhas emaranhadas, subo



em uma pequena árvore caída.

Atrás de mim, ouço Ky fazendo a mesma coisa.

Estou me apaixonando. Estou apaixonada. E não é por Xander, embora eu o ame. Tenho certeza disso, assim como tenho certeza de que sinto algo diferente por Ky.

Enquanto prendo outra bandeira vermelha nas árvores e desejo a queda da nossa Sociedade e dos seus sistemas, inclusive do Sistema de Pares, para poder ficar com Ky, percebo que se trata de um desejo egoísta. Mesmo se a queda da nossa Sociedade pudesse melhorar a vida de alguns, tornaria pior a vida de outros. *Quem sou eu para tentar mudar as coisas, para ficar gananciosa e querer mais? Se nossa Sociedade mudar e as coisas forem diferentes, quem sou eu para dizer à garota que teria apreciado uma vida protegida e segura que ela precisa fazer escolhas e correr perigo por minha causa?*

A resposta é: não sou ninguém. Sou só uma das pessoas que calham de estar com a maioria. A minha vida inteira, as probabilidades estiveram do meu lado.

— Cassia — diz Ky. Ele quebra outro galho e se abaixa em um movimento rápido para escrever sobre a terra grossa no chão da floresta. Ele precisa afastar uma camada de folhas e uma aranha foge. — Olha — diz ele, me mostrando outra letra. K.

Agradecida pela distração, me agacho ao lado dele. Essa letra é mais difícil e exige que eu tente várias vezes para poder chegar perto. Apesar da prática com as outras letras, minhas mãos não estão acostumadas a isso. Escrever de uma forma que não seja digitar. Quando finalmente acerto e levanto o olhar, vejo que Ky está sorrindo para mim.

— Então eu aprendi a fazer o K — digo, devolvendo o sorriso. — Estranho. Achei que a gente estava seguindo a ordem alfabética.

— Estávamos — diz Ky. — Mas acho que K é uma boa letra para se conhecer.

— Qual minha próxima letra então? — pergunto fingindo inocência. — Y, talvez?

— Talvez — concorda Ky. Ele não está mais sorrindo, mas tem malícia nos olhos.

O apito soa atrás de nós, aos pés da colina. Ao ouvi-lo, me pergunto como pude achar que o grito do pássaro se parecia de alguma forma com o apito do Oficial. Um som é metálico e artificial, o outro é alto, claro e belo.

Suspiro e passo a mão na terra, devolvendo as letras ao solo. Então, procuro uma rocha para fazer um marco. Ky faz o mesmo. Juntos, construímos uma torre, pedra a pedra.

Quando coloco a última pedra no alto da pilha, Ky põe a mão sobre a minha. Não a afasto. Não quero que nada caia e sinto a sensação da mão áspera e quente sobre a minha, com a superfície fresca e lisa das pedras embaixo. Então, viro minha mão lentamente para que a palma fique para cima e nossos dedos se entrelacem.

— Eu nunca vou ganhar um Par — diz ele, olhando primeiro para nossas mãos e depois nos meus olhos. — Sou uma Aberração. — Ele aguarda minha reação.

— Mas não é uma Anomalia — digo, tentando tratar do assunto com leveza e vendo imediatamente que é um erro. Não há nada de leve nele.

— Ainda não — diz ele, mas o humor na voz parece forçado.

Uma coisa é fazer uma escolha, outra é nunca ter a chance. Sinto uma solidão fria e aguda dentro de mim. Como seria ser só? Saber que nunca poderia ter outra escolha?

É quando percebo que as estatísticas que os Funcionários nos dão não importam. Sei que existem muitas pessoas que são felizes, e fico alegre por elas. Mas este é Ky. Se ele é a única pessoa que fica marginalizada quando as outras 99 são felizes e realizadas, não está bem para mim. Percebo que não me importo com o fato de o Oficial estar andando de um lado para o outro lá embaixo, ou com os outros caminhantes entre as árvores, ou com mais nada, e é nesse momento que percebo como isto é verdadeiramente perigoso.

— Mas se *pudesse* ter um Par — digo suavemente —, como acha que ela seria?

— Você — diz ele, quase antes de eu terminar a frase. — *Você*.

Não nos beijamos. Não fazemos nada além de nos segurarmos e respirar, mas eu sei. Não posso entrar docemente agora. Nem mesmo pelos meus pais, pela minha família.



Nem mesmo por Xander.



CAPÍTULO 22

Alguns dias depois, estou na aula de Linguagem e Alfabetização, olhando para a instrutora enquanto ela fala da importância de se compor mensagens sucintas na comunicação via terminal. Em seguida, como se fosse para ilustrar a lição, uma dessas mensagens chega ao principal terminal da sala de aula.

— Cassia Reyes. Protocolo. *Infração*. Um Funcionário vai chegar em breve para acompanhá-la.

Todos se viram para mim. A sala fica em silêncio: os alunos param de digitar nos escrevinhadores, seus dedos tensos. Até a instrutora se permite uma expressão de pura surpresa no rosto. Ela não tenta continuar a aula. Já se passou muito tempo desde que alguém daqui cometeu uma *Infração*. Ainda mais anunciada publicamente.

Eu me levanto.

De certa forma, estou pronta para isso. Eu espero por isso. Ninguém pode infringir tantas regras quanto eu e não acabar sendo pego de alguma forma, em algum momento.

Recolho o leitor e o escrevinhador, jogando-os na bolsa com meu recipiente de comprimidos. De repente, parece muito importante estar pronta para a Funcionária. Pois não tenho dúvidas sobre quem será a Funcionária a aparecer desta vez. A primeira, aquela da área verde próxima ao centro de recreação, aquela que me disse que tudo ficaria bem e que nada mudaria com relação ao meu Par.

Será que ela mentiu para mim? Ou disse a verdade e foram as minhas escolhas que transformaram as suas palavras em mentiras?

A professora acena para mim quando saio da sala e eu aprecio aquele gesto simples de cortesia.

O corredor está vazio, é comprido, e o piso, polido por uma limpeza recente. Mais um lugar onde não posso correr. Não quero esperar que cheguem para me encontrar. Caminho pelo corredor, colocando os pés nos ladrilhos com precisão, com cuidado, com cuidado, para não escorregar, para não cair, para não correr enquanto eles observam.

Ela está lá, na área verde ao lado da escola. Tenho que cortar caminhos para me sentar em outro banco, sob seu olhar. Ela espera. Eu ando.

Ela não se levanta para me cumprimentar. Quando me aproximo dela, não sento. Está claro aqui fora e eu aperto os olhos diante do branco de seu uniforme e do metal do banco, ambos atordoantes, agressivos, reluzentes ao sol. Me pergunto se eu e ela vemos as coisas de forma diferente, agora que simplesmente não vemos o que esperamos ver.

— Olá, Cassia — diz ela.

— Olá.

— Seu nome foi mencionado ultimamente em vários departamentos da Sociedade. — Ela gesticula para que eu me sente. — Por que você acha que isso aconteceu?

Pode ser por muitas razões, penso com meus botões. Por onde começar? Escondi artefatos, li poemas roubados, aprendi a escrever. Me apaixonei por alguém que não é meu Par e estou escondendo este fato do meu Par.

— Não tenho idéia — digo.

Ela ri.

— Ah, Cassia. Você foi tão sincera comigo da última vez em que conversamos. Eu devia ter imaginado que isso não ia durar.

Ela aponta para o lugar ao lado dela, no banco.

— Sente-se.



Obedeço. O sol reluz quase diretamente sobre nós, uma luz desfavorável. A pele dela parece ter a textura de papel, e está coberta de suor. Seus contornos parecem borrados, o uniforme e a insígnia, pequenos, menos poderosos do que da última vez em que falamos. Digo isto a mim mesma para não entrar em pânico, não entregar ninguém, muito menos Ky.

— Não é preciso ser modesta — diz ela. — Com toda certeza você tem alguma idéia de como foi bem no teste de classificação.

Graças aos céus. É por isso que ela está aqui? Mas e a tal Infração?

— Você obteve o melhor resultado do ano. Naturalmente, todos os departamentos estão brigando para que você seja designada para lá como vocação. Nós, do Departamento de Pares, estamos sempre à procura de um bom classificador. — Ela sorri. Como da última vez, ela oferece alívio e conforto, me tranquiliza sobre a minha posição na Sociedade. Me pergunto por que será que eu a odeio tanto.

Logo na sequência eu entendo.

— Naturalmente — diz ela em um tom que agora parece ser pesaroso —, precisei contar para os Funcionários da testagem que, a menos que vejamos mudanças em alguns dos seus relacionamentos pessoais, nós seríamos contrários à sua contratação. E precisei mencionar a eles que você talvez não seja adequada para outros trabalhos relacionados com classificação, se as coisas continuarem como estão.

Ela não me olha ao dizer isto. Ela observa o chafariz no meio da área verde que, eu percebo subitamente, está seco. Então, volta o olhar para mim e sinto meu coração disparar, meu pulso batendo com força até a ponta dos dedos.

Ela sabe. Alguma coisa, pelo menos, se é que não sabe de tudo.

— Cassia — diz ela com delicadeza. — Os adolescentes têm o sangue quente. São rebeldes. E parte do processo de crescimento. Na verdade, quando verifiquei seus dados, vi que havia previsões de que você apresentasse alguns desses sentimentos.

— Eu não sei do que você está falando.

— Claro que sabe, Cassia. Mas não há nada com que se preocupar. Você talvez tenha determinados sentimentos por Ky Markham neste momento, mas quando você chegar aos 21 anos, há uma chance de 95% de que já esteja superado.

— Ky e eu somos amigos. Somos parceiros de trilha.

— Você acha que isso não ocorre com frequência? — diz a Funcionária, soando como se estivesse achando graça. — Quase 78% dos adolescentes que recebem um Par têm algum tipo de romance juvenil. E a maioria acontece no primeiro ano após a designação do Par. Não é inesperado.

A hora em que mais odeio os Funcionários é quando fazem isso. Quando agem como se já tivessem visto tudo antes, como se tivessem *me* visto antes. Quando nunca *me* viram de fato. Viram só os meus dados numa tela.

— Geralmente, tudo o que fazemos em tais situações é sorrir e deixar que as coisas se resolvam sozinhas. Mas os riscos são maiores para você pelo status de Aberração de Ky. Ter um romance com alguém bem colocado na Sociedade é uma coisa. Para vocês dois, é diferente. Se a coisa continuar, você pode também vir a ser considerada uma Aberração. Ky Markham, naturalmente, seria enviado de volta para as Províncias Exteriores. — Sinto meu sangue gelar, mas ela ainda não acabou comigo. Umedece os lábios, que estão tão secos quanto a fonte atrás dela. — Você compreende?

— Não posso deixar de falar com ele. E meu parceiro de trilha. Moramos no mesmo bairro...

Ela me interrompe.

— É claro que você pode conversar com ele. Há outras linhas que não podem ser ultrapassadas. Beijar, por exemplo. — Ela sorri. — Você não ia querer que Xander soubesse disso, não é? Não ia querer perdê-lo, não é?

Estou com raiva e meu rosto deve demonstrar isso. E o que ela diz é verdade. Não quero perder Xander.

— Cassia. Você está arrependida da sua decisão de ter um Par? Queria ter escolhido ser uma Solteira?

— Não é isso.



— Então o que é?

— Acho que as pessoas deviam poder escolher *quem* vai ser seu Par — digo de forma desajeitada.

— E onde isso ia acabar, Cassia? — diz ela, a voz paciente. — Você diria em seguida que as pessoas deveriam escolher quantos filhos vão ter e onde vão morar? Ou quando querem morrer?

Fico em silêncio, mas não porque eu concordo. Estou pensando no Vovô. *Não entre docemente.*

— Qual foi a Infração que eu cometi? — pergunto.

— Perdão?

— Quando fui chamada na escola, pelo terminal, a mensagem dizia que eu tinha cometido uma Infração. A Funcionária ri. A risada parece tranqüila e cálida, o que faz com que meu couro cabeludo se arrepie.

— Ah, isso foi um erro. Outro, pelo jeito. Eles parecem acontecer com frequência quando você está envolvida.

— Ela se inclina para perto. — Você ainda não cometeu uma Infração, Cassia. Por enquanto.

Ela se levanta. Mantenho o olhar no chafariz seco, querendo que a água volte a ele.

— É uma advertência, Cassia. Você compreende.

— Compreendo — digo para a Funcionária. As palavras não são completamente mentirosas. Eu compreendo, de alguma forma. Sei que ela precisa manter as coisas seguras e estáveis e uma parte de mim respeita isso. Odeio isso mais do que tudo.

Quando finalmente a encaro, ela tem um ar satisfeito. Sabe que ganhou. Ela vê nos meus olhos que não vou me arriscar a piorar as coisas para Ky.

— Tem uma entrega pra você — diz Bram, com o rosto ansioso, quando chego em casa. — Alguém deixou aqui. Deve ser coisa boa. Tive que deixar minha impressão digital no terminal portátil deles quando recebi.

Ele me segue até a cozinha, onde um pequeno embrulho descansa sobre a mesa. Ao olhar para o papel pardo grosseiro que o envolve, penso em como Ky poderia ocupar aquelas páginas com sua história. Mas ele não pode mais. É perigoso demais.

Ainda assim, não consigo deixar de abrir o papel com cuidado. Aliso-o até ficar impecável, me demorando. Aquilo quase deixa Bram maluco.

— Vai! Anda logo! — Entregas não acontecem todos os dias.

Quando Bram e eu finalmente vemos o que está dentro do embrulho, suspiramos. Bram suspira decepcionado. O meu é um suspiro de alguma coisa que não consigo definir muito bem. Saudade? Nostalgia?

E o retalho do vestido do Banquete do Par. Mantendo a tradição, colocaram a seda entre dois pedaços de vidro transparente com uma pequena moldura de prata em volta. O vidro e o tecido refletem a luz, cegando-me por um momento e fazendo lembrar o espelho dentro do meu compacto perdido. Olho para o pano, tentando lembrar da noite do Banquete do Par, quando estávamos todos em rosa e vermelho e dourado e verde e violeta e azul.

Bram geme.

— É isso? Um pedaço do seu vestido?

— O que você esperava, Bram? — digo, e a acidez do meu tom me surpreende. — Você achou que iam devolver nossos artefatos? Achou que era seu relógio? Pois não é. Não vamos recuperar nada. Nem o compacto. Nem o relógio. Nem o Vovô.

Choque e mágoa aparecem no rosto do meu irmão e antes que eu possa dizer mais alguma coisa, ele sai.

— Bram — eu o chamo. — Bram...

Escuto o barulho da porta se fechando.

Seguro a caixa onde veio a amostra emoldurada. Quando o faço, percebo que *tem* o tamanho perfeito para se guardar um relógio. Meu irmão ousou ter esperanças e zombei dele por causa disso.

Quero pegar esta moldura e caminhar até o meio da área verde. Vou ficar ao lado daquela fonte seca e esperar até que a Funcionária me encontre. E quando me encontrar e perguntar o que estou fazendo, vou dizer a ela e a todo mundo o que eu sei: estão nos dando pedaços da vida real em vez da coisa inteira. E vou dizer a ela que não quero



minha vida em amostras e retalhos. Uma provinha de tudo, mas uma refeição de nada.

Aperfeiçoaram a arte de nos dar só a liberdade suficiente. Suficiente para que, quando estamos a ponto de morder, nos ofereçam um ossinho e então rolemos, de barriga para cima, à vontade e saciados, como um cão que vi uma vez, ao visitar meus avós nos Campos. Tiveram décadas para aperfeiçoar isto: por que estou surpresa quando acontece comigo seguidas vezes?

Embora sinta vergonha de mim mesma, aceito o osso. Me preocupo com ele entre os dentes. Ky precisa ficar em segurança. E o que importa.

Não tomo o comprimido verde. Ainda sou mais forte do que ele. Mas não sou suficientemente forte para queimar a última parte da história de Ky antes de lê-la, o pedaço que ele apertou na minha mão mais cedo, enquanto descíamos pela floresta. *Depois disso, mais nada*, digo a mim mesma. *Só isso, mais nada*.

O desenho é o primeiro com cor. Um sol vermelho, baixo no céu, novamente na dobra do guardanapo para servir aos dois garotos, às duas vidas. O Ky mais jovem soltou as palavras *papai e mamãe*; elas sumiram do desenho. Esquecidas, abandonadas ou parte tão profunda dele que não precisam mais ser escritas. Ele olha para o Ky mais velho, procura alcançá-lo.

Era demais para carregar

Por isso os deixei para trás

Para ganhar uma vida nova, em um lugar novo

Mas ninguém se esqueceu de quem eu era

Eu não me esqueci

Nem as pessoas que vigiam

Elas vigiaram por anos

Elas vigiam agora

As mãos do Ky mais velho, atual, estão algemadas diante dele, um Funcionário de cada lado. Ele pintou as mãos de vermelho — não sei se ele deseja representar a aparência delas depois do trabalho ou se quer dizer outra coisa. O sangue dos pais ainda em suas mãos, depois de todos esses anos, apesar de não ter sido ele quem os matou.

As mãos dos Funcionários também estão vermelhas. E reconheço um deles. Ele captou o rosto dela com algumas linhas, alguns traços marcantes.

Minha Funcionária. Ela também foi procurá-lo.



CAPÍTULO 23

Na manhã seguinte, acordo com um grito tão estridente e dolorido que pulo da cama, arrancando os sensores de sono da pele.

— Bram! — berro.

Ele não está no quarto.

Corro pelo corredor até o quarto dos meus pais. Minha mãe voltou de viagem na noite passada. Os dois devem estar lá. Mas o quarto também está vazio e dá para ver que saíram. apressados. Vejo os lençóis retorcidos e um cobertor no chão. Recuo. Faz muito tempo que não vejo a cama deles desfeita e, mesmo com o medo que sinto, a intimidade das cobertas desarrumadas chama minha atenção.

— Cassia? — A voz de minha mãe.

— Cadê você? — respondo em pânico, me virando.

Ela corre pelo corredor na minha direção, ainda com roupa de dormir. O cabelo louro e comprido escorre solto pelas costas e ela quase parece de outro mundo, até me envolver com braços cujo toque é forte e real.

— O que aconteceu? — ela me pergunta. — Você está bem?

— O grito... — digo, olhando ao redor em busca da origem.

Nesse momento, ouço outro som além do grito: o som de metal sobre madeira.

— Não são gritos — diz minha mãe, com voz triste. — Você está ouvindo as serras. Estão cortando os bordos.

Corro para fora, até os degraus da frente de casa onde Bram e meu pai também estão. Outras famílias também estão do lado de fora, muitos com roupas de dormir, como nós. É outra forma de intimidade tão chocante e rara que me desnorreia. Não consigo me lembrar de outra ocasião em que eu tenha visto meus vizinhos desse jeito.

Ou talvez me lembre. Quando Patrick Markham saiu e andou para cima e para baixo com roupas de dormir, depois que o filho morreu, e o pai de Xander o encontrou e o levou para casa.

A serra morde o tronco do nosso bordo e o atravessa tão rápido, com tanta facilidade, que a princípio eu penso que nada aconteceu, a não ser o grito. A árvore parece bem por um breve momento, mas, mesmo ainda de pé, está morta. E então desaba.

— Por quê? — pergunto para minha mãe.

Como ela não responde de imediato, meu pai põe o braço em volta dela e me diz.

— Os bordos se tornaram um grande problema. As folhas fazem muita sujeira no outono. Não estão crescendo com uniformidade. Por exemplo, o nosso cresceu demais. O da Em é pequeno demais. E alguns têm doenças, por isso todos precisam ser cortados.

Contemplo nossa árvore, suas folhas ainda buscando o sol, ainda trabalhando na tarefa de transformar luz em alimento. Não sabem ainda que morreram. Nosso jardim parece diferente sem a árvore alta diante da nossa casa. Tudo parece menor.

Olho pra casa de Em. Seu jardim, por sua vez, não parece tão diferente agora que a pobre árvore deles se foi, aquela que nunca cresceu muito. Nunca foi muito mais do que um caule fino com um tufo de folhas no alto.

— Não é tão ruim para Em — digo. — A árvore dela não é uma grande perda.

— E triste para todos nós — diz minha mãe energicamente.

Na noite passada, quando não consegui dormir, me agachei perto da parede para ouvir a conversa dela com meu



pai. Falavam tão baixo que eu não conseguia distinguir as palavras, mas ela parecia triste e cansada. Acabei desistindo e voltei para cama. Agora ela parece zangada, diante da casa, com os braços cruzados sobre o peito.

Os trabalhadores com as serras já passaram para outra casa, agora que nossa árvore tombou. Esta foi a parte fácil. Arrancar as raízes será a difícil.

Meu pai aperta minha mãe. Ele não ama as árvores do jeito que ela ama, mas ama outras coisas que foram destruídas e compreende. Minha mãe ama as plantas. Meu pai ama a história das coisas. Eles se amam. E eu amo os dois.

Não vou ferir só a mim mesma, a Ky e a Xander se cometer uma Infração. Vou ferir a todas as pessoas que eu amo.

— E um aviso — diz minha mãe, quase para si mesma.

— Eu não fiz nada! — exclama Bram. — Não me atraso para escola há semanas!

— O aviso não é para você — diz minha mãe. — É para outra pessoa.

Meu pai põe as mãos nos ombros da minha mãe, e o jeito com que olha para ela, é como se estivessem a sós.

— Molly, eu juro. Eu não...

E eu, ao mesmo tempo, abro a boca para dizer alguma coisa — não sei o quê — alguma coisa sobre o que eu fiz, e por que tudo isso é culpa minha. Mas antes que meu pai possa terminar e eu possa começar, minha mãe fala.

— E um aviso para *mim*.

Ela se vira e volta para dentro de casa, passando uma mão nos olhos. Enquanto a observo entrar, a culpa me atravessa velozmente, como os cortes na árvore.

Não acho que o aviso seja para minha mãe.

Se os Funcionários puderem mesmo ver os meus sonhos, devem ter ficado felizes com o que sonhei na noite passada. Queimei a história de Ky no incinerador, mas depois fiquei pensando no que ela me dissera: o sol estava vermelho e baixo no horizonte quando os Funcionários vieram pegá-lo.

Então, quando sonhei, vi cena após cena de Ky cercado por Funcionários de uniforme branco, com um céu avermelhado por trás deles, um reflexo do sol esperando no horizonte. Não dava para dizer se o sol se erguia ou se punha. Não percebia direções no sonho. Em cada sonho, ele não demonstrava qualquer medo. As mãos não tremiam. A expressão permanecia calma. Mas eu sabia que ele tinha medo e quando a luz vermelha do sol atingiu seu rosto, ela se parecia com sangue.

Eu não quero ver essa cena acontecer na vida real. Mas preciso saber mais. Como ele escapou da última vez? O que aconteceu?

Os dois desejos se enfrentam dentro de mim: o desejo de ficar em segurança e o desejo de saber. Não sei dizer qual dos dois vai ganhar.

Minha mãe mal fala comigo no trem para o Arboreto que pegamos juntas. Ela me olha e sorri de vez em quando, mas percebo que está perdida em pensamentos. Quando faço perguntas sobre a viagem dela, responde com cautela, e eu acabo parando.

Ky está no mesmo trem aéreo que nós duas, e ele e eu caminhamos juntos até a Colina. Tento agir de forma amigável, mas reservada — do jeito que costumávamos agir quando estávamos juntos —, apesar de querer tocar a mão dele de novo, olhar nos olhos dele e perguntar sobre a história. Sobre o que aconteceu depois.

Passam-se só alguns segundos na floresta antes que eu perca o controle e precise perguntar. Ponho a mão no seu braço enquanto seguimos até o último lugar que marcamos. Quando o toco, ele sorri e aquilo aquece meu coração e torna difícil tirar a mão, soltá-lo. Não sei se vou conseguir, apesar de querê-lo em segurança mais ainda do que quero a *ele*.

— Ky. Uma Funcionária me procurou ontem. Ela sabe de nós. Eles sabem de nós.

Ky faz que sim com a cabeça.

— Claro que sabem.

— Também falaram com você?



— Falaram.

Para alguém que passou a vida inteira evitando chamar a atenção de Funcionários, ele parece incrivelmente tranquilo nesta situação. Os olhos são profundos como sempre, mas há uma calma neles que eu nunca tinha visto antes.

— Você não está preocupado?

Ky não responde. Em vez disso, põe a mão no bolso da camisa e tira um papel. Ele me entrega. É diferente do papel pardo dos guardanapos e dos embrulhos que andou usando — é mais branco, mais liso. A escrita ali não é a dele. É de algum tipo de terminal ou escrevinhador, mas algo nela parece estranho.

— O que é isso? — pergunto.

— Um presente de aniversário atrasado para você. Um poema.

Meu queixo cai — um poema? *Como?* — e Ky se apressa em me reconfortar.

— Não se preocupa. Vamos destruir o papel logo, para não arranjar encrenca. Não vamos precisar de muito tempo pra decorar. — O rosto está iluminado de felicidade e eu subitamente percebo que Ky se parece um pouquinho com Xander, com o rosto aberto e alegre desse jeito. Lembro dos rostos que se alternaram na tela do terminal no dia seguinte ao anúncio do meu Par, quando vi Xander e depois Ky. Mas agora, vejo só Ky. Só Ky, mais ninguém.

Um poema.

— Você escreveu?

— Não — diz ele —, mas é do mesmo homem que escreveu o outro. *Não entre docemente.*

— Como? — pergunto. Não havia outros poemas de Dylan Thomas no terminal, na escola.

Ky sacode a cabeça, fugindo da pergunta.

— Não é o poema inteiro. Só pude pagar por parte de uma estrofe.

Antes que eu possa perguntar como pagou pelo poema, ele pigarreia um pouco nervosamente e olha para as mãos.

— Gostei dele porque menciona um aniversário e porque me lembrou você. Como eu me senti quando vi você naquele primeiro dia, na água da piscina. — Ele parece confuso e vejo traços de tristeza no seu rosto. — Você não gostou?

Seguro o papel branco, mas meus olhos estão tão cheios de lágrimas que não consigo ler.

— Aqui — digo, entregando-lhe o poema. — Você lê para mim? — Me afasto e começo a caminhar pelas árvores, quase cambaleante, tão ofuscada pela beleza da sua surpresa e tão avassalada pela possibilidade e pela impossibilidade.

Atrás de mim, ouço a voz de Ky. Paro e escuto.

Meu aniversário começou com as aves aquáticas e aves das árvores aladas levando meu nome por sobre as fazendas e cavalos brancos. E eu me levantei no outono chuvoso e caminhei para fora num aguaceiro de todos os meus dias.

Volto a caminhar, sem me importar com marcos, trapos ou com qualquer coisa que pudesse me fazer andar mais devagar. Sou descuidada e incomodo um grupo de aves que saem voando e se afastam de nós, subindo ao céu. Brancas no azul, como as cores da Prefeitura Municipal. Como as cores dos anjos.

— Elas estão levando o seu nome — diz Ky, atrás de mim.

Me viro e o vejo parado em meio à floresta, com o poema branco na mão.

Os gritos dos pássaros voam com eles. No silêncio que se segue, não sei quem se move primeiro, se é Ky ou eu, mas logo estamos próximos, sem nos tocar, respirando, mas não nos beijando.

Ky se inclina para mim, os olhos presos aos meus, perto o bastante para que eu possa ouvir o ligeiro farfalhar do poema quando se mexe.

Fecho os olhos quando seus lábios tocam meu rosto com calor. Penso nas sementes de choupo esbarrando em mim naquele dia, no trem aéreo. Macias, leves, cheias de promessas.



CAPÍTULO 24

Ky me dá três presentes de aniversário. Um poema, um beijo e a crença bela e desesperada de que as coisas podem

dar certo. Quando abro meus olhos, ao pôr a mão no lugar do rosto que foi tocado pelos lábios dele, eu digo.

— Não te dei nada de aniversário. Nem sei quando é.

E ele diz:

— Não se preocupa.

Digo:

— O que eu posso fazer?

Ele responde:

— Me deixa acreditar nisso, em tudo isso, e acredita você, também.

E eu acredito.

Por um dia inteiro, deixo que seu beijo queime meu rosto e meu sangue, e não afasto a lembrança. Já beijei, já fui beijada antes. É diferente. Hoje, mais do que o meu aniversário de verdade, no dia do Banquete do Par, parece um marco, um dia a partir do qual se contar o tempo. Este beijo, estas palavras, parecem o começo.

Me permito imaginar futuros que nunca poderão acontecer, nós dois juntos. Mesmo quando faço classificações, mais tarde, mantenho a mente na tarefa fingindo que cada número classificado é um código, uma mensagem para Ky que vou manter como nosso segredo. Vou nos manter em segurança. Não vou revelar nada. Cada classificação que executo corretamente tira a atenção de nós.

Como não é minha vez de usar os sensores de sono esta noite, deixo que meus sonhos me levem para onde quiserem. Para minha surpresa, não sonho com Ky na Colina. Sonho com ele sentado nos degraus diante da minha casa, vendo o vento brincar com as folhas do bordo. Sonho com ele me levando para o refeitório particular e puxando a cadeira para mim, curvando-se tão perto de mim que até as velas falsas estremecem diante da sua presença. Sonho que nós dois estamos plantando rosas novas no jardim dele e que Ky me ensina a usar o artefato. Tudo o que eu sonho é simples, corriqueiro, cotidiano.

E por isso que eu sei que são sonhos. Porque as coisas simples, corriqueiras e cotidianas são aquelas que nós nunca poderemos ter.

— Como? — pergunto a ele no dia seguinte, na Colina, assim que estamos suficientemente embrenhados na floresta para que ninguém nos ouça. — Como é que a gente pode acreditar que isso vai dar certo? A Funcionária ameaçou te mandar para as Províncias Exteriores, Ky!

Ky não responde por um momento e sinto como se tivesse gritado com ele, apesar de ter mantido minha voz o mais baixa possível. Depois caminhamos pelo marco que deixamos na última caminhada e ele olha direto para mim, e eu juro sentir aquele beijo de novo. Mas, desta vez, eu o sinto nos meus lábios.

— Você já ouviu falar do dilema do prisioneiro? — Ky me pergunta.

— Claro. — Ele está zombando de mim? — E o jogo que você jogou com Xander. Todo mundo já jogou.

— Não, não é o jogo. A Sociedade mudou o jogo. Eu estou falando da teoria *por trás* do jogo.

Não sei do que ele está falando.

— Acho que não.

— Se duas pessoas cometem um crime juntas, são pegas e depois separadas e interrogadas, o que acontece?



Ainda estou perdida.

— Não sei. O quê?

— O dilema é esse. Elas denunciam uma à outra na esperança de que os Funcionários peguem leve com elas, tipo um acordo? Se recusam a dizer algo que possa trair o parceiro? A melhor hipótese é que nenhum dos dois diga nada. Assim, os dois podem ficar em segurança.

Paramos perto de um grupo de árvores caídas.

— Segurança — digo.

Ky assente.

— Mas isso nunca acontece.

— Por que não?

— Porque um dos prisioneiros quase sempre trai o outro. Eles acabam abrindo a boca para ter uma chance.

Acho que sei o que ele está me pedindo. Estou aprendendo cada vez mais a ler seus olhos, a saber seus pensamentos. Talvez seja por saber sua história, por finalmente saber mais sobre ele. Eu lhe entrego um pano vermelho. Não tentamos mais impedir nossos dedos de se tocarem, de se juntarem antes de se soltarem.

Ky prossegue.

— Mas na melhor das hipóteses, ninguém diria nada.

— E você acha que nós podemos fazer isso?

— Nunca vamos estar em segurança — diz Ky, passando a mão no meu rosto. — Eu finalmente entendi isso. Mas confio em você. Vamos nos manter em segurança o quanto pudermos.

O que significa que nossos beijos terão de se manter como promessas, promessas deixadas como aquele seu primeiro beijo, suave, no meu rosto. Nossos lábios não se encontram. Por enquanto. Pois assim que o fizermos, a Infração terá sido cometida. A Sociedade terá sido traída. Xander terá sido traído. Nós dois sabemos disso. Por quanto *tempo* podemos escapar deles? De nós mesmos? Porque posso ver nos olhos dele que ele deseja esse beijo tanto quanto eu.

Nossas vidas têm outras partes: muitas horas de trabalho para Ky. Classificação e Segunda Escola para mim. Mas quando olho para trás, sei que aqueles momentos não serão lembrados com todos os detalhes de que me lembro dos dias com Ky, andando pela Colina.

A não ser pela lembrança de uma tensa noite de sábado na sala de exibição, onde Xander segura minha mão e Ky age como se nada estivesse diferente. Há um momento terrível no final, quando as luzes se acendem e vejo a Funcionária da área verde olhando ao redor. Quando me localiza e vê minha mão na de Xander, ela me olha, dá um pequeno sorriso e desaparece. Olho para Xander depois que ela vai embora, e a dor da saudade me atravessa, uma dor tão profunda e real que ainda posso senti-la mais tarde, ao pensar nela, naquela noite. A saudade não é de Xander. É do jeito que as coisas costumavam ser entre nós. Sem segredos, sem complicações.

Ainda assim. Por mais que me sinta culpada em relação a Xander e me preocupe com ele, esses dias pertencem a Ky, a mim. A aprender mais histórias, escrever mais letras.

Às vezes Ky me pergunta se eu me lembro das coisas.

— Lembra do primeiro dia de Bram na escola? — ele pergunta um dia, enquanto andamos rápido pela floresta, para compensar pelo tempo que passamos escrevendo antes.

— Claro — respondo, sem fôlego, pela pressa e por ficar pensando nas mãos dele nas minhas. — Bram queria ficar em casa. Fez a maior cena no ponto do trem aéreo. Todo mundo se lembra disso.

As crianças começam a Primeira Escola no outono após completarem 6 anos. É supostamente um importante rito de passagem, uma antecipação dos Banquetes por vir. No final de um primeiro dia bem-sucedido, as crianças trazem um bolinho para casa, para comerem depois do jantar, junto com um monte de balões coloridos. Não sei o que deixava Bram mais animado — o bolo, que temos tão poucas oportunidades de comer, ou os balões, que são exclusivos dessa ocasião do Primeiro Dia. Também seria o dia em que ele ganharia o leitor e o escrevinhador, mas Bram não



estava muito interessado nesta parte.

Quando chegou a hora de entrar no trem, Bram não quis.

— Não quero ir — disse ele. — Prefiro ficar aqui.

Era de manhã e a estação transbordava de gente que ia pro trabalho e para as escolas. Cabeças se viravam para nos olhar, enquanto Bram se recusava a embarcar no trem aéreo com meus pais. Meu pai parecia preocupado, mas minha mãe lidou bem com aquilo.

— Fica tranqüila — ela cochichou para mim. — Os Funcionários encarregados do centro Pré-Escolar me avisaram que isso podia acontecer. Previram que ele teria alguma dificuldade com esse marco.

Depois ela se ajoelhou ao lado dele e falou:

— Vamos entrar no trem, Bram. Lembra dos balões. Lembra do bolo.

— Não quero. — E para surpresa de todos, começou a chorar. Bram nunca chorava, nem mesmo quando era bem pequeno. Toda a confiança abandonou o rosto da minha mãe e ela pôs os braços em volta dele e o apertou com força. Bram é o segundo filho que ela achou que talvez nunca tivesse. Depois de me ter rápida e facilmente, ela levou anos para engravidar de novo e ele nasceu semanas antes de ela completar 31 anos, que é a idade limite para se ter filhos. Todos nos sentimos sortudos por termos o Bram, mas minha mãe mais do que todos.

Eu sabia que se o choro continuasse por muito mais tempo, nós estaríamos encrocados. Naquela época, havia um Funcionário designado para cuidar de problemas morando em cada rua.

Eu disse em voz alta para ele.

— Pior para você. Não vai ganhar leitor, nem escrevinhador. Não vai aprender a escrever. Não vai aprender a ler.

— Mentira! — berrou Bram. — Eu posso aprender.

— Como? — perguntei.

Ele apertou os olhos, mas pelo menos parou de chorar.

— Eu não ligo se não aprender a ler nem a escrever.

— Está bem — disse eu, e com o canto dos olhos vi alguém batendo na porta do Funcionário, na casa ao lado da parada do trem aéreo. Não. *Bram já recebeu anotações demais da creche.*

O trem parou com um chiado e naquele momento eu soube o que precisava fazer. Peguei a bolsa dele e a entreguei para ele.

— É com você — disse, olhando bem nos olhos dele, sem piscar. — Você pode crescer ou continuar um bebê.

Bram parecia magoado. Joguei a bolsa nos braços dele e cochichei no seu ouvido.

— Eu sei de um jeito de jogar no escrevinhador.

— Sério?

Fiz que sim.

O rosto de Bram se iluminou. Ele pegou a bolsa e atravessou as portas do trem aéreo sem olhar para trás. Meus pais e eu embarcamos a seguir e minha mãe me abraçou com força lá dentro.

— Obrigada — disse ela.

Naturalmente, não havia jogo nenhum no escrevinhador. Precisei inventar alguns, mas não é à toa que sou uma classificadora nata. Bram levou meses para descobrir que nenhuma das outras crianças tinha irmãos mais velhos que escondiam padrões e imagens em telas cheias de letras e que depois marcavam o tempo para ver com que rapidez eles conseguiam encontrar todas elas.

Foi como eu soube antes de qualquer um que Bram nunca seria um classificador. Mas continuei a inventar níveis, recordes a serem conquistados, e passava todo o meu tempo livre naqueles meses pensando em jogos que achasse que ele poderia gostar. E mesmo depois, quando ele descobriu tudo, não ficou com raiva. Nós tínhamos nos divertido tanto, e, afinal de contas, eu não tinha mentido. *Eu sabia* de um jeito de jogar no escrevinhador.

— O dia foi aquele — Ky fala e para.



— O quê?

— O dia em que eu te conheci.

— Por quê? — digo, sentindo-me um tanto magoada. — Porque você viu que eu seguia as regras? E fiz com que meu irmão também seguisse?

— Não — diz ele, como se fosse óbvio. — Porque eu vi que você se importava com seu irmão e vi que você era suficientemente esperta para ajudar ele. — E ele sorri. — Eu já sabia como você era, mas aquele foi o dia em que eu te conheci *de verdade*.

— Ah — digo.

— E eu? — ele me pergunta.

— O que você quer dizer?

— Quando foi que *you* prestou atenção em *mim* pela primeira vez? Por alguma razão, não posso dizer a ele. Não posso dizer que foi o rosto na tela, na manhã seguinte ao meu Banquete do Par — o erro — que me levou a pensar nele desse jeito. Não posso dizer que eu não o via até que me mandaram olhar.

— No alto da primeira colina — é o que respondo. Queria não ter precisado contar esta mentira, quando ele conhece mais da minha verdade do que qualquer um no mundo.

Naquela noite, mais tarde, percebo que Ky não me disse mais nada da sua história e eu não pedi. Talvez seja porque agora eu viva na história dele. Agora sou parte dela, e ele, da minha, e a parte que escrevemos juntos às vezes parece ser a única que importa.

Mas a pergunta ainda me persegue: O que aconteceu quando os Funcionários levaram ele embora e o sol estava vermelho e baixo no céu?



CAPÍTULO 25

Nosso tempo juntos parece uma tempestade, parece o vento selvagem e a chuva, parece algo grande demais para ser controlado, mas poderoso demais para escapar. Sopra à minha volta e desarruma meu cabelo, molha meu rosto, me faz saber que estou viva, viva, viva. Há momentos de calma e de pausa, como em todas as tempestades, e momentos em que nossas palavras provocam relâmpagos, pelo menos um para o outro.

Subimos a Colina, correndo juntos, tocando as mãos, tocando as árvores. Conversando. Ky tem coisas para contar e eu tenho coisas para contar a ele e não há tempo suficiente, não há tempo suficiente, nunca há tempo suficiente.

— Existem pessoas que se chamam de Arquivistas — diz Ky. — Na época em que o Comitê dos Cem fez as seleções, os Arquivistas sabiam que as obras que não fossem escolhidas iam se transformar em mercadorias valiosas. Por isso, salvaram algumas. Os Arquivistas têm terminais ilegais, que eles construíram para eles mesmos, para armazenar coisas. Salvaram o poema de Thomas que eu trouxe para você.

— Não tinha idéia — digo, comovida. Nunca pensei que alguém pudesse pensar tão à frente a ponto de salvar alguns dos poemas. Vovô sabia disso? Não me parece que ele soubesse. Ele nunca deu a eles o *seu* poema para ser salvo.

Ky põe a mão no meu braço.

— Cassia. Os Arquivistas não são altruístas. Eles viram uma mercadoria e fizeram o que podiam para que fosse preservada. Qualquer pessoa pode ter acesso, se estiver disposta a pagar, mas os preços são altos. — Ele parou como se já tivesse revelado demais, como o fato de que este poema lhe custou algo.

— O que você usou para conseguir o poema? — pergunto, subitamente com medo. Até onde sei, Ky tem duas coisas de valor: o artefato e as palavras do poema *Não entre docemente*. Não quero que abra mão do artefato, o último vínculo com a família dele. E por alguma razão, a idéia de ter o nosso poema negociado me repugna. De forma egoísta, não quero que qualquer um o tenha. Percebo que não sou muito melhor do que os Funcionários neste aspecto.

— Uma coisa — diz ele, e seus olhos têm um ar divertido. — Não se preocupa com o preço.

— O seu artefato...

— Não se preocupa. Não foi isso que eu usei. Também não usei o nosso poema. Mas, Cassia, se *voce* um dia precisar, eles não sabem do poema. Perguntei quantos escritos de Dylan Thomas eles tinham e não era muita coisa. O poema do aniversário, uma história, e era só.

— Se eu precisar do quê?

— Negociar — diz ele, cauteloso. — Negociar por alguma coisa. Os Arquivistas têm informações, contatos. Você podia falar para eles de um dos poemas que seu avô te deu. — Ele franze a testa. — Embora talvez seja difícil provar a autenticidade, porque você não tem mais o papel original... de qualquer forma, tenho certeza que valeria alguma coisa.

— Eu teria medo de negociar com gente assim — digo e logo lamento ter falado aquilo. Não quero que Ky pense que fico assustada à toa.

— Eles não são completamente maus — diz ele. — Estou tentando fazer com que você veja que não são melhores ou piores do que ninguém. Nem melhores nem piores do que os Funcionários. Você precisa ter cuidado com os Arquivistas do mesmo jeito que precisa ter cuidado com todo mundo.

— Onde eu posso encontrar eles? — pergunto, assustada pela necessidade dele de me dizer isso. O que ele acha



que vai acontecer? Por que acha que eu precisaria saber como vender nosso poema?

— O Museu — diz ele. — Vai até o subsolo e fica parada em frente à exposição sobre a Gloriosa História da Província de Oria. Ninguém vai lá. Se ficar tempo o bastante, alguém vai perguntar se você quer ouvir mais sobre a história. Você diz que sim. Eles vão saber que você quer entrar em contato com um Arquivista.

— Como é que você sabe disso? — pergunto, novamente surpresa com as formas de sobreviver que ele conhece.

Ele sacode a cabeça.

— E melhor eu não contar.

— E se alguém um dia for lá querendo *mesmo* saber um pouco mais sobre a história?

Ky ri.

— Ninguém faz isso, Cassia. Ninguém aqui quer nada com o passado.

Avançamos apressados, as mãos ainda se tocando em meio *aos* galhos. Escuto Ky cantarolando uma parte de uma das Cem Canções, aquela que ouvimos juntos.

— Adoro essa — eu digo, e ele assente. — A mulher que canta tem uma voz tão bonita.

— Pena que não é real — diz ele.

— O que você quer dizer? — pergunto.

Ele me olha, surpreso.

— A voz dela. Ela não é real. É gerada. A voz perfeita. Que nem a de todos os cantores em todas as canções. Você não sabia disso?

Sacudo a cabeça, descrente.

— Isso não pode ser verdade. Quando ela canta, eu consigo ouvir a respiração.

— Isso faz parte — Ky diz, com olhar distante, lembrando-se de alguma coisa. — Ele sabem que nós gostamos de ter a sensação de que as coisas são autênticas. Gostamos de ouvir eles respirarem.

— Como você sabe?

— Eu já ouvi gente de verdade cantando — diz ele.

— Eu também, na escola. E o meu pai cantava para mim.

— Não — diz ele. — Tou falando de cantar forte, o mais alto que você consegue. Quando sente vontade. Ouvi gente cantando assim, mas não aqui. E mesmo a voz mais bonita do mundo não soaria tão perfeita quanto aquela na sala de música.

Por uma fração de segundo, imagino ele em casa, na paisagem que desenhou para mim, ouvindo outros cantarem. Ky olha para o céu que pisca por trás das árvores sobre nós. Está calculando o tempo. Confia no sol mais do que no relógio. Já notei isso. Enquanto ele protege os olhos com uma mão, outro verso do poema de Thomas me vêm à mente:

Homens selvagens que abraçaram e cantaram o sol na altura

Eu gostaria de ouvir Ky cantar.

Ky põe a mão no bolso, tira o poema de aniversário.

— Você já lembra bem dele?

Sei o que ele está dizendo. Está na hora de destruir o poema. É perigoso guardá-lo por muito tempo.

— Sei — digo. — Mas deixa eu dar mais uma olhada nele. — Leio de novo e olho para Ky. — Destruir esse não é tão triste — digo, contando para ele e lembrando a mim mesma. — Outras pessoas conhecem. Ainda existe em algum lugar.

Ele assente.

— Você quer que eu leve para casa e jogue no incinerador? — pergunto.

— Achei que a gente podia deixar aqui — diz ele. — Enterrar. No chão.

Estou lembrada de plantar com Xander. Mas este poema não tem qual-quer vínculo. Está completamente separa-



do de onde veio. Sabemos o nome do autor. Não sabemos nada sobre ele, não sabemos o que ele queria dizer com o poema, o que pensava ao dar forma às palavras, como o escreveu. Tanto tempo atrás, já havia escrevinhadores? Não consigo me lembrar do que ouvi nas Cem Lições de História. Ou será que ele escreveu como Ky, com as mãos? Será que o poeta sabia como tinha *sorte*, por ter palavras tão lindas e ter um lugar para colocá-las e guardá-las?

Ky estende a mão para pegar o poema.

— Espera — digo. — Não vamos enterrar tudo. — Estendo a mão para receber o papel e ele me entrega, aliando-o sobre a palma da minha mão. Não é muita coisa, o poema. É pequeno, um verso. Vamos enterrá-lo facilmente. Rasgo cuidadosamente a linha que fala sobre os pássaros.

Aves e aves das árvores aladas levando meu nome

Rasgo cada vez mais, até que os pedaços estejam minúsculos e leves. São tão pequenos que não vejo onde a maior parte deles vai parar, mas um pouso suavemente sobre um galho, perto de mim. Talvez uma ave de verdade vá usá-lo para fazer um ninho, vá guardá-lo de todo mundo, assim como eu fiz com o poema de Thomas.

Conhecemos o autor, percebo, enquanto Ky e eu enterramos o resto do papel. Nós o conhecemos através das suas palavras. E um dia vou ter que compartilhar os poemas. Eu sei disso. E um dia vou ter que contar para Xander o que está acontecendo aqui na Colina.

Mas ainda não é a hora. Antes, eu queimei poesia para ficar em segurança. Não posso fazer a mesma coisa agora. Seguro com força a poesia dos nossos momentos juntos, protegendo-os, protegendo-nos. A todos nós.

— Conta para mim sobre o seu Banquete do Par — diz Ky em outra ocasião.

Ele quer que eu conte a ele sobre Xander?

— Não é para falar sobre Xander — diz ele, lendo meus pensamentos e sorrindo o sorriso que eu amo. Até agora, quando ele já sorri com mais frequência, eu ainda continuo faminta por esse sorriso. Às vezes, estendo a mão e toco seus lábios quando ele faz aquilo. E o que faço agora, e sinto eles se moverem quando ele diz.

— É para falar sobre você.

— Eu fiquei nervosa, empolgada... — paro.

— No que você pensou?

Queria poder dizer que estava pensando nele, mas já menti para ele uma vez e não vou fazer isso de novo. Além do mais, eu também não estava pensando em Xander.

— Pensei em anjos — digo.

— Anjos?

— Você sabe. Aqueles das velhas histórias. Como conseguiam voar para o céu.

— Você acha que alguém ainda acredita neles? — pergunta.

— Não sei. Não. E você?

— Eu acredito em você — diz ele, a voz baixa e quase reverente. — E isso é mais fé do que eu jamais imaginei que fosse ter.

Avançamos rapidamente em meio às árvores. Sinto, mesmo sem ver muito, que devemos estar chegando ao topo da colina. Em algum momento, nosso trabalho aqui vai ser concluído e isto tudo vai acabar. Já não se leva mais muito tempo para percorrer a primeira parte da Colina. Tudo está aberto e bem marcado e sabemos para onde vamos, pelo menos a princípio. Mas ainda há território inexplorado. Ainda há coisas a se descobrir. E eu me sinto grata por isso. Me sinto tão grata que queria acreditar em anjos para poder expressar minha gratidão para alguém ou alguma coisa.

— Me conta mais — diz Ky.

— Eu usei um vestido verde.

— Verde — diz ele, olhando para mim. — Eu nunca vi você vestida de verde.

— Você nunca me viu vestida com nada que não fosse marrom ou preto — digo a ele. — Roupas comuns marrons. Roupas de nadar preta — disparo.

— Retiro o que disse — diz ele depois, quando ouvimos o apito. — Já te vi de verde, sim. Vejo você de verde



todos os dias, aqui nas árvores.

No dia seguinte, pergunto a ele:

— Você pode me contar por que chorou na exibição outro dia?

— Você viu?

Faço que sim com a cabeça.

— Não consegui me segurar. — O olhar está distante, endurecido. — Não sabia que eles tinham cenas como aquela. Podia ter sido na minha aldeia. Certamente era em alguma das Províncias Exteriores.

— Espera aí — penso nas pessoas, as sombras negras correndo. — Você está dizendo que aquilo era...

— Real — conclui ele. — Sim. Não são atores. Não é um estúdio. Acontece em todas as Províncias Exteriores, Cassia. Quando eu fui embora, acontecia cada vez com mais frequência.

O apito vai soar logo, eu sei. Ele também sabe. Mas eu o alcanço e o abraço aqui na floresta, onde as árvores nos escondem e os chamados dos pássaros disfarçam nossas vozes. A Colina inteira é cúmplice do nosso abraço.

Sou a primeira a se afastar, porque tenho uma coisa para escrever antes que nosso tempo termine. Andei praticando no ar, mas quero gravar na terra.

— Fecha os olhos — digo a Ky e me abaixo, a respiração dele sobre mim, enquanto ele aguarda. — Ali — digo e ele olha o que escrevi.

Amo você.

Fico constrangida como se fosse uma criança que acaba de digitar as primeiras palavras no escrevinhador e as mostra para serem lidas por um garoto da sua turma da Primeira Escola. Minha letra é deselegante, desordenada, não tão fluida quanto a de Ky.

Por que algumas coisas são mais fáceis de escrever do que de dizer?

De qualquer maneira, sinto-me inegavelmente corajosa e vulnerável ali na floresta, com palavras que não posso desdizer. As primeiras palavras que eu escrevi, afora os nossos nomes. Não é exatamente um poema, mas acho que o Vovô compreenderia.

Ky me olha. Pela primeira vez desde a exibição, vejo lágrimas nos seus olhos.

— Você não precisa escrever nada — digo, me sentindo constrangida. — Eu só queria que você soubesse.

— Não quero escrever nada — ele fala. E ele me diz, bem ali na Colina, e de todas as palavras que escondi, guardei e prezei, essas são as que nunca vou me esquecer, as mais importantes de todas.

— Amo você.

Relâmpago. Quando ele rasga o céu, branco e causticante, e se dirige à terra, não pode voltar atrás.

Está na hora. Eu sinto. Eu sei. Meus olhos estão nele, os dele em mim, e nós dois estamos ofegantes, nos olhando, cansados de esperar. Ky fecha os olhos, mas os meus ainda estão abertos. Como vai ser, os lábios dele nos meus? Como um segredo revelado, uma promessa mantida? Como um verso do poema — *uma chuva dos meus dias* — chuva prateada despencando à minha volta, onde o relâmpago se encontra com a terra?

O apito é soprado lá embaixo e o momento é interrompido. Estamos a salvo.

Por enquanto.



CAPÍTULO 26

Descemos depressa a Colina. Vislumbramos branco por entre as árvores e eu sei que não são os pássaros que vimos antes. Estas figuras brancas não foram feitas para voar.

— Funcionários — digo para Ky, que assente.

Nos apresentamos ao Oficial, que parece um pouco preocupado com os visitantes que nos aguardam. Volto a me perguntar como foi que ele arranjou este trabalho. Supervisionar a marcação da grande Colina parece um desperdício de tempo para alguém do nível dele. Quando me viro, vejo todas as marcas que a disciplina gravou no seu rosto e percebo, mais uma vez, que ele não é muito jovem.

Os Funcionários, descubro ao me aproximar, são aqueles que vi antes. Aqueles que testaram minha capacidade de classificação. A Funcionária loura assume o comando desta vez. É ela, aparentemente, quem cuida desta parte do teste.

— Olá, Cassia — diz ela. — Hoje vamos te levar para o local do seu teste prático de classificação. Você poderia vir conosco agora? — Ela lança um olhar para o Oficial com um toque de deferência.

— Vá em frente — diz o Oficial, vendo os outros que voltam da Colina. — Podem ir. Nos encontramos aqui amanhã.

Alguns dos outros caminhanes me olham com interesse, mas sem preocupação. Muitos de nós aguardam por postos de trabalho definitivos, e Funcionários sempre parecem ser parte do processo.

— Vamos pegar o trem aéreo — diz a Funcionária loura. — O teste vai durar apenas algumas horas. Você já deve estar em casa a tempo da sua refeição noturna.

Caminhamos até a parada do trem aéreo, dois Funcionários à minha direita e um à minha esquerda. Não há como fugir deles. Não ousou olhar para Ky. Nem mesmo quando embarcamos no trem que o leva para Cidade. Quando ele passa por mim, sua saudação parece perfeita: amistosa, despreocupada. Ele continua a seguir pelo carro e se senta perto de uma janela. Qualquer pessoa que observasse ficaria convencida de que ele não sente nada por mim. Ele quase *me* convenceu.

Não saltamos do trem aéreo na parada da Prefeitura Municipal, nem em outras paradas da Cidade. Vamos em frente. Mais e mais trabalhadores de azul entram, rindo e conversando. Um deles segura Ky pelos ombros e Ky ri. Não vejo outros Funcionários nem ninguém que use roupas de estudante, como eu. Nós quatro ficamos sentados juntos, num mar de azul, o trem se jogando e virando como um rio que corre. Sei que é difícil lutar contra uma correnteza tão forte quanto a da Sociedade.

Olho pela janela e espero, de todo o coração, que isto não seja o que eu acho que é. Que não estejamos indo para o mesmo lugar. Que eu não vá classificar Ky.

Isso é um truque? Estão nos vigiando? *E uma pergunta estúpida*, penso com meus botões. *Claro que estão nos vigiando.*

Prédios cinzentos e volumosos se aglomeram nesta parte da cidade. Vejo placas, mas o trem aéreo anda rápido demais para me deixar lê-las. Mas é óbvio onde estamos: no Distrito Industrial.

A frente, vejo Ky se mexer, se levantar. Ele não precisa segurar nas alças que estão penduradas no teto. Ele se mantém equilibrado enquanto o trem desliza até parar. Por um momento penso que tudo vai ficar bem. Os Funcionários e eu vamos continuar, passar por esses prédios cinzentos, ir além do aeroporto com sua pista de aterrissagem e as bandeiras vermelhas de trânsito que se sacodem no vento como pipas, como os sinalizadores na Colina. Vamos pros-



seguir até os Campos, onde vão mandar que eu classifique nada mais importante do que uma plantação ou algumas ovelhas.

Então os Funcionários que estão junto comigo se levantam e não tenho escolha senão segui-los. Não entra em pânico, digo a mim mesma. Olha esses prédios. Olha todos esses trabalhadores. Você pode ter que classificar qualquer coisa, qualquer pessoa. Não vai tirar conclusões apressadas.

Ky não olha para saber se eu também saltei. Examino suas costas e suas mãos para ver se consigo encontrar nele traços da mesma tensão que me atravessa. Mas seus músculos estão relaxados e ele dá passos uniformes ao caminhar para a lateral do prédio por onde os trabalhadores entram. Muitos dos outros trabalhadores vestidos com roupas comuns azuis atravessam a mesma porta. As mãos de Ky estão soltas ao lado do corpo, abertas. Vazias.

Quando Ky entra no prédio, a Funcionária loura me leva para a frente, até uma espécie de recepção. Os demais Funcionários lhe entregam sensores e ela os coloca atrás da minha orelha, nos meus pulsos, sob a gola da minha camisa. Ela é rápida e eficiente na tarefa. Agora que estou sendo monitorada, tento relaxar ainda mais. Não quero parecer mais nervosa do que o normal. Respiro fundo e mudo as palavras do poema. Digo a mim mesma para entrar docemente, só desta vez.

— Esta é a área de distribuição de alimentos da Cidade — me informa a Funcionária. — Como mencionamos antes, o objetivo de uma classificação na vida real é ver se você é capaz de classificar pessoas e situações reais dentro de certos parâmetros. Queremos ver se você pode ajudar o Governo a melhorar em funcionalidade e eficiência.

— Entendo — digo, embora não esteja bem certa disso.

— Vamos começar. — Ela empurra as portas e outro Funcionário vem nos cumprimentar. Ele é, aparentemente, o encarregado do prédio, e as barras amarelas e laranjas na sua camisa indicam que trabalha num dos mais importantes Departamentos, o Departamento de Nutrição.

— Quantos você tem hoje? — ele pergunta e percebo que não sou a única a fazer o teste e a completar classificações reais aqui. A idéia me faz relaxar um pouco.

— Uma — diz ela —, mas é quem teve a maior nota de todos.

— Excelente — diz ele. — Me avise quando terminar. — Ele se afasta e fico parada, avassalada pelas visões e pelos cheiros. E pelo calor.

Estamos em uma área aberta, um aposento maior do que o ginásio da Segunda Escola. Este cômodo parece uma caixa metálica: pisos de metal salpicados por ralos, parede de concreto pintada de cinza e aparelhos de aço inoxidável enfileirados nas laterais e dividindo o meio do salão em fileiras. O vapor se ergue e se agita por toda parte. Existem aberturas no alto, nas laterais do prédio que se comunicam com a parte de fora, mas não há janelas. Os aparelhos, as bandejas de alumínio, a água quente causticante que sai das torneiras: tudo é cinzento.

A não ser pelos trabalhadores vestidos de azul-escuro e suas mãos queimadas e avermelhadas.

Um apito soa e uma nova leva de trabalhadores entra pela esquerda, enquanto os outros saem pela direita. Os corpos se afundam, cansados, pesados. Todos secam a testa e saem do trabalho sem olhar para trás.

— Os novos trabalhadores passaram pela câmara de esterilização para remover todas as substâncias contaminadoras externas — diz a Funcionária, em tom casual. — É lá que eles pegam os números e põem nos uniformes. É deste novo turno que você vai se ocupar.

Ela faz um gesto para o alto e reparo em vários pontos de observação espalhados pela câmara: pequenas torres de metal com Funcionários no alto, de pé. Há três torres. A do meio está vazia.

— Vamos lá para cima.

Sigo-a ao subir a escada metálica, do tipo que temos nas paradas do trem aéreo. Mas esta termina em uma pequena plataforma, onde mal existe espaço para que nós quatro fiquemos de pé. O Funcionário de cabelos grisalhos já sua muito, seu rosto está vermelho. Meu cabelo gruda na nuca. E tudo o que precisamos fazer é ficar ali e observar. Não temos sequer que trabalhar.

Sabia que o trabalho de Ky era difícil, mas não fazia idéia disso.



Baldes e baldes cheios de recipientes sujos estão junto a pequenos postos de trabalho com pias e tubos de reciclagem. Os artigos de alumínio chegam em um fluxo infindável, através de uma grande abertura do outro lado do prédio, vindos das lixeiras de reciclagem nas nossas residências e refeitórios. Os trabalhadores usam luvas de proteção transparentes, mas não compreendo como o plástico ou o látex não derrete na pele deles enquanto borrifam os recipientes de alumínio com água quente. Então colocam as peças limpas dentro dos tubos de reciclagem.

Aquilo continua sem parar, um fluxo constante de vapor, água escaldante e alumínio. Minha mente ameaça travar, se fechar, como acontece quando estou às voltas com uma classificação particularmente difícil na tela e me sinto confusa. Mas não são números numa tela. São pessoas. *É Ky.*

Por isso, me obrigo a permanecer atenta e concentrada. Me obrigo a observar aquelas costas curvas, aquelas mãos que queimam e a vastidão de todos os restos que deslizam, prateados, por trilhos.

Um dos trabalhadores levanta a mão e um Funcionário desce do seu posto para ir ter com ele. Ele entrega um recipiente de alumínio para o Funcionário, que faz a leitura do código de barras na lateral, com seu computador de mão. Depois de um momento, leva o recipiente consigo e entra num escritório na beirada do grande galpão. Nisso, o trabalhador já voltou ao trabalho.

A Funcionária me olha como esperasse alguma coisa.

— O que você acha? — pergunta.

Não sei bem o que ela quer, por isso tento contornar.

— Naturalmente, o mais eficiente seria empregar máquinas.

— Não é uma opção — diz a Funcionária, de forma simpática. — A preparação e distribuição de alimentos precisa ser cuidada por empregados. Empregados de carne e osso. É regra. Mas gostaríamos de liberar mais trabalhadores para outros projetos e vocações.

— Não vejo como tornar o trabalho mais eficiente — digo. — Há a outra resposta óbvia... fazê-los trabalhar mais horas... mas eles já parecem exaustos... — Minha voz desaparece, uma nuvenzinha de vapor, pequena de-mais para fazer diferença.

— Não estamos pedindo para você achar uma solução. — A Funcionária parece se divertir. — Aqueles que estão em posições mais elevadas do que a sua já fizeram isso. As horas de trabalho vão aumentar. As horas de lazer vão acabar. Assim, alguns empregados desta área vão poder ser usados em outra vocação.

Estou começando a entender e gostaria de não estar.

— Se você não quer que eu classifique as outras variáveis da situação de trabalho, você quer que eu...

— Classifique as pessoas — diz ela.

Sinto um enjoo tomar conta de mim.

Ela me entrega um terminal de mão.

— Você tem três horas para observar. Registre os números dos trabalhadores que você acha que são mais eficientes, aqueles que deveriam ser enviados para trabalhar em um projeto alternativo.

Olho os números atrás das camisas dos trabalhadores. *É exatamente* como classificar na tela. Devo procurar os padrões mais velozes. Eles querem ver se a minha mente registra automaticamente aqueles que se movimentam mais rápido. Este trabalho podia ser feito por computadores, e provavelmente isso já aconteceu. Mas agora querem ver se eu também consigo fazê-lo.

— E Cassia — diz a Funcionária, já descendo a escada de metal. Olho para ela. — Sua classificação vai valer. Isso é parte do teste. Querem ver se você consegue tomar boas decisões sabendo que elas terão consequências reais.

Ela vê o choque no meu rosto e prossegue. Percebo que está tentando ser gentil.

— É só um turno de um grupo de trabalhadores braçais, Cassia. Não se preocupe. É só fazer o melhor que puder.

— Mas qual é o outro projeto? Eles vão ter que sair da cidade?

A Funcionária parece surpresa.



— Não podemos responder. Não é relevante para a classificação.

O Funcionário grisalho, ainda respirando com dificuldade, se vira para ver o que está acontecendo. Ela faz um sinal para ele de que está descendo, e me diz com delicadeza.

— Os melhores trabalhadores conseguem postos de trabalho melhores, Cassia. E tudo o que você precisa saber.

Não quero fazer isso. Por um momento, penso em jogar o terminal de mão em uma das pias, deixar que se afoque.

O que Ky faria se ele estivesse aqui em cima?

Não jogo o terminal. Respiro fundo. O suor desce pelas minhas costas e parte do meu cabelo cai sobre os meus olhos. Afasto o cabelo com uma mão, endireito o corpo e olho para os trabalhadores. Meus olhos voam de um lugar para o outro. Tento não ver os rostos, só os números. Procuro pelos padrões rápidos e pelos lentos. Começo a classificar.

A parte mais perturbadora da situação é que eu sou boa, muito boa, nisso. Assim que digo a mim mesma para fazer o que Ky teria feito, não olho para trás. Durante a classificação, observo ritmo, padrões, e procuro por resistência. Vejo os mais lentos e mais constantes, que fazem mais do que se poderia imaginar. Vejo os rápidos, ágeis, que são os melhores de todos. Vejo os que não conseguem manter o ritmo. Vejo as mãos avermelhadas se mexerem em meio ao vapor e vejo a pilha de peças de alumínio avançando em seu fluxo prateado, deixando de ser suja e passando a ser limpa.

Mas não vejo gente. Não vejo rostos.

Quando as três horas estão quase no fim, concluo a classificação e sei que fiz um bom trabalho. Sei que classifiquei os melhores deste grupo, de acordo com os números.

Mas não consigo resistir. Olho para o número daquele que está bem no meio, aquele que está exatamente entre os melhores e os piores do grupo.

Levanto os olhos. E o número nas costas de Ky.

Quero rir e chorar. É como se ele estivesse me enviando uma mensagem. Ninguém se encaixa tão bem quanto ele. Ninguém mais domina tão bem a arte de ser exatamente mediano. Por alguns segundos, permito-me observar o garoto de cabelos escuros, com roupas comuns azuis. Meu instinto me diz para colocá-lo no grupo dos mais eficientes. Sei que é lá que ele deveria estar. É o grupo que ganha uma nova vocação. Talvez precisem sair da Cidade, mas pelo menos ele não ficaria encurralado aqui para sempre. Ao mesmo tempo, não sei se consigo fazer uma coisa dessas. Como seria minha vida se ele fosse embora?

Me permito imaginar que desço aquela escada e que abraço Ky no meio de todo o calor e barulho. Depois, imagino algo ainda melhor. Imagino que caminho até ele, pego sua mão e o levo para fora, para a luz e o ar. Eu posso fazer isso. Se classificá-lo no grupo dos melhores, ele não vai mais precisar fazer este trabalho. A vida dele vai melhorar. Eu posso ser a pessoa que vai mudar tudo para ele. E subitamente aquele desejo, o desejo de ajudá-lo, é ainda maior do que o desejo egoísta de mantê-lo por perto.

Mas penso no garoto da história que ele me entregou. O garoto que fez tudo o que podia pra sobreviver. O que diriam os instintos do garoto?

Ele ia querer que eu o colocasse no grupo inferior.

— Está quase terminando? — pergunta a Funcionária. Ela espera nos degraus de metal, alguns metros abaixo. Eu faço que sim. Ela sobe na minha direção, e eu separo outro número de alguém que está perto do meio, para que não saibam que estou olhando pra Ky.

Ela fica ao meu lado, olhando os números e as pessoas.

— Os trabalhadores intermediários são os mais difíceis de se classificar

— diz ela, com simpatia na voz. — É sempre difícil saber o que fazer.

Faço um sinal positivo com a cabeça, mas ela não acabou.

— Trabalhadores braçais como esses geralmente não chegam aos 80 anos



— diz ela. A voz baixa de tom. — Muitos têm condição de Aberração, você sabe. A Sociedade não se preocupa tanto com que cheguem à idade ideal. Muitos morrem cedo. Não terrivelmente cedo, é claro. Não como era na época anterior à Sociedade, nem como é nas Províncias Exteriores. Mas aos 60, 70. As vocações de nível mais baixo no descarte de nutrição são particularmente perigosas, apesar de todas as precauções que nós tomamos.

— Mas... — O espanto no meu rosto não a surpreende, e percebo que isto também é parte do teste. Encontrar um fator desconhecido no meio de uma classificação até então clara, bem no momento em que você acha que acabou. E me pergunto: *O que está havendo aqui? Por que os riscos são tão grandes para um teste de classificação?*

Alguma coisa está acontecendo, maior do que eu, maior do que Ky.

— Tudo isso é informação confidencial, naturalmente — diz a Funcionária. Depois olha para o seu terminal de mão. — Você tem dois minutos.

Preciso me concentrar, mas minha mente está envolvida em uma classificação própria, fazendo perguntas e organizando-as para encontrar uma resposta:

Por que os trabalhadores morrem cedo?

Por que o Vovô não podia compartilhar a comida do prato no Banquete Final?

Por que tantas Aberrações trabalham na limpeza da comida?

Eles envenenam a comida dos idosos.

Está tudo claro agora. Nossa Sociedade se orgulha de nunca matar ninguém, de ter eliminado a pena de morte, mas o que vejo aqui e o que ouvi sobre as Províncias Exteriores me diz que encontraram outra forma de cuidar das coisas. Os fortes sobrevivem. Seleção natural. Com a ajuda dos nossos Deuses, é claro — os Funcionários.

Se eu tenho que bancar Deus ou anjo, então tenho que fazer o melhor que posso por Ky. Não posso deixar que morra cedo e não posso deixá-lo passar a vida neste lugar. Tem que haver algo melhor para ele. Ainda tenho suficiente fé na minha Sociedade para pensar assim. Vejo muita gente levar vidas boas e quero uma dessas vidas para ele. Mesmo que eu não possa ser parte dela.

Classifico Ky no grupo superior e fecho o terminal de mão como se a decisão não tivesse me custado nada.

Por dentro, eu grito.

Espero ter tomado a decisão correta.

— Me conta mais sobre o lugar de onde você veio — digo a Ky na Colina, no dia seguinte, esperando que ele não ouça o desespero na minha voz, esperando que ele não me pergunte sobre a classificação. Preciso saber mais da sua história. Preciso saber se fiz a coisa certa. A classificação mudou as coisas entre nós. Nos sentimos vigiados, até aqui, no meio das árvores. Falamos baixo. Não olhamos para o outro por tempo demais.

— Lá é vermelho e laranja. Cores que você não vê muito por aqui.

— É verdade — digo e tento pensar em coisas que são vermelhas. Alguns dos vestidos no Banquete do Par. O fogo nos incineradores. Sangue.

— Por que é que há tanto verde, marrom e azul aqui? — pergunta ele.

— Talvez por serem cores de crescimento e boa parte da nossa Província é rural — digo. — Você sabe. Azul é a cor da água, marrom, do outono e da colheita. E verde é a cor da primavera.

— As pessoas sempre dizem isso — diz Ky. — Mas o vermelho é a primeira cor da primavera. E a verdadeira cor do renascimento. Do começo.

Ele tem razão, eu percebo. Penso na cor avermelhada dos pequenos brotos fechados nas árvores. No vermelho das mãos dele na véspera, no centro de descarte de nutrição, e no novo começo que espero ter dado para ele.



CAPÍTULO 27

A*viso. Aviso.* A luz no rastreador pisca e as palavras aparecem na tela. *Você chegou à velocidade máxima recomendada para esta sessão de exercícios.* Aperto os números para ir ainda mais rápido. *Aviso. Aviso. Você excedeu sua frequência cardíaca ideal.* Geralmente, quando me esforço demais no rastreador, eu paro a tempo. Levo tudo ao limite, mas nunca salto. Mas se chegar ao limite muitas vezes, vou ser empurrada ou despencar.

Talvez esteja na hora de saltar. Mas não posso fazer isso sem arrastar todas as pessoas que amo junto comigo. *Aviso. Aviso.*

Estou indo rápido demais. Estou cansada demais. Sei disso. Mas a queda ainda me surpreende.

Meu pé escorrega e antes que me dê conta, caí, caí do rastreador e a esteira ainda continua ligada e queima, queima, queima minha pele. Fico ali por um momento, chocada, queimando e então rolo para fora o mais rápido que consigo. O rastreador continua, mas vai reparar minha ausência num instante. Vai parar e então vão saber que não consegui manter o ritmo. Mas se eu voltar bem rápido, ninguém precisa saber do que aconteceu. Dou uma olhada na minha pele, arranhada e vermelha por causa do rolamento da esteira. *Vermelha.*

Me levanto rápido. Tensiono os músculos, dou um salto no momento exato e subo no rastreador já correndo. Corro. Corro. Corro corro corro.

Sai sangue dos meus joelhos e cotovelos e tenho lágrimas nos olhos, mas vou em frente. As roupas comuns vão esconder os machucados *amanhã* e ninguém vai saber que eu caí. Ninguém vai saber do que aconteceu antes que seja tarde demais.

Quando volto para cima depois da corrida, meu pai gesticula para o terminal.

— Bem a tempo — diz ele. — Tem comunicação para você.

Os Funcionários da classificação aguardam na tela.

— Sua classificação parece excelente — diz a Funcionária loura. — Parabéns por ter passado no teste. Tenho certeza de que, em breve, você vai ter notícias relativas ao seu posto de trabalho.

Faço um sinal com a cabeça, o suor pingando e o sangue dos cortes descendo por meus joelhos e braços. Ela só consegue ver o suor, digo a mim mesma. Puxo as mangas um pouco para ter certeza de que cobrem tudo, para que ninguém saiba que estou machucada e ensanguentada.

— Obrigada. Estou ansiosa. — Me afasto, certa de que a comunicação via terminal está encerrada, mas a Funcionária tem uma última pergunta para mim.

— Você tem certeza de que não gostaria de fazer nenhuma alteração antes da classificação ser implementada?

Minha última chance para voltar atrás. Eu quase falo. Memorizei o número dele. Seria tão fácil. Então me lembro do que ela disse a respeito da expectativa de vida e as palavras se transformam em pedras na minha boca e não consigo pronunciá-las.

— Cassia?

— Tenho certeza.

Me afasto do terminal e quase atropelo meu pai.

— Parabéns — diz ele. — Desculpa. Espero que você não se incomode por eu ter ouvido. Não disseram que era uma comunicação particular.

— Tudo bem — digo. E então pergunto: — Você já pensou... — Faço uma pausa, sem saber como dizer isso.



Como perguntar a ele se teve dúvidas em relação a minha mãe. Se já desejou outra pessoa.

— Se eu já pensei no quê? — ele me pergunta.

— Deixa para lá — digo, porque acho que já sei a resposta. É claro que ele nunca teve dúvidas. Eles se apaixonaram imediatamente e nunca olharam para trás.

Entro no quarto e abro o armário. O compacto e o poema já estiveram aqui. Agora o armário está vazio, a não ser pelas roupas, sapatos e o pequeno retalho emoldurado do meu vestido. Não sei onde está a caixa de prata e entro em pânico. Será que eles levaram, acidentalmente, quando recolheram os artefatos? Não, claro que não. Eles sabem o que são as caixas de prata. Nunca as confundiriam com algo do passado. As caixas do Banquete do Par pertencem claramente ao futuro.

Estou revirando meus poucos bens, quando minha mãe entra no quarto. Ela voltou ontem, tarde da noite, da terceira viagem para fora de Oria.

— Está procurando alguma coisa? — pergunta ela.

Eu me endireito.

— Já achei — digo, segurando o fragmento de verde sob o vidro. Não quero dizer a ela que não consigo encontrar a caixa do Banquete do Par.

Ela pega o quadrado de mim e o segura, o tecido verde do vestido refletindo a luz.

— Você sabia que existiam janelas de vidro colorido? — pergunta ela. — As pessoas colocavam em lugares sagrados. Ou nas próprias casas em que moravam.

— Vitrais — digo. — Papai me falou disso. — Soa realmente lindo, a luz atravessando a cor, janelas como forma de arte ou tributo.

— É verdade, claro — diz ela, rindo de si mesma. — Finalmente entreguei o relatório e agora estou tão cansada que não consigo pensar muito bem.

— Está tudo bem? — pergunto. Quero perguntar o que ela quis dizer em relação às árvores naquele dia, porque achou que o corte era um aviso para ela, mas acho que não quero saber. Depois da classificação real, sinto que não suporto mais qualquer pressão. Já me sinto como se soubesse demais. Além do mais, minha mãe parece mais feliz agora do que em várias semanas, e não quero que isso mude.

— Acho que tudo vai ficar bem — diz ela.

— Que bom — digo. Ficamos as duas em silêncio por um momento, olhando para o vestido sob o vidro.

— Você vai precisar viajar de novo?

— Não, acho que não — diz ela. — Acho que acabou. Espero. — Ela ainda parece exausta, mas percebo que a entrega do relatório tirou um peso dos seus ombros.

Tiro o quadro dela, e quando faço isso, tenho uma idéia.

— Posso ver o pedaço do *seu* vestido? — A última vez em que olhei para ele foi na noite anterior ao meu Banquete do Par. Eu estava um pouco nervosa e ela me trouxe o fragmento do vestido e contou mais uma vez a história deles e o final feliz. Mas tanta coisa mudou desde então.

— Claro — diz ela, e eu a sigo até o quarto. O pedacinho de tecido emoldurado fica dentro de uma prateleira no armário que ela divide com meu pai, junto com duas caixas de prata — a dela e a do papai — que guardaram os microcartões e, depois, os anéis para o Contrato. Os anéis são só parte do cerimonial, naturalmente — ninguém fica com eles —, e os microcartões são devolvidos para os Funcionários na celebração do Contrato. Portanto, as caixinhas de prata dos meus pais estão vazias.

Pego o fragmento do vestido dela e seguro. O vestido era azul e graças às técnicas de preservação, o cetim continua vivo e belo na moldura.

Eu o coloco junto ao meu, no peitoril da janela. Juntos, lado a lado. Imagino que se pareçam um pouco com um vitral. A luz por trás os enche de vida, e posso quase imaginar que poderia olhar através das cores e ver um mundo que se tornou belo e diferente.



Minha mãe compreende.

— É — diz ela. — Imagino que as janelas fossem mais ou menos assim.

Quero contar tudo para ela, mas não consigo. Agora não. Estou frágil demais. Estou aprisionada em vidro e quero me libertar e respirar fundo, mas tenho muito medo de que vá doer.

Minha mãe põe o braço em volta de mim.

— Você pode me dizer o que está errado? — pergunta com delicadeza. — E alguma coisa relativa ao seu Par?

Pego o fragmento do meu vestido e tiro da janela, e minha mãe fica ali sozinha. Não confio nas minhas palavras, por isso sacudo a cabeça. Como poderia explicar para minha mãe, tão feliz com o Par dela, tudo o que aconteceu? Tudo o que eu arrisquei? Como posso explicar que eu faria tudo isso de novo? Como posso dizer que odeio o sistema que criou a vida dela, o amor dela, a família dela? Que *me* criou?

Em vez disso, eu pergunto.

— Como é que você sabe?

Ela alcança a moldura dela e também a retira.

— A princípio, eu via que você estava se apaixonando cada vez mais, mas não me preocupei porque achei que o seu Par era perfeito para você. Xander é maravilhoso. E você talvez pudesse permanecer em Oria, ou aqui perto, pois as duas famílias moram aqui. Como mãe, eu não poderia imaginar uma situação mais perfeita.

Ela faz uma pausa, olhando para mim.

— Depois, fiquei ocupada demais com o trabalho. Só hoje percebi que eu estava errada. Você não estava pensando em Xander.

Não diz isso, imploro a ela com o olhar. Não diz que você sabe que eu estou apaixonada por outra pessoa. Por favor.

— Cassia — ela me diz, e o amor nos seus olhos é tão puro e verdadeiro que é o que faz com que suas palavras me firam profundamente, porque sei que ela quer o melhor para mim, no fundo do seu coração. — Eu sou casada com uma pessoa maravilhosa. Tenho dois filhos lindos e um trabalho que eu adoro. E uma vida boa. — Ela estica para mim o pedaço de cetim azul. — Você sabe o que aconteceria se eu quebrasse esse vidro?

Faço um sinal com a cabeça.

— O tecido se desintegraria. Ficaria arruinado.

— É — diz ela, e então, parece que está falando para si mesma. — Ficaria arruinado. Tudo seria arruinado. — Ela põe a mão sobre o meu braço. — Você se lembra do que eu disse no dia em que cortaram as árvores?

Claro que sim.

— Que era um aviso para você?

— Sim. — Ela cora. — Não era verdade. Eu estava tão preocupada que não agi racionalmente. Claro que não era um aviso para mim. Não era um aviso para ninguém. As árvores simplesmente precisavam ser cortadas.

Percebo na sua voz o quanto ela quer acreditar na verdade do que está dizendo, em como ela *quase* acredita. Querendo ouvir mais, mas sem querer pressioná-la, eu pergunto.

— O que havia de tão importante no relatório? Qual a diferença para os outros relatórios que você já fez?

Minha mãe suspira. Não me responde diretamente. Em vez disso, fala:

— Eu não sei como os trabalhadores do centro médico agüentam quando estão cuidando de pessoas ou ajudando bebês a nascerem. É difícil demais ter a vida de outras pessoas nas mãos.

Minha pergunta silenciosa paira no ar: *Como assim?* Ela faz uma pausa. Parece estar decidindo se vai ou não me responder, e fico completamente imóvel até que ela fale de novo. Distraidamente, ela pega o fragmento do vestido e começa a limpar o vidro.

— Alguém lá de Grandia e depois noutra Província relatou que umas plantas estranhas estavam aparecendo. Em Grandia, foi no Arboreto, num campo experimental, desocupado há muito tempo. O outro caso era nos Campos da segunda província. O governo pediu que eu e outros dois viajássemos aos terrenos para fazer relatórios sobre as plantas. Queriam saber duas coisas: se eram plantas adequadas para a alimentação. E se os cultivadores estariam planejan-



do uma rebelião.

Prendi a respiração. E proibido cultivar alimentos a menos que o Governo tenha especificamente ordenado. Eles controlam a comida. Eles nos controlam. Algumas pessoas sabem como plantar alimentos, algumas sabem como colhê-los. Algumas sabem processá-los. Outras, cozinhá-los. Mas ninguém sabe fazer tudo. Não sobreviveríamos sozinhos.

— Nós três concordamos que as plantas podiam ser usadas como alimento. O cultivador do Arboreto tinha uma plantação inteira de Renda da Rainha Anne. — O rosto da minha mãe muda de repente, se ilumina. — Ah, Cassia, era tão lindo. Só tinha visto um raminho aqui e ali. Lá tinha um terreno todo coberto, sacudindo ao vento.

— Cenoura selvagem — digo, lembrando.

— Cenoura selvagem — concorda ela com a voz triste. — O segundo agricultor tinha uma plantação de uma coisa que eu nunca tinha visto antes, flores brancas mais bonitas ainda do que as primeiras. Lírios de Sego, era o nome que eles davam. Um dos outros que estavam comigo sabia o que eram. O bulbo é comestível. Os dois plantadores negaram saber que era possível usar as plantas como alimento: os dois afirmavam que estavam interessados nas flores. Insistiam que as plantas eram novidade para eles e que tinham sido cultivadas a fim de pesquisa, por causa da floração.

A voz, que estava suave e triste desde que ela mencionara o campo de Renda da Rainha Anne, ficou mais forte.

— Nós três discutimos durante todo o percurso de volta, depois daquela segunda viagem. Um especialista estava convencido que os agricultores estavam falando a verdade. O outro achava que estavam mentindo. Apresentaram relatórios conflitantes. Todo mundo ficou esperando pelo meu. Pedi para fazer uma última viagem, para ter certeza. Afinal de contas, os agricultores vão ser Transferidos ou Reclassificados com base nos nossos relatórios. O meu é que definiria o que iria acontecer.

Ela para de limpar o vidro e olha para o pedaço de pano azul, como se houvesse alguma coisa escrita ali para ser lida. E percebo que, para ela, existe. Aquele pano azul representa a noite em que ela recebeu meu pai como Par. Ela lê a vida dela, a vida que ela adora, naquele quadrado de cetim azul.

— Eu sabia o tempo todo — sussurra. — Sabia quando vi o medo nos olhos deles, quando nós chegamos da primeira vez. Eles sabiam o que estavam fazendo. E uma coisa que o cultivador de Renda da Rainha Anne me disse na segunda visita ainda me deixou mais convencida da verdade. Ele agia como se nunca tivesse visto a planta fora da tela do terminal até semear, mas ele cresceu numa cidade perto da minha e eu sabia que eu já tinha visto a flor por lá, crescendo no mato.

“Mas eu ainda hesitava. E depois, quando voltei para casa e vi todos vocês, percebi que eu tinha que contar a verdade. Tinha que cumprir meu dever com a Sociedade e garantir a nossa felicidade. E manter todos nós em segurança.”

A última palavra, *segurança*, é tão suave e baixa quanto o rufar de seda.

— Eu entendo — digo a ela, e é verdade. E o poder que ela tem sobre mim é bem maior do que o dos Funcionários, porque eu a amo e admiro.

De volta ao quarto, encontro a caixa de prata no lugar onde ela caiu, dentro de uma das minhas botas de inverno. Abro e tiro de dentro o microcartão com todas as informações de Xander e as orientações sobre o namoro. Se não tivesse havido um erro, eu só teria visto o rosto dele e tudo teria sido normal, nada disso teria ocorrido. Eu não teria me apaixonado por Ky e a escolha, na classificação, não teria sido tão difícil. Tudo teria ficado bem.

Ainda dá para ficar tudo bem. Se a classificação for o que eu suspeito, se Ky partir para uma vida melhor, será que eu vou conseguir juntar os pedaços da minha vida aqui? O maior deles, o Par com Xander, não seria difícil de servir de base para uma vida inteira. Eu poderia amá-lo. Eu *amo*. E por amá-lo, preciso contar a ele sobre Ky. Não me importo de roubar da Sociedade, mas não vou roubar mais nada de Xander. Mesmo se doer, preciso contar. Pois de um jeito ou de outro, não importa a vida que eu construir, ela precisa ser erguida sobre a verdade.

Pensar em contar para Xander dói quase tanto quanto pensar em perder Ky. Rolo para um lado e seguro com força o recipiente de comprimidos na palma da minha mão. *Pensa em alguma outra coisa.*



Lembro da primeira vez em que vi Ky no alto daquela pequena colina, recostado, com o sol no rosto, e percebo que foi ali que me apaixonei por ele. No fundo, eu não menti para ele. Eu não o vi de forma diferente por ter visto o rosto dele na tela do terminal, na manhã seguinte ao Banquete do Par. Eu o vi de forma diferente porque o vi ao sol, com a guarda baixa por um momento, olhos da cor do céu à noite, antes de escurecer. Eu o vi me vendo.

Deitada na cama, com o corpo e a alma machucados e cansados, percebo que os Funcionários têm razão. Assim que você deseja alguma coisa, tudo muda. Agora eu quero tudo. Mais e mais e mais. Quero escolher meu trabalho. Casar com quem eu escolher. Comer torta no café da manhã e correr numa rua de verdade, não num rastreador. Ir rápido quando quiser, e devagar quando quiser. Decidir quais são os poemas que eu quero ler e quais as palavras que quero escrever. Há tanta coisa que eu quero. Sinto isso com tanta intensidade que sou água, um rio de querer, recolhido na forma de uma garota chamada Cassia.

Mais do que tudo, eu quero Ky.

— Nosso tempo está acabando — diz Ky.

— Eu sei. — Também ando contando os dias. Mesmo se o novo posto de trabalho de Ky for aqui na Cidade, as atividades de lazer de verão estão quase encerradas. Não vou mais vê-lo com tanta frequência. Me permito sonhar por alguns segundos... e se esse novo posto lhe permitir ter mais tempo? Ele poderia aparecer em todas as atividades de sábado à noite. — Só temos mais algumas semanas de trilha.

— Não é isso que eu quero dizer — responde ele, chegando perto. — Você não sente? Alguma coisa está mudando. Alguma coisa está acontecendo.

Claro que sinto. Para mim, tudo está mudando.

Os olhos dele são cautelosos, como se ainda se sentisse vigiado.

— Alguma coisa grande, Cassia — diz ele, que então cochicha baixinho. — Acho que a Sociedade está tendo problemas com a guerra na fronteira.

— O que faz você achar isso?

— Tenho uma sensação — diz ele. — Pelo que você me contou sobre a sua mãe. Pela falta de Funcionários nas horas de recreação livre. E vai ter mudanças no trabalho. Eu percebo.

Ele dá uma olhada para mim e eu abaixo a cabeça.

— Você quer me contar por que esteve lá? — pergunta delicadamente.

Engulo em seco. Andei me perguntando quando ele faria essa pergunta.

— Era uma classificação em condições reais. Precisei classificar trabalhadores em dois grupos.

— Entendo — diz ele, e espera para saber se vou dizer mais alguma coisa.

E eu gostaria de poder dizer. Mas não consigo botar as palavras para fora.

Em vez disso digo:

— Você não me deu mais nada da sua história. O que aconteceu depois que os Funcionários vieram te pegar? Quando isso aconteceu? Eu sei que não faz muito tempo porque... — Minha voz vacila.

Ky amarra um pano vermelho na árvore, lenta e metodicamente, e então levanta o olhar. Depois de anos vendo apenas emoções superficiais nele, as novas e mais profundas às vezes me assustam. A expressão no rosto dele não é uma que eu já tenha visto antes.

— O que houve? — pergunto.

— Eu estou com medo — ele diz com simplicidade. — Do que você vai pensar.

— Sobre o quê? O que houve? — Depois de tudo pelo que ele passou, Ky tem medo do que eu possa vir a achar?

— Foi na primavera. Vieram falar comigo no trabalho, me levaram para uma sala. Perguntaram se eu já tinha imaginado como seria a minha vida se eu não fosse uma Aberração. — O queixo de Ky fica tenso e sinto pena dele. Ele ergue os olhos, vê aquela expressão no meu rosto, e seu queixo fica ainda mais determinado. Ele não quer minha piedade, por isso viro o rosto para o outro lado, para continuar a ouvir.



— Eu disse que nunca tinha pensado muito no assunto. Que não me preocupava com coisas que eu não podia mudar. Então eles me disseram que tinha havido um engano. Os meus dados tinham sido incluídos na seleção de Pares.

— *Seus dados? — pergunto, surpresa. Mas a Funcionária me disse que era um erro no microcartão, o retrato de Ky estava onde não deveria estar. Ela me disse que ele não tinha sido incluído na seleção.*

Ela mentiu. O erro foi bem maior do que ela admitiu.

Ky continua a falar.

— Eu não sou sequer um cidadão com todos os direitos. Disseram que todo o incidente foi completamente irregular. — Ele sorri, um amargo movimento da boca que dói de ver. — Me mostraram um retrato. A garota que teria sido meu Par se eu não fosse o que eu sou. — Ky engole em seco.

— *Quem era? — pergunto. Minha voz parece áspera, rude. Não diz que era eu. Não diz que era eu, porque eu vou saber que você me viu porque te mandaram olhar.*

— Você — diz ele.

E agora eu vejo. O amor de Ky por mim, que achei que era puro e intocado por qualquer Funcionário, dados ou seleção de Pares, não é assim. Eles mexeram até nisso.

Sinto como se alguma coisa estivesse à beira da morte, arruinada, sem esperança de conserto. Se os Funcionários orquestraram todo o nosso romance, a única coisa na minha vida que eu achei que tinha acontecido apesar deles... Não consigo terminar o pensamento.

A floresta em volta se transforma em borões de verde e, sem as bandeiras vermelhas que marcam o caminho, eu não saberia como descer. Do jeito que estou, eu as rasgo com selvageria, arrancando-as dos galhos.

— Cassia — ele diz atrás de mim. — Cassia. O que isso importa?

Sacudo a cabeça

— Cassia — ele me chama. — Você também está escondendo algo de mim.

Um apito agudo e nítido vem de algum ponto abaixo. Chegamos tão longe, mas não conseguimos alcançar o topo.

— Achei que você ia almoçar no Arboreto — diz Xander. Estamos sentados juntos no refeitório da Segunda Escola.

— Mudei de idéia — digo a ele. — Queria comer aqui hoje. — Os empregados de nutrição franziram a testa para mim quando pedi uma das refeições extras que eles mantêm à mão, mas depois de verificar meus dados, me entregaram a refeição sem fazer mais comentários. Devem ter visto que eu raramente faço isso. Ou talvez haja outro aviso nos meus dados que eu não consigo me lembrar agora. Não depois da revelação de Ky.

Percebo quanta comida há no meu recipiente desta vez, em se tratando de uma porção genérica, que não havia sido destinada especificamente para mim. Minhas porções *estão* diminuindo. *Qual o objetivo disso? Estou gorda de-mais?* Olho meus braços e pernas, fortalecidos por tantas trilhas. Acho que não. E percebo agora como meus pais devem andar distraídos. Sob circunstâncias normais, teriam percebido minhas porções menores e teriam muito a dizer para o pessoal da nutrição sobre este assunto.

As coisas andam erradas por toda parte.

Eu levanto da cadeira.

— Você vem comigo?

Xander dá uma olhada no relógio.

— Para onde? As aulas já vão começar.

— Eu sei — digo. — Não vamos longe. Por favor.

— Tudo bem — diz Xander, me olhando com um ar intrigado.

Eu o conduzo pelo corredor até a área das salas de aula e abro a porta no final. Lá, numa pequena área que se parece um pátio, fica o lago de botânica de Ciências Aplicáveis. Xander e eu estamos a sós.

Eu preciso contar para ele. E Xander. Ele merece saber sobre Ky e merece ouvir isso de mim. Não de um Funci-



onário numa área verde, hoje ou em qualquer outro dia.

Respiro fundo e olho para o lago. Não é azul como a piscina onde nadamos. A água tem um tom verde amarronzado sob a superfície prateada, desordenada pela vida.

— Xander — digo, com a voz tão baixa como se estivéssemos escondidos nas árvores na Colina. — Eu tenho uma coisa para te contar.

— Estou ouvindo — diz ele, à espera, me olhando. Sempre firme. Sempre Xander.

E melhor falar rápido, antes que eu descubra ser incapaz de falar.

— Eu acho que estou me apaixonando por outra pessoa. — Falo tão baixo, mal consigo ouvir minha voz. Mas Xander entende.

Quase antes de eu ter terminado, ele sacode a cabeça e diz “*Não*”, levantando a mão para me impedir de dizer mais. Mas não é nenhum desses gestos ou aquela palavra que me faz ficar em silêncio. É a dor nos seus olhos. E o que eles estão dizendo não é *Não*, mas sim *Por quê?*

— Não — Xander repete, se afastando de mim.

Não posso suportar aquilo, por isso vou para a frente dele, tento vê-lo também. Ele não me olha por um longo intervalo. Não sei o que dizer. Não ousa tocá-lo. Tudo o que consigo fazer é ficar ali, esperando que ele me olhe.

Quando ele me olha, a dor ainda está ali.

E há algo mais, também. Algo que não parece surpresa. Parece reconhecimento. Será que uma parte dele sabia o que estava acontecendo? Foi por isso que ele desafiou Ky nos jogos?

— Sinto muito — digo, apressada. — Você é meu amigo. Também te amo. — É a primeira vez que digo aquelas palavras para ele e elas saem completamente erradas. O som, apressado e tenso, faz com que pareçam menos do que são.

— Você *também* me ama? — diz Xander, a voz fria. — Que jogo é esse que você está jogando?

— Eu não estou jogando — sussurro. — Amo você. Mas é diferente.

Xander não diz nada. Uma risada histérica aflora dentro de mim. É exatamente igual à última vez em que tivemos uma briga e ele se recusou a falar comigo. Anos antes, quando decidi que não gostava mais de jogar como antes. Xander ficou furioso.

— Mas ninguém joga como você — disse ele. E depois, quando eu não cedi, ele parou de falar comigo. Eu continuei sem jogar.

Levou duas semanas para que nossa paz fosse negociada, naquele dia em que ele me viu pular na piscina do trampolim, depois que o Vovô pulou. Cheguei à superfície amedrontada e animada e Xander nadou para me parabenizar. Na emoção do momento, tudo foi esquecido.

O que o Vovô pensaria deste salto que eu estou dando? Seria agora que ele me mandaria segurar a borda com toda a força? Diria para eu me agarrar às beiradas da tábua até meus dedos ficarem ensangüentados e arranhados? Ou diria que eu podia me soltar?

— Xander. Os Funcionários fizeram um jogo *comigo*. Na manhã seguinte ao Banquete do Par, eu pus o microcartão no terminal. O seu rosto apareceu na tela e aí desapareceu — engulo em seco. — E outro rosto apareceu no lugar. O do Ky.

— Ky Markham? — Xander pergunta, sem acreditar.

— Sim.

— Mas Ky não é o seu Par — diz ele. — Não pode ser, porque...

— Por que não? — pergunto. Será que Xander sabe da condição de Ky, afinal de contas? Como?

— Porque *eu* sou seu Par — Xander diz.

Por um longo momento, nenhum de nós fala. Xander não desvia o olhar e acho que não consigo suportar. Se tivesse um comprimido verde na boca neste momento, eu o morderia, experimentaria o amargor antes da calma. Penso naquele dia no refeitório, quando ele me disse que Ky era digno de confiança. Xander acreditava naquilo. E acreditava



que podia confiar *em mim*.

O que ele pensa de nós dois agora?

Xander se inclina para frente. Olhos azuis que prendem os meus, mão que paira perto da minha. Fecho os olhos, para afastar a dor do seu olhar e para me impedir de levantar a mão e entrelaçar os dedos nos dele, me aproximar e encontrar seus lábios. Abro os olhos e olho de novo para Xander.

— Eu também apareci na tela, Cassia — diz ele, em voz baixa. — Mas foi ele que você escolheu ver. — E depois, rápido como um jogador que faz a última jogada, se afasta e passa pelas portas. Me deixa para trás.

Não no início! Quero dizer para ele. E eu ainda vejo você!

Uma a uma, as pessoas com quem eu posso conversar se foram.

Vovô. Minha mãe. E agora, Xander.

Você é suficientemente forte para não precisar disso, o Vovô me disse, se referindo ao comprimido verde.

Mas, Vovó, será que eu sou suficientemente forte para ir em frente sem você? Sem Xander?

O sol brilha baixo sobre mim no lugar onde escolhi ficar. Não há árvores, nem sombra, nem altura que me permita olhar para o que eu fiz. E mesmo se houvesse, as lágrimas não me deixariam enxergar.



CAPÍTULO 28

Em casa, naquela noite, tiro o comprimido verde do recipiente de novo. Eu sei o que ele pode fazer por mim. Eu vi o que fez por Em. *Vai me deixar calma.* Aquela palavra, *calma*, soa impossivelmente bela, gloriosamente descomplicada. Uma palavra suave como água, uma palavra que pode tirar a força do medo, envernizá-lo, torná-lo reluzente. *Calma. Doçura.*

Devolvo o comprimido ao recipiente e o fecho, aproximando de mim outro tipo de verde. O pedaço emoldurado do vestido por trás do vidro. Enrolo minha mão numa das minhas meias e aperto com força. Um estalo discreto. Levanto a mão.

Quebrar algo é mais difícil do que se imagina. Me pergunto se a Sociedade está pensando a mesma coisa de mim. Baixo novamente a mão, empurro com mais força.

Seria mais fácil se ninguém me observasse, se ninguém pudesse me ouvir. Se estas paredes não fossem tão finas e minha vida tão transparente, eu poderia jogar o vidro contra a parede, esmigalhá-lo com uma pedra, destruí-lo com descaso e barulho. Acho que faria um som cintilante ao se quebrar. Gostaria de vê-lo se partir num milhão de pedaços e reluzir ao cair. Mas preciso ser cautelosa.

Outra rachadura comprida e prateada corta a superfície do vidro. Sob ela, o tecido verde e liso permanece intocado. Cuidadosamente, separo os cacos, levanto o maior deles e retiro o tecido.

Eu tiro a meia e levanto a mão. Não me cortei, não estou sequer sangrando.

Depois do toque áspero da meia de lã, a sensação da seda na minha mão é suave, exuberante, como água. *Meu aniversário começou com as aves aquáticas*, penso ao dobrar o pano e sorrio.

Depois de colocar o tecido e o recipiente de comprimidos no bolso das roupas comuns que vou usar amanhã, vou para a cama com aquela imagem na mente. Água. Esta noite, eu vou flutuar para longe nos meus sonhos. Assim, os sensores não vão registrar nada na minha mente além de mim, Cassia, flutuando sobre as ondas, deixando que carreguem meu peso por algum tempo.

O Oficial não apareceu hoje na trilha.

No lugar dele, temos um Funcionário mais jovem que dá instruções com palavras curtas e grossas, como se achasse que é assim que um Funcionário deve falar. Seus olhos nos varrem, felizes com o poder de supervisionar, de dirigir.

— Foi decidido que as atividades de lazer serão encurtadas neste verão. Hoje é seu último dia de trilha. Recolham o máximo de bandeiras vermelhas que puderem e derrubem os marcos.

Olho para Ky, que não parece surpreso. Tento não deixar que meu olhar se demore no seu rosto, tento não procurar por respostas nos seus olhos. Fomos educados e normais durante a viagem de trem aéreo até o Arboreto, esta manhã. Nós dois sabemos como nos portar quando observados. Todo o tempo, me perguntei o que ele teria pensado da minha fuga de ontem, na Colina. O que ele vai pensar de mim quando souber da classificação, e se vai aceitar o presente que eu quero lhe dar hoje.

Ou se vai fazer comigo o mesmo que fiz com Xander e se afastar de mim.

— Por quê? — Lon pergunta quase choramingando. — Passamos metade do verão sinalizando esses caminhos!

Tenho a impressão de ver um discreto sorriso no rosto de Ky. Noto que ele gosta de Lon. Aquele que faz as perguntas que ninguém mais faz, mesmo sem nunca receber uma resposta. Percebo que isso é uma forma de coragem. Uma cansativa forma de coragem, mas não deixa de ser coragem.



— Não faça perguntas — retruca o Funcionário. — Comecem logo.

E assim, pela última vez, Ky e eu começamos a subir a Colina.

Quando estamos suficientemente embrenhados no caminho para que ninguém consiga nos ver, Ky segura minha mão enquanto vou até um dos arbustos, para desamarrar o pano vermelho.

— Esquece — diz ele. — Vamos até o alto.

Nossos olhos se encontram. Nunca o vi parecer tão imprudente. Abro a boca para dizer alguma coisa, mas ele me interrompe.

— A menos que você não queira tentar.

Há um tom de desafio na sua voz que eu nunca encontrei antes. A voz não é cruel, mas ele não está só curioso. Ele *precisa* saber a resposta: o que eu fizer agora vai lhe dizer alguma coisa sobre mim. Ele não fala nada sobre ontem. O rosto está aberto, os olhos iluminados, o corpo tenso, todos os músculos dizem, *Está na hora. Agora.*

— Eu quero — digo. Para provar, vou na frente pelo caminho que sinalizamos juntos. Não demora muito tempo para que eu sinta sua mão esbarrar na minha, e quando nossos dedos se entrelaçam, sinto a mesma premência que ele. *Precisamos chegar ao topo.*

Não me viro, mas eu o prendo com força.

Quando chegamos à última parte da floresta, aquela que não mapeamos, eu paro.

— Espera — digo. Se vamos mesmo vencer esta Colina, quero afastar os últimos obstáculos e embaraços, para chegarmos ao alto desimpedidos e sinceros.

Por trás da paciência no rosto de Ky, vejo preocupação, preocupação de que não consigamos chegar lá a tempo. Agora mesmo, o apito poderia estar soando lá embaixo e eu não ouviria por causa das batidas dos nossos corações e do som das nossas respirações, que dividem o mesmo ar.

— Fiquei com medo ontem.

— De quê?

— Que a gente tivesse se apaixonado por causa dos Funcionários — digo. — Eles é que contaram de mim para você. Eles contaram de *você* para *mim*, na manhã seguinte ao meu Banquete do Par, quando o seu rosto apareceu no microcartão, por engano. Eu e você nos conhecemos há muito tempo, mas nunca tínhamos pensado nada até que...

— Não consigo terminar a frase, mas Ky sabe o que eu quero dizer.

— A gente não pode jogar algo fora só porque eles previram — ele protesta.

— Mas eu não quero ser definida pelas escolhas deles — digo.

— Você não é — diz ele. — Nunca precisa ser.

— Sísifo e a pedra — digo, lembrando. Vovô teria compreendido a história. Ele empurrava a pedra, vivia a vida que a Sociedade planejou para ele, mas seus pensamentos continuavam só dele.

Ky sorri.

— Exatamente. Mas *nós* — ele puxa minha mão, delicadamente — vamos chegar ao alto. E talvez até ficar ali por um minuto. Vamos.

— Eu tenho mais uma coisa para te contar — digo.

— E sobre a classificação? — ele pergunta.

— É...

Ky me interrompe.

— Eles nos avisaram. Eu faço parte do grupo que vai receber um novo posto de trabalho. Já sei.

Ele *sabe* Sabe que sua vida será mais curta se continuar a trabalhar no centro de descarte? Sabe que estava bem no limite entre aqueles que ficariam e aqueles que iriam para outro lugar? Sabe o que eu fiz?

Ele vê as perguntas nos meus olhos.

— Eu sei que você teve que nos classificar em dois grupos. Eu sei que devo ter ficado bem no meio.

— Você quer saber o que eu fiz?



— Eu posso imaginar — diz ele. — Te falaram sobre a expectativa de vida e os venenos, não foi? Foi por isso que você me colocou ali.

— Sim — digo. — Você sabe também sobre os venenos?

— Claro. A maioria de nós chega a essa conclusão. Mas nenhum de nós está em posição de reclamar. As nossas vidas ainda são mais longas aqui do que seriam nas Províncias Exteriores.

— Ky. — É difícil fazer esta pergunta, mas preciso saber. — Você vai embora?

Ele levanta os olhos. Acima de nós, feroz e dourado, o sol se eleva no céu.

— Ainda não sei bem. Não nos disseram ainda. Mas eu sei que nós não temos muito tempo.

Quando chegamos ao alto da Colina, tudo parece completamente diferente em alguns aspectos, mas não em outros. Ele ainda é Ky. Eu ainda sou Cassia. Mas estamos juntos em um lugar onde nenhum de nós esteve antes.

É o mesmo mundo, cinza, azul, verde e dourado, que eu vi a vida inteira. O mesmo mundo que eu vi da janela do Vovô e do alto da pequena colina. Mas agora eu estou mais alta. Se tivesse asas, poderia abri-las. Poderia voar.

— Quero que você fique com isso — diz Ky, me entregando o artefato.

— Eu não sei como usar —digo, sem querer revelar o quanto eu quero aceitar o presente. O quanto eu anseio profundamente por segurar e ter algo que é uma parte da sua história e uma parte dele.

— Acho que o Xander pode te ensinar — diz ele, delicadamente, e respiro fundo. Será que ele está se despedindo? Está me dizendo para confiar em Xander? Para ficar com Xander?

Antes que eu possa perguntar, Ky me puxa para perto e suas palavras estão no meu ouvido, calorosas e sussurradas.

— Vai te ajudar a me encontrar — diz ele. — Se eu for mesmo para algum lugar.

Meu rosto cabe perfeitamente no canto do seu ombro, perto do pescoço, onde eu ouço seu coração e sinto o cheiro da sua pele. Também me sinto segura aqui. Alguma parte essencial da minha pessoa está mais segura com Ky do que em qualquer outro lugar.

Ky aperta outro pedaço de papel na minha mão.

— A última parte da minha história — diz ele. — Você vai guardar? Não olha ainda.

— Por quê?

— Só espera — diz ele, com a voz baixa e forte. — Só espera um pouquinho.

— Eu também tenho uma coisa para você — digo, me afastando um pouquinho, pondo a mão no bolso. Dou a ele o retalho de tecido, de seda verde, do meu vestido.

Ele o segura contra o meu rosto para ver como eu estava naquela noite, no Banquete do Par.

— Linda — diz ele, delicadamente.

Ele põe os braços à minha volta, no alto da Colina. De onde estamos, vejo nuvens, árvores, a cúpula da Prefeitura Municipal e as casinhas dos Bair-ros, a distância. Por um breve momento, vejo tudo, este mundo que é meu, e olho de volta para ele.

Ky diz:

— Cassia.

E fecha os olhos, e eu fecho os meus também para poder me encontrar com ele no escuro. Sinto seus braços em volta de mim, a maciez da seda verde quando ele aperta a mão contra as minhas costas e me puxa cada vez mais para perto.

— Cassia — ele diz mais uma vez, suavemente, tão perto que os lábios dele se encontram com os meus, finalmente. Finalmente.

Acho que talvez ele quisesse dizer mais alguma coisa, mas quando nossos lábios se encontram não há mais necessidade, uma vez na vida, de qualquer palavra.



CAPÍTULO 29

Há gritaria no Bairro mais uma vez, e desta vez, são gritos humanos.

Abro os olhos. É tão cedo que o céu ainda está mais preto do que azul, a fatia de alvorecer na linha do horizonte é mais uma promessa do que uma realidade.

Minha porta se abre com força e em um retângulo de luz, vejo minha mãe.

— Cassia — diz ela com alívio, e depois se vira para chamar meu pai. — Ela está bem!

— Bram também — responde ele, e então estamos todos no corredor, a caminho da porta da frente, porque alguém da nossa rua está gritando e o som é tão incomum que nos fere fundo. Talvez não ouçamos com muita frequência o som da dor no Bairro de Mapletree, mas o instinto de tentar ajudar ainda não foi eliminado de nós.

Meu pai abre a porta e olhamos para fora.

A iluminação pública parece mais fraca. Os casacos dos Funcionários, cinzentos e sombrios. Eles caminham rápido, uma figura no meio deles. Atrás, mais algumas pessoas. Oficiais.

E mais alguém, gritando. Mesmo sob o brilho amortecido das luzes, eu a reconheço. Aida Markham. Alguém que já sentiu dor e que volta a senti-la ao correr atrás do vulto cercado por Funcionários e Oficiais.

Ky.

— Ky!

Pela primeira vez na vida, corro o mais rápido que posso em público. Nenhum rastreador para me segurar, nenhum galho para me barrar. Meus pés voam sobre a grama, sobre o concreto. Atravesso os gramados dos vizinhos e suas flores, tentando alcançar o grupo da frente que se dirige à parada do trem aéreo. Um Oficial se separa deles e corre para Aida. Ela está chamando atenção demais. Abriram-se as portas em outras casas e as pessoas estão nos degraus, observando.

Corro mais rápido. Meus pés tocam a grama pontuda e fresca do grama-do de Em. *Mais algumas casas.*

— Cassia? — Em chama da entrada. — Onde você vai?

Ky não me ouviu sob os gritos de Aida. Estão quase chegando na escada que sobe até a plataforma do trem aéreo. Quando caminham sob a luz na parte de baixo, vejo que prenderam as mãos de Ky.

Como fizeram no desenho.

— Ky! — grito de novo, e sua cabeça se vira. Ele volta o rosto para mim, mas não estou perto o bastante para ver seus olhos. Preciso ver seus olhos.

Outro Oficial se afasta do grupo e vem na minha direção. Eu devia ter esperado até estar mais perto para chamá-lo, mas ainda sou rápida. Estou quase lá.

Parte da minha mente tenta processar o que está acontecendo. Estão levando ele para o novo posto de trabalho? Se é isso, por que tão cedo assim? Por que Aida está tão perturbada? Ela não ficaria feliz de saber que ele tem uma nova chance, algo melhor do que lavar peças de alumínio? Por que ele está algemado? Será que tentou brigar com eles?

Eles viram o beijo? É por isso que está acontecendo?

Vejo o trem aéreo deslizando pelos trilhos, rumo à estação, mas não é o trem aéreo que costumamos tomar, o branco e prateado. É o trem cinzento, de longa distância, o tipo que só sai do Centro da Cidade. Eu o ouço chegando. E mais pesado, mais barulhento do que o branco.

Alguma coisa está errada.



E se eu já não soubesse disso, a palavra que Ky grita para mim quando o empurram pelos degraus confirma tudo. Porque ali, diante de todo mundo, todos os instintos de sobrevivência o abandonam, substituídos por outro instinto.

Ele grita meu nome.

— *Cassia!*

Naquela palavra, eu ouço tudo: que ele me ama. Que está com medo. E ouço o adeus que ele estava tentando me dizer ontem, na Colina. Ele sabia. Não está indo para um novo posto de trabalho. Está partindo para algum lugar e acha que não vai voltar.

Ouçó passos atrás de mim, macios na grama, e passos à minha frente, duros, no metal. Olho para trás e vejo um Oficial correndo na minha direção. Olho adiante, e um Funcionário desce correndo as escadas de metal. Aida não está mais gritando; querem me fazer parar da mesma maneira que a fizeram.

Não posso alcançá-lo. Não assim. Não agora. Não posso passar pelo Oficial na escada. Não sou forte o bastante para brigar com eles, nem rápida o bastante para fugir...

Não entre docemente

Não sei se Ky fala as palavras na minha cabeça, de alguma forma, ou se eu penso nelas sozinha, ou se o Vovô talvez esteja por ali em algum lugar desta quase noite, dizendo as palavras para o vento, palavras com asas como anjos.

Desvio para a lateral da plataforma, pés rápidos no concreto. Ky vê o que estou fazendo e se desvia, um movimento brusco que dá a ele um segundo de liberdade antes que as mãos se agarrem a ele novamente.

É o suficiente.

Por um momento, ele se debruça na beira da plataforma iluminada e eu vejo o que preciso ver. Vejo seus olhos, brilhantes com vida e fogo, e sei que ele não vai parar de lutar. Mesmo se for o tipo de luta interna que nem sempre se vê. E eu não vou parar também.

Os gritos dos Funcionários e o som do trem aéreo freando vão esconder minhas palavras. Ky não vai ser capaz de ouvir nada do que eu digo.

Por isso, em meio a todo o barulho, eu aponto para o céu. Espero que ele entenda o que eu quero dizer, porque quero dizer tantas coisas: meu coração vai sempre voar com o nome dele. Não vou entrar docemente. Vou encontrar uma forma de alçar voo como os anjos das histórias e vou encontrá-lo.

E eu sei que ele entende, quando me olha diretamente, profundamente, nos olhos. Seus lábios se movimentam em silêncio, e eu sei o que ele diz: as palavras de um poema que só duas pessoas do mundo conhecem.

Meus olhos se enchem de lágrimas, mas eu as afasto. Porque se há um momento na vida que eu quero ver com clareza, é este.

O Oficial me alcança, agarrando meu braço e puxando-me para trás.

— Deixa ela em paz — diz meu pai. Não tinha idéia de que ele conseguia correr tanto. — Ela não fez nada.

Minha mãe e Bram avançam pelo gramado, na nossa direção. Xander e a família dele seguem atrás.

— Ela está causando distúrbios — diz o Oficial, sombrio.

— Claro que sim — retruca meu pai. — Levaram embora o amigo de infância dela nas primeiras horas da manhã enquanto a mãe dele grita. O que está acontecendo?

Ouçó o quão alto meu pai fala quando ousa fazer a pergunta e olho de relance para minha mãe para ver o que ela acha disso. Fixado nele, o rosto dela mostra nada menos do que orgulho.

Para minha surpresa, o pai de Xander fala.

— Para onde estão levando o garoto?

Um Funcionário de casaco branco assume a situação, a voz alta para que todos reunidos ali consigam escutar. As palavras são sincopadas e formais.

— Sinto muito que sua manhã tenha sido perturbada. Este jovem recebeu um novo posto de trabalho e estamos simplesmente passando para pegá-lo e transportá-lo. Como o posto é fora da Província de Oria, a mãe ficou agitada e transtornada.



Mas por que tantos Funcionários? Por que tantos Oficiais? Por que as algemas? A explicação do Funcionário não faz sentido, mas depois de uma breve pausa, todo mundo sacode a cabeça, aceitando-a. A não ser por Xander. Ele abre a boca, como se fosse dizer alguma coisa, mas depois olha para mim e a fecha.

Toda a adrenalina vinda da tentativa de alcançar Ky me abandona e uma terrível percepção começa a tomar conta de mim. Seja lá para onde Ky foi, é por minha culpa. Por causa da minha classificação ou do beijo. De uma forma ou de outra, é minha culpa.

— Mentira — diz Patrick Markham. Todos se viram pra olhá-lo. Mesmo usando roupa de dormir, o rosto abatido e magro por tudo o que sofreu, ele mantém uma dignidade serena. Uma qualidade que ninguém pode tocar. E algo que eu só vi numa outra pessoa. Apesar de Patrick e Ky não terem parentesco de sangue, possuem o mesmo tipo de força.

— Os Funcionários disseram para Ky e os outros trabalhadores — diz ele, olhando para mim — que eles receberam um novo posto de trabalho. Um posto melhor. Mas na verdade estão enviando eles para lutar nas Províncias Exteriores.

Dou um passo para trás, como se tivesse sido atingida, e minha mãe estende a mão para me apoiar.

Patrick continua a falar.

— A guerra com o Inimigo não vai bem. Precisam de mais gente para lutar. Todos os antigos aldeões morreram. Todos eles. — Ele faz uma pausa e fala como se estivesse se dirigindo a si mesmo. — Eu devia saber que eles pegariam as Aberrações primeiro. Devia saber que Ky estaria na lista... Pensei que como já tínhamos passado por tanta coisa... — A voz vacila.

Aida se vira para ele, furiosa, clemente.

— Nós esquecíamos às vezes, mas ele não. Ele sabia que isso ia acontecer. Viu ele lutar? Viu os olhos dele quando levaram ele? — Ela joga os braços no pescoço de Patrick e ele a abraça, os soluços dela ecoando na manhã fresca. — Ele vai morrer. Aquilo lá é uma sentença de morte. — Ela se afasta e grita para os Funcionários. — Ele vai *morrer**.

Dois dos funcionários se movem rapidamente, prendendo as mãos de Aida e de Patrick pelas costas e levando os Markham embora. A cabeça de Patrick se volta para trás quando um deles o amordaça para impedi-lo de continuar a falar e fazem o mesmo com Aida, para abafar seus gritos. Nunca tinha visto nem ouvido falar de Funcionários usando tal força. Não percebem que ao fazê-lo só dão mais verdade às palavras de Patrick e Aida?

Um carro aéreo desce perto de nós e dele saem mais Funcionários. Os Oficiais empurram os Markham na direção do veículo, e Aida busca a mão do marido. Seus dedos estão separados por centímetros e aquele toque, a única coisa do mundo que poderia reconfortá-la agora, é negado a ela.

Fecho os olhos. Quero não ouvir mais os gritos dela ecoando nos meus ouvidos e as palavras que eu sei que nunca vou esquecer. *Ele vai morrer*. Queria que a minha mãe pudesse me levar de volta para casa, me pôr na cama, como fazia quando eu era criança. Quando eu olhava a noite cair do outro lado da minha janela sem preocupações, quando não sabia como era desejar a liberdade.

— Com licença.

Conheço aquela voz. E a minha Funcionária, aquela da área verde. Ao seu lado está um Funcionário com a insígnia do mais alto nível do governo: três estrelas douradas que reluzem visivelmente sob a iluminação da rua. Um silêncio cai sobre nós.

— Todos, por favor, peguem os seus recipientes de comprimidos — diz ele, com simpatia. — Retirem o comprimido vermelho.

Nós obedecemos. Minha mão se fecha em volta do pequeno recipiente com os três comprimidos, dentro do meu bolso. Azul, vermelho e verde. Vida, morte e esquecimento sempre na ponta dos meus dedos.

— Agora, fiquem com os comprimidos vermelhos e entreguem os recipientes à Funcionária Standler — ele gesticula para minha Funcionária que segura um receptáculo quadrado, de plástico. — Assim que tivermos terminado aqui, vocês vão receber novos recipientes e um novo conjunto de comprimidos.

Mais uma vez obedecemos. Deixo cair o pequeno cilindro de metal junto aos outros, mas não olho nos olhos da



minha Funcionária.

— Vamos precisar que vocês tomem os comprimidos vermelhos. A Funcionária Standler e eu vamos garantir que vocês façam isso. Não há motivo para preocupação.

Os Funcionários parecem se multiplicar. Caminham pela rua, mantendo a distância todos que permaneceram nas suas casas e isolando o nosso grupo de dez ou 12, próximo à parada do trem aéreo — o punhado de gente que sabe o que aconteceu hoje no Bairro de Mapletree e em todo o país. Imagino que os contratempos em outras cenas tenham sido bem mais suaves. Provavelmente, nenhuma das outras Aberrações tinha pais ou família em posição de saber o que realmente estava acontecendo. E mesmo Patrick Markham não pôde fazer nada para salvar seu filho.

E é tudo culpa minha. Não brinquei de Deus ou de anjo. Brinquei de Funcionária. Quis acreditar que sabia o que era melhor e mudei a vida de alguém em função disso. Não importa se os dados me apoiavam ou não. A decisão foi minha. E o beijo...

Não consigo deixar de pensar no beijo.

Olho para o comprimido vermelho, tão pequeno na minha mão. Mesmo se ele significar a morte, acho que seria bem-vinda agora.

Mas espera aí. Eu fiz uma promessa para Ky. Apontei o céu e prometi a ele. E agora, momentos depois, vou desistir?

Deixo o comprimido cair no chão, tentando ser discreta. Por um segundo eu o vejo pequeno e vermelho na grama e me lembro do que Ky disse sobre o vermelho ser a cor do nascimento e da renovação. *A um novo come: o*, digo para mim mesma, e mudo a posição dos pés só um pouquinho, para esmagar o comprimido. Ele sangra sob os meus pés. Aquilo me lembra de quando vi o rosto de Ky do outro lado da sala lotada no centro de recreação, no instante em que meus pés esmagavam os comprimidos perdidos no chão.

Só que agora, quando levanto os olhos, ele não está mais por perto.

Ninguém ainda obedeceu as ordens. Apesar de o Funcionário ter a mais alta patente que já vimos por aqui e ter nos dado uma ordem, nós ouvimos boatos há anos sobre o comprimido vermelho.

— Alguém gostaria de ser o primeiro?

— Eu vou — diz minha mãe, dando um passo a frente.

— Não — digo, mas o olhar do meu pai me detém. Sei que ele está tentando me dizer: *ela está fazendo isso por nós. Por você*. E de alguma forma, ele sabe que tudo vai ficar bem.

— Eu também — diz ele, indo para o lado dela. Juntos, enquanto todos nós observamos, eles engolem os comprimidos.

O Funcionário verifica as bocas dos meus pais e faz um rápido sinal com a cabeça.

— Vão se dissolver em segundos — ele nos diz. — Rápido demais para que vocês tentem cuspi-los, mas é desnecessário, de qualquer forma. Não vai fazer mal a vocês. Tudo o que ele vai fazer é limpar a sua mente.

Tudo o que ele vai fazer é limpar a sua mente. Claro. Agora eu sei por que vamos tomá-los. Para esquecer o que houve com Ky, para esquecer que o Inimigo está ganhando a guerra nas Províncias Exteriores, que os aldeões estão todos mortos. E eu percebo por que não nos fizeram tomar os comprimidos quando algo aconteceu ao primeiro filho dos Markham: porque precisávamos nos lembrar de como as Anomalias podem ser perigosas. De como seríamos vulneráveis sem a Sociedade para mantê-las a distância.

Será que deixaram aquela Anomalia à solta de propósito? Para nos lembrar?

O que vão nos dizer que aconteceu com Ky, mais tarde? Em que história vamos todos acreditar, no lugar da verdadeira? Vamos tomar o comprimido verde em seguida, a calma depois do esquecimento?

Não quero mais ficar calma. Não quero me esquecer.

Por mais que doa, eu preciso me agarrar a toda a história dele, às partes dolorosas também.

Minha mãe se volta para me olhar e me preocupo se vou ver olhos vazios ou uma expressão ausente, frouxa. Mas ela parece ótima. Assim como meu pai.



Logo, todos formam uma fila, os comprimidos vermelhos nas mãos, prontos para acabar com tudo isso e continuar com suas vidas. O que vou fazer quando descobrirem que eu me livrei do meu? Olho para a grama sob meus pés, quase esperando ver um pedacinho dele queimado, destruído, limpo. Mas parece a mesma coisa de antes. Nem consigo ver os fragmentos vermelhos na grama. Devo ter esmagado tudo completamente.

Bram parece assustado, mas agitado. Ainda não tem idade suficiente para carregar o próprio comprimido vermelho, por isso meu pai lhe entrega o seu comprimido extra.

Minha Funcionária também começa a verificar as pessoas. Ela se aproxima cada vez mais de mim, mas não consigo tirar os olhos de Bram e, depois de Em, quando ela toma o comprimido. Por um momento, me lembro do sonho e sinto horror ao observá-la. Mas nada acontece. Pelo menos, nada que eu possa ver.

E chega a vez de Xander. Ele olha na minha direção e me vê observando, e uma expressão que é pura dor passa pelo seu rosto. Quero desviar o olhar, mas não faço isso. Observo Xander fazendo um sinal para mim e erguendo o comprimido na minha direção, quase como se estivesse brindando.

Antes de vê-lo tomar, alguém me impede de ver os outros e impede os outros de me verem. E a minha funcionária.

— Deixe eu ver seu comprimido, por favor — diz ela.

— Eu estou com ele — estendo a mão, mas não abro a palma. Acho que quase a vejo sorrir. Apesar de saber que ela leva comprimidos a mais — eu os vi — ela ainda não me oferece um deles.

Ela olha de relance a grama aos meus pés e se volta pro meu rosto. Ergo o braço, finjo pôr alguma coisa na boca e engulo com força. Ela passa para a próxima pessoa.

Embora fosse o que eu queria, eu a odeio por isso. Ela *quer* que eu me lembre do que aconteceu aqui. Do que eu fiz.



CAPÍTULO 30

Quando a escuridão finalmente se dissolve, é uma manhã quente, sem graça, acinzentada, uma manhã sem dimensão ou profundidade. As casas à minha volta poderiam estar prontas para uma exposição. Poderiam ser imagens em uma grande tela. Tenho a sensação de que, se caminhar longe demais, vou esbarrar na tela, ou numa parede de papel e sair na escuridão do nada, no fim de tudo.

De alguma forma, meu medo acabou. Em vez dele, sinto uma letargia, o que é quase pior. Por que me importar com um planeta sem graça, habitado por gente sem graça? Quem se importa com um lugar onde não existe Ky?

É uma das razões por que preciso de Ky, percebo. Quando estou com ele, eu *sinto*.

Mas ele se foi. Eu vi acontecer.

Eu fiz acontecer.

Será que Sísifo também teve que fazer isso?, me pergunto. Parar por um minuto e se concentrar em segurar firme, em empurrar a pedra o suficiente para impedi-la de descer e esmagá-lo, antes que ele pudesse sequer pensar em tentar voltar a subir?

O comprimido vermelho teve efeito quase imediato depois que os Funcionários e os Oficiais nos acompanharam até em casa. Os acontecimentos das últimas 12 horas foram apagados das mentes da minha família. Menos de uma hora depois, uma entrega de novos recipientes e comprimidos chegou, com uma carta explicando que os nossos estavam com defeito e foram removidos naquela manhã, mais cedo. Todos da minha família aceitam a explicação sem fazer perguntas. Têm outras coisas com que se preocupar.

Minha mãe está confusa; onde largou o terminal de mão do trabalho quando acabou de usá-lo na noite passada? Bram não consegue se lembrar se acabou de fazer o dever no escrevinhador.

— Bom, é ligar e verificar, querido — diz minha mãe, aturdida. Meu pai também parece um pouco perdido, mas não tão confuso. Acho que já passou por isto antes, talvez muitas vezes, por força do seu trabalho. Embora o comprimido ainda funcione, ele parece se sentir menos desorientado pela sensação de desorientação.

O que é bom, porque os Funcionários ainda não acabaram com a nossa família.

— Mensagem particular para Molly Reyes — exclama a voz genérica do terminal.

Minha mãe ergue os olhos, surpresa.

— Vou me atrasar para o trabalho — protesta mansamente, mas quem mandou a mensagem não pode ouvi-la. Também não podem vê-la erguer as costas antes de caminhar para o terminal e colocar os fones de ouvido. A tela escurece, a imagem nela é visível só do lugar onde ela está.

— E agora? — diz Bram. — Espero?

— Não, vai para a escola — meu pai diz a ele. — Não queremos que você se atrase.

Na saída, Bram reclama.

— Sempre perco *tudo*. — Eu queria poder lhe dizer que isso não era verdade. Mas será que eu realmente ia querer que ele se lembrasse do que aconteceu hoje de manhã?

Alguma coisa acontece comigo quando olho Bram saindo de casa, e as coisas voltam a parecer reais. Bram é real. Eu sou real. Ky é real e eu preciso encontrá-lo. *Agora*.

— Vou passar a manhã na Cidade — digo para o meu pai.

— Você não tem trilha? — pergunta ele, e então sacode a cabeça como se quisesse clarear as idéias. — Desculpa. Me lembrei. As atividades de lazer de verão acabaram mais cedo esse ano, não é? E por isso que Bram já está a



caminho da escola, em vez de ter ido para a natação. Minha mente está confusa hoje.

Ele não parece surpreso e penso de novo que isso já deve ter lhe acontecido antes. Lembro de como ele permitiu que minha mãe tomasse o comprimido vermelho primeiro. De alguma forma, ele sabia que não ia fazer mal a ela.

— Não nos deram nada para a fazer no lugar da trilha — digo ao meu pai. — Dá tempo de eu ir até a Cidade antes da Segunda Escola. — Isto por si só é um descuido, outra pequena falha na bem azeitada máquina da nossa Sociedade, o que prova que alguma coisa está errada em algum lugar.

Meu pai não responde. Olha fixo para a minha mãe, cujo rosto, pálido, fita a tela do terminal.

— *Molly?*

Não se deve interromper uma mensagem particular, mas ele se aproxima um pouco. E mais um pouco.

Finalmente, põe a mão no ombro dela, que se vira da tela.

— É culpa minha — diz minha mãe, e pela primeira vez na vida, a vejo olhar através do meu pai e não para ele, o olhar fixo em algum ponto distante.

— Fomos Transferidos para os Campos, efetivo imediato.

— *O quê?* — pergunta meu pai. Sacode a cabeça, olha por trás dela no terminal. — É impossível. Você entregou o relatório. Contou a verdade.

— Imagino que não queiram que aqueles de nós que viram as safras rebeldes continuem a trabalhar em posições de autoridade — minha mãe diz. — Nós sabemos demais. Podíamos nos sentir tentados a fazer o mesmo. Vão nos mandar para os Campos, onde nós não vamos estar no comando. Onde podem nos observar e nos exaurir, nos fazendo plantar só o que nos mandarem plantar.

— Mas pelo menos vamos estar mais próximos do Vovô e da Vovó — digo, tentando reconfortá-la.

— Não são os Campos de Oria — diz minha mãe. — Campos de uma província diferente. Nós partimos amanhã.

Então aquele olhar vazio, atordoado, se dirige ao meu pai e eu a vejo começar a sentir novamente. Vejo a percepção e a emoção voltarem ao seu rosto. E enquanto vejo aquilo acontecer a ela, sinto uma sensação tão forte de urgência que não sei se serei capaz de suportar. *Preciso descobrir para onde levaram Ky. Antes de irmos embora.*

— Eu sempre quis morar nos Campos — diz Papai, e Mamãe encosta a cabeça no ombro dele, cansada demais para chorar e vencida demais para fingir que tudo está bem.

— Mas eu fiz o que era para fazer — sussurra. — Fiz exatamente o que pediram.

— *Vai ficar tudo bem* — ele cochicha, para ela e para mim. Talvez, se eu tivesse tomado o comprimido vermelho, eu pudesse acreditar nele.

Na rua, há um carro aéreo de Funcionários diante da casa dos Markham. Nosso Bairro recebeu atenção demais dos Funcionários nas últimas semanas.

Em saltita porta afora da casa sem árvores em que mora.

— Você soube? — pergunta, animada. — Os Funcionários estão juntando as coisas dos Markham. Patrick foi transferido e vai trabalhar para o Governo Central! E uma grande honra. E ele é do *nosso* Bairro! — Ela franze a testa.

— E uma pena que a gente não pôde se despedir do Ky. Vou sentir falta dele.

— Eu sei — digo, e sinto uma dor no coração, e paro de novo sob a minha pedra, empurrando o peso de ser a única que sabe o que realmente aconteceu hoje de manhã.

A não ser por alguns Funcionários bem escolhidos. E mesmo eles não sabem que eu sei. Só duas pessoas sabem de fato o que aconteceu, que eu não tomei o comprimido vermelho. Eu. E a minha Funcionária.

— Preciso ir — digo para Em e volto a caminhar na direção da parada do trem aéreo. Não olho mais para a casa dos Markham. Patrick e Aida também se foram. Será que receberam a condição de Aberrações ou foram levados para um Retiro quieto em algum lugar longe daqui? Será que também tomaram o comprimido vermelho? Será que estão vasculhando a casa nova, perplexos, se perguntando onde estaria o seu segundo filho? Também vou precisar tentar encontrá-los, em nome de Ky, mas no momento, eu preciso encontrar Ky. Só consigo pensar num lugar que possa ter



informações sobre para onde ele teria sido levado.

A caminho da Prefeitura Municipal, mantenho a cabeça baixa. Há lugares demais que eu não consigo olhar: os assentos onde Ky costumava sentar, o piso do vagão do trem aéreo onde ele costumava pisar e manter o equilíbrio, sempre fazendo aquilo parecer fácil, natural. Não consigo olhar pelas janelas de forma alguma, sabendo que talvez vislumbre a Colina onde Ky e eu estivemos ontem. Juntos. Quando o trem para e mais gente entra e a brisa sopra, eu me pergunto se as faixas de tecido vermelho que Ky e eu deixamos por lá estariam voando ao vento. Sinalizadores de um novo começo, apesar de não aquele que nós desejávamos.

Finalmente ouço a voz que anuncia meu destino.

Prefeitura Municipal.

Minha idéia não vai funcionar. Sei disso no minuto em que paro nos degraus da Prefeitura pela segunda vez na vida. Este não é o lugar de portas abertas e luzes cintilantes que me recebeu, que me convidou a vislumbrar o meu futuro. À luz do dia, este é um lugar de guardas armados, um lugar de negócios, um lugar onde o passado e o presente estão trancados em segurança lá dentro. Não vão me deixar entrar, e mesmo se deixassem, não me diriam nada.

Talvez nem saibam que há alguma coisa a se dizer. Funcionários também usam comprimidos vermelhos.

Me viro e, do outro lado da rua, vejo uma possibilidade e meu coração se agita. *Claro. Por que não pensei nisso antes? O Museu.*

O Museu é comprido, baixo, branco, fechado. Até as janelas são cobertas com vidros foscos para proteger os artefatos da luz. A Prefeitura Municipal, do outro lado da rua, tem janelas grandes e abertas. A Prefeitura Municipal vê tudo. Porém, o Museu talvez guarde alguma coisa para mim por trás dos seus olhos bem fechados. A esperança faz meu passo se apressar ao cruzar a rua, me dá força quando empurro as enormes portas brancas.

— Bem-vinda — diz um curador, sentado numa mesa branca e redonda. — Posso lhe ajudar a encontrar alguma coisa?

— Estou só olhando — digo, tentando parecer descontraída. — Tenho algum tempo livre hoje.

— E você veio até aqui — diz o curador, feliz e curioso. — Maravilhoso. Você talvez queira dar uma olhada no segundo nível. Algumas das nossas peças mais populares estão ali.

Não quero chamar atenção demais para mim, por isso concordo e subo os degraus, o eco metálico me lembrando dolorosamente dos pés de Ky na escada da estação. Não pensa nisso agora. Fica calma. Lembra daquela vez em que a Primeira Escola nos trouxe aqui, antes de Ky chegarem Bairro? Quando tínhamos tempo de pensar no passado, antes de seguirmos para a Segunda Escola, onde tudo o que importa é o futuro? Lembra de entrar no refeitório do subsolo do Museu com outras crianças, todas empolgadas por comer em um lugar novo e diferente? Lembra da cabeça loura de Xander entre o resto, do jeito que ele fingiu ouvir o discurso do curador, mas não parava de fazer piadinhas que ninguém mais conseguia ouvir?

Xander. Se eu deixá-lo aqui, também vou perder outro pedaço do meu coração?

Claro que sim.

Uma placa indica a Sala dos Artefatos e dobro à direita, subitamente, querendo ver a exposição. Querendo ver onde puseram todas aquelas coisas que eles levaram. Talvez eu veja meu compacto, as abotoaduras de Xander, o relógio de Bram. Eu poderia trazê-lo aqui uma última vez, antes de partirmos para os Campos.

Paro no meio da sala, percebendo que nenhuma dessas coisas está aqui.

As outras vitrines continuam lotadas de artefatos, mas a nova exposição não é nada além de uma comprida vitrine de vidro, imensa e vazia. Há um letreiro no meio, impresso com letras que parecem tão diferentes da escrita cursiva de Ky, onde se lê: **EM BREVE MAIS ARTEFATOS**. Uma luz que vem de cima ilumina a placa dentro da vitrine vazia e cavernosa. Aquele letreiro poderia ficar ali para sempre naquele ambiente lacrado e imaculado. Como o retalho do meu vestido do Banquete do Par.

Mas já quebrei o vidro. Já dei o verde de presente. Fiz minha escolha. Já estou morrendo sem Ky aqui e preciso agora garantir que vou viver para encontrá-lo.

Percebo que nossos artefatos provavelmente nunca vão chegar àquela vitrine. O letreiro talvez seja a única coisa a



ficar exposta. Não sei o que fizeram com nossas coisas.

Agora sei por mim mesma que não sobrou nada.

Desço as escadas até o subsolo. Onde é mantida a Gloriosa História da Província de Oria, onde eu pretendia ir antes de a chance de vislumbrar o que se perdeu me distrair da necessidade de procurar o que deve ser encontrado.

Fico perto do vidro e olho o mapa da nossa Província com a cidade, campos e rios, ouvindo passos no chão de mármore atrás de mim. Um homem pequeno, de uniforme, vem ficar ao meu lado.

— Gostaria que eu lhe contasse mais sobre a história de Oria? — pergunta ele.

Nossos olhares se encontram. Os meus, que procuram; os dele, penetrantes e brilhantes. Olho para ele e percebo: eu não vou vender nosso poema. Sou egoísta. Além do retalho de tecido, ele é tudo o que tenho para dar a Ky, e somos as duas últimas pessoas do mundo que o conhecem por inteiro. Até isso é um beco sem saída, até essa minha última idéia não vai funcionar. Eu poderia traçar o poema, mas não ganharia nada com isso. Não é algo que eu possa negociar. É algo que eu preciso fazer.

— Não, obrigada — digo ao homem, apesar de *querer* saber a verdadeira história do lugar onde eu moro. Mas não acho que ninguém mais saiba.

Antes de partir, olho mais uma vez para o mapa geográfico da nossa Sociedade. Ali, no meio do mapa, gordas e felizes, estão as formas rechonchudas das Províncias. E à sua volta, as Províncias Exteriores, com linhas que as dividem em partes, mas nenhuma delas com nome.

— Espera — eu chamo o homem.

Ele se volta e me olha com expectativa.

— Sim?

— Alguém sabe os nomes das Províncias Exteriores?

Ele sacode a mão, desinteressado, agora que sabe que não vai conseguir de mim algo digno de ser negociado.

— O nome é *esse*. Províncias Exteriores.

Aquelas Províncias Exteriores, vazias e divididas no mapa, prendem o meu olhar. O mapa está cheio de letras e informações e é difícil perceber todos os nomes. Eu os examino, sem realmente lê-los, sem saber exatamente o que estou procurando.

E aí. Alguma coisa chama minha atenção, uma informação se acomoda no meu cérebro classificador: rio Sísifo. Atravessa algumas das Províncias Ocidentais, segue por duas das Províncias Exteriores e sai no vazio dos Outros Países.

Ky deve ser de uma dessas duas Províncias Exteriores. E como foi ali que o ataque ocorreu, quando ele era jovem, pode ser ali que estejam os problemas de hoje. Chego perto do mapa para memorizar a localização dos dois lugares que talvez sejam dele.

Ouçõ passos se aproximarem novamente e me viro.

— Tem *certeza* de que eu não posso ajudar em nada? — o homenzinho me pergunta.

Não quero negociar nada! Quase exclamo e então percebo que ele parece sincero.

Aponto o rio Sísifo, no mapa, um minúsculo fio de esperança que cruza o papel.

— Você sabe alguma coisa sobre esse rio?

Ele baixa a voz.

— Ouvi uma história, certa vez, quando eu era mais jovem. Há muito tempo, uma parte do rio foi envenenada e ninguém podia viver nas margens. Mas é tudo o que eu ouvi.

— Obrigada — digo a ele, pois agora tenho uma idéia, graças ao que aprendi sobre a forma com que nossos idosos morrem. Será que a Sociedade seria capaz de envenenar as águas a caminho do país inimigo? Mas Ky e sua família não foram envenenados. Talvez vivessem rio acima, na mais alta das duas Províncias às margens daquele rio.

— É só uma história — o homem ressalva. Ele deve ter visto a esperança brilhar no meu rosto.

— E tudo não é só uma história? — digo.



Saio do Museu e não olho para trás.

Minha Funcionária me aguarda na área verde fora do Museu. Vestida de branco, sentada num banco branco, com um sol branco e amarelado ao fundo. E demais. Eu pisco.

Se fechar os olhos um pouco, posso fingir que esta é a área verde perto do centro de recreação, onde vou encontrar minha Funcionária pela primeira vez. Posso fingir que ela vai me contar que houve um erro com meu Par. Mas desta vez, as coisas vão ser diferentes, vão seguir um rumo diferente, um rumo em que Ky e eu podemos ficar juntos e felizes.

Mas não existe tal rumo, não aqui em Oria.

Ela gesticula para que eu me aproxime e me sente ao lado dela no banco. Me parece que ela escolheu um lugar estranho para me encontrar, bem ao lado das portas do Museu. Então lembro que é um lugar perfeito, silencioso e vazio. Ky tinha razão. Ninguém aqui está interessado no passado.

O banco é esculpido na pedra, parece sólido e fresco das horas que passa sob a sombra do Museu. Ponho minha mão contra a pedra, depois que me sento, me perguntando de onde teria vindo a pedra. Me perguntando quem precisou movimentar as pedras.

Desta vez, eu sou a primeira a falar.

— Eu cometi um erro. Você precisa trazer ele de volta.

— Já abriram uma exceção para Ky Markham. A maioria das Aberrações não tem sequer essa oportunidade — diz ela. — Foi você quem mandou ele embora. Provou o que nós queríamos demonstrar. Pessoas que deixam os dados de lado, que são envolvidas pelas emoções, criam uma confusão para si mesmas.

— *Você* fez isso — digo. — Você arranhou aquela classificação.

— Mas você a executou — diz ela. — Com perfeição, devo acrescentar. Você talvez esteja perturbada; a família dele, devastada; mas é a decisão correta, no que diz respeito à habilidade dele. Você sabia que ele era mais do que fingia ser.

— Ele é que deve escolher se vai ou fica. Eu não. Nem você. Deixa ele escolher.

— Se fizessemos isso, tudo desmoronaria — diz ela, com paciência. — Como você acha que conseguimos garantir vidas tão longas? Como você acha que erradicamos o câncer? Formamos Pares para *tudo*. Inclusive para os Genes.

— Vocês garantem vidas longas, mas acabam nos matando no final. Eu sei do veneno na comida de gente como o Vovô.

— Também podemos garantir uma excelente qualidade de vida até o último suspiro. Você sabe quantas pessoas infelizes em quantas sociedades miseráveis pelos anos afora teriam dado qualquer coisa para conseguir isso? E o método de administrar o...

— Veneno.

— Veneno — diz ela, sem hesitar. — E inacreditavelmente humano. Doses pequenas, nos alimentos favoritos do paciente.

— Ou seja, a gente come para morrer.

Ela desdenha da minha preocupação.

— Todos comem para morrer, independente do que a gente faça. Seu problema é que você não respeita o sistema e o que ele te oferece, mesmo agora.

Aquilo quase me dá vontade de rir. A Funcionária vê a tensão nos meus lábios e dispara uma série de exemplos, de formas com que infringi as leis da Sociedade nos últimos dois meses — e ela nem sabe das piores —, mas não cita um exemplo sequer dos anos anteriores. Se tivesse uma forma de rastrear todas as minhas memórias, veria que são puras. Que eu queria me encaixar de verdade, receber um Par, fazer tudo certo. Que eu acreditava de verdade.

Que uma parte de mim ainda acredita.

— Estava na hora dessa pequena experiência chegar ao fim, de qualquer maneira — diz a Funcionária, parecen-



do lamentar um pouco. — Não temos mais força de trabalho para nos concentrar nela. E, naturalmente, com as situações do jeito que estão...

— Que experiência?

— Aquela com você e Ky.

— Eu sei — digo. — Eu sei que você falou para ele. Eu sei que foi um erro maior do que você me levou a crer, da primeira vez em que nós falamos. O Ky chegou *mesmo* a entrar na seleção dos Pares.

— Não foi um erro — diz ela.

E eu volto a cair, no momento em que achava já ter chegado ao fundo.

— Nós decidimos incluir Ky na seleção dos Pares — diz ela. — De vez em quando, nós fazemos isso com uma Aberração, só para reunir dados adicionais e observar variações. O público em geral não sabe disso. Não há razão para que saiba. O importante é que você saiba que *nós* tínhamos o controle da experiência o tempo todo.

— Mas as chances de ele ser o meu Par...

— São praticamente nulas — concorda a Funcionária. — Então você percebe por que nós ficamos intrigados. Por que nós deixamos que você visse o retrato de Ky, para que ficasse curiosa. Por que garantimos que vocês fossem designados para o mesmo grupo de trilha e depois formassem uma dupla. Por que nós tínhamos que acompanhar tudo, pelo menos por algum tempo. — Ela sorri.

“Foi tão intrigante: podíamos controlar tantas variáveis. Chegamos a reduzir suas porções de alimentos para ver se você ficaria mais estressada, a ponto de desistir. Mas você não desistiu. Naturalmente, nós nunca fomos cruéis. Você sempre recebeu calorias em quantidade suficiente. E você é forte. Nunca tomou o comprimido verde.”

— Por que isso importa?

— Torna você mais interessante — diz ela. — Uma cobaia muito intrigante, de fato. Previsível, em última instância, mas ainda suficientemente incomum para se observar. Teria sido interessante ver a situação chegar ao final previsto. — Ela suspira, um suspiro de tristeza genuína.

“Eu planejava escrever um artigo sobre o tema, disponível só para Funcionários seletos, naturalmente. Seria uma prova sem paralelos da validade do Sistema de Pares. Foi por isso que não quis que você se esquecesse do que aconteceu hoje na estação do trem aéreo. Todo o meu trabalho teria sido em vão. Agora, pelo menos, posso ver você tomar sua decisão final enquanto ainda sabe do que aconteceu.”

A raiva toma conta de mim com tanta força, que não há espaço para pensar ou falar. *Teria sido interessante ver a situação chegar ao final previsto.*

Tudo foi planejado desde o início. *Tudo.*

— Infelizmente, as minhas habilidades são necessárias agora em outro lugar. — Ela passa a mão no pequeno terminal diante dela. — Nós simplesmente não temos tempo de continuar a monitorar a situação, por isso não podemos prolongá-la.

— Por que me contar tudo isso? — pergunto. — Por que você quer que eu saiba os detalhes?

Ela parece surpresa.

— Porque nos importamos com você, Cassia. Da mesma forma que com todos os cidadãos. Como cobaia de uma experiência, você tem o direito de saber o que aconteceu. O direito de fazer já a escolha que nós sabemos que você fará, em vez de ter que esperar.

É tão engraçado o uso que ela faz da palavra *escolha*, tão involuntariamente hilariante, que eu riria se não achasse que soaria mais como um choro.

— Você contou para Xander?

Ela parece ofendida.

— Claro que não. Ele ainda é seu Par. Para a experiência permanecer sob controle, tudo tinha que ser escondido dele. Ele não sabe de nada.

A não ser pelo que eu contei, penso, e percebo que ela não sabe disso.



Há coisas que ela não sabe. Ao perceber isso, parece que alguma coisa me foi devolvida. O conhecimento se mistura à raiva e a transforma em algo puro e límpido. *E uma das coisas que ela desconhece completamente é o amor.*

— Mas o Ky era outra história — diz ela. — Nós contamos para ele. Fingimos que estávamos lhe dando uma advertência, mas naturalmente esperávamos dar o ímpeto para que ele tentasse ficar com você. O que funcionou muito bem. — Ela sorri, presunçosa, porque também acha que eu não sei dessa parte da história. Mas é claro que eu sei.

— Então você nos observou o tempo todo — digo.

— Não o tempo todo — responde. — Observamos vocês o bastante para obtermos uma amostra válida de como eram as suas interações. Não dava para observar todas as interações na Colina, por exemplo, nem mesmo na colina menor. O Oficial Carter ainda tinha jurisdição sobre aquela área e não via com bons olhos a nossa presença ali.

Espero que ela pergunte. De alguma forma, eu sei que vai perguntar. Apesar de ela achar que tem uma amostra precisa, há uma parte dela que precisa saber mais.

— Então, *o que* aconteceu entre você e Ky? — pergunta.

Ela não sabe do beijo. Não foi isso o que o mandou embora. Aquele momento na Colina ainda é nosso, meu e de Ky. *Nosso.* Ninguém o tocou, além de nós dois.

Vai ser o que eu terei para me agarrar enquanto sigo adiante. O beijo, o poema, as declarações de amor que nós escrevemos e dissemos.

— Se me contar, eu posso te ajudar. Posso recomendar você para um posto de trabalho na Cidade. Você poderia ficar aqui. Não precisaria partir para os Campos com sua família. — Ela se aproxima mais. — Me diz o que aconteceu.

Desvio os olhos. Apesar de tudo, a oferta é tentadora. Estou com um certo medo de sair de Oria. Não quero deixar Xander e Em. Não quero deixar os lugares que guardam tantas lembranças do Vovô. E principalmente, não quero deixar esta Cidade e meu Bairro, porque foi aqui que eu me encontrei e me apaixonei por Ky.

Mas ele não está mais aqui. Eu preciso encontrá-lo em outro lugar.

O dilema do prisioneiro. Em algum lugar, Ky continua a confiar em mim e eu posso fazer o mesmo por ele. Não vou desistir.

— Não — digo em alto e bom som.

— Eu achei que você diria isso — ela afirma, mas ouço a decepção no seu tom e, subitamente, me dá vontade de rir. Quero perguntar se ela nunca fica entediada por estar certa o tempo inteiro. Mas acho que sei qual seria a resposta.

— E qual é então o desfecho previsto? — pergunto.

— E isso importa? — ela sorri. — É o que vai acontecer. O que você vai fazer. Mas eu te digo, se você quiser.

Percebo que não preciso ouvir. Não preciso ouvir nada que ela tenha a dizer ou nenhuma previsão que ela acha que possa fazer. Eles não sabem que Xander escondeu o artefato, que Ky sabe escrever, que o Vovô me deu a poesia.

O que mais ela não sabe?

— Você disse que planejou tudo — digo, subitamente, por instinto, agindo como se quisesse ter certeza. — Disse que vocês mesmos puseram Ky na seleção dos Pares.

— Isso — responde. — Fizemos isso.

Desta vez, olho direto para ela quando fala e é então que vejo. Um discretíssimo estremecimento do músculo do seu queixo, um leve desvio no olhar, um minúsculo toque de representação na voz. Ela não precisa mentir com frequência. Nunca foi uma Aberração, de forma que aquilo não é natural para ela. Não teve muita prática. Não consegue manter o rosto totalmente imóvel como Ky, quando ele joga um jogo e sabe o que fazer e se é melhor ganhar ou perder.

Embora tenham lhe explicado como jogar, ela não sabe exatamente que cartas tem na mão.

Ela não sabe quem incluiu Ky na seleção dos Pares.

Se não foram os Funcionários, quem foi?



Olho para ela de novo. Ela não sabe, não está ouvindo as próprias palavras. Se o quase impossível aconteceu antes — eu receber como Pares dois garotos que conhecia — então pode acontecer de novo.

Eu posso encontrá-lo.

Me levanto para ir embora. Acho que sinto cheiro de chuva no ar, apesar de não haver uma nuvem no céu, e aí me lembro. Ainda me sobrou uma parte da história de Ky.



CAPÍTULO 31

Xander está sentado nos degraus da minha casa.

É um lugar onde o encontro com frequência no verão, e a posição também parece familiar. Pernas estendidas, cotovelos pousados no degrau de trás. A sombra que ele lança sob o sol de verão é menor do que ele, uma versão mais escura e compacta do Xander verdadeiro.

Ele me olha enquanto percorro o caminho, e quando me aproximo vejo a dor ainda nos seus olhos, uma sombra por trás do azul.

Quase desejei que o comprimido vermelho tivesse apagado mais do que as últimas 12 horas, para Xander. Que ele não se lembrasse do que eu lhe contei, de quanto aquilo doeu. Quase. Mas não desejei de fato. Apesar de a verdade ter magoado a nós dois, não vejo como poderia ter feito nada diferente com Xander. Era tudo o que eu tinha para dar a ele, e ele merecia receber.

— Estava esperando por você — diz ele. — Soube da sua família.

— Eu fui até a Cidade — digo.

— Senta aqui do meu lado — diz Xander. Hesito. Ele está falando sério? Quer mesmo que eu sente do lado dele ou está me ajudando a manter as aparências para quem estiver olhando? Xander continua olhando para mim, à espera. — Por favor.

— Tem certeza? — pergunto.

— Tenho — diz ele, e aí percebo que tem mesmo. Está sentindo dor. Eu também. Percebo que talvez isso seja parte do que estamos lutando para escolher. Qual dor vamos sentir.

Não faz muito tempo desde o Banquete do Par, mas estamos diferentes agora, sem nossas roupas de festa, nossos artefatos, nossa crença no Sistema de Pares. Fico pensando a respeito. Quanta coisa mudou. Quão pouco nós sabíamos.

— Você sempre precisa me obrigar a falar primeiro, né? — pergunta Xander, com a sombra de um sorriso no rosto. — No final você sempre ganha as nossas discussões.

— Xander — digo, e sento ao lado dele e me encosto nele. Seu braço me envolve e ponho a cabeça no seu ombro e ele inclina a cabeça para que ela fique pousada sobre a minha. Meu suspiro é tão profundo que é quase um calafrio, pelo alívio que sinto. Como isso é bom, ficar abraçada desse jeito. Nada disso é para a Sociedade, que está sempre à espreita. Para mim é tudo de verdade. Vou sentir muito a falta dele.

Nenhum de nós diz nada por um momento, enquanto contemplamos juntos nossa rua pela última vez. Talvez eu volte, mas não vou mais morar aqui. Depois que se é Transferido, você não volta, a não ser para visitar. Completos rompimentos são a melhor opção. E eu farei o rompimento mais radical de todos, quando for em busca de Ky. Esse é o tipo de Infração que ninguém pode ignorar.

— Fiquei sabendo que você vai embora amanhã — diz Xander, e eu faço um sinal com a cabeça, que roça no seu rosto. — Preciso te dizer uma coisa.

— O quê? — pergunto. Olho para frente, sentindo o ombro dele se mexer sob a camisa das suas roupas comuns, enquanto ele muda ligeiramente de posição, mas não me mexo. O que ele vai dizer? Que não consegue acreditar que eu o traí? Que queria que o Par dele fosse qualquer uma, menos eu? O que eu mereço ouvir é isso, mas acho que ele não diria. Não o Xander.



— Eu lembro do que aconteceu hoje — sussurra Xander. — Eu sei o que houve de verdade com o Ky.

— Como? — Ergo as costas e olho para ele.

— Os comprimidos vermelhos não fazem efeito em mim — ele sussurra, baixinho no meu ouvido, para que ninguém possa ouvir. Ele olha para rua, na direção da casa dos Markham. — Também não funcionavam com Ky.

— O quê? — Como é que esses dois garotos tão diferentes estão ligados de formas inesperadas e profundas? Talvez todos nós estejamos, penso, e não sabemos mais como ver. — Me conta.

Xander continua a olhar para a casinha com as janelas amarelas, onde Ky morava até horas atrás. Onde Ky observava e aprendia a sobreviver. Xander lhe ensinou um pouco, sem saber. E talvez Xander tenha também aprendido com Ky.

— Eu desafiei ele a tomar um comprimido desses, muito tempo atrás — diz Xander, baixinho. — Foi logo quando ele chegou aqui. Eu fui amigável, mas no fundo sentia ciúmes. Eu via como você olhava para ele.

— Mesmo? — Não me lembro disso, mas de repente, espero que Xander esteja certo. Espero que parte de mim tenha se apaixonado por Ky antes de terem me mandado fazer isso.

— Não é uma lembrança de que eu me orgulhe — diz Xander. — Chamei ele para nadar comigo um dia, e no caminho, falei que sabia do artefato.

Sabia porque uma vez, em outro Bairro, eu estava voltando para casa depois de levar algo para um amigo, e peguei o Ky usando, tentando encontrar o caminho de casa. Ele era tão cauteloso. Acho que foi a única vez em que ele o tirou do bolso, mas foi na hora errada. Eu vi.

A imagem quase parte meu coração. É um outro lado de Ky que eu não havia visto antes — perdido. Correndo riscos. Por mais que eu o conheça, por mais que eu o ame, há partes dele que eu não conheço. E assim com todo mundo, até com Xander, a quem eu nunca havia imaginado agindo com tanta crueldade.

— Desafiei ele a achar e roubar dois comprimidos vermelhos. Achei que seria impossível. Disse que, se ele não trouxesse para a natação no dia seguinte, para mostrar que conseguia, eu ia contar para todo mundo sobre a bússola — o artefato — e Patrick ia arranjar encrenca.

— O que ele fez?

— Você conhece o Ky. Ele não ia deixar o tio correr riscos. — Xander começa a rir. Chocada, fecho os punhos, com raiva. Ele acha isso *engraçado*? O que pode haver para rir nessa história?

— Ky arranjou os comprimidos. E adivinha de quem ele roubou? — Xander diz, ainda rindo. — Tenta adivinhar.

— Não sei. Me conta.

— Dos meus pais — Xander para de rir. — Naturalmente, não teve graça nenhuma na época. Aquela noite, meus pais ficaram transtornados porque os comprimidos vermelhos tinham sumido. Eu soube imediatamente o que tinha acontecido, mas naturalmente não pude dizer nada. Não podia contar sobre o desafio. — Xander baixa os olhos e reparo que ele segura um grande envelope de papel pardo. Aquilo me faz pensar na história de Ky. Estou ouvindo outra pane agora. — Foi uma confusão dos diabos. Os Funcionários vieram e tudo mais. Não sei se você se lembra disso.

Sacudo a cabeça. Não lembro.

— Eles quiseram ter certeza de que nós não tínhamos tomado os comprimidos e viram, de alguma forma, que não tínhamos mesmo. Meus pais foram bem convincentes, dizendo que não sabiam de nada. Estavam totalmente em pânico. No fim, os Funcionários decidiram que meus pais deviam ter perdido os comprimidos quando *eles* foram nadar, no início da semana, e que foram negligentes por não terem percebido antes. Nunca tinham causado problemas, por isso saíram da situação sem uma infração. Só uma anotação.

— O Ky fez *isso*? Pegou os comprimidos dos seus *pais*?

— Fez. — Xander respira fundo. — Fui para a casa dele no dia seguinte, pronto para acabar com ele. Ele estava na escada da frente, esperando por mim.



Quando cheguei lá, ele mostrou os dois comprimidos vermelhos, para todo mundo ver.

“Claro, eu fiquei tão assustado que tirei da mão dele e perguntei o que ele estava tentando fazer. Foi quando ele me disse que a gente não joga com a vida de outras pessoas. — Xander parece envergonhado, ao se lembrar. — E então ele me disse que nós podíamos recomeçar do zero, se eu quisesse. Só o que precisávamos fazer era tomar os comprimidos vermelhos, um para cada um. Ele me garantiu que não fariam mal. “

— Foi cruel também — digo, chocada, mas para minha surpresa, Xander discorda.

— Ele sabia que os comprimidos não funcionavam com ele. Não sei como, mas sabia. Achou que *iam* funcionar comigo. Achou que se eu não me lembrasse de como havia agido, nós podíamos recomeçar.

— Quantas pessoas você acha que estão por aí fingindo que os comprimidos fizeram efeito, quando não fizeram? — pergunto intrigada.

— Todas aquelas que não querem encenar — diz Xander. Ele me olha. — Aparentemente, também não funcionam com você.

— Não é bem assim — digo, mas não quero contar toda a história. Ele já carrega muitos dos meus segredos.

Xander me examina por um momento, mas quando não digo mais nada, ele volta a falar. — Como estamos falando de comprimidos — diz ele — tenho um presente para você. Um presente de despedida. — Ele me entrega o envelope e sussurra: — Não abre agora. Eu pus algumas coisas aí dentro para você se lembrar do Bairro, mas o verdadeiro presente é alguns comprimidos azuis. Caso você precise fazer outra viagem longa ou coisa parecida.

Ele sabe que eu vou tentar achar Ky. E está me ajudando. Apesar de tudo, Xander não me traiu. E me dou conta também de que, ao descer a rua correndo atrás de Ky, eu nunca imaginei se poderia ter sido Xander a pessoa a ter deflagrado todos aqueles acontecimentos. Eu sabia que não era. Ele confiava em mim. E o dilema do prisioneiro. Este jogo perigoso que eu devo jogar com Ky e com Xander. Mas o que eu sei é que a Funcionária não sabe é que nós vamos fazer o melhor para garantir a segurança um do outro.

— Ah, Xander. Como você conseguiu isso?

— Guardam comprimidos extras na farmácia, no centro médico — diz Xander. — Esses iam ser descartados. A validade está vencendo, mas acho que ainda funcionam alguns meses depois do vencimento.

— Ainda assim, os Funcionários vão sentir a falta deles.

Ele dá de ombros.

— Vão. Eu vou ser cuidadoso e você também tem que ser. Eu lamento não poder trazer comida de verdade.

— Não posso acreditar que você está fazendo tudo isso por mim — digo a Xander.

Ele engole em seco.

— Não é só por você. Por todos nós.

Agora tudo faz sentido. Se pudéssemos mudar as coisas, com o tempo, talvez... talvez *todos* nós pudéssemos escolher.

— Obrigada, Xander — digo. Penso que agora posso ter uma chance de encontrar Ky, graças à bússola de Ky e aos comprimidos de Xander e percebo que, de muitas formas, Xander foi quem tornou possível para mim amar Ky.

— Ky achava que você podia me ajudar a aprender a usar o artefato — digo. — Agora eu sei por quê. Você reconheceu naquele dia, quando eu te dei?

— Achei que tinha reconhecido. Mas já fazia muito tempo e eu mantive a minha promessa. Não abri.

— Mas você sabe usar.

— Imaginei os princípios básicos do que se tratava, depois de ver. Eu fazia perguntas para ele de vez em quando.

— Isso pode me ajudar a encontrar ele.

— Mesmo se eu pudesse te ensinar, ia fazer isso por quê? — E Xander já não consegue esconder. A amargura e a raiva se misturam à dor. — Para você ir embora e ser feliz com ele? E onde é que eu fico? O que sobra para mim?

— Não diz isso — falo. — Você me deu os comprimidos azuis para que eu pudesse encontrar ele, não é? Se eu



for e nós pudermos mudar as coisas, talvez você também possa escolher alguém.

— Eu escolhi — diz ele, olhando para mim.

Não sei o que dizer.

— Então eu tenho que desejar o fim do mundo que nós conhecemos? — Xander pergunta, com mais um traço do seu antigo humor na voz.

— O fim do mundo, não. O começo de um mundo melhor — digo, e eu também estou com medo. E isso que nós queremos de fato? — Um mundo onde a gente possa ter o Ky de volta.

— Ky — diz Xander, e há tristeza na voz dele. — Às vezes, parece que tudo o que eu fiz foi te ajudar a estar pronta para outra pessoa.

Não sei o que dizer, como dizer a ele que está errado, como *eu* estava errada momentos antes, ao pensar a mesma coisa. Porque, sim, Xander ajudou a Ky e a mim inúmeras vezes. Mas como explicar para Xander que *ele é* também uma das razões que me leva a querer um mundo novo? Que ele é importante? Que eu o amo?

— Eu posso te ensinar — diz Xander, finalmente. — Vou enviar instruções através de uma mensagem pelo terminal.

— Mas qualquer um pode ler.

— Vou fazer com que pareça uma carta de amor. Nós *ainda* somos um Par, afinal de contas. E fingimos bem. — Então ele sussurra. — Cassia... se nós *pudéssemos* escolher, você teria me escolhido?

Fico surpresa que ele tenha que perguntar. Então percebo que ele não sabe que, a certa altura, eu *escolhi* ele. Quando vi o seu rosto na tela e depois o de Ky, eu queria a segurança, o conhecido, o esperado. Queria o bom, o gentil, o belo. Queria Xander.

— É claro — digo.

Olhamos um para o outro e começamos a rir. Não conseguimos mais parar. Estamos rindo tanto que lágrimas descem pelos nossos rostos e Xander se afasta de mim, se dobrando e lutando para respirar.

— Nós ainda podemos acabar juntos — diz ele. — Depois de tudo isso.

— Podemos — concordo.

— Então por que fazer isso?

Agora fico séria. Levou todo este tempo para eu entender o que o Vovô queria dizer. Por que ele não quis que guardassem a amostra de tecido. Por que não quis ter a chance de viver para sempre, em condições impostas por outros.

— Por que se trata de tomarmos as nossas próprias decisões — explico. — E essa a questão, não é? Isso agora é maior do que nós.

Ele ergue os olhos.

— Eu sei.

Talvez para Xander tenha sido sempre maior do que nós. Porque, por muitos anos, ele viu mais, soube de mais coisas. Assim como Ky.

— Quantas vezes? — sussurro para Xander.

Ele sacode a cabeça, confuso.

— Quantas vezes o resto de nós tomou o comprimido e não consegue se lembrar? — pergunto.

— Pelo que eu sei, uma vez — diz Xander. — Não usam muito com os cidadãos. Eu tinha certeza que iam nos dar depois que o filho dos Markham morreu, mas não deram. Mas teve um dia em que eu acho que todo mundo no Bairro tomou.

— Eu tomei?

— Não tenho certeza — diz ele. — Não cheguei a ver você tomar. Não sei.

— O que aconteceu?

Xander sacode a cabeça.



— *Não vou contar* — ele sussurra.

Não insisto mais. Eu não contei tudo para ele — o beijo na Colina, o poema — e não posso pedir que ele faça o que eu não fiz. É um equilíbrio delicado, dizer a verdade: o quanto dividir, o quanto guardar, que verdades ferem mas não arruinam, quais aquelas que criam feridas profundas demais para sarar.

Em vez disso, eu faço um gesto para o envelope.

— O que mais você colocou aí dentro? Além dos comprimidos.

Ele dá de ombros.

— Não tem muita coisa. Eu queria acima de tudo esconder os comprimidos. Alguns botões de rosas novas, parecidas com as que nós plantamos. Não vão durar muito. Imprimi uma cópia de uma das Cem Pinturas no terminal, aquela que você estudou muito tempo atrás. Também não vai durar. — Ele tem *razão*. O papel dos terminais sempre deteriora rapidamente. Xander olha para mim, triste. — Você vai precisar usar tudo nos próximos meses.

— Obrigada — digo. — Eu não tenho nada para você... tudo aconteceu tão rápido essa manhã... — Fico em silêncio de novo. Porque usei todo o meu tempo disponível com Ky. Mais uma vez, dei preferência a ele, em detrimento de Xander.

— Tá tudo bem — diz ele. — Mas talvez... você pudesse...

Ele olha profundamente nos meus olhos e eu sei o que quer. Um beijo. Apesar de saber de Ky. Xander e eu ainda estamos ligados. Isso ainda é uma despedida. Eu já sei que aquele beijo seria doce. Seria o que ele teria para se agarrar, como eu me agarro ao de Ky.

Mas é algo que não acho que posso dar.

— Xander...

— Tudo bem — diz ele e se levanta. Eu também me levanto e ele estende os braços e me aperta. Os braços de Xander são quentes, seguros e bons como sempre foram. Nos abraçamos com força.

Depois ele me solta e sai pelo caminho, sem mais nenhuma palavra. Não olha para trás. Mas eu o observo enquanto ele se vai. Observo-o pelo caminho todo, até a sua casa.

A viagem até nossa nova casa é bastante simples: pegar o trem aéreo até o Centro da Cidade, trocar para o trem aéreo de longa distância rumo aos Campos da Província Keya. A maior parte dos nossos bens cabe numa mala carregada por cada um de nós. As poucas coisas que não cabem vão ser enviadas depois.

Enquanto nós quatro caminhamos até a parada do trem aéreo, vizinhos e amigos aparecem para se despedir e nos desejar boa sorte. Sabem que estamos sendo Transferidos, mas não sabem a razão. Não é considerado educado perguntar. Quando chegamos ao final da rua, vemos que uma nova placa foi colocada no lugar: Bairro Jardim. Sem as árvores e sem o nome, o Bairro de Mapletree se foi. É como se nunca tivesse existido. Os Markham foram embora. Nós fomos embora. Todo mundo vai continuar a viver no Bairro Jardim. Já acrescentaram mais rosas novas em todos os canteiros.

A rapidez com que Ky desapareceu, com que os Markham desapareceram, com que nós vamos desaparecer me deixa gelada. É como se nunca tivéssemos existido. E de repente, lembro de um tempo, quando eu era pequena e costumava esperar o trem aéreo de volta para o Bairro de Pedra, e nós tínhamos caminhos feitos com pedras achata-das que conduziam às nossas portas.

Isto já aconteceu antes. Este Bairro vive mudando de nome. Que outras coisas ruins se escondem sob a superfície do nosso Bairro? Que coisas ruins enterramos sob as pedras, as árvores, as flores e as casas? Naquela vez, aquela que Xander não quis contar, quando todos nós tomamos o comprimido vermelho — o que aconteceu? Que outras pessoas partiram, e para onde elas realmente foram?

Elas não podiam escrever seus nomes, mas eu posso escrever o meu e vou escrevê-lo de novo, em algum lugar onde ele possa durar por muito, muito tempo. Vou encontrar o Ky e então descobrir que lugar é esse.

Assim que chegamos ao trem aéreo de longa distância, minha mãe e Bram caem no sono, exauridos pela emoção e pelo esforço da viagem.



Acho estranho, com tudo o que aconteceu, que a obediência da minha mãe tenha determinado a necessidade da nossa Transferência. Ela sabia demais e admitiu aquilo no relatório. Não poderia ter agido de forma diferente.

A viagem é longa e há outros viajantes. Nenhum soldado como Ky. Soldados viajam nos seus próprios trens. Mas há famílias cansadas que se parecem muito com a nossa, um grupo de Solteiros, que riem e conversam animadamente sobre seus trabalhos e, no último carro, algumas fileiras de moças mais ou menos da minha idade, que saem em missão de trabalho por alguns meses. Vejo essas moças com interesse. São garotas que não obtiveram postos de trabalho e por isso vão vagar para onde forem necessárias, por algum tempo. Algumas parecem tristes, envelhecidas, decepcionadas. Outras olham pelas janelas com olhos cheios de interesse. Fico olhando para elas mais do que deveria. Devemos nos comportar com discrição. E eu devo me concentrar em encontrar Ky. Tenho equipamentos agora: comprimidos azuis, o artefato chamado bússola, conhecimentos sobre o rio Sísifo e lembranças de um avô que não se foi docemente.

Meu pai repara que estou olhando para as garotas. Enquanto minha mãe e Bram dormem, ele diz suavemente:

— Não me lembro do que aconteceu ontem. Mas eu sei que os Markham saíram do Bairro e acho que isso magoou você.

Tento mudar de assunto. Olho para minha mãe adormecida.

— Por que não usaram o comprimido vermelho nela? Assim a gente não precisaria ir embora.

— O comprimido vermelho? — pergunta meu pai, surpreso. — Eles são só para circunstâncias extremas. Não é esse o caso. — Então para minha surpresa, ele diz mais. Se dirige a mim como a um adulto. Mais do que isso, como a um igual.

— Eu sou um classificador nato, Cassia — diz ele. — Todas as informações me levam a crer que alguma coisa está errada. A forma com que levaram os artefatos. As viagens da sua mãe aos outros Arboretos. A lacuna na minha memória sobre o dia de ontem. Algo está errado. Estamos perdendo uma guerra e não sei dizer contra quem... pessoas de dentro ou pessoas de fora. Mas há sinais de rachaduras.

Faço que sim com a cabeça. Ky me disse quase a mesma coisa.

Mas meu pai prossegue.

— E eu percebi outras coisas também. Eu acho que você está apaixonada por Ky Markham. Acho que quer encontrá-lo onde ele estiver — ele engole em seco.

Olho para minha mãe. Seus olhos agora estão abertos. Ela me olha com amor e compreensão e eu percebo: ela sabe o que meu pai fez. Ela sabe o que eu quero. Ela sabe, e apesar de ela não ser capaz de destruir uma amostra de tecido nem de amar alguém que não seja o Par dela, ela ainda *nos* ama, apesar de a gente ter feito essas coisas.

Meu pai sempre driblou as regras por aqueles que ele ama, assim como minha mãe sempre as cumpriu pela mesma razão. Talvez este seja mais um dos motivos que fazem deles um Par perfeito. Eu posso confiar no amor dos meus pais. E percebo que é uma coisa importante confiar, uma coisa importante de se ter, não importa o que possa vir a acontecer.

— Não podemos te dar a vida que você quer — diz meu pai, com os olhos úmidos. Ele olha para minha mãe, que faz um sinal para que ele prossiga.

— Eu queria que fosse diferente. Mas nós podemos te ajudar a ter a oportunidade de decidir que vida você deseja.

Fecho os olhos e peço aos anjos, a Ky e ao Vovô para ter forças. Depois eu os abro e olho direto para o meu pai.

— Como?



CAPÍTULO 32

Minhas mãos estão no solo. Meu corpo está cansado, mas não vou deixar que este trabalho leve embora os meus pensamentos. Porque é o que os Funcionários daqui desejam: trabalhadores que trabalhem, mas não pensem.

Não entre docemente.

Por isso eu luto. Luto da única forma que eu sei, pensando em Ky, apesar de a dor da sua ausência ser tão forte que mal consigo suportá-la. Ponho sementes no chão e as cubro com terra. Será que vão crescer na direção do sol? Será que alguma coisa de errado vai acontecer para que elas nunca brotem, nunca se transformem em nada, simplesmente continuem aqui, apodrecendo? Eu penso nele, penso nele, penso nele.

Penso na minha família. Em Bram. Nos meus pais. Aprendi algo sobre o amor em meio a tudo isso — sobre o amor que tenho por Ky e o amor que tenho por Xander e o amor que meus pais, Bram e eu temos uns pelos outros. Quando chegamos à nossa nova casa, meus pais solicitaram que eu fosse enviada numa missão de trabalho por três meses, por manifestar sinais de rebeldia. Os Funcionários da nossa nova aldeia verificaram meus dados, e eles batiam com a declaração dos meus pais. Meu pai mencionou uma missão em particular que tinha em mente: trabalho duro na fazenda, plantando uma safra experimental de inverno em uma Província Ocidental cortada pelo rio Sísifo. Ele, Xander e minha mãe me mantêm informada sobre tudo o que ficam sabendo sobre onde Ky possa estar. Estou mais próxima dele aqui. Eu sinto.

Eu penso em Xander. Poderíamos ter sido felizes, eu sei disso, e talvez seja a coisa mais difícil de se saber. Eu poderia ter segurado sua mão, quente e forte, e nós poderíamos ter tido o que meus pais têm e teria sido lindo. Teria sido lindo.

Nós não somos acorrentados. Não temos para onde fugir. É com o trabalho que eles nos esgotam. Não batem nem machucam a gente. Só querem nos deixar cansados.

E eu estou cansada.

Quando penso em desistir, me lembro da última parte da história que Ky me entregou, a parte que eu finalmente li antes de sairmos da nossa casa pela última vez:

Cassia, ele escreveu no alto da página em letras que eram grandes, claras e sem medo, que davam voltas, se moviam e rodopiavam transformando o meu nome em algo belo, algo mais do que uma palavra. Uma declaração, uma parte de uma canção, um pouco de arte, emoldurada pelas mãos dele.

Só havia um Ky desenhado no guardanapo. Sorridente. Um sorriso em que eu podia ver tanto quem ele havia sido e quem ele se tornara. As mãos estavam vazias de novo, abertas e um pouco estendidas. Para mim.

Cassia.

Eu sei qual é a minha vida real agora, não importa o que aconteça. É a vida com você.

Por alguma razão, saber que pelo menos uma pessoa sabe da minha história faz com que as coisas fiquem diferentes. Talvez seja como diz o poema. Talvez esta seja a minha forma de não entrar docemente.

Amo você.

Também tive que queimar aquela parte da história, mas mantive o calor daquele *amo você* bem perto de mim, como o vermelho, como um novo começo.

Se não soubesse de partes da história de Ky e das palavras dos meus poemas, eu talvez desistisse. Mas penso nas palavras e nos comprimidos e na bússola escondidos, na minha família e em Xander que me enviam mensagens pela



tela do terminal do campo de trabalho que me informam que ainda estão procurando. Ainda estão me ajudando.

As vezes, quando olho para as sementes pálidas que espalho na terra negra, aquilo me lembra a noite do meu Banquete do Par, quando eu imaginei que pudesse voar. A escuridão atrás de mim não me preocupa, nem as estrelas adiante. Penso em como a melhor maneira de voar talvez seja com as mãos cheias de terra, para que a gente nunca se esqueça de onde veio, e de como pode ser difícil caminhar, às vezes.

E olho também para as minhas mãos, que se movem no formato das minhas próprias invenções, das minhas próprias palavras. É difícil e eu ainda não sou boa nisso. Eu as escrevo no solo onde planto e piso nelas, cavo buracos, derramo as sementes para ver se vão crescer. Roubo um pedaço de madeira queimada, enegrecida, de uma das fogueiras e escrevo num guardanapo. Depois, em outra fogueira, minhas mãos esbarram nas chamas com o guardanapo e as palavras morrem. Cinzas e nada.

Minhas palavras nunca duram muito. Preciso destruí-las antes que alguém as veja.

Mas. Eu me lembro de todas elas. Por alguma razão, escrevê-las faz com que eu me lembre. Cada palavra que escrevo me aproxima mais de encontrar as palavras certas. E quando eu vir Ky de novo, o que eu sei que vai acontecer, eu vou sussurrar as palavras que escrevi no seu ouvido, contra os seus lábios. E, de cinzas e nada, elas vão se transformar em carne e osso.



AGRADECIMENTOS

Minha profunda gratidão e consideração para:

Scott, meu marido, que torna o ato de escrever não apenas possível, mas provável;

Meus três meninos, que fazem tudo ser empolgante. Amo você e você e você;

Meus pais, Robert e Arlene Braithwaite, meu irmão Nic, minhas irmãs Elaine e Hope, que leram todas as palavras, todas as vezes (e no caso de Elaine, muitas e muitas vezes);

Meus amigos leitores e escritores, que me deram comentários e encorajamentos essenciais;

Alec Shane, que foi mais longe, apesar de ser um faixa preta de quarto grau e não um corredor de longa distância;

Jodi Reamer, que é brilhante e sensata (e divertida!), a defensora dos sonhos de todo escritor;

Julie Strauss-Gabel, uma mulher de generosidade e gênio sem iguais, que torna cada página melhor;

E a maravilhosa equipe da Penguin, que acreditou e exerceu seus múltiplos talentos em favor dessa história, entre eles — mas não só — Theresa Evangelista, Lauri Hornik, Rosanne Lauer, Linda McCarthy, Shanta Newlin, Irene Vandervoort, Don Weisberg e Lisa Yoskowitz.



O PDL é uma grande biblioteca virtual com e-books grátis, quadrinhos, revistas, audiobooks e muita cultura.

Todos os e-books são produzidos e geridos pelos próprios usuários, que fazem do site um grande centro de troca de novidades e discussões relacionadas à área.

Não é preciso pagar nada, é só fazer seu cadastro, pesquisar, conversar e ler à vontade!

Esse livro foi feito de leitor para leitor, sem fins lucrativos. A venda ou troca desse e-book é estritamente proibida.

Após a leitura, considere a possibilidade de comprar o livro original, assim incentivará o autor e a publicação de novas obras.

Se quiser ajudar as Equipes de Tradução e Digitalização do PDL, entre no fórum e converse com os administradores.

Venha participar da nossa Equipe!

**Esperamos que sua leitura
tenha sido ótima!**